

FERDINANDO

*Esprito*

# HORIZONTE DAS COTOVIAS



Psicografado por  
GILVANIZE BALBINO PEREIRA

FERDINANDO  
Espírito

# HORIZONTE DAS COTOVIAS



Psicografado por  
GILVANIZE BALBINO PEREIRA

FERDINANDO

i " Espírito

# HORIZONTE DAS COTOVIAS

Episódios da Época Romana Sécida^Ea.C,, -

Psicografado por

GILVANIZE BALBINO PEREIRA

## Breve Relato

Leitor amigo: reunidos em um clima de paz, amor e alegria, mais uma vez o Senhor nosso permitiu que volvêssemos à Terra, em espírito, para trazermos esta história real vivida por nós e por nobres confrades, os quais jamais poderíamos apagar de nossas mentes ou de nossos corações.

Na força que rege as criaturas no chão, nosso Deus de bondade concede a oportunidade da renovação de cada uni de nós, fazendo com que o brilho da luz não seja ofuscada pelas chamas acinzentadas dos nossos sentimentos.

Confiando no amanhã e fortalecendo-nos hoje, acreditamos na transformação de cada filho de Deus, diante de um mundo envolvido em diversos testemunhos de fé e de aprendizado.

Nas trajetórias de nossas existências, sempre haverá aqueles que ofertarão suas vidas visando à elevação da humanidade, da família universal da qual também somos membros.

Muitos nasceram antes de nós, abrindo-nos os caminhos, experimentando espinhos, e eles jamais perderam suas forças inspiradas nos códigos fraternos da fé e da consciência da existência do bem, latente em cada ser.

Diante de um cenário de escravidão, egoísmo e lutas pelo poder absoluto, antes do nascimento do nosso Senhor Jesus Cristo,

esses filhos de Deus carregaram a viva promessa da vinda do Messias, esperado para a dissolução do egoísmo de um mundo hostil.

A misericórdia celeste assistiu àqueles que voltaram ao chão com a finalidade redentora de preparar os filhos de Deus, para que o Espírito de Nosso Mestre pudesse ser acomodado eternamente em nossas almas. Somente a profunda demonstração de fé e a promessa da sua vinda seriam a luz da esperança para os personagens destes relatos.

Tantos anos sucederam após aqueles dias mostrados nesta história, no coração da saudosa Grécia. Mesmo assim, ainda podemos escutar o mar quebrando nas encostas daquele belo lugar, trazendo as bênçãos de um colorido natural mesclado pelos amores e lutas dos personagens que compartilham as linhas desta obra em bálsamo redentor.

Cabe a mim esclarecer que, para efeito destas lembranças, simbolicamente chamaremos as encostas humildes de Atenas, banhadas graciosamente pelo mar Egeu, de Horizonte das Cotovias, em homenagem a um amigo de meu convívio que muito conheceu estes pássaros e que tiveram significativa representação em suas passagens pretéritas pela Terra.

Com o intuito de não confundir o nobre leitor, as cotovias, aqui referenciadas, serviram somente de inspiração para intitular este compêndio e não se referem as belas aves marinhas as quais, trazendo nas recordações das iluminadas primaveras e dos pássaros que dançavam, como bailarinos, junto das embarcações pesqueiras que humildemente ali aportavam, em cada pôr-do-sol, dividindo e compondo a bela obra de Deus na perfeita tela do arco-íris advindo das mãos celestiais.

Deus, em sua bondade infinita, não abandona seus filhos em temporário estado de sofrimento na escola da vida. Ele confirma que, por meio da morte, o ser humano retoma às experiências da carne e essas experiências se encarregam de estabelecer o equilíbrio nos caminhos individuais daqueles que, perseverando e sem desfalecimentos, lutam pela transformação pessoal de seus espíritos e também de todos aqueles que amam.

E ninguém sofre sozinho: sempre, em algum lugar, pelos elos do coração, alguém se dispõe a todo empenho e paciência para nos conduzir a Deus sem que nos percamos das estradas corretas e iluminadas que levam aos céus.

Assim, com intuito verdadeiro e despretensioso, rogo a Jesus que as histórias destas páginas possam valer de aprendizado, auxílio e estímulo para os filhos de Deus, que atravessam a vida experimentando vales temporários de agonias ou provações. Que eles encontrem, aqui nestas linhas de amor, coragem e perseverança, a fonte pura e inspiradora para jamais desistirem da luta para a qual foram chamados.

Otimistas e confiantes, saudamos o nome do nosso Senhor Jesus Cristo, reconhecendo-Lhe a grandiosidade e sua suprema luz, jamais olvidando de agradecer a oportunidade e seu amparo fraterno para compor, nestes escritos, a expressão mais verdadeira dos esforços dignos e individuais de todos os que estão a serviço dos irmãos nesta Terra. Portanto, não pretendemos ditar regras de conduta, mas sim demonstrar as lições individuais absorvidas ao longo das histórias de cada um de nós - lições que nos fizeram compreender a necessidade divina de converter nossas almas em criações eternas de amor.

Leitor amigo: estendo-lhe as mãos para que participe desta viagem temporária em direção ao encanto, ao aprendizado e à

candura do Horizonte das Cotovias.

FERDINANDO São Paulo, 05 de outubro de 2000.

## A Lenda das Cotovias

A espécie dos pássaros a qual os pescadores atenienses referiam-se carinhosamente ao nomearem o local em que ocorreu esta história não mais habita o orbe terrestre e, sobretudo, não nos referimos a elas por não serem de conhecimento universal, mas sim de um humilde lugarejo.

Assim sendo, auxiliado pela bondade de um sábio e nobre amigo de meu convívio, chamado Pedro, elegemos as cotovias para intitular este compêndio, de maneira 'alegórica', inspirados nas palavras lendárias, por ele proferidas, as quais sintetizamos:

*Certa feita, os emissários benditos, por designação de celestial, foram à floresta com a tarefa de visitarem os ninhos de todas as espécies de aves para distribuir, a cada agrupamento, as suas missões junto à Terra.*

*Todas as aves foram agraciadas com tamanho e beleza, visão e precisão na caça pela sobrevivência e perfeição no voo.*

*Enquanto os trabalhadores do Senhor cumpriam suas tarefas, alguns pássaros envaideceram-se e festejavam demonstrando uns aos outros o que haviam recebido.*

*As cotovias, porém, sofreram toda a sorte de desprezo e escárnio. Diziam que elas não possuíam importância para Deus, pois os melhores 'dons' haviam sido atribuídos aos mais experientes, maiores e melhores. De que serviria, então, o dom do canto diante dos grandes desafios da vida?*

*Após certo tempo, os emissários retomaram à floresta com o intuito de verificarem como foram utilizados os 'dons' que haviam sido depositados naqueles corações. Alguns os utilizaram de*

*forma digna e correta, porém outros desvirtuaram seus caminhos e entregaram-se totalmente à vaidade.*

*Antes de partirem, os representantes divinos encontraram as cotovias resignadas e aconchegadas em seus ninhos. Ao se aproximarem, as pequeninas derramavam lágrimas e, emocionadas, cantavam corajosamente em perfeita afinação, louvando ao Senhor e agradecendo todas as lições que aprendiam dia a dia com as dificuldades do mundo e com os desafios de enfrentar o impiedoso prado, fazendo suas dores converterem-se em melodias, sem lamento ou reclamações, até o momento de suas mortes.*

*Tamanha era a força daquele canto que todos paravam para escutá-lo e, assim, sentiam suas almas tocadas por profundo alívio e alegria.*

*Embevecidos pela majestosa cantoria, os trabalhadores celestes reconheceram o esforço daquelas humildes criaturas e, como recompensa, quando libertas dos infortúnios do corpo emplumado, passavam a habitar as moradas celestiais, como membros das orquestras de luzes, com a missão especial de derramar sobre a humanidade as melodiosas virtudes: coragem, esperança efé.*

Ferdinande), São Paulo, 2002.

## **Primeira Parte**

Seja qual for o momento de nossas vidas, jamais deixemos que pensamentos de desistência aportem em nossos corações, pois, além da sombna colina, sempre reinará um novo amanhã.

FERDINANDO

## **CAPÍTULO I Confirmações de Amor**

Cerca do ano 60 antes do advento do Senhor Jesus Cristo, a frondosa Roma, em seu apogeu, demonstrava a imponência de suas conquistas, em um cenário político ofensivo no qual a república tinha como regra única o avançar de suas fronteiras. Diante da humanidade, as famílias romanas eram a força da estrutura social vigente e todo poder era transferido no seio delas, com sucessões que ocorriam nos círculos militares e no clã do senado.

Apesar do tempo transcorrido desde as mortes dos irmãos Gracus,<sup>1</sup> seus nomes ainda brilhavam entre as gerações que os sucederam e herdaram seu prestígio, mantendo forte a influência dessa família nas decisões do Estado.

A sociedade era dividida em dois grandes grupos: de um lado, a força dos exércitos em marcha constante pelo domínio do mundo e, do outro, o senado definindo leis para que seus soldados pudessem executá-las.

Os povos conquistados eram mercadorias no crescente comércio de escravos e rendiam quantias altas, em negociações frias e desumanas.

Mesmo sendo o eterno berço da civilização, a Grécia estava sob o pesado jugo de Roma, cujas legiões haviam iniciado o domínio de quase a totalidade das terras gregas. Os romanos eram fascinados

pela cultura do povo grego e era dele que, preferencialmente, retiravam os escravos que iriam lhes educar os filhos.

Na velha Grécia, o Egeu abraçava silenciosamente as encostas de Atenas - carinhosamente chamada pelos nativos de Horizonte das Cotovias - e o entardecer trazia consigo a profunda beleza de um raro colorido. O azul do mar confundia-se com o céu tingido pelas cores que o sol, como um grande artista, distribuía sobre a brandura das águas calmas.

Em uma colina próxima, de onde se vislumbrava a valiosa obra divina daquele pôr-do-sol, entre os pássaros dos céus e a harmonia da natureza, uma casa humilde, construída em pedra clara e impressa em meio a tanta beleza, acomodava em paz a família do velho israelita Jeremias. Após a morte de Mirtes, sua esposa, ele dedicava-se integralmente aos seus filhos Cimiotis e Horacio, suas noras Hannah e Miriam, e ao pequeno neto Demetrius.

A figura forte de Jeremias era o pilar de sustentação e equilíbrio daquela família. Este homem trazia consigo uma expressão de paz e de sabedoria marcadas em sua face e conquistadas em uma vida humilde de pescador que deixara sua tez escurecida pelos raios impiedosos do sol. A longa barba embranquecida acrescentava dias a sua existência. Conhecedor dos segredos da limitada medicina daquele tempo, era disputado, após seu trabalho regular, para auxiliar os pobres e infelizes que sofriam a privação da saúde.

Cimiotis, o filho mais velho, expressava a força de seus músculos na organização da defesa do lugarejo, além de se dedicar à tradicional atividade pesqueira da família. Com sua esposa Hannah, mulher madura de seus trinta e cinco anos, vivia em perfeita harmonia e trazendo consigo a confirmação do amor em Demetrius, filho único de três anos de vida.

Horacio, o filho mais novo, apresentava uma feição clássica, apesar da vida humilde que levava com o pai e o irmão, junto às redes de pesca. Seu rosto fino e seus cabelos negros brilhavam ao sol, acentuando-lhe uma mescla de força e razão. Dedicado aos estudos das leis gregas, dos códigos de justiça e ordem da região, homens sábios aconselhavam-se com ele, buscando o equilíbrio para elaborar leis justas e humanas. Conhecedor das

escrituras de um Deus único, justo e soberano, herança dos ancestrais de seu pai, transmitia esse conhecimento aos filhos de Deus que buscavam socorro junto a Jeremias.

Com seus vinte e dois anos, Horacio compartilhava os dias e seu coração com Miriam, a esposa devotada que ostentava encanto e graça. Seu rosto, delineado por uma delicadeza pura e realçado por seus longos cabelos cor de ébano, tinha a beleza de uma valiosa escultura grega cinzelada pelo mais nobre artista. Em seu coração, aguardava esperançosa o dia em que Deus lhe enviasse um filho para selar tão intensa e feliz união matrimonial. Enquanto este dia não chegava, dividia amorosamente com a cunhada os cuidados do pequenino Demetrius, a quem devotava um amor maternal.

Estes filhos de Deus viviam seus dias registrando nas linhas de suas vidas o mais puro e verdadeiro amor, confirmando uma união gloriosa presidida pela paz e por uma fé fortalecida nos alicerces de um Deus único. Sob a influência direta de Jeremias, eles resgatavam a compreensão da origem de Abraão e de seu povo, constituindo-se em uma família abençoada pelas dádivas radiantes das luzes dos céus.

Miriam e a amiga fiel, considerada uma irmã, aprontavam-se, como de hábito, para irem à praia esperar seus grandes amores.

Hannah ajeitava os cabelos entristecida, deixando uma lágrima orvalhar sua face. Com a voz rouca, abriu seu coração:

Minha cunhada! Fui abençoada por ter um dia concebido meu Demetrius. Passei muitos dias de minha existência orando ao Senhor, suplicando misericórdia, para poder deitar nos braços de meu Cimiotis um fruto do nosso amor, pois acreditava-me infértil. E agora carrego o coração turvado, temendo o amanhã. Não consigo explicar o sentimento que me toma sem razão, sinto que

não verei meu filho crescer. Compartilharei dos primeiros sorrisos e os reconhecimentos mais singelos, porém não o abraçarei em suas grandes conquistas como homem feito. Quando olho para ti, vejo uma mulher jovem e tão forte. Queria possuir a tua força, mas sinto-me enfraquecida.

O choro sentido de Hannah comovia a nobre Miriam que, humildemente, aproximou-se, abraçando-a com amor fraternal:

-Ah! Minha querida... Compreendo a tua aflição. Mas não marques teu coração com pessimismo; seríamos mortos se perdêssemos a esperança. Deus, nosso Senhor, concede tudo no tempo justo. És uma heroína e sei que estamos protegidos pelas graças dos céus. Em cada um de nós reside a fortaleza do bondoso coração celestial - basta aguardarmos para descobrir, no momento justo, o despertar de nossas almas. Ainda não pude realizar o sonho de conceber os frutos do meu amor por Horacio, mas tenho certeza de que um dia seremos agraciados pelas mãos dos céus, e nada, ninguém poderá separar os corações que verdadeiramente estão unidos pelos vínculos do amor.

Um clima de paz envolvia as duas mulheres. Hannah, percebendo que Miriam deixava ver seus grandes olhos brilharem emocionados, tentou interromper a conversação por ela iniciada:

- Ora, devo estar com os pensamentos oscilantes entre as luzes e as sombras. Perdoa-me, perdoa a fraqueza de meu coração. Vamos, vamos, apressemo-nos. Muito em breve os pássaros dos céus anunciarão a aproximação das embarcações. Deixemos esta conversa para depois.

Com o rosto tomado por uma luz vivamente expressa, Miriam prosseguiu:

- Há dias sonhei com alguém tão meigo e dócil, e envolvido por intensa luz. Mal conseguia fixar meus olhos sobre tão nobre

imagem, seu brilho ofuscava-me a visão. Com brandura, essa pessoa se identificou como Mirtes, esposa de Jeremias. Ela me abraçava fraternalmente. Sem conseguir explicar, eu me sentia acolhida nos braços maternais de alguém que muito amei, assim como se já a conhecesse há muitos, muitos anos.

Uma lágrima tímida correu pela face de Miriam, que a secou e continuou:

- Ela falava dos seus filhos e do amor por Jeremias. Dizia com segurança que devemos aceitar os desígnios dos céus. Pediu para falar-te ao coração maternal que, mesmo que não possas ver Demetrius transformar-se em um homem, aconteça o que acontecer, tu e Cimiotis não devem ausentar-se destas paragens, aguardando com fé, sabedoria e coragem as novas fases de nossas vidas. Dis- se-me ainda que aqueles que aportariam em nossa terra, trazendo a aparente maldade, separação ou dor, nada mais seriam do que a razão essencial de estarmos vivos neste chão. Portanto, devemos seguir perdoadando e aceitando todos aqueles que se dizem algozes temporários dos nossos sofrimentos. Disse que eu e Horacio vivemos em um só coração, mas estamos em missão, e quem ama em missão deve estar preparado para viver as leis de Deus sem medos ou amarguras. Prosseguiu dizendo que estamos vivos para auxiliar Jeremias a resgatar o coração de um homem que, em breve, aportará nesta região e no passado foi seu irmão de sangue, mas agora apresenta-se

longe de Deus. Se assim continuar, ele será o temor quando o Messias esperado chegar ao chão. Entre tantas outras frases, ela desapareceu em sua luz, deixando vivas em minha mente as suas palavras, como se pudesse ouvi-la pronunciando-as.

Segurando as mãos da amiga, Miriam prosseguiu:

- Dizes-me forte, mas te suplico ajuda para fazer cumprir a vontade de Deus. Afinal, não se separa a semente da terra, a raiz da árvore, as nuvens dos céus, os pássaros do ar. Se somos uma família nada poderá nos separar. Viver sem Horacio seria como viver sem o ar que respiro. Mas uma certeza me sustenta: o amor que nos estreita o destino. Estamos unidos pelos vínculos da fé e pelas leis de Deus. Isto nos bastará.

Com o semblante preocupado, Hannah não ousou contradizê-la:

- Sim, farei tudo para deixar nossa família feliz. Compartilharemos destes momentos, sejam eles felizes ou tristes. Estarei sempre contigo. Também trago meus pensamentos voltados para estas preocupações. Nosso amanhã é somente uma esperança e devemos ter coragem para nos sustentar.

- Sei que Deus não nos abandonará. Escuta o pedido da nobre Mirtes que me apareceu em sonho. Permanece aqui e assim eu sempre saberei onde te encontrar além do meu coração.

- Minha querida... Prometo-te que permanecerei aqui, neste solar, aguardando sempre as bênçãos dos céus, mesmo que elas pareçam temporariamente distantes de nós.

Dito isto, elas abraçaram-se calorosamente, confirmando e estreitando os elos de amor que unificavam seus corações.

Naquela mesma tarde primaveril, Miriam, Hannah e o pequeno Demetrius caminhavam pelas areias quentes em direção ao vasto mar, para esperar seus grandes amores, que iriam retomar após a longa jornada da pescaria.

Orgulhosa dos feitos do pequenino que ingenuamente brincava com as conchas do mar, Hannah sorria feliz, enquanto Miriam caminhava com seu véu alvo nas mãos, não contendo em si a euforia e a felicidade pelo encontro com o esposo.

Anunciadas pelos pássaros, as embarcações lentamente aportavam, enquanto os homens desciam dos barcos para vencerem as ondas e firmá-los sobre as areias. Miriam, com candura, olhou para o esposo e correu para abraçá-lo, sendo correspondida calorosamente. Emocionado, Horacio disse:

- Deus! Deus! Não sou digno de tamanha graça. Concedeste-me, com tua infinita misericórdia, uma de tuas maiores belezas.

Miriam retribuía com carinho, presenteando-o com sorrisos e flores campestres.

- Meu querido, quero sempre habitar em teu bondoso coração. Em minha alma, também agradeço ao Senhor poder estar ao lado teu.

Hannah, demonstrando a alegria inerente à sua personalidade, abraçava o esposo, que correspondia carinhosamente.

Jeremias, sorrindo com o neto nos braços, mostrava os cestos fartos de peixes, resultado do esforço do dia. Com os olhos marejados e brilhantes, silenciosamente, agradecia ao Senhor a beleza de poder experimentar a felicidade entre aqueles corações que, unidos, faziam a verdadeira composição de amor da história de sua vida.

Entre verdadeiras demonstrações de amor e saudações calorosas, as primeiras estrelas despontavam no céu. Aqueles personagens, vivendo os dias calmos de suas vidas, seguiam em busca de alívio para o cansaço de mais um dia.

Após o jantar, na humilde casa de Jeremias, todos convertidos à crença no Deus único aguardavam o momento para as orações noturnas. Enquanto as mulheres mantinham-se em conversações triviais, os homens na varanda discutiam as boas novas que circulavam na pequena cidade. Cimitis, contemplando o

horizonte, levou a taça de vinho aos lábios e iniciou com um tom de voz entristecido e apreensivo:

— Por toda a extensão da nossa terra ainda podemos encontrar os vestígios da passagem dos exércitos dominadores. Eles invadiram sem piedade a nossa Grécia, escravizando, matando homens e mulheres, crianças e jovens. O povo sábio transformou-se em lembranças, e estas lembranças nos levam à realidade de que vivemos sob os pilares de Roma. Temo por nossas famílias. Conheci lares que foram

desfeitos, filhos separados dos pais e mulheres belas como Miriam e Hannah sendo transformadas em escravas.

Horacio levantou-se, levou sua destra ao ombro do irmão e disse:

— Nesta região, somos a pequena minoria que crê em um Deus único. Esta crença recebemos de nossos pais. Os demais acreditam em seres mitológicos que alucinam a própria fé. Sei que o Senhor não desampara seus filhos. Além do mais, desconheço registros recentes de que soldados romanos tenham passado por aqui. Ninguém poderá separar o meu coração de minha família.

- Não acreditas que deveríamos nos preocupar com isso? Afinal, a maior parte do tempo estamos longe de nossas esposas, pois estamos no mar. Minha Hannah é a única preciosidade que Deus colocou em minhas mãos impuras, além de meu pequeno Demetrius. Perdoa-me, mas estou envelhecendo e não terei mais filhos. Gostaria de viver nossos dias em paz. Hoje, quando estava a caminho de nossa casa, encontrei um confrade, o qual me relatou sobre um novo grupo de soldados que desembarcou aqui, procurando hospedagem junto aos pobres artesãos da região. Eles chegam e partem todos os dias. És conhecedor dos nossos códigos e eu possuo a força para organizar os exércitos: juntos,

somos a combinação perfeita. Enquanto refinas teus pensamentos, prefiro afiar as espadas. Não crês que deveríamos lutar? Organizar nosso povo para buscar a nossa segurança?

- Prefiro acreditar que Deus não é um Senhor de batalhas insanas, mas um Mestre da paz e da bondade, que organiza os corações para eles combaterem as trevas íntimas, residentes em nossas próprias almas. Se organizarmos exércitos, seremos iguais àqueles que julgamos impiedosos e sanguinários. Creio na justiça e, quando defendo uma lei, busco o equilíbrio entre as forças dos homens e a força de Deus. Se temos fé, estamos seguros.

Jeremias, em sua sapiência, levantou-se e ficou próximo de Horacio, sem esconder a concordância com as idéias do filho mais novo. Com bondade, elucidou:

- Meus filhos! Escuto os vossos lábios pronunciarem tantas frases e concluo que ambos são para mim tal qual uma balança. De um lado, Cimiotis, com os pés enraizados no chão; do outro, Horacio, sustentando-se com a razão das leis humanas e celestes.

Respirando profundamente, o ancião prosseguiu:

- Não devemos entregar os nossos corações a conversações sem elevação. sequer sabemos os motivos que trouxeram esses homens à nossa terra. Quem sabe estão em missão de paz. Se orarmos, organizaremos nossas mentes para encontrar a vitória. E a vitória estará sempre em poder de nossos corações, enquanto aguardamos com paciência o momento lento de transformação da humanidade.

- Meu pai! Perdoa-me, mas não consigo compreender o teu coração tão puro! Como consegues identificar a bondade em soldados sanguinários, homens cujo destino e educação sempre foram a morte?

- Creio que ninguém nasceu para a maldade eterna. Esses homens, na grande maioria das vezes, por algum motivo que desconhecemos, desanimaram diante da vida e entregaram-se amedrontados às sombras inferiores. Estamos vivos para triunfamos no bem, combatendo o mal que ainda reside em nós mesmos. Dentro de nossos corações, sempre existirá a beleza de sermos filhos de Deus. Não julguemos ou apontemos os atos alheios. O tempo impõe o ritmo da marcha e ajusta com precisão os roteiros de nossas vidas.

Suspirando profundamente, ele abraçou o filho e continuou:

I Tenhamos fé e bom ânimo. O Senhor nos alertou: é chegada a hora de buscarmos nas palavras sábias o entendimento para este temor.

Miriam, como de costume, trouxe para o esposo os pergaminhos envelhecidos que relatavam os feitos dos ancestrais e de ilustres figuras como Abraão, Jacó e José e, buscando inspiração no mais íntimo de sua fé, respirou profundamente e leu o texto da noite:

- "Sorratamente penetrará nas regiões mais férteis da província e fará o que não haviam feito seus pais nem os pais de seus pais: distribuirá despojos, lucros e riquezas entre os seus, maquinando planos contra as cidades fortificadas, mas isto até certo tempo."<sup>2</sup>

Em silêncio profundo, Jeremias contemplou as altas estrelas do céu e orou fervorosamente para o Deus de Israel:

SLtt— Senhor! Grande é o poder advindo do vosso coração. Nobres são as vossas leis. Sábios são os vossos desígnios. Não suplicamos a libertação, porém o entendimento no ato da escravidão. Concedei- nos a sabedoria para amarmos os nossos inimigos, em especial aqueles que atravessam a vida temerosos e

cegos por não conhecerem o vosso amor. Ensinai-nos a sermos a paz, pois somos viajantes do tempo e devemos nos adaptar a qualquer alteração nos códigos de nossas vidas. Ensinai-nos a contemplar o novo dia, mesmo que as avassaladoras espadas do mal adentrem nossos corações. Planificai nossos destinos sob a vossa luz e não permitais que o medo da espada rompa a nossa fé. Ninguém possui a terra, pois a terra pertence às vossas mãos. Ensinai-nos a respeitar o chão para que possamos olhar para as estrelas sem amarguras ou dúvidas. Ensinai-nos a compreender a separação, mesmo que ela traga o difícil sabor do fel. Não permitais que este fel nos cale e deixe as marcas de não sermos os vossos filhos. Derramai o bálsamo do amor e da esperança sobre nós para sustentarmos o nosso credo, a vossa verdade. Dentro dos nossos humildes corações, seguiremos sempre com a força dos nossos ancestrais, sobretudo a fortaleza do vosso grandioso e iluminado amor.

Todos, emocionados, escutavam a prece fervorosa, enquanto o humilde recinto era abençoado pela terna brisa trazida pelo mar. Como se todos estivessem junto de seres alados, sentia-se uma força advinda da expressão da fé que vicejava naqueles corações.

As horas avançadas da noite faziam com que Cimiótis e Hannah se despedissem em busca do descanso necessário para o dia que logo iniciaria. Jeremias, osculando a testa de Horacio, despediu-se.

Miriam, após ter acomodado o pequeno sobrinho no leito simples, foi ao encontro do esposo. Ele apresentava uma expressão preocupada, oriunda do diálogo de há pouco. Sentindo o abraço fervoroso da esposa, disse:

- Minha querida! Sejamos fortes para o dia de amanhã, fazendo-nos hoje fortalecidos na fé. Nesta noite, enquanto

orávamos, senti a presença de alguém que não sei definir. Foi como se ouvisse uma voz no íntimo do meu coração. Ela me pediu que preparasse o teu coração para os novos rumos de nossas vidas. Em especial, a missão que o Senhor reservou-te junto ao povo hostil de Roma. Creio que nasci com a tarefa de traçar um caminho, construindo uma ponte sem ao certo saber se caminharemos juntos sobre ela. Sinto-me preparado para um dia conhecer a luz do Messias, Aquele proclamado nas escrituras. Rogo ao Senhor poder merecer este presente. Suplico para que nada me afaste do coração do filho de Deus e, se porventura afastar-me Dele ou de ti por qualquer motivo, espero poder retornar aos teus braços.

Trazendo a cabeça da esposa para junto de seu coração, ele prosseguiu:

— Minha amada! Seja qual for a tua tarefa, saiba que sempre estarei esperando por ti nas areias aquecidas deste lugar, onde somos felizes e onde nos encontraremos além da morte, porque creio na eternidade.

— Falaste como se estivéssemos em despedida. Dentro do meu coração, sei que o nosso Senhor reservou-me uma tarefa, mas, confesso-te, não sei qual. Tenho orado para não sentir medo nem desistir dos meus desígnios. Afinal aprendi contigo a jamais desistir da vida e nas mãos divinas já entreguei minha alma.

— Creio que os dias de paz estão por chegar ao fim. Sejamos fortes. Sinto-me feliz, como alguém que nasceu para fazer a luz se apresentar nas estradas de nossos familiares. Estamos juntos e o teu amor me faz avançar sem medo. Entre os mistérios do nascimento e do túmulo, somos agraciados por diversas dores e alegrias, em especial pela oportunidade de

convivermos com aqueles que amamos. Porém, não devemos esquecer aqueles que nos ferem ou que irão ferir nossas almas. Eles também são dignos do nosso afeto.

— Acredite que, se eu morresse agora, morreria feliz, porque me encontro nos teus braços.

O casal abraçava-se carinhosamente, enquanto as estrelas brindavam seus corações repletos de fé, esperança e sonhos, e anunciavam a necessidade de buscar o descanso indispensável para mais um dia de árduo trabalho.

## **CAPÍTULO II Súplicas e Separações**

Após alguns dias, aquele vilarejo estava agitado. Uma legião de soldados romanos havia aportado. Liderada pelo patrício Titus Octavius Gracus, homem conhecido pelos feitos gloriosos com que contribuiu para Roma possuir os títulos honrados de grande proprietária de um mundo tão distante. Temido pelos inimigos, impiedoso e conhecido por uma vida pessoal atribulada, pontuada de amores insignificantes, facilitados pelo estado de viuvez. Entre festividades organizadas em sua residência, no coração de Roma, ele fazia com que os conceitos de honestidade e honra fossem tão-somente para benefício próprio.

Em terra firme, não perdeu tempo. Fez o reconhecimento estratégico da região, convocando o povoado a fornecer o necessário para saciar a fome dos soldados que se apresentavam exaustos e, em seguida, saiu em busca de um médico para cuidar dos homens feridos.

Miriam e Hannah dedicavam-se aos afazeres domésticos quando escutaram as batidas fortes na porta de carvalho.

- Abram em nome do general Titus Octavius Gracus.

Assustadas, elas tentavam identificar aqueles rostos. Um soldado, utilizando a força, empurrou a porta e o general

adentrou o recinto sem pedir licença:

- Onde está o homem que conhece medicina? Fui informado de que ele habita esta morada. Meus homens foram feridos em batalha e necessitam de socorro imediato.

- Senhor! - disse Miriam, com voz trêmula. - Deves estar procurando Jeremias, meu sogro. Ele está no mar, com nossos esposos, pescando. Voltará somente ao final da tarde.

- O que dizes? — foi a réplica do militar e, com ironia e arrogância, continuou: — O médico é um banal pescador?

Miriam, sentindo que o momento fazia-se hostil, não ousou responder-lhe. Enquanto isso, o general deitava seus olhos sobre aquele lar, estudando-o minuciosamente. Hannah mantinha-se ao lado de Demetrius e, em uma inútil tentativa para livrar-se de Titus, disse:

I Eles não chegarão tão cedo, acredito ser melhor que vás embora.

Acomodando-se em confortável assento, o general, com um tom de voz grave e irônico, disse:

- Esperarei o que for necessário. Afinal, diante de tão belo cenário, nada me retira daqui.

Assim, o general, aguardando a chegada de Jeremias, exigia das humildes mulheres refinado trato para saciar a fome de seu corpo rude e cansado.

No final da tarde, Jeremias, Horacio e Cimiotis retornavam de suas árduas jornadas. Pela primeira vez, Miriam e Hannah não estavam na praia, o que anunciava possível motivo para preocupação. Apreensivos, os homens não perderam tempo e seguiram para a residência. Ao chegarem, foram recebidos pelo general:

- Ora, ora... Quem é o médico?

- Sou eu. Meu nome é Jeremias - respondeu o velho israelita, sem hesitar.

— Não posso mais perder tempo. Meus homens precisam de trato imediato. Trago comigo oito soldados que necessitam de auxílio. Foram feridos gravemente em batalha e não posso perder sequer um homem. Mesmo tendo vencido todas as lutas, meu agrupamento encontra-se desanimado com o excesso de mortes desta legião. Portanto ficarás intensivamente cuidando deles, e assim demonstrarei minha moral e ganharei novamente a confiança desses infelizes.

Deixando seus esbugalhados e avermelhados olhos serem tomados por uma fúria instantânea e sem razão, prosseguiu:

- Serei capaz de arrancar teu coração do peito com as minhas próprias mãos caso algum deles chegue à morte.

Ao ouvir isto, Cimiótis estava pronto para guerrear, enquanto seu irmão e seu pai permaneciam serenos diante da jura.

Fazendo a vontade do patrício, dia e noite o velho Jeremias, auxiliado pelos filhos, dedicava-se ao trato daqueles moribundos. Até que uma noite trouxe uma brisa fria, diferente das aragens que normalmente abraçavam aqueles corações. Jeremias tentava, com todos os recursos que possuía, salvar a vida dos soldados, mas cinco deles não resistiram aos severos sofrimentos e morreram, enquanto os outros três agonizavam lentamente.

Acompanhado pelos filhos, o ancião foi notificar as mortes ao general. Aproximando-se com humildade, encontrou Titus ao lado de um soldado e, com voz segura, disse:

- Senhor! Infelizmente o que possuo não foi capaz de salvar os teus soldados...

Antes de ser concluída a frase, Titus, cheio de cólera e não podendo perder sua honra diante do exército, cerrou o punho e

abriu o supercílio de Jeremias, que, em silêncio, recebia a dor com resignação, sustentado pelos braços de Horacio. Neste ínterim, um soldado de nome Cilus aproximou-se e segurou Cimiotis pelos braços. Com fúria, Titus gritava:

- Como não salvaste os meus soldados? Cão mísero, sentirás o peso da minha ira.

Ao receber a notícia das mortes de seus amigos, o jovem e inexperiente soldado que se encontrava próximo a Titus entrou em visível estado de desequilíbrio e perturbação, em decorrência dos dias nos campos de batalha. Inesperadamente, sem dizer uma só palavra, ele se levantou contra Jeremias, demonstrando uma fúria ofensiva, como se a força de cem homens aportasse em seu coração. Sem explicações, vazou-lhe várias vezes o abdome. O velho, sem suportar o peso da violência, caiu sobre os próprios joelhos. Horacio amparava a cabeça nevada do pai morto. O mesmo soldado, ao ver a atitude de Horacio, repetiu o gesto. Assim, pai e filho morriam diante de todos.

Cimiotis tentava se livrar do soldado que o mantinha inerte. Hannah escondia os olhos miúdos de Demetrius, enquanto Miriam corria, na inútil tentativa de socorrê-los. Ao constatar a morte de Jeremias, ela buscou o esposo amado, que, ao vê-la em lágrimas, consolou-a com ternura:

— Seja forte. Deus, nosso Pai, possui as leis sábias e ainda não somos dignos para conhecê-las. Jamais permitas que o ódio e o rancor estabeleçam morada em teu coração. A morte não é capaz de sacar o amor de nossas vidas. Lembra-te de que esperarei tua hora e juntos seguiremos os caminhos de luzes que estão reservados para nós.

— Por Deus! Não me deixes. Suplico-te.

Em seu colo, Miriam mantinha o seu amado, aconchegando-o junto do coração. Num último suspiro, o alento abandonou Horacio. Mesmo diante de tamanha tristeza, o ambiente era imantado por um amor puro e uma luz radiante.

Já livre do corpo inerte e das dores do martírio recente, Jeremias fazia-se pleno em esclarecimento e luz, como se há muito tempo habitasse e conhecesse aquele mundo tão diferente. Com carinho, sem demonstrar qualquer traço de dor ou amargura, ele acolhia carinhosamente o filho que, em seus braços fortes, chorava qual um menino que encontra no pai amoroso um porto seguro para seu coração.

Neste ínterim, Mirtes, acompanhada de vários amigos áureos, amparava aqueles filhos de Deus, com bondade:

**1** Meu esposo amado! Filho de meu passado que Deus me presenteou quando um dia estive no chão! Saúdo-o e honro-o. Sou grata por receber nos braços a vós, reais amores de minha vida. Na graça de Deus, estamos unidos por vínculos de luz que jamais serão rompidos. Por agora, deixemos as dores do corpo onde estão, pois elas não servem mais. Sigamos para que em breve possamos retornar aos corações dos que amamos, porém mais fortalecidos e preparados para um novo horizonte de batalhas no bem.

— Deus de luz! - disse Jeremias, com as lágrimas lavando-lhe a face. — Sede para sempre a fonte de minha vida. Agradeço a vossa bondade que nos faz vivos neste instante.

— Perdoem-me a fraqueza! — continuou Horacio, com a voz embargada. — Não sou digno de consideração e dedicação. Como por um encanto, consigo reconhecer os vossos bondosos corações. Porém, como partir e deixar minha Miriam e minha família nas

mãos frias desses verdugos? Como viver longe dos nossos amores, deixan- do-os em sofrimentos?

Mirtes, com paciência e carinho, esclareceu:

- Não julgues o momento somente pela dor que sentes. Tudo se transforma com o tempo, assim são os filhos de Deus temporariamente vinculados às sombras. Há de vir o dia em que o Messias chegará ao chão, trazendo consigo todo código de amor e renovação de um mundo a ser modificado para o bem. Não estamos longe de nossos amores: estamos simplesmente em tarefas diferenciadas no mundo que vemos e no mundo que não vemos. Todo sofrimento é bálsamo para a renovação de nossas almas que necessitam de paz. Vem, muitos te aguardam a chegada.

Horacio, com as róseas faces orvalhadas, deitou um ósculo na testa de Miriam e, sem ser percebido, repetiu o gesto com o irmão, com o pequeno Demetrius e com Hannah. Em silêncio edificante, abraçou respeitosamente Jeremias e juntos eles se desprenderam daquele recinto.

Ao ver os soldados mortos, o agrupamento sofrendo as amarguras resultantes da severidade dos campos de guerra e as mortes de Jeremias e Horacio, Titus avaliou rapidamente o cenário, suas necessidades pessoais e sentenciou sem piedade:

— Que a lei seja cumprida. A mulher deste infame morto será levada para Roma como escrava e, pelos direitos a mim concedidos, terei a propriedade dela. Levem-na daqui e garantam que não fugirá.

E, olhando para o pequeno Demetrius, acrescentou:

- Levarei este menino: assim aprenderão a não desafiar meu poder e receberão o tributo das minhas sentenças. Além do mais,

poderei, no futuro, ter algum benefício com ele: por certo me renderá um bom dinheiro.

Miriam, sem mais uma lágrima, aceitava seu destino com resignação, enquanto o soldado Cilus atava-lhe as mãos, marcando assim seu cativo. Hannah, em desespero, suplicava:

— General! Leve-me contigo, mas deixe meu filho livre. Não o sentencie com o peso do cativo.

- O que pedes? Não te encontras em condições de querer nada. Retirem estes infames de perto de mim.

Cimiotis, livrando-se das mãos do soldado, abraçava a esposa e o filho. O pequeno Demetrius, alheio aos acontecimentos, agarrava-se à mãe, chorando, sem compreender a situação. A mando do general, um soldado arrancou o menino de perto de Hannah, sem qualquer piedade. Antes de ser separada do filho, ela abraçou-o com carinho, entre olhares de despedidas e de esperança, depositando nas mãos de Deus as novas regras para suas vidas.

As horas haviam seguido. Na varanda, Titus permanecia perturbado com as últimas ocorrências, avaliando suas duas últimas aquisições - Miriam e Demetrius. Pensativo, saboreava o vinho quando o soldado Cilus aproximou-se:

— General! Todo o agrupamento está preparado para a partida nas primeiras horas do dia. Perdoe-me a ousadia, porém, o que faremos com o menino? Somos soldados e não amassecas.

O general, experiente, percebendo a personalidade do soldado que tinha diante de si, não perdeu tempo em aguçar-lhe a ganância e a vaidade juvenil, utilizando-as em seu favor:

- Meu jovem! Pelo que posso perceber, aspiras a cargos elevados no exército. Tenho conhecimentos com os quais poderemos adiantar tua ascensão, basta que me auxilies.

- O que tenho que fazer?

- Desde que perdi minha esposa, minha vida tem sido o exército. Quando retomar a Roma, quero que Miriam cuide de meu filho Pompilius Claudius Gracus, que tem apenas quatro anos. Todo o tempo em que estivemos aqui, observei a dedicação ao jovenzinho Demetrius e isto me agradou muito. Ela se fez mais fiel aos cuidados maternos que a própria mãe.

Molhando os lábios, o general continuou:

- Infelizmente, admito que me precipitei ao sentenciar o menino: minha ira foi mais rápida do que minha razão. Agora serei obrigado a levar esta criatura comigo, pois não poderei, diante de meus homens, voltar atrás em uma decisão, mesmo que ela tenha sido pronunciada quando estava cheio de cólera. Onde ficaria a minha autoridade? Não permitirei, contudo, que esse menino retire ou divida a atenção dessa mulher quando ela estiver dedicada ao meu filho. Portanto, quero que ele seja levado para outras paragens. Hoje mesmo estarás encarregado de levá-lo em segurança para a Gália e o entregará, junto com esta missiva, a um homem chamado Aimã. Pela manhã, direi à mãe que o menino morreu e demonstrarei minha piedade dando liberdade a Hannah e ao tal Cimiotis. Minha legião exaltará meu nome e reconhecerá minha grandiosidade.

- Mas, senhor, Aimã é conhecido por transformar homens em matadores e por treiná-los para os jogos. Esse menino será criado para ser um matador e corredor.

- E isso mesmo que quero. Ele poderá, no futuro, trazer-me muitos benefícios. O ódio faz do homem um vencedor, se soubermos utilizá-lo.

Assim eles permaneceram em conversação, ajustando os detalhes para o sombrio plano. Já noite alta, o soldado,

vislumbrando a oportunidade de uma carreira fácil, seguiu para cumprir o acordo firmado com o general, com o que definitivamente separou Demetrius de sua família, sem que ninguém o percebesse.

Titus continuava só em suas conjecturas, vibrando no ambiente palavras soltas que expressavam seus pensamentos:

- Cilus é um tolo. Assim que retornar dessa tarefa, farei com que ele seja somente uma lembrança em meu pensamento. Mandarei matá-lo. Não poderei partilhar esse segredo com mais ninguém...

Logo pela manhã, o agrupamento levantava-se para a marcha. Miriam era mantida amarrada e, com desespero, buscava informações sobre o pequeno Demetrius, mas ninguém respondia às suas perguntas.

Hannah e Cimiotis, sem esconder a tristeza, aproximaram-se da cunhada, que seguia dentro de uma espécie de carroção improvisado, junto a outros servos gregos - que em Roma eram os preferidos, devido à cultura que levavam consigo, valendo grandiosa quantia nas negociações obscuras de um mercado sombrio. Vendo os cunhados, Miriam não perdeu tempo em tentar obter notícias do sobrinho:

- Onde está Demetrius? Desde ontem fomos separados e não consigo saber nada sobre ele.

Hannah se mexia, enquanto Cimiotis, mantendo as forças, respondeu:

- Minha cunhada! Sejamos fortes, pois soubemos que Demetrius está morto. Não compreendemos: deveríamos seguir contigo, mas o general concedeu-nos a liberdade, sem sabermos ao certo o motivo de sua misericórdia. Apesar desses acontecimentos, meu coração paternal se tranquiliza, pois prefiro

sentir a dor pela morte de meu filho do que a dor de vê-lo em cativeiro.

Ostentando a posição que lhe era de direito, sobre o cavalo, Titus aproximou-se, confirmando as palavras de Cimiotis:

- De fato, este homem tem razão. O menino, tendo visto a tia cativa, saiu correndo desgovernado, despencou do penhasco e caiu nas areias da praia. Não sobreviveu à queda. Ele está morto. Só percebemos pela manhã, quando vimos um rastro de sangue e as roupas destruídas pelos animais que dilaceraram seu corpo mirrado.

Secando o suor que lhe lavava a face, o militar prosseguiu:

— Para demonstrar a minha bondade diante das últimas ocorrências, deixei este casal livre e levarei somente esta mulher para minha terra.

Após essas palavras, o general saiu rapidamente para ordenar a marcha. Miriam, ajoelhada, chorava copiosamente. Quando o carro iniciou seu movimento, a esposa de Horacio buscou no cunhado o último consolo:

— Quero te pedir uma coisa.

— O que posso fazer neste momento?

- Sepulta meu esposo e teu pai segundo as nossas crenças e a dignidade que eles tiveram por toda a vida.

Em despedida, olhando profundamente para os olhos de Hannah, prosseguiu:

— Um dia nos reencontraremos. Seca as tuas lágrimas, pois tanto Horacio como o teu filho estão vivos em nós. Não percas jamais a esperança, pois ela é a emissária de Deus, anunciando que o jardim que nasceu para florir e iluminar jamais poderá conceber trevas. Tudo passa, porém não passará o verdadeiro amor que nos sustenta neste chão, o amor de Deus. Lembra-te: os

olhos de Demetrius brilham em teu coração. Um dia nos reencontraremos. Quando eu retomar, devolverei esse brilho para as tuas mãos. Coragem!

Hannah, totalmente abatida, e Cimiotis, entristecido, observavam a cunhada perder-se ao longo da estrada. O agrupamento deixava para trás um rastro de dor misturado à poeira do caminho. No carro humilde, um homem grego, nativo daquele lugarejo, com respeito, aproximou-se de Miriam, que estava chorando em sua solidão:

- Senhora! Não tenhas medo de mim. Não pude deixar de ouvir a história triste de tua vida. Chamo-me Tacitus. Sou professor e estamos juntos nessa longa jornada da qual desconhecemos o final. Minha família também foi dizimada, sem ninguém, estou aqui, aguardando as venturas de um novo amanhã. Elevemos os nossos pensamentos, sem desesperos, pois Deus irá nos amparar. Podem nos sacar a liberdade, mas jamais a nossa esperança. A árvore tem esperança, pois, cortada, poderá renascer e seus ramos continuam a crescer. Ainda que envelheçam suas raízes na terra e seu tronco esteja amortecido no solo, ao cheiro da água, ela reverdece e produz folhagem, como planta tenra."<sup>3</sup> Lembremos que a liberdade está dentro dos nossos corações. Sejamos tal qual a árvore que um dia perdeu seus galhos, folhas, frutos e robustez, porém não lhe foram retiradas as raízes mais tenras, as quais anunciam um novo recomeço, sem esmorecimentos.

— Rogo a Deus forças para que estes sentimentos, obscurecidos pelo ódio que adentrou de súbito em meu coração não corrompam minha alma.

Respirando profundamente, secou as lágrimas e com a coragem inerente à sua personalidade, continuou:

- Agradeço-te o coração bendito. Não sei se esta viagem será o único contato que manteremos, se seremos separados quando chegarmos | cidade, pois desconhecemos o amanhã. Prometo que, seja qual for meu destino, serei mais forte do que o ódio. Entrego minha vida às mãos de Deus e lutarei até o fim, sem rancor ou desânimo. Quero somente um dia poder retornar e morrer aqui, olhando o horizonte, escutando o canto das cotovias...

Aqueles filhos de Deus, unidos pelos seus próprios sofrimentos ao longo da viagem, ancoravam seus corações na fé no Deus único de Abraão, levando consigo o início de grandiosa amizade abençoada pelos portais dos céus.

## **CAPÍTULO III Desafios em uma Nova Terra**

Dezesseis anos haviam transcorrido desde então e, naquela primavera, docemente perfumada pelas flores coloridas e por uma beleza incapaz de ser esquecida, vamos encontrar Tacitus expondo uma longa barba, com as primeiras mechas embranquecidas. Contudo os longos fios não escondiam seu rosto fino e seus grandes olhos negros ressaltados pela felicidade de poder lecionar, compartilhando momentos de profunda paz no trabalho docente.

Na sua chegada a Roma, foi comprado como escravo pela família de Áurea, mulher de tradicional linhagem romana, portadora de cabelos pontuados por mechas nevadas que lhe denunciavam a idade madura. A exclusiva missão de Tacitus era educar a filha de Áurea, a jovem Sofia, de vinte anos de idade, aureolada de imensa candura e de uns longos cabelos dourados e olhos brilhantes.

No sereno jardim da residência da família, uma fonte servia de palco para os pássaros que dançavam ao som das águas cristalinas que jorravam do belo pote sustentado nos ombros da imagem feminina esculpida pelas mãos detalhistas e perfeitas de um artista grego. Tacitus, admirando a desenvoltura de Sofia, com firmeza e candura manifestou sua opinião sobre a aula que acabava naquele momento:

- Minha querida menina! Orgulho-me por poder ensinar-te. Agradeço ao Deus de minha linhagem poder transmitir os conceitos de meus pais. Apesar de ter sido criado na Grécia, minha família vem da casa de Davi. Agradeço também à tua mãe, que me concede a liberdade e esta oportunidade.

Antes de concluir a frase, a figura marcante de Áurea surgiu no recinto, reforçando o encantamento do ambiente:

- Ora, ora, meu caro amigo! Nada tens a agradecer. Queria que em minha residência não existisse a escravidão. Além do mais, contigo aprendemos novos conceitos, uma nova vida. Somos convocados a experimentar uma vida que jamais conheceríamos sem ti. Tua presença neste solar nada mais é do que a anunciação de Deus em nossos corações.

Esponaneamente, Sofia manifestou-se:

I Compartilho das idéias de minha mãe. Bem sabes que é como um pai que carrego em minha alma. Foste e sempre serás um presente de Deus depositado em nossos corações.

- Preocupo-me com o futuro teu e o de tua filha. Abandonaram o credo dos deuses fictícios e abraçaram o Deus único de Abraão. Serão obrigadas a pagar os tributos dessa conversão. A fé também concede momentos de profundas provações.

Uma serva, humildemente, convocou Sofia a preparar-se para o jantar. Tacitus percebeu que suas palavras tocavam o coração de Áurea, que, heroicamente, continha as lágrimas, para não orvalhar a face diante da filha amada e do amigo.

- Percebo que algo feriu teu coração - disse Tacitus, com respeito. - O que poderia trazer tão profunda tristeza a teu íntimo?

- Meu amigo, meus dias são verdadeiras tormentas, como se enfrentasse a revolta do mundo contra mim. Meu esposo Virgilius envolveu-se em diversas dívidas e, confesso, não possuímos posses para saldá-las. Nas vias baixas, entre jogos, corridas e amores fáceis, lá ele sempre está. Desconheço o homem que desposei. Depositava em nossa única filha a esperança de vê-lo viver e envelhecer ao nosso lado, acreditando em uma união eterna, mas agora ele se faz tão distante de mim, embriagado entre as orgias e as facilidades da vida. Vejo-o perder-se e distanciar-se de nós.

Não contendo as lágrimas, continuou:

- Temo pelo futuro de Sofia. Temo que Virgilius encaminhe-a para as mesmas trevas que agora são seu próprio refugio. Minha filha é especial. Tudo percebe sem revoltas, porém sempre estimula-me para o alto, rogando-me paciência. Sei que minha filha confia em ti. Como ela mesma disse: és um pai de coração. Suplico-te para que jamais te afastes dela. Sei que ela confia em teu coração e compartilha contigo os seus sonhos juvenis e inocentes. Tenho consciência de que não viverei para lutar pela felicidade de minha menina.

- Não sejamos pessimistas. Não permitas que o desespero turve teus sentimentos, pois Deus jamais permitiria o sofrimento em vão ou eterno. Tem a certeza de que respeito esta família até

o limite de minha vida. Jamais as abandonarei. Mesmo que a morte me abrace, sempre permanecerei ao lado de ambas. Eleva os pensamentos e tem fé no amanhã, sem medo ou dúvidas, pois sei que não sofremos sozinhos: alguém sempre compartilha a nossa dor. Recordo-me desta pequena passagem das escrituras: "Dar-lhes-ei um só coração, porei no seu íntimo um espírito novo: removerei do seu corpo o coração de pedra, dar-lhes-ei um coração de carne..."<sup>4</sup> Nosso Deus não nos deixaria sós. Sei que um dia haverá pastores que conduzirão os corações para as estradas iluminadas da paz. Creio no Messias, que é tão esperado. Porém, sei que não o conhecerei, e contudo sinto que Ele já nos acompanha os passos no invisível.

Áurea envolvia-se nas palavras carinhosas e com elas tentava romper a tristeza:

- Agradeço-te as palavras amigas. Eu também, onde estiver, não me separarei de minha filha. - Abrindo tímido sorriso, ela continuou: - Sempre estiveste ao meu lado, entregando teus dias à minha família. Serei merecedora de tamanha misericórdia?

Tacitus, com profundo respeito, segurou-lhe as mãos dizendo:

- Recordo-me de Sofia ainda menina, dividindo as alegrias infantis neste mesmo jardim. Assim como Virgilius, homem cheio de vida e de sonhos, que me acolheu, deixando-me livre para exercer o único ofício que sei: ensinar. Com a morte de minha família, sem herdeiros e sem ninguém, acreditei-me incapaz de viver. Graças aos céus, Deus colocou-me na mesma estrada na qual caminhas. Com teu prestimoso auxílio, venci meu próprio limite e encontrei coragem para vencer o desafio da solidão. Fui acolhido como membro desta família. Sou grato por ser livre. Por isso, sinto-me responsável por ti e por Sofia.guardo ansioso o momento em que Virgilius cure o coração que, temporariamente,

está tão adoecido, para poder vê- los experimentar a felicidade neste solar.

- És nobre, como jamais pude reconhecer essa virtude em homem algum. És nosso guardião e sei que sempre estaremos unidos. Confesso que o sentimento que carrego por Virgilius é semelhante ao de uma mãe para com um filho. Honro meus deveres como esposa e entrego nas mãos do nosso Deus único o destino de nossas vidas.

Os dois amigos, agraciados pelo final da tarde que se despedia da luz do dia, entre reconhecimentos e alegrias, confirmavam os elos de esperança para os dias que viriam.

## **CAPITULO IV Reencontro e Anunciação**

Para os corações envolvidos nestas páginas, os dias seguiam seu curso, sem grandes alterações.

Naquela manhã, o sol fazia-se presente. Áurea mantinha-se em seus aposentos, com aparência abatida e preocupada. Chegando ao ambiente, Sofia, com a doçura inerente à sua personalidade, abraçou a mãe, tentando confortá-la:

- Mãezinha querida! Sinto que teu coração carrega as chamas acesas entre preocupações e tristezas com relação ao meu próprio destino. Sei que Deus me reserva testemunhos dos quais não consigo ainda saber se serei capaz de cumpri-los. Porém, tudo acatarei. Não te entristeças ou furtes o brilho de teus olhos: estaremos sempre juntas, aconteça o que acontecer.

- Filha minha! Es o precioso presente que os céus me reservaram. Confesso que temo pelo teu amanhã. Temo por Tacitus, que é o mais profundo e caro amigo que conheci nestas paragens.

Secando as lágrimas, ela osculou a testa da filha, segurando-lhe as mãos:

- Nestes últimos dias, em sonhos tão reais, os quais ainda não consigo compreender, deparei-me com uma visão radiante: um jardim perfumado, um homem maduro de semblante tão conhecido, mas eu não conseguia me recordar de onde. Era um nobre senhor que me recebeu com um afetuoso abraço, apresentando-se com o nome de Jeremias, dizendo para que eu confiasse nele, que estava ali em missão de amor. Sem explicar, entreguei-me ao momento de paz e a confiança era tamanha que roguei para não despertar de tão formoso sonho. Abraçando-me como um pai abraça sua filha, ele dizia que meus dias junto ao chão estavam próximos do fim. Emocionada, eu interrogava por ti e por teu futuro. Ele respondia que havia sido convocado por nossos ancestrais, que muito amavam a nós duas e que, no momento em que eu me unisse a ele, estaríamos trabalhando e velando por teus passos, assim como sobre aqueles que ainda não haviam se aproximado de ti. Em total paz, ele me pedia para que eu retomasse e levasse comigo as lembranças, tão perfeitas, daquele encontro. Ao despertar, repeti para mim mesma os detalhes de tão grandiosa visão, para não esquecer.

O ambiente era acariciado por imensa paz. Áurea, buscando um pequeno embrulho, depositou-o nas mãos da filha, que, enquanto abria, perguntou:

- Do que se trata?

- Há muitos anos, Tacitus escreveu-me: "O Senhor é meu pastor, nada me falta. Em verdes pastagens me faz repousar. Para as águas tranquilas me conduz e restaura minhas forças; ele me guia por caminhos justos, por causa do seu nome. Ainda que caminhe por um vale tenebroso, nenhum mal temerei, pois estás

junto a mim; teu bastão e teu cajado me deixam tranquilo. Diante de mim preparas uma mesa, à frente dos meus opressores; unges minha cabeça com óleo e minha taça transborda. Sim, felicidade e amor me seguirão todos os dias da minha vida; minha morada é a casa do Senhor por dias sem fim.”<sup>5</sup>

E, suspirando profundamente, continuou:

- Este será o teu consolo nos dias de amarçjura. Quero que seja o teu alívio nos anos de tua vida.

Mãe e filha, emocionadas, mantinham-se em elevada conversação, aguardando as novas linhas que marcariam as páginas de suas vidas.

Após dez dias, Virgilius havia convocado seus amigos para festejarem, em sua residência, a chegada do grande general romano Titus Octavius Gracus e de seu filho Pompilius Claudius Gracus, que havia se transformado em um belo homem, detentor de um rosto fino e de uma musculatura bem equilibrada. Seguindo os passos do pai, ainda sem carregar o título de general, ele já alcançava a glória dos exércitos e liderava seus homens com a frieza de um militar rematado. Seu nome era conhecido por ele não levar consigo nada de misericórdia ou piedade para os que fossem contrários à grandiosa Roma ou mesmo contra seus mais íntimos desejos. Sem vínculos afetivos, pai e filho tinham fortalezas petrificadas no lugar reservado às almas.

A harmoniosa residência de Áurea havia se transformado em um ambiente coroadado pela futilidade e pelos excessos, os servos se multiplicavam para ajustar os últimos preparativos para a recepção aos convidados.

Virgilius ignorava os sentimentos da esposa e da filha, que se mantinham distantes das agitações festivas, enquanto ele,

totalmente envolvido em afazeres menores e sem valor, sorria qual um menino.

Na hora combinada, os primeiros convidados começaram a chegar. Quando Titus e o filho apareceram no portal, Virgilius foi saudá-los imediatamente:

- Caríssimos confrades, tamanha é a honra que carrego dentro de meu peito em vos receber em minha humilde morada!

O general, ganhando tempo, ignorou-o e, desprezando-o, buscava conhecer o recinto:

- Vamos, vamos, somos homens de lutas e batalhas, não seria mais justo nos poupar de inúteis demonstrações de afeto? Vamos à festa, pois a mim e a meu filho foi anunciado que seriam reservadas servas, vindas da Espanha, para abrandar a chama íntima dos nossos caprichos.

Virgilius, em total demonstração de subserviência, convocou os servos para que prestassem toda a assistência que se fazia necessária e era exigida pelos ilustres convivas.

Já noite alta, o general interrogou Virgilius:

- Onde estão tua esposa e tua filha? Por que não desfrutam destes sabores da vida?

Virgilius, tentando disfarçar, respondeu:

- Minha esposa e minha filha estão repousando. Estiveram ausentes por dias e retornaram cansadas.

O general, para satisfazer seus caprichos, ordenou:

-Traz-as diante de mim. Afinal, todos devem saudar um grande general. Além do mais, tua filha e tua esposa são comentadas pelas virtudes familiares de que são detentoras. Quero conhecê-las.

Virgilius, titubeando, encaminhou-se aos aposentos de Áurea, onde mãe e filha se encontravam, aflitas. Adentrando, o dono da

casa ordenou:

— Vamos, quero que por um momento se apresentem ao general, que exige-lhes a presença.

Áurea, numa inútil tentativa, suplicava:

- Por misericórdia! deixa-nos distantes desse recinto nocivo. Deixa-nos preservadas desses sanguinários.

Como ousas chamar meus amigos de sanguinários? Não poderei responder-te por agora, mas ordeno que se apresentem.

— Não nos peça tamanho esforço. Eles possuem diversão suficiente e não necessitam de nós... - e, ajoelhando-se aos pés do esposo, na mais pura demonstração de humildade, Áurea continuou: - Por misericórdia eu te suplico: não exponha Sofia, deixe-me ir só, pois sei que nada tenho a oferecer.

Por alguns instantes, o semblante do patrício pareceu compreender a preocupação da esposa. Porém, como alguém cegado pelos encantos da vaidade, ele se fez ofensivo:

- Não quero ouvir mais uma frase. Além do quê, eu estarei ao vosso lado. Nada poderá recair sobre ambas. Irei agora atender às necessidades de meus convidados, porém apressem-se: o general não pode esperar.

Virgilius saiu daquele aposento deixando ali a frieza que caía sobre mãe e filha como lâmina impiedosa, mas não era capaz de retirar de seus semblantes a beleza e o brilho de esperança que reluziam em seus olhares. Sem mais nada a dizer, ambas acatavam as ordens e aprontavam-se com simplicidade.

No salão principal, Titus encontrava-se totalmente envolvido pelos encantos da festa, juntamente com sua irmã Calcumia, mulher madura, de origem romana, que trazia consigo a perfeição da beleza cultivada em vaidade e exageros. Conhecedora da arte da sedução, ela enxergava no irmão uma ponte para se manter em

evidência nos doentios círculos sociais que regiam o povo patricio daquele tempo. Enquanto isto, Pompilius era cercado por servas que, submissas, franqueavam-lhe seus encantos, deixando-o entregue aos prazeres da carne sem preocupar-se com guerras, lutas ou legiões. Naquele instante, ele era somente um homem.

Com dificuldade para se adaptar ao ambiente, Áurea, segurando afetuosamente o braço de Sofia, abria caminho sem solicitar. A presença delas chamava a atenção de todos, em especial por suas características recatadas para um recinto tão intranquilo.

Virgilius, percebendo a chegada das mulheres, foi em sua direção para conduzi-las aos ilustres convidados. Com a satisfação de quem traz nas mãos obras preciosas, orgulhosamente manifestou-se:

- Senhores! Aqui estão. Minha esposa Áurea e minha filha Sofia.

- Vejam só! i admirou-se Titus. - Acreditei que os deuses haviam esquecido a arte de esculpir uma obra feminina com tanta perfeição. Rogo misericórdia a eles, pois blasfemei. Não poderia imaginar que o velho Virgilius, um simples edil, magistrado encarregado pela conservação, segurança e abastecimento de nossas cidades, pudesse compartilhar seus dias com tão bela visão... - e, tocando o queixo de Sofia, continuou: B Es jovem e forte, mulher: estás pronta para conceder ao mundo filhos da mais alta linhagem.

Áurea, tentando dispersar a onda de frieza que pairava no ambiente e retirar a filha da aflitiva situação, agradeceu:

- General! Es muito nobre. Tuas frases, apesar de um tanto exageradas, são dignas dos mais nobres agradecimentos. Sei que

para tantas jovens desta sociedade os deuses também foram misericordiosos, concedendo-lhes encantos especiais.

Percebendo a rapidez com que Áurea respondia às suas frases, o general solicitou a presença do filho:

- Venha imediatamente, pois a poderosa visão de Sofia poderá desaparecer de nossa frente.

O patrício, não ousando desafiar o pai, abandonou os braços de uma serva. Fixando os olhos em Sofia e atordoado pelo brilho que emanava da face da jovem, ele aproximou-se:

- Meu pai! Por que não me chamaste antes? Estarei eu diante de uma deusa ou de uma obra de arte criada por algum escultor audacioso?

O general, abrindo um largo sorriso em sua face rósea, não escondia a satisfação ao ver o filho interessar-se pela nobre imagem:

- É bom que penses assim. Afinal, já se faz tardia a hora e devemos pensar na continuidade de nossa família.

Calcurnia imediatamente colocou-se ao lado de Pompilius, fazendo coro aos comentários do general:

- Meu irmão! Concordo com as tuas palavras. Acredito que nosso menino crescido tenha que aportar sua espada e conceder-te um neto. Pelo que vejo, estamos diante de uma mulher pronta para assumir os ofícios de esposa de um futuro general, como é meu sobrinho.

Titus Gracus, apoiado na observação de sua irmã, não se demorou em complementar:

- Preciso dar continuidade à minha família e não posso ter delinquentes carregando o meu nome. Quero uma linhagem tradicional, digna de um patrício.

Pequeno conflito iniciou-se. Sofia, em profundo silêncio, mantinha seu olhar na direção do chão, tentando inutilmente desviar-se das ofensivas hostilidades daquele momento. Pompilius, como por encanto, mantinha seus olhos fixos na filha de Virgilius. Em um gesto delicado, ele levou a destra ao véu que cobria os cabelos da moça: I Retira o véu dos teus cabelos para que possa ver tua face.

A jovem obedeceu e, em meio aos olhares, a inocência de uma flor fazia curvar o coração de um império.

- Minha querida - disse Áurea, apressada -, vamos nos recolher: acredito que os senhores queiram continuar se divertindo.

Ambas perderam-se entre os convidados, deixando Virgilius e Titus em conversação:

- Meu caro! Sou um homem que viveu a vida para Roma e para as batalhas. Agora necessito de repouso e quero dar sequência à minha família. Somos pais e queremos sempre o melhor para os nossos filhos.

Buscando no ar a inspiração, ele continuou:

- Quero que Pompilius possua uma mulher digna e percebo que a encontrei. Por que não unimos nossos filhos?

- General! Perdoa-me, mas minha filha está fora de qualquer propósito. Áurea jamais permitiria. Sofia já possui a idade madura para o enlace, porém jurei à minha esposa que não forçaria nossa menina a nada. Ela é dotada de uma inteligência especial e até o presente não manifestou interesse em consorciar-se com quem quer que seja. Pela honra minha e de minha família, minha filha está fora de qualquer negociação.

Titus, percebendo que seu ataque não atingiu o alvo, silenciou na tentativa de livrar-se da própria insatisfação:

- Vou recolher-me. Irei embora.

Virgilius, tentando inutilmente suavizar a situação, disse:

- Por que tanta pressa? Ainda tenho as dançarinas para alegrar vossos olhos. Afinal, um ano em batalha deve ser saudado com toda a grandeza de nossa Roma.

— Agradeço-te, mas estou satisfeito.

Com a saída do general, os demais convidados não se demoraram e o silêncio pairava no ar. Virgilius, caído sobre o divã, adormecia como um menino. Mãe e filha, contemplando o cenário vazio, dividiam suas impressões:

— Minha mãe! Perdoa-me, mas jamais senti meu coração pulsar tão forte como senti no momento em que Pompilius tocou-me o véu!

- Querida! Os lobos são encantadores, mas não deixam de ser violentos quando atingem uma presa. Algo me diz que o futuro general também sentiu o mesmo por ti. Seria um alucinado aquele que não te reconhecesse as virtudes. Deixemos o tempo falar por si. Recolhamo-nos para aliviar os nossos pensamentos.

Assim, a noite sugeria as incertezas dos dias que estavam por vir nas vidas daquelas duas mulheres.

## **CAPITULO V O Futuro sob Julgamento e Disputas**

No dia seguinte, o general desfrutava o frescor de um banho nas termas. Com o semblante marcado por diversos pensamentos, foi interrompido por Calcurnia, que trazia consigo Drusus, patrício de linhagem tradicional, magistrado com a função de questor. Ambos viviam as aparências de uma união amorosa vazia e fótil que não lhes havia dado filhos.

- Minha irmã! Es sempre ousada. Interrompeste meu banho. Espero que seja algo muito importante.

- Meu querido irmão! Algum dia já te decepcionei? Venho auxiliar-te a encontrar a solução para que nossa família tenha a continuidade que tanto desejas. Afinal, três mentes pensam melhor do que uma. Acredito que Drusus será de grande valia para os nossos propósitos.

- General! - o magistrado falava com excessos de gentilezas, bajulações e falsas demonstrações de humildade. - Sinto-me honrado em poder compartilhar estes momentos contigo. Logo eu, sendo agora de alguma valia em teus planos.

- Se é essa a intenção desta visita inesperada, creio que não poderiam chegar em melhor momento... - enquanto dizia assim, o militar secava o rosto, em seguida indo em direção ao patrício e à irmã, para saudá-los. - Foram os deuses que vos encaminharam até mim, para alívio de meu coração. Sabeis que estou envelhecendo e meu filho Pompilius se fará general em pouco tempo, mas sua mente está voltada somente para exércitos, batalhas, comandos e amores fáceis. Quero que a família Gracus tenha continuidade. Necessito saudar meus ancestrais.

-Teu filho é um homem virtuoso, jamais faltarão mulheres querendo desposá-lo. Por toda Roma comenta-se que queres promover o consórcio dele o mais rápido possível. Perdoa-me, mas parece uma obsessão de tua parte em exigir isso dele.

- Não sejas tolo! Um homem como eu não pode perder tempo. Não quero que meu filho se envolva com uma mulher qualquer ou com uma bela escrava para daí nascer meu herdeiro. Ele poderá manter seus romances, mas exijo que o primogênito nasça de uma mulher saudável, forte e de boa reputação.

- Se nestas paragens existir uma, mostra-me, pois também gostaria de conhecer - disse Drusus, com tom irônico.

- Conheci a mulher que será a mãe de meu neto. E a filha de Virgilius. Só não compreendo por que até os dias de hoje não foi desposada por ninguém! Ontem, na festa, tentei conquistá-la através do pai, mas não tive sucesso.

- Deves estar louco - respondeu Drusus com espanto. - Sofia vive sob os cuidados intensivos da mãe e de um tutor, um professor chamado Tacitus. Somente um lunático ousaria atravessar tamanha barreira. Dizem que muitos tentaram, mas todas as tentativas foram inúteis. Quanto a Virgilius, é um homem tolo, vive tão endividado e alucinado pelos jogos que seria capaz de vender a própria filha.

- Capaz de vender a própria filha? Explica-me melhor! - disse o general, com interesse.

p Sabes que, como questor, administro as finanças públicas. Todos os magistrados devem se reportar a mim para algumas questões. Virgilius endividou-se nos jogos e todos os artifícios são oferecidos para saldar as dívidas contraídas.

Um momentâneo silêncio pairou no recinto. Calcurnia, com a frieza inerente à sua personalidade, manifestou seu plano:

- Meu irmão! Acabo de solucionar o problema. Arranjaremos para que Virgilius perca a filha para nós em uma luta de gladiadores.

- O que dizes? Como faremos isso? E o que faremos com a desprezível Áurea e com Tacitus?

- Organizaremos uma disputa entre o gladiador Demetrius, o melhor e mais forte destas paragens. Ele é uma lenda viva e faremos com que se bata contra Quintus, um perdedor nato que está com o destino encaminhado para a morte. No dia do

confronto, simularemos que Quintus é o melhor e tu envolverás e forçarás Virgilius a apostar todas as suas posses nele, inclusive a filha. Demetrius será devidamente orientado por nós para fazer tudo parecer real.

E, com um riso nos lábios, ela continuou:

- Tenho certeza de que será muito fácil comprar este ser desprezível, por algum mísero dinheiro. No final, com um golpe fatal, Demetrius levará Quintus à morte. Assim Sofia será do teu Fompilius. Quanto à mãe e o tutor, nada poderão fazer a não ser acatar a nossa vitória, pois Virgilius firmará a aposta e nada ou ninguém poderá contestar.

Com um sorriso, o general não escondia a felicidade diante dos planos da irmã:

- Sempre foste astuta! Eu mesmo fui incapaz de pensar em algo tão fabuloso. Preparemos imediatamente o confronto entre os gládios, pois que ninguém se esqueça de que vivo para o triunfo e a honra de minha Roma. - Radiante, ele prosseguiu: - Após Sofia estar em nosso poder, farei com que Pompilius realize as bodas e conceda-me um herdeiro.

- O que ganharei auxiliando-te? S perguntou Calcurnia, com os olhos vertendo egoísmo e fel.

- Riqueza, minha cara! Riqueza dos povos conquistados.

Em um clima de amizade interesseira, aquelas criaturas firmavam negócios escusos para o futuro. Corações inocentes seriam submetidos às sentenças mórbidas de mentes tão doentias.

Cinco dias haviam transcorrido. Titus, fazendo valer sua influência em todas as camadas sociais, oiganzou na periferia de Roma o espetáculo, trazendo das regiões próximas os melhores gladiadores para lutarem até a morte.

Patrícios dividiam os assentos com o populacho que buscava a euforia para saciar a sede de morte. Na tribuna, ao lado de Titus, Calcurnia e Drusus, Virgilius, com um semblante ingênuo cheio de encantamento, alheio aos desejos do general, desfrutava dos jogos e apostava tudo nos nomes que o militar ordenava. Com a certeza da vitória em suas mãos, Titus não escondia a felicidade, pois, através das mãos de Demetrius, gladiador temido e respeitado, naquele dia definir-se-ia o destino da jovem Sofia.

Observando que Virgilius já havia perdido muito dinheiro, Titus encenou a proposta de um mesquinho negócio:

- Veja! Adentrará a arena o famoso gladiador Quintus. Dizem que é o maior entre os maiores! - e continuou, dissimulando: — Sinto, mas apostei toda minha riqueza no perdedor Demetrius que não terá chance alguma. Arrependo-me, mas é tarde. Feliz daquele que depositar em Quintus a confiança.

- Perdoa-me! Demetrius é o melhor gladiador destas terras. Nenhum adversário lhe sai vivo. Estava prestes a depositar minha alma nas mãos desse homem.

- Meu caro! O tempo de triunfo de Demetrius não existe mais. O nome forte de Roma é Quintus. Aposto nele e não te arrependerás. Além do mais, apostei suficiente quantia. Aquele que ganhar terá uma vida tranquila. Não queres riqueza? Não queres ser meu oponente?

Virgilius não raciocinava, empolgado com a perspectiva de saldar suas dívidas com facilidade, imediatamente aceitou:

- Aceito, serei teu adversário. Como poderia recusar tal oportunidade? Mas, se apostaste toda a tua riqueza, eu terei o que para apostar?

- Tua filha, contra a liquidação de todas as tuas dívidas.

- Sofia? — Com lampejos de sanidade, ele argumentou: — Não posso fazer isto! Sou pai. Onde ficaria a honra de minha família? O que diria Áurea?

- Então não possuis nada que seja do meu interesse. Buscarei outro patrício mais audacioso, alguém que saiba viver as emoções dos jogos.

Simulando desprezo, o general voltou-se para outros confrades. Virgilius, por instantes, relutava atormentado, como se no fundo de sua alma uma voz gritasse mais alto. Entre suores frios e tremores, respondeu:

- General! Aceito. Se eu perder, Sofia será tua.

- Es um homem sábio. Logo brindaremos à tua vitória.

Com satisfação, Titus ordenou que o último jogo iniciasse. Virgilius, sem perceber que tudo não passava de simples representação, assistia aturdido à queda de Quintus e à vitória de Demetrius, sem conseguir dizer qualquer palavra. O oficial não perdeu tempo em requerer seu bem:

- Pelo visto, és um perdedor. Reclamarei o mais breve possível o que me pertence.

Titus, para assegurar-se, ordenou que Virgilius selasse a aposta, garantindo-lhe os direitos sobre Sofia. Após os últimos ajustes, Virgilius, repleto de remorso, assistia atônito ao esvaziar do recinto. E ali permaneceu por horas, entre lágrimas de desespero. Após conseguir sustentar o peso do corpo sobre os pés, saiu cambaleando em direção à cidade, em busca do alívio fácil nas ânforas de vinho fresco.

Enquanto seguia pelas estradas, a liteira que conduzia Drusus, Calcurnia e Titus para a cidade era sacudida por saudações e gargalhadas.

- General! Curvo-me diante de tamanha astúcia. O pobre sequer percebeu que compraste a vitória. Creio ser difícil alguém descobrir. Quem além de nós dois poderia desfazer tal feito?

PP? Demetrius - disse Titus fitando o horizonte.

- E o que fazer com ele?

I. —Tenho que agir com rapidez. - Tendo a face marcada por uma expressão pensativa, o oficial completou: - Ele não poderá permanecer vivo. Enquanto me preparo para retirar Sofia do convívio dos pais e promover a união dela com o meu filho, quero que te encarregues da missão de extinguir a vida de Demetrius.

- Sabes que tenho interesse em auxiliar-te, mas sou um homem que precisa pensar no futuro, preciso saber o que ganharei com isso.

- O dinheiro que seria de Demetrius será teu. Age como um soldado e não como um homem sem honra. Não poderei expor-me aos lobos.

Por mais uma vez aqueles corações turvavam as esperanças alheias, enquanto os cavalos ressoavam num trote apressado em meio à escuridão. o c egarem à cidade, os dois homens despediram-se. Drusus seguiu para fazer o que lhe competia: imediatamente contratou cinco gladiadores para conter a força de Demetrius e com eles rumou para a estalagem humilde onde Aimã poderia ser encontrado junto com os homens de sua propriedade. Antes de adentrar Drusus orientou os seus capangas:

- Não percam tempo e façam parecer uma briga tola.

No interior da estalagem, Demetrius mantinha-se com os olhos baixos, em muda conversa com o cálice de vinho. Aproximando-se, Drusus disse:

- Estou aqui em nome do general Titus.

- Vieste pagar o que Titus me deve? Então assim o faça e vai embora, pois, de todas as lutas que participei, esta é a que me incomoda o peito. Sinto-me constrangido, sem justificativa, como um monstro que faz inocentes se curvarem diante de verdugos. Todos os adversários que estiveram diante de mim não possuíam valor: eles mereceram a morte. Mas eu estou cansado desta vida e com esse dinheiro comprarei minha liberdade. Contudo, dentro de mim sei que modifiquei a vida de alguém que não conhecia, uma jovem honesta sobre a qual me informei. Como alguém tão puro poderia ter tocado o coração de um homem sem sentimento como o general? Por que tanta barbárie?

- Não creio! - comentou Drusus, com sarcasmo. - Um mísero sanguinário tendo rompantes de moral. O que conheces de moral? Infame! Não poderei responder as tuas questões sobre pureza, pois esta virtude desconheço dentro de mim porém, quanto à barbárie, corrijo-te: trata-se de riqueza, poder e continuidade das sombras que residem no coração de um homem.

Sem motivo aparente, os cinco capangas de Drusus iniciaram uma grande agitação. Com fúria, lançaram-se contra Demetrius. Minutos depois, o gladiador solitário tinha parte de seu rosto banhado de azeite fervente e sofrera severo e indescritível espancamento. Desfalecido, ele mais parecia morto. Após rápida e superficial avaliação, Drusus, afetando gestos de repúdio, disse:

-Vamos! Esse sanguinário está morto. Que os cães selvagens se encarreguem de sua alma.

Sob as ordens de Aimã, Demetrius foi levado para a periferia da cidade, onde seria deixado para que as feras pudessem devorar o seu corpo - e assim ele estaria relegado ao total esquecimento.

No desespero de vencer as dores do corpo flagelado, aquele homem manteve-se por dois dias em uma difícil luta por manter-se vivo. Já no terceiro dia, com o nome totalmente esquecido daqueles que o haviam conhecido, ele continuava em abandono. Foi então que despertou de um sono rápido e agitado e se viu acolhido nos braços de um nobre homem. Envolvido de imensa luz, esse fidalgo não julgava seus feitos, não lhe maldizia o coração: simplesmente o abraçava paternalmente. E ao lado dele havia um outro, que também expressava infinita misericórdia:

- Meu neto! Sei que não recordarás quem sou, tampouco o passado que nos uniu. Por isso, apresento-me: sou Jeremias e este é Horacio, que um dia foi teu tio. Nas alturas, o Messias tão esperado já iniciou a busca daqueles que levarão seu nome às diversas gerações as quais não conheceremos. Estamos vinculados por um amor puro, ainda distante do teu conhecimento. Falanges de amor estenderam-te as mãos, convocando-te para o trabalho de preparação daqueles que um dia conhecerão a verdade.

- Como um homem tão nobre escolheria alguém como eu, que possui as mãos tingidas pelo sangue e pela poeira de um passado de mortes? Como posso viver da forma que me encontro agora - irreconhecível e deformado?!

- Não te desesperes. Deus jamais permitiria que o sofrimento fosse injusto. Cada um carrega no coração as marcas do seu ontem, mas não devemos olvidar as preciosas oportunidades do presente, em que podemos ser transformados para o bem. Levanta-te e não te esqueças dos teus erros. Porém, não permitas que eles sejam o abismo a separar teu coração das verdades do amor celeste. Muitos dos que, a partir de hoje, estarão junto ao teu coração necessitam de força e coragem. Serás o guardião dos corações amados, dos que experimentam as

lutas individuais no chão. Retorna à vida. A ingênua jovem marcada pela disputa egoísta, vítima de corações turvados de ódio, necessitará de ti. Não carregues a cólera, pois tudo que hoje parece tormenta amanhã será luz.

Demetrius chorava qual um menino, enquanto Jeremias e Horacio, percebendo-lhe os infortúnios íntimos, derramavam sobre ele uma luz intensa e reconfortante. Isto feito, despediram-se, desaparecendo em imensa paz. Enquanto isso, Demetrius despertava emocionado e, solitário, confortava-se:

- Criaturas amáveis que me acolheram em pensamento, minha ignorância não poderá vos descrever, mas prometo que viverei para aguardar as novas instruções do porvir. Viverei para aprender a ter a honra que jamais fui capaz de compreender. Prometo que, a partir de hoje, abandonarei as lutas para simplesmente viver e viverei para servir.

Carregando consigo a coragem de vencer as dores do corpo ofendido, além de pequenas lembranças de um sonho confortador, aquele homem lutava para poder suportar os dias desconhecidos que chamamos de amanhã.

Já noite alta, Tacitus, após ter ocupado todo o dia lecionando para algumas pobres criaturas - às quais se dedicava com a modéstia que lhe era natural -, dirigia-se sozinho para sua morada, na periferia de Roma. Foi então que percebeu alguém caído na estrada. O velho professor, vencendo o cansaço, não poupou esforços para socorrer o moribundo:

I — Deus! O que fizeram com este pobre homem? Dai-me forças para auxiliá-lo, pois é tão grande e forte que não conseguirei colocá-lo sobre o cavalo.

Lutando contra os limites do próprio corpo, tal qual um pai acolhe a um filho, Tacitus acomodou carinhosamente aquele

homem marcado pelo peso da própria consciência, sem desconfiar que diante de si estava alguém que havia lutado em troca de mísero dinheiro, entregando a nobre Sofia aos corações sombrios, enquanto todos desconheciam as linhas do amanhã.

## **CAPITULO VI Vidas em Movimento e Transformação**

Dez dias se passaram desde a disputa na arena. Virçilius, totalmente alucinado, passava seus dias recolhido, amargurando um profundo remorso. Em desespero, aguardava o dia em que o general reclamaria seus direitos sobre Sofia. Não ousava relatar as ocorrências para Áurea: ele literalmente jogara com o futuro da filha. A esposa, alheia a tudo, dedicava-se tranquilamente à família.

Naquela tarde, o lar estava em silêncio. Todos buscavam ocupar-se em seus afazeres. Tacitus e Sofia mantinham-se no jardim em total harmonia, retomando as lições do dia anterior. Do divã próximo, Áurea observava a filha — como alguém que admira formosa e grandiosa obra-prima. Apesar de tudo, Virgilius lograva ocultar seu estado e, trancado na biblioteca, atormentado, mergulhava sua angústia em sucessivas taças de vinho, que lhe faziam entregar-se a um sono perturbado.

O ambiente de paz foi rompido por altas vozes. O general Titus, acompanhado por Drusus e por três soldados devidamente orientados, não aguardou o anúncio de sua chegada pelo servo da casa. Abrindo caminho, como quem marcha em um campo de batalha, avançou duramente em direção ao átrio. Tomada de surpresa, Áurea procurava compreender aquela visita: a g Senhores, como invadem este solar desta maneira?

- Pelo que posso perceber, teu esposo não informou que eu viria buscar o que pertence à família Gracus.

- General! Nos últimos tempos, meu esposo tem contraído várias dívidas... Mas, perdoa-me! O que há aqui que pertence à tua família e que desconheço?

- Vim buscar Sofia.

Um pequeno conflito estabeleceu-se. Tacitus e Sofia informaram-se do que acontecia, enquanto Virgilius, ouvindo as palavras do general, chorava envergonhado diante da esposa. Esta, por sua vez, chorando inconformada, pedia ao esposo:

- Dize que não fizeste isso. Todos estes anos suportei as mais duras provas do difícil convívio com a tua insensatez. Mas fazer com que nossa filha fosse parte de teus obscuros negócios foi para mim um golpe que jamais esperei receber. Dize-me que tudo não passa de um pesadelo.

- Perdoa-me, perdoa-me... - dizia Virgilius, sem argumentos.

Sofia, observando o desespero da mãe, correu para abraçá-la na

tentativa de confortá-la e de buscar refugio - mas Áurea, como uma heroína em defesa da honra, levantou-se desafiando o poder de Titus:

- Minha filha não sairá deste solar. Somente se eu morrer levarás Sofia daqui! - E, chamando dois servos humildes: - Levem-na deste recinto.

Antes de os servos se aproximarem, dois soldados avançaram: tinham expressas instruções para sacar a vida de qualquer pessoa que tentasse impedir as ordens de Titus. Os pobres e assustados serviçais, com medo, não se aproximavam de Sofia. Outro soldado caminhou até a jovem, para levá-la. Áurea, cega de desespero, mas fortalecida pelo propósito de defender a filha, lançou-se

contra aquele homem que, sem piedade, retirou o punhal e lhe vazou o abdome. Ela não suportou os golpes, enquanto sua túnica era lentamente tingida pelo vermelho do sangue. Aos poucos, ela desfalecia nos braços de Sofia e Tacitus.

- Mãezinha! Não me deixes! Tem misericórdia. Fica um pouco mais. Ainda não consegui aprender as lições de fortaleza e coragem que residem em tua alma para que possa vencer meu medo e cumprir os desejos do meu próprio destino.

— Minha querida! Perdoa-me a tentativa sem sucesso de arrancar-te destes lobos de corações tão frios. Onde eu estiver, estarei contigo. Minha vida nada vale agora, mas meu coração estará junto ao teu. Não te esqueças de que, quando estiveres em prantos, eu serei teu lenço invisível e meus braços sempre estarão te envolvendo

com o amor que nos une. Por agora, tem coragem. Não permitas que arranquem de ti a doçura e a pureza que coroam teu semblante. Sofre com dignidade. Sorri com firmeza. Vive como quem leva na alma a fé pelo Deus que aprendemos a amar. Confia no amanhã e segue, pois além da colina sempre haverá a luz de mais um dia...

O ambiente era temporariamente tomado por uma profunda emanção de paz. A veneranda senhora, nos braços da filha, cerrava os olhos cansados para o corpo sem vida e despertava para uma vida sublime. Naquele momento, as radiantes presenças de Jeremias, ancião amigo, e de Horacio faziam-se deslumbrantes, perfumando a dor e silenciando a tristeza. Com um gesto humilde, o velho homem abraçou Áurea com carinho:

- Vem comigo! Deixa as dores se manifestarem onde elas estão. Aos teus olhos o cenário parece de horror, mas me dá tua mão para que possamos, unidos, auxiliar nossos amores do chão.

Nossos filhos encontram-se vinculados por vidas e estradas que um dia conduzirão ao coração do nosso Messias. Pára tanto, fomos convocados pela divina providência para trabalhar pela transformação daqueles que um dia foram nossos filhos e netos, nossos antepassados. Estamos juntos novamente e assim seremos uma família.

- Mesmo agradecida por essas palavras de luz, como seguir deixando minha menina junto dos corações desses verdugos? Como seguir em paz, desconhecendo o amanhã? Deixa-me ficar ao lado dela e de Tacitus, que amei a vida toda em meu silêncio.

- Por agora, vem. Tacitus, meu irmão de ontem, voltou ao chão para acompanhar-te os passos. Assim, compartilhou o passado silenciado neste presente, mesmo sem ter realizado as bodas contigo, mantendo-se ao teu lado como amigo fiel. Virgilius e Titus são os vossos filhos desses passados e necessitam de emeigencial transformação. Tua filha é o fruto do amor puro e distante entre vocês, enquanto Pompilius é o amor real de Sofia. Não nos olvidemos de que, por meio de tua filha, Pompilius e seus descendentes serão a ponte para muitos corações chegarem a Deus e ao Messias. Amigos são preparados para volverem ao chão e sedimentarem as estradas anunciando que o Prometido há de chegar. Serão eles discípulos, morrerão e renascerão para que a Terra possa ter a sua luz. Por agora, vem, pois outros que te amam aguardam a tua chegada. Sejamos fortes para seguir com fé.

Áurea, confiando nas palavras do amigo, não ousou manifestar qualquer frase. Tomada de pranto e de felicidade, afastava-se completamente envolvida de luz, deixando para trás uma vida e outras mais.

Enquanto isso, o recinto estava mergulhado em tristeza. Abraçando o corpo inerte de Áurea, Tacitus orava entre lágrimas em voz baixa e rouca, e somente Sofia podia lhe escutar a fervorosa prece:

- Deus! Não vos imploramos a liberdade dos nossos sofrimentos. Não vos imploramos excessos para nossas vidas. Não vos imploramos. Porém, não permitais que em nossos ouvidos sejam açotados os ventos da nossa própria insatisfação. Suplicamos compreensão e sabedoria, fortaleza e misericórdia, para vivermos longe daqueles que foram abraçados pela sua luz. Recebei, Senhor, a chama viva de nossa esperança e nossa fé, fazei-nos fortes para honrarmos os ditames das vossas soberanas leis. Ensinai-nos a esperar, educando e trabalhando até que o tempo seja o emissário de nossas vidas e venham anunciar um mundo novo. Libertai-nos de qualquer sentimento alheio à vontade dos céus, pois só é verdadeiro o amor que vem do vosso sábio coração.

Tacitus e Sofia choravam, enquanto Virgilius quedava-se totalmente atônito diante do que via, incapaz de qualquer palavra ou manifestação. Titus segurava o braço da jovem e, com a brutalidade inerente à sua personalidade, ordenava:

- Vamos! Tenho planos para ti. Não tenho tempo a perder com sentimentalismo. Os soldados se encarregarão de enterrar tua mãe.

O velho professor, ouvindo as palavras do general, imediatamente levantou-se para intervir:

- Senhor! Compreendemos a situação. Porém, suplico, deixai-me sepultar minha senhora.

Sofia, com os olhos brilhantes, docemente implorou ao rude coração de Titus:

- General! Acato as tuas ordens, mas suplico que deixes Tacitus sepultar minha mãe. Alguém como ela, que viveu com honra e que nada tem contra a sua dignidade, merece agora o respeito de nossos corações. Imploro-te que permita-me continuar próxima de meu professor, ele é tal qual um pai, é minha fortaleza.

O general, aturdido pelas palavras que ecoavam no momento, envolvido pelo clima sereno que então pairava, respondeu:

- Serei misericordioso e atenderei o teu pedido. Permitirei que este homem sepulte tua mãe e continue sendo teu professor. Mas tu me acompanharás, sem mais nada dizer.

Virgilius, apático, a tudo assistia sem um gesto em favor da filha ou da esposa morta. Calado, observava Sofia ser levada pelos solda-

dos e pelo general, em direção ao desconhecido. A jovem fitou-o profundamente, deitando sobre ele um olhar plácido, cheio de piedade e de uma candura indefinível. O patrício, emocionado, deixava as lágrimas orvalharem sua face e tomarem-lhe a alma. Enquanto isso, Tacitus e os servos, em total silêncio, pleno de comiseração, recolhiam Áurea para entregar seu corpo ao ventre da terra: feito isto, o velho professor seguiria para uma nova realidade, repleta de testemunhos de fé, sofrimentos e alegrias.

Ao chegarem à suntuosa mansão de Titus, encontram Miriam, serva que trazia estampada no semblante uma vida sofrida. Sob o peso do tempo, ela mantinha a candura, e munida com ela foi recepcionar o general. Adentrando a casa, o militar anunciou:

Vamos, mulher! Trouxe a futura mãe de meus netos. Quero que a tratem com todo o desvelo. Quero que ela seja bem cuidada, pois em breve se casará com meu filho, assim que ele retornar

dos campos de treinamento do exército; nos arredores de Roma. Por enquanto, quero descanso para meus pés cansados.

Nesse ínterim, Calcurnia, preparada para uma festividade nos círculos sociais, ouvia atenta as palavras do irmão:

- Então temos companhia? Quero que saibas que, debaixo deste teto, estás sob as minhas ordens. Não aceitarèi rivalidades.

Lançando um olhar de ódio e desprezo sobre a jovem, encaminhou-se para Drusus:

- Vamos, a hora se faz avançada e não podemos perder tempo.

No recinto silencioso, sem a presença de Titus, Calcurnia e Drusus, a jovem filha de Deus e Miriam permaneciam. Sofia ouvia as palavras daquelas criaturas atormentadas, não escondendo em seu semblante o medo que lhe furtava a cor. A serva, percebendo o seu constrangimento, envolveu-a em um manto, carinhosamente:

- Minha menina! Não tenhas medo de mim. Sou Miriam. Qual é o teu nome?

- Sofia.

- Seremos amigas e compreendo-te em compaixão. Pelo que posso perceber, és diferente das mulheres que frequentam este solar. Sinto-me como alguém que aguardou tanto tempo por este encontro. És tal qual uma luz advinda dos céus.

Miriam, bondosa, amparava no peito maternal a cabeça da jovem, que ali buscava alívio para o aperto de seu coração:

- Minha mãe há pouco partiu e não pude sequer manifestar minha despedida. Foi retirada de mim a oportunidade de sofrer pela sua partida. E agora descubro, desse jeito hostil, que meu futuro está nas mãos de um homem rude e que meu coração será entregue, sem perguntas, para alguém cuja natureza desconheço.

Deus, faze-me fortalecida para que minhas lágrimas não interrompam minha razão. Faze-me fortalecida para vencer o medo que lentamente aporta em minha alma.

- Es conhecedora do Deus único?

- Sim! Eu e minha mãe aprendemos os conceitos do Deus único que nosso amigo e professor trazia de sua linhagem. É esse Deus, proferido nas escrituras meigas, que me faz suportar tamanha dor no coração.

- Também sou conhecedora desse Deus. Ele também me ensinou a ser forte.

- Como vieste para este solar?

- Vivia nas encostas da saudosa Grécia. Eu e meu esposo vivíamos felizes, junto de nossa família. Tudo nos parecia paz e alegria. As bênçãos dos céus recaíam sobre nós, e partilhávamos essa felicidade com minha cunhada Hannah, Cimiotis, seu esposo, e meu sobrinho, o pequenino Demetrius. Desconhecíamos a força dos exércitos de Roma. Porém, uma tarde estávamos tranquilos quando uma legião aportou em nossa terra. Comandados por Titus, ainda jovem, requisitaram nossa humildade para servir-lhes com alimentos e aquecê-los.

Nesse momento, não conseguindo se manifestar pela palavra, Miriam deixava lágrimas silenciosas lavarem sua face, buscando no ar a fonte de inspiração para refazer-se. E então continuou:

- O sonho de termos um filho era a esperança mais pura dos nossos dias. Entre os soldados que chegaram, alguns carregavam chagas trazidas das batalhas. Eles ficaram sabendo que meu sogro Jeremias poderia curá-los e o obrigaram a cuidar dos feridos, dia e noite. O estado dos legionários era lastimável e cinco deles morreram com severos ferimentos, outros três agonizaram por dias. O general, fazendo honrar seu nome e sua

moral diante de seu agrupamento, sentenciou Jeremias e Horacio à morte, e eu, à escravidão!

- Onde está teu sobrinho?

- Segundo o general, ele foi morto, mas dentro de meu coração ele é vivo - disse Miriam, secando as lágrimas para continuar: - Após aquele dia, vim para cá exercer os ofícios domésticos, além da missão de educar Pompilius. O tempo encarregou-se de transformar minha alma em misericórdia. Quando aqui cheguei, trazendo dor, ódio e desejo de vingança, encontrei no pequeno Pompilius, com apenas quatro anos, uma forma de não sucumbir à saudade de meu esposo e de minha família. Dediquei-me por todo esse tempo a este jovem que hoje é um homem. Quando olho para o general e para seu filho, vejo duas criaturas necessitadas de luz e amparo.

- Sou igual a ti - disse Sofia com as lágrimas marcando-lhe a face. - Também sou cativa. O que nos difere é somente a forma pela qual chegamos aqui.

- Não foste encaminhada para cá sem causa justa. Comigo também foi assim: alguma tarefa nosso Deus reservou-te.

E segurando-a nos braços, Miriam fitou-a profundamente e prosseguiu:

- Recordo-me de meu sogro Jeremias dizendo: "Mas, igual ao monte que ao cair se desfaz e ao rochedo que muda de lugar, à água que desgasta as pedras, à tormenta que arrasta as terras, assim é a esperança do homem..."<sup>6</sup> Lembra-te sempre de que a jóia mais preciosa da terra, antes de adornar a coroa de um rei, foi um dia pedra bruta que recebeu o trato carinhoso e o polimento necessário com desvelo. A árvore frondosa, antes de conceder os frutos, foi um dia uma semente que teve que vencer a escuridão da terra para poder ver um simples raio de sol.

Portanto, és a água para modificar esses corações petrificados, és a enchente renovadora que trará as bênçãos da fertilidade para o solo trincado que chora ressecado. És a esperança pura desta residência. Coragem, minha querida, estaremos juntas nesta empreitada de Deus.

- Rogo a Deus estar sempre atenta às tuas palavras.

- Se queres viver em paz, não descuides de Calcumia. Ela possui forte influência nesta morada e todos estes anos tenho assistido, em silêncio, a diversas demonstrações de horror promovidas por ela, por seus amantes e inclusive pelo general. Percebe que por aqui tudo possui um pouco dessa mulher. Até o jardim, que era para nós um sereno recanto de paz, foi por ela transformado em abandono.

- Não compreendo. Por que tamanho egoísmo, para destruir um jardim? Serei eu capaz de transformar tantos infortúnios em bênçãos luminosas sobre este lar?

- Há alguns anos, o general trouxe para cá uma serva cheia de vida. Dias seguiram e Titus, identificando a beleza natural daquela jovem, tentava por todos os meios forçá-la a conceder-lhe seus encantos em troca de uma falsa liberdade. Mas quem é cativo aprende a ser forte - lágrimas tímidas umedeciam a face de Miriam, que, emocionada com as recordações, acariciava maternalmente o queixo de Sofia. **1** Ela, por sua vez, mantinha-se firme diante daqueles propósitos funestos que a assombravam. Com sua resistência conseguiu conquistar o coração do general. Pela primeira vez, após a morte de sua esposa, ele havia se curvado ao coração de uma mulher. Tentando escapar das duras mãos de Titus e Calcurnia, ela dedicou-se, nos poucos dias que ficou aqui, às flores deste jardim, as quais brotaram como jamais fora visto, trazendo perfume e colorido perfeitos a este

ambiente. Chegou o dia em que o general saiu em campanha, deixando-a nas mãos de Calcurnia, que, consumida pelo ciúme, fazia prevalecer sua ganância. Jamais permitiria que uma serva emparelhasse com ela. Por puro ódio e para livrar-se da jovem, ela ordenou que fosse destruído o jardim e que ele ficasse abandonado por anos, para servir de exemplo a outras mulheres que tentassem despertar o coração do irmão para os encantos femininos.

IE o que aconteceu a ela? E o general?

- Estando o general ausente, sua irmã uniu-se a Drusus e a pobre foi levada ao suplício extremo. Não suportou o martírio do cárcere e, depois de quarenta noites de privações, foi sentenciada à morte fria. Titus não ousou falar mais sobre ela, sequer ordenou que recuperássemos este jardim. Para ele, é como se o passado não existisse. Portanto, fica alerta, pois o amanhã pertence a Deus e o hoje está em nossas mãos. Sê corajosa e devolve a alegria e o colorido aos corações desses dois homens, que jamais conheceram a paz, e faz deste reduto um lar de amor, pois sei que Deus nos protegerá.

Entre abraços afetuosos, Miriam e Sofia acalentavam-se, firmando uma amizade verdadeira, sustentada e conservada na certeza de que Deus seria o alicerce de suas vidas.

## **CAPITULO VII Caminhos de Verdade e Luta**

Trinta dias transcorreram. Tacitus, em sua residência, tentava esquecer a dor e a saudade das duas mulheres, as amadas de sua vida, e cuidava do ex-gladiador Demetrius, que permanecia à mercê de enfermidades que maltratavam seu corpo. Entre alucinações de vingança, ele proferia frases desconexas e sofria

o peso do próprio remorso. Por dias seguidos ele queimava em febre, enquanto Tacitus tentava, com as poucas providências possíveis, aliviar os males que assolavam o rapaz. Já sem esperanças de ver aquele homem em pé, o velho professor ajoelhou-se exausto e orou:

- Senhor! Perante nossa dor e incapacidade de compreender as tuas sábias leis, por misericórdia, dá-nos a força para não esmorecermos na senda da vida. Ensina-nos a enfrentar as sombras, para que elas se transformem em passado de luz. Ensina-nos a querer, sem exigir; a aceitar, sem perguntar. Ensina-nos, a perseverar na fé, sem nos demorarmos entre escárnio e solidão sem elevação. Se as trevas conspirarem contra nós, se a ventania da destruição ainda zurze em nossos ouvidos, seja qual for a corrigenda necessária para aperfeiçoar nossas vidas, eleva-nos o pensamento para sermos fortes, pois sabemos que avançar para o futuro sem luz e sem a sua sabedoria é impossível.

O recinto era banhado por imensa paz. Demetrius, despertando, ouvia emocionado as palavras do velho grego, recebendo-as com profundo respeito. Tacitus, ao vê-lo despertar, disse com alegria:

- Que Deus seja louvado! Meu amigo, há pouco acreditei que seria inútil realizar algo em teu favor. Acreditei que te encontravas praticamente morto. Como te chamas?

- Agradeço-te o coração bondoso. Chamo-me Demetrius...

Tacitus imediatamente associou o nome famoso e a pessoa:

- Es o gladiador Demetrius?

- Sim! Um dia fui. Agora não sou ninguém.

Com dificuldade, tentando levantar-se, ele continuou:

- Foste muito bom para comigo, porém não sei se poderei retribuir tamanha dedicação. Tudo me foi retirado, por isso irei

embora o mais breve possível.

- Nada quero de ti. Não quero teu dinheiro e nem agradecimentos. Não estás em condições de partir. Fica um pouco mais e assim serás minha companhia, pois em tão pouco tempo perdi os dois amores de minha vida.

- Não te compreendo! Não me conheces, não perguntas quem sou realmente ou o que fiz e me pedes que fique? Homem! Carrego em minha alma o peso da morte e respiro o ar daqueles que minha mão arrancou da vida sem piedade.

- Todos nós carregamos um passado impiedoso e eu não poderia condenar-te, pois esta tarefa não me cabe. Somente Deus possui as leis sábias e justas para as nossas transformações.

jg Em várias regiões por onde andei, ouvi falarem deste teu Deus.

-- Onde está tua família?

- Recordo-me muito pouco da minha família. Sei que um dia tive pais amorosos, pois sempre sonho com eles. Minhas idéias se misturam e não consigo ter a certeza de todas elas. Parecem-me pesadelos. E em outros momentos, sonhos lindos dos quais não quero despertar. Vejo sempre um homem bondoso, que se identifica como meu avô. Vejo minha mãe como fonte de luz. Vejo o general, o algoz de minha família, sentenciando-nos ao cativeiro. Fui levado aos treinos que me transformaram em um matador. Estas são as memórias que carrego comigo, nada mais. Desde menino, fui treinado para a morte, tal qual um soldado é preparado para a guerra. Confesso que já estou cansado de tantos horrores. Sucumbi nas entranhas do egoísmo dos outros, em troca de minha liberdade. Porém, em minha última luta, realizei o pacto mais pesado: sentenciei uma jovem inocente, que

não conheço, ao martírio nas garras do general Titus. Este, por sua vez, fez meu nome se apagar das arenas.

- Por Deus! Então é verdade os boatos que correm pelas ruas de Roma! Acreditei que fosse mais um falatório, entre tantos que nascem e morrem sem deixar marcas. Mas, pelas tuas revelações, a jovem de que falas agora é Sofia, minha filha de coração.

Enquanto o surpreso Tacitus permanecia parado, Demetrius caminhou com dificuldade até a proximidade da fonte que represava humilde fio de água. No espelho líquido, o gladiador viu o próprio reflexo. Devido às agressões sofridas, sua face direita estava marcada por diversas feridas:

- Não! Transformei-me em um monstro!

Com visível desespero, continuou:

—O que aconteceu comigo? Vingá-rem-me-ei de todos!

Ajoelhando-se com as mãos encobrindo seu rosto, ele não parava de falar:

- Arrebatei um amor de tua vida e mesmo assim me tratas com respeito e dedicação. A tua bondade para comigo será o tributo que tenho que suportar?

- Não saberia dizer o que aconteceu contigo - replicou Tacitus, com a destra no queixo, tentando as palavras mais precisas. - Acalma-te. Creio em Deus e sei que ele não me colocou em teu caminho por acaso. Todos nós carregamos o impiedoso peso de nosso próprio passado. Estamos vivos para poder modificar nossas existências. De que valeria viver olhando somente para trás? Diante dos erros ou acertos, devemos enfrentar corajosamente todas as consequências. Ninguém é capaz de sacar de nossos corações um grande amor, tu não me arrebataste a jovem disputada na arena. Quem sabe o general foi

um enviado dos céus para que pudesses modificar o rumo dos teus dias. Não esbravejas, não maldigas aqueles que apagaram o teu nome entre os gládios. Deus escreveu teu nome no mais sagrado solo que existe: o seu divino coração. Conserva os teus pensamentos tranquilos e sustenta o equilíbrio dos teus passos acima de qualquer perturbação para que possas compreender e viver uma nova vida.

- Dentro de mim sei que não poderei perdoar. Não fui treinado para isso. Fui treinado para lutar. Jamais conheci um homem de tão nobre coração. Suplico-te: ajuda-me nesta difícil tarefa de me transformar em um verdadeiro homem. Ensina-me sobre o teu Deus, pois os meus deuses esqueceram-se de mim.

- Meu caro! Ao Senhor, nosso Deus, pertencem a misericórdia e o perdão, e o perdão é companheiro do tempo. Devemos evitar as sentenças definitivas sobre nossas vidas. Desculpemos o presente e o perdão aportará em nossos caminhos no momento em que estivermos nos modificando. Lembra-te de que o malfeitor de hoje poderá ser, amanhã, valioso amigo e professor para nossas consciências. Deus será sempre misericórdia e nós devemos ser simplesmente filhos dessa misericórdia. Não devemos esquecer que, para encontrarmos o caminho da libertação, devemos iniciar retirando o pé das sandálias e fazendo de nossas vidas verdade, trabalho, luta e transformação... I Aproximando-se do novo amigo, Tacitus levantou-o pelos braços: - Vamos! Levanta-te sem aflições ou angústias. Não te faltarão oportunidades para reparar as falhas de ontem. Ficarás em minha residência e, de minha parte, terás apoio, terás minhas mãos e, sobretudo, meu coração.

Demetrius e Tacitus abraçaram-se afetuosamente, registrando os mais sagrados vínculos de amizade e consideração. No céu,

magnífico espetáculo colorido anunciava a partida do sol, que repousava' sereno nos braços das colinas.

Naquela mesma noite, Pompilius retomou dos campos de treinamento do exército. Atravessava o salão principal, retirando o elmo e afrouxando a armadura, quando achou a casa por demais silenciosa:

- Pelos deuses! Onde estão os servos deste solar para me auxiliarem? Miriam, onde estás?

Assustada com os gritos, que pareciam costumeiros naquela morada, Sofia tentava compreender a origem daquela voz. E, quando se viu diante do rapaz, ela sentiu a face rosada. Pompilius, totalmente entregue aos encantos da jovem, disse:

- Creio que não estou equivocado. Se não estou sonhando, estou em minha morada. O que fazes aqui? - perguntou, enquanto procurava se aproximar da moça, que se esquivava o quanto podia.

- Seja quem for que te trouxe para cá, oferecerei aos deuses, em tua homenagem, o sacrifício do melhor animal destas terras.

Minam, percebendo a situação, apressou-se em ir ao encontro de Pompilius:

- Desculpa o atraso. Não aguardávamos um retorno tão breve. Prepararei na biblioteca o vinho e logo traremos água fresca para te aliviar do calor e o cansaço do pó da estrada.

Os olhos do patrício estavam estagnados diante da jovem. Miriam retirou-se do recinto juntamente com Sofia e foi preparar as ânforas de água fresca, enquanto o general, fazendo-se ouvir, foi saudar o filho:

- Meu filho! Retornaste antes do previsto. Sejas bem-vindo em teu lar!

Após as saudações, Pompilius animadamente relatou ao pai os planos das futuras conquistas planejadas pelos exércitos

romanos. Isso manteve o velho soldado satisfeito e orgulhoso, mas ele não deixou de buscar oportunidade de trazer o assunto para suas intenções de uma prole para o filho:

- Percebi que já encontraste Sofia. O que achas dela?
- Meu pai! O homem que possuir o coração dessa mulher será honrado, será um escolhido dos deuses. Quisera eu poder ser este homem.

- Como não poderás ser este homem? Ela te pertence. Eu apostei com Virgilius em um jogo simples e lhe ganhei a filha para que ela seja tua esposa.

Pompilius, como um jovem cheio de sonhos, via-se como um pássaro cativo e, ouvindo as palavras do pai, demonstrou insatisfação:

- Sou um soldado! Não posso receber tal presente. Como poderei consorciar-me com alguém que não sente nada por mim, que não me conhece, ou melhor, que foi arrebatada em um jogo? Sou livre e assim quero continuar. Nasci para o exército e não abandonarei minha carreira militar.

- És um ingrato. Queres continuar nos braços de mulheres que a terra se envergonha em receber? Não queres ver a continuidade de nossa família? Desde que tua mãe morreu, dediquei-me a ti. Ensinei-te o ofício das armas e, desde cedo, o que é ser um homem honrado. Permite-me morrer consciente de que minha família não terminará na ponta de uma espada anônima ou nos ventres infames de nossa sociedade.

- Quero ser livre para as lutas nos campos de batalha, quero sentir que o céu me pertence. Não estou pronto para exercer a tarefa de ser pai, tampouco ser um escravo de tuas vontades. Agradeço-te a dedicação e tudo que me ensinaste, mas não

poderei olvidar-me da tarefa que devo a Roma. Além do mais, quero eu mesmo conquistar meus amores.

Sofia e Miriam, paradas junto à porta, traziam uma bandeja com uvas, ânforas de vinho e água e, sem esforçarem-se, ouviam a dura conversação. O general, não se permitindo nenhum gesto de compreensão, sentenciou o próprio filho:

— Já decidi. Vais te consorciar com Sofia o mais breve possível.

— Pai! Não faças isso. Sequer conheço essa mulher. Não farei isso para te agradar. És o pior guerreiro que conheci em minha vida. Não sou igual aos escravos que arregimentas em tuas conquistas.

O general, furioso, lançou-se contra o filho e, de punho cerrado, abriu-lhe o supercílio. Gritando, sentenciou:

- Conhecerás essa mulher com o tempo, não importa! Além do mais, nas ruas de Roma, todos comentam a origem, a idoneidade, a confiança e, sobretudo, a honra da família de Virgilius. Essa jovem foi requisitada para diversas linhagens familiares, porém somente tu serás o esposo dela.

Então fez-se mudo ambiente. Sofia, ao ver que Pompilius tinha sangue vertendo em sua face, espontaneamente retirou o véu e calmamente colocou-se a tratar o soldado. Este, por sua vez, não querendo que o pai percebesse sua íntima satisfação em ser tocado pelas mãos brandas da jovem, levantou-se rapidamente, deixando o recinto sem nada dizer, abandonando o ar agitado, consumido de desavenças e falta de compreensão.

Vendo o filho sair apressado, o general agarrou um cálice de vinho e bebeu-o de uma só vez. Enquanto isso, Miriam amparava a jovem, que se mantinha ajoelhada enquanto segurava o véu ensanguentado:

- Vem, minha querida! Por agora basta desta demonstração de horror.

Contudo, a noite caiu serena sobre aqueles filhos de Deus e, nos braços noturnos, a esperança de dias melhores pairou sobre suas consciências.

## **CAPITULO VIII Sacrffícios e Dívidas de Amor**

Na residência do general, as pessoas lutavam para se adaptar às suas novas vidas. Pompilius, tentando fugir à proximidade de Sofia, mantinha-se com seu pai a maior parte do tempo, entretidos os dois com os ofícios estratégicos do exército.

Naquela tarde, Miriam e Sofia, muito unidas, mantinham-se ocupadas com os afazeres rotineiros, entre conversações triviais, e também se dedicavam à reconstrução do frondoso jardim. De súbito, ambas ouviram que vinham do salão gritos que pareciam de alguém sob severo açoite. As duas mulheres, ansiando por algum esclarecimento, seguiram para lá apressadamente. Quando chegaram à sala principal, Calcurnia, sem piedade, ordenava que uma jovem escrava fosse severamente punida pelas mãos de Atrimedius, um africano que trazia a força em seus braços e que sempre cumpria os mandos da irmã do general nos assuntos de corrigendas dos servos.

Sofia, observando o sofrimento da jovem, correu para tentar ampará-la:

- O que fez esta mulher de tão grave para sofrer tamanha punição?

Calcurnia, vertendo ódio dos olhos, respondeu:

- Esta infame leva no ventre um filho. Quero que seja açoitada até que o ser que carrega seja definitivamente morto.

Já é sabido por estes míseros que não permitirei nenhum deles procriar nesta residência. Como ficariam os serviços? Como dividir meu teto com esses servos sem raízes? É melhor que aprendas a discipliná-los, assim como eu.

Sofia ajoelhou-se, retirou o manto que lhe envolvia os ombros e o depositou sobre a serva ferida, que agonizava sobre sua própria dor. Assustada, a moça retribuía o carinho recebido com um olhar triste e brilhante. Como, naquele instante, não confiar nas mãos amigas que recaíam sobre seu coração? Contudo, não suportando o martírio, num suspiro frágil ela cerrou os olhos para a vida. Calcurnia, observando o gesto de comiseração de Sofia, sentiu-se afrontada e gritou alucinadamente:

- O que fazes? És igual a estes imprestáveis!
- Não, senhora, não estou acostumada a estes cenários de horror.

Secando as lágrimas e segurando o corpo inerte, Sofia continuou a falar, corajosamente:

- Ela está morta! Percebo que nada tenho a aprender com essa demonstração de severidade. Com minha família aprendi o valor do respeito pelo nosso semelhante. Minha mãe jamais ousou punir quem quer que fosse. Vivíamos em paz. Coisa que, me parece, desconheces. Estou vivendo neste solar contra a minha vontade. Porém, enquanto estiver aqui, não permitirei que ninguém sofra penalidade ou injustiça para satisfazer o egoísmo alheio.

Calcurnia, completamente perturbada pelas palavras de Sofia, lançava sua furia no recinto:

- i Como ousas falar assim comigo? Ainda não te consorciaste com meu sobrinho. Ainda és tal qual uma serva comum e por isto também sentirás o peso de minha ira.

Com frieza, Calcurnia se dirigiu para Atrimedius, ordenando-lhe:

-Já que estamos diante de uma heroína, como sou misericordiosa e sábia, ensinar-lhe-ei a nunca mais me desafiar na frente de meus servos. Ela receberá a mesma sentença que a escrava morta.

— Senhora! Não é lícito o que fazes agora. Tem misericórdia! - suplicava Miriam, sem ser ouvida.

Vendo que não era atendida, a velha serva ordenou a um escravo que fosse ao encontro de Pompilius para relatar-lhe as ocorrências, sem que Calcurnia percebesse. Neste ínterim, o servo Almerio, que trazia no semblante a marca de anos de cativo, adentrou no recinto e pôs-se a tranquilizar Miriam:

- Acalma-te! Estás acostumada com isto. Nada podemos fazer agora. Deus há de se compadecer de todos nós.

Enquanto isso, Atrimedius, aturdido, contemplava o meigo semblante de Sofia: inexplicavelmente, o rosto da moça lhe continha as forças, por vezes tão espontaneamente descontrolada.

Quieta e resignada, Sofia suportava seu martírio, demonstrando força e coragem no enfrentamento das sombras que há tantos anos residiam naquele lugar.

Quando Sofia caiu desacordada, Calcurnia ordenou a Atrimedius que parasse e, em seguida, retirou-se. Miriam e Almerio imediatamente foram socorrer a jovem, cuja túnica alva estava agora completamente estampada com o seu sangue. Acomodando-a em seu humilde aposento, Almerio não poupava esforços em tentar aliviar-lhe as dores. Miriam, surpresa com a destreza revelada pelo amigo no manejo daqueles rudimentos de medicina, perguntou-lhe admirada:

- Sei que não é o momento, mas não sabia que conheces a medicina. Sempre foste um escravo comum e jamais ousei perguntar algo sobre o teu passado. Agora estou surpresa contigo.

- Tive medo de que soubessem de minha profissão e que eu fosse obrigado a seguir as caravanas em campos de batalha. Por isso, submeti-me aos trabalhos mais severos desta vivenda. Não suportaria viver meus dias vendo filhos de Deus em estado latente de sofrimento.

- Sinto que esta criança não suportará o martírio.

- Tenhamos fé! Deus não nos abandonará agora.

Algumas horas haviam passado quando foram ouvidas no recinto as vozes de Pompilius, de Drusus e do general. Calcurnia, por sua vez, esbanjando vaidade e irreverência, preparava-se para participar de uma festa que aconteceria logo mais, na residência de um patrício amigo. Pompilius, completamente irado com a postura da tia, ordenou a ela que contasse o que tinha acontecido. Após ouvir esta versão, ele disse, preocupado:

- O que fizeste? Espero que não tenhas cometido nenhum gesto insano contra Sofia.

I Ela mereceu o que recebeu. Queres saber onde está? A esta hora deves procurar outra mulher para consorciar-te, pois ela deve estar morta.

O general, transfigurado, fez-se presente com uma única frase:

- Minha irmã: espero que o que disseste agora não passe de uma alucinação, pois, se ela morrer, tu morrerás pelas minhas próprias mãos!

Após ouvir as palavras do irmão, Calcurnia fitou-o com frieza e arrogância, saindo, em companhia de Drusus, em busca do

divertimento vazio que os aguardava na festa do seu amigo. Pompilius, desesperado, avistando Miriam, perguntou:

— Dize-me, por misericórdia, onde ela está? Está viva?

- Vem comigo. Apesar do sofrimento, Sofia é forte e viverá.

Assim, o rapaz foi encaminhado ao aposento onde Sofia, desacordada, era envolvida por imensa paz.

A vida, apresentando suas faces diversas, fazia com que o filho do general causasse espanto em todos os presentes: ao segurar as frágeis mãos de Sofia, levou ao encontro de seu rosto, permanecendo assim, por toda noite, ao lado daquela que de alguma forma havia tocado seu rude coração.

Pela manhã, Sofia abriu os olhos e registrou a presença de Pompilius ao seu lado. Com dificuldade pediu ao patrício:

- Por misericórdia, peças para que meu professor e tutor venha ao meu encontro.

Pompilius imediatamente ordenou a Almerio que fosse buscar Tacitus.

Após algumas horas, timidamente, a figura do velho grego despontou na porta do aposento. Miriam, ao ver o amigo de anos, não conteve as lágrimas e, num gesto espontâneo, correu para abraçá-lo fofamente:

- Por Deus! Deve ser uma imagem que não posso tirar do meu coração. Meu velho amigo que há tantos anos não via é, por fim, o professor falado tão carinhosamente por esta menina!

- Acreditei que já estavas morta - disse o velho grego, em meio a lágrimas de surpresa e felicidade. — A vida se encarregou de nos unir novamente. Diante deste piedoso momento, curvo-me diante de Deus para mais uma vez reconhecer a sua grandiosidade.

Pompilius, que se mantinha calado todo o tempo à cabeceira da jovem, observando as demonstrações de afeto, retirou-se do recinto.

Sofia, com uma melhora aparente, sentou-se com dificuldades e, sorrindo, abençoou os corações presentes:

- Pouparei as apresentações. Agradeço a Deus por saber que os dois corações que mais amo e confio são amigos há muito tempo.

- Minha filha! Somos amigos de muitos anos, mas o que importa agora é saber como te encontras.

g Início meus testemunhos de fé e meu caminho de sofrimento. Assim, aqueles amigos lembraram o passado e mantiveram-se em conversação ao longo de todo o dia.

Nos dois dias que se seguiram, Pompilius acompanhou todos os passos de Sofia. Porém, em seu orgulho de soldado, ele não permitia que o pai desconfiasse de que para ele era uma felicidade interior dividir o teto com a mulher que lhe tocava a alma.

Naquela tarde, o patrício sentou-se na biblioteca, entre as leituras de estratégias guerreiras e a presença de Sofia em seu pensamento. Nesse ínterim Miriam com carinho adentrou a sala para lhe trazer um cálice de vinho:

- Acredito que estás com sede. Portanto, adiantei-me e trouxe um cálice deste vinho, é o melhor que temos agora.

- És para mim uma abençoada mulher que pacientemente conviveu conosco fazendo a maldade de minha tia desaparecer. Não conheci minha mãe, e é por isso que te respeito profundamente como a única mulher que conheci na posição de uma mãe.

Apertando contra o peito as frágeis mãos da serva, ele continuou:

- Auxilia-me, pois a única bondade que conheço é a tua. Não consigo explicar o que acontece comigo. Sempre possuí as melhores mulheres que pude conhecer. Todos os patrícios invejam-me na arte das conquistas femininas, mas confesso-te que estou enfeitado. Não consigo desvencilhar-me dessa mulher e não sei explicar o porquê. Confesso que diante de Sofia sinto-me incomodado, diferente, sem saber a razão. Quando estou diante dela, seu olhar atordoava-me. Tenho medo de fraquejar. Ela é tão diferente de tudo que conheci em minha vida até agora. Ajuda-me, por misericórdia, pois até os ofícios guerreiros, que eram minha vida, deixam-me em dúvidas. Estou fatigado dessa vida de mortes.

- Tenho por ti a admiração de uma mãe por um filho, mas na vida sempre chega o momento da transformação e da escolha. Somos como embarcações em alto mar buscando escapar das tormentas naturais e também daquelas que conquistamos nos cipoais de nossos sentimentos. O nosso coração também suplica por paz e busca um porto para descansar tranquilo. Encontramos criaturas que fazem parte de nossas histórias. Não posso falar-te muito sobre os aspectos do coração, pois não vivi tantas experiências ligadas a ele. Mas, dentro de minha alma, sei que a maior conquista de tua vida está no coração dessa jovem. Deixa que teu coração diga alguma coisa para tua razão. Foste agraciado por um amor que jamais havias sentido. Permite que esse amor transforme tua alma.

- Não sabes o que dizes. Minha carreira militar está em ascensão, sou quase general. Como fraquejar diante de um assunto tão banal? Então estou adoentado?

- O assunto não é banal. Refere-se a tua vida. Lutas para não aceitares esse amor e te recolhes para não conheceres a brandura de Sofia. Tens medo da maior revelação de teu coração. Não estás adoentado: estás amando. Aceita teu destino e não propicies mais sofrimento a essa jovem que, inocentemente, conheceu as amarguras mais severas para poder chegar até aqui. Creio que Deus concede maneiras diversas para unir os corações daqueles que deverão compor as páginas da vida, nos vínculos sagrados da família. As estradas desconhecidas são, na grande maioria das vezes, sinuosas, e felizes são aqueles que suportam o peso do sofrimento para chegar ao destino. Libertate das algemas que tu mesmo colocaste em torno de tua alma. Teu pai, apesar do modo frio, também quer o melhor para ti.

— Agradeço-te o carinho, mas sinto-me dividido entre as lutas de minha carreira e as lutas do meu próprio coração.

Miriam, osculando-lhe a fronte, despediu-se, deixando-o envolvido em seus pensamentos desencontrados.

## **CAPÍTULO IX Verdades e Consolação**

Três dias após aquela conversa de Pompilius e Miriam, já noite alta, Sofia estava sem conseguir dormir, tentando reconhecer as ruínas de um jardim que no passado deveria ter sido grandioso recanto de paz. Caminhando sozinha, assustou-se ao perceber que alguém acompanhava seus passos. No clarão da noite, o rosto fino de Pompilius reluziu no recinto. Ao vê-la ofegante, colocou-se a servi-la, prestimoso:

- Desculpe! Não tinha a intenção de te assustar. Confesso-te que há dias tens me furtado o sono. Qual é a magia que carregas, que me faz fraquejar diante da minha própria vida?

- Senhor! Desculpa-me, mas não compreendo o que dizes.

- Bem sabes que desde o dia que deitei meus olhos sobre ti em tua residência jamais abandonaste meus pensamentos. Sei que a conduta de meu pai poderá nos afastar, mas quero que saibas que meus sentimentos são nobres, apesar da dificuldade do momento que surrou nossas vidas com a furia de grandiosa tempestade. O que teria eu que fazer para te merecer? Seria eu agraciado por poder viver ao teu lado? Será possível sermos felizes, mesmo começando as nossas vidas de uma forma tão alheia a nossa vontade? Deixa-me provar que, apesar de ser um homem rude, também posso amar.

Sofia, com a face rubra, tinha os olhos ressaltados por um intenso brilho. Respirando profundamente, ela disse:

- Podemos viver a felicidade, mas ela não está onde nós mesmos a colocamos. Ela reside em nossos corações e somente Deus pode nos conceder a real beleza de senti-la plenamente. Iniciamos uma vida de forma hostil e isto nos estava determinado. Rogo-te: ensina-me a compreender o sangue que tinge tua túnica quando retornas das lutas. Ensina-me a compreender os mais nobres sentimentos que carrego por ti. Haja o que houver, obstáculos, torturas ou severas provações, para sempre conservarei o teu rosto em minha alma com a única certeza de que Deus sempre nos sustentará.

Com as faces orvalhadas, ela continuou:

- Desde o primeiro dia em que meus olhos recaíram sobre ti, carrego em minh'alma a convicção de que és meu bem-amado. Na senda que trilharemos, novo clarão de esperança nos envolverá e os frutos do nosso amor não carregarão a sombria missão de continuar as estradas das sombras: eles serão nossos filhos e a constatação do nosso amor confirmado nas alturas.

Abençoaremos as nossas feridas com o triunfo dos nossos corações.

- Os meus deuses são diferentes do teu Deus, mas eu suplico que as tuas palavras não fujam de minha lembrança por toda a eternidade. Serei teu aprendiz e rendo-me aos mais singelos ensinamentos para poder viver nos retos caminhos que te conduzem neste chão. Estou renascido agora e ajoelho-me diante de ti para provar que mereço o teu amor.

- Se iniciamos nossas vidas de forma alheia à nossa vontade, rogo-te tão-somente que sigamos nossos passos longe deste solar. Fixemos morada na residência que um dia pertenceu a minha mãe. Lá teremos uma história de paz. Que Miriam e Almerio nos acompanhem, pois sei que meu pai nada possui a não ser a dor que aporta em seu coração.

- Minha querida! Concordo contigo. Assim faremos: daremos sequência às nossas vidas longe das influências que possam um dia turvar os nossos sonhos.

A beleza da noite e o clarão das estrelas abençoavam aqueles filhos de Deus que, resignados, buscavam o conhecimento dos seus próprios destinos, entre falas que detalhavam seus sonhos sobre o futuro e juras eternas de um amor coroado pelos mais nobres portais do céu.

Dez dias transcorreram. Naquele final de tarde, os servos corriam agitados para preparar os últimos detalhes para a cerimônia do enlace do filho do general e de Sofia. O casal tinha a felicidade estampada na face. O salão principal havia sido decorado com todas as riquezas provenientes da vaidade de Calcurnia. Como um grande evento social, patrícios, magistrados e ilustres membros do exército começavam a chegar.

A festividade transcorria tranquila e Pompilius já não escondia dos olhos do pai a satisfação por poder desfrutar seus dias com aquela jovem que havia tocado sua alma inesperadamente.

Miriam, com todo carinho, como uma mãe orgulhosa de sua filha, ajustava os mínimos detalhes do vestido de Sofia. Abrindo caminho entre os convidados, fez-se presente a jovem, que deslumbrava a todos com sua beleza simples e marcante.

Os olhos de Pompilius pareciam querer saltar de contentamento. Estando os jovens de mãos dadas, foi realizado o enlace. Ambos mantiveram-se unidos por toda a noite, incapazes de se distanciarem um do outro, de repartirem-se entre os convivas.

Já era noite alta quando a festa terminou. Somente alguns soldados, Calcurnia e Drusus continuavam naquela residência. Foi então que, no fundo do salão principal, um distúrbio iniciou-se. Era Virgilius que, sem utilizar a razão, avançou em direção ao general, lançando sucessivos golpes em sua face e gritando com ira:

- Infame! Não és digno de carregar os títulos de honra de nossa Roma. Arrancaste de mim minha vida. Não permitirei que assim procedas com minha filha.

Os legionários presentes à cena não compreenderam o que acontecia. De todo modo, retiveram Virgilius, enquanto o general ordenava, severo:

- Sentenciarei tua vida de forma que passes o resto dos teus dias nos cárceres mais fétidos de Roma.

Sofia, atordoada, correu na direção do pai. Sustentado por dois soldados, ele se rendeu ao vê-la e lentamente caiu ajoelhado, e assim ficou, chorando no chão:

- Filhinha querida, se és capaz, perdoa-me. Nada fui e nada sou para merecer teu perdão, porém deixa-me ouvir dos teus lábios que me perdoas somente para que eu possa morrer agora.

- Meu pai! Já te perdoei desde o dia em que saí de nossa casa. Não carregues o peso do remorso ou a angústia pelos fatos passados. Lembra-te de que "na tua angústia todas estas coisas te atingirão; no fim dos tempos, porém, tu te voltarás para o Senhor teu Deus e obedecerás à sua voz..."<sup>7</sup> Deus ouvirá teu coração clamando por misericórdia. Eleva o pensamento e busca em nosso Criador a divina inspiração para continuar.

Irritado com a atitude de Virgilius e sem que ninguém percebesse, o general sinalizou para um soldado, que retirou um punhal que trazia na cintura e, sem uma palavra, cravou-o várias vezes nas costas do patrício. A vítima não suportou os golpes e desabou no solo. Vendo o pai desfalecido, Sofia amparou-o em seu colo. Miriam, sempre presente, ajoelhou-se para apoiar a jovem. Em um gesto de despedida, o velho deslizava a destra pelo rosto da filha:

— Filha! Perdoa-me, mas não suportaria viver com a dor que tenho em meu coração. Não sou digno da vida. Esse soldado foi uma bênção para minha alma. Perdoa-me, perdoa-me...

Com o pai nos braços, tendo apenas Miriam por testemunha, Sofia orava em voz baixa para que ninguém mais a ouvisse:

— "Tu és bom e perdoas, Senhor, és cheio de amor com todos os que te invocam."<sup>8</sup> Senhor nosso, tem compaixão daqueles que não podem vislumbrar o encanto do teu amor. Somos filhos de nossa própria ignorância e por ela somos perseguidos. Não permitas que inquietações burlem a fé que reside em nossas almas. Não permitas que a ventania remova a esperança de junto de nós. Sê para sempre bendito, pois somente a tua luz é capaz

de perdoar, com todo o desprendimento e abnegação. Sê para nós, Senhor, o apoio digno e o amparo para aqueles que são coroados pela travessia radiante chamada morte.

Apesar do ambiente denso das tristes brumas do momento, as cândidas figuras dos emissários dos céus — Jeremias e Horacio - faziam-se presentes na tentativa de acolher aquele filho de Deus recém- chegado a um mundo novo e desconhecido. Mesmo vendo oferecidas as radiantes e carinhosas mãos dos emissários, Virgilius, totalmente perturbado, ignorou a presença deles e seguiu outras criaturas. No invisível, estes outros seres carregavam dores como a de Virgilius por caminhos distantes da luz e as levavam para o reservatório de sua própria consternação pessoal.

O corpo do magistrado foi retirado do recinto sob expressas ordens de sigilo sobre o ocorrido.

Pompilius, abraçando Sofia carinhosamente, consolava-a o quanto podia. Vendo a figura do pai, comunicou-lhe a decisão íntima de sua partida:

- Meu pai! Estou farto de tudo isto: hoje mesmo eu e minha esposa iremos embora. Levarei comigo Miriam e Almerio. Quero estar longe de ti e de minha tia, criaturas iguais nos propósitos obscuros de vossos corações.

- És um ingrato. Tudo fiz por ti e agora partirás? E meus netos? Como ficarão? Essa mulher enfeitiçou-te. Se soubesse que trarias para meu lar uma víbora, jamais teria aceitado apostar, jogo que está me custando muito caro.

- Pelo pouco de respeito por ti que ainda me resta, sairei o mais breve possível.

O general e sua irmã ouviam as palavras de Pompilius em silêncio, guardando em seus corações a insatisfação e o desgosto

que massacravam seus pensamentos.

## **CAPITULO X Novo Lar, mais um Recomeço**

O tempo seguia seu curso sem saltos ou fantasias, e sim delineando a realidade que, por vezes, apresentava-se com o sabor de esperança.

Na nova residência, os dias de Pompilius e Sofia eram coroados por calma e felicidade. Para breve, haveria a chegada da pequena criança que a filha de Áurea trazia em seu ventre.

Naquela manhã, Sofia, com dificuldade, auxiliava Miriam no trato do jardim. E eis que elas foram surpreendidas pela presença de Tacitus:

- Minhas queridas! Confesso que estão em vossos lugares corretos, entre as flores, pois chego a confundi-las com seus semblantes perfumados. Trago aqui um amigo para lhes apresentar.

Aproximando-se do homem que trazia a face direita coberta, trouxe-o para perto delas:

- Este é Demetrius, um filho com que a vida me presenteou.

Miriam aproximou-se dele, tentando reconhecê-lo. Emudecida, segurava suas mãos com carinho:

I Por Deus! Perdoa-me, mas por breve momento acreditei-me diante de meu sobrinho. A semelhança do teu nome atordoou meus pensamentos. Sei que é impossível, mas, diante da coincidência do nome, julguei que Deus pudesse tê-lo trazido de volta ao meu coração.

Devido ao convívio com Tacitus, Demetrius havia se modificado. Recebendo aquelas palavras carinhosas, retribui com respeito:

- Senhora! Sou grato, porém não seria digno de ter alguém tão nobre como parente. Quisera eu poder ter essa graça.

I Ora vamos! - disse Tacitus, interrompendo a conversa emocionada. Í Trouxe-te aqui para que nossos vínculos se estreitem e para que conheças as mulheres mais corretas desta região.

Miriam, secando as lágrimas, saiu em busca de uma ânfora de vinho. Enquanto isso, Demetrius tentava esconder o rosto de Sofia, que, percebendo o seu constrangimento, disse:

- Todos nós possuímos lados antagônicos em nossas vidas. De um lado sombras, tristezas, culpas, remorsos e erros e, de outro, luzes, alegrias, buscas, liberdade e acertos. Dessa forma, não devemos nos envergonhar do que fomos ou do que somos. Somos filhos de Deus, com capacidade para fazer o que hoje é turvo se modificar em clareiras do bem. Não nos compete registrar os erros alheios, mas sim exaltarmos aqueles que são capazes de um recomeço.

Com uma bandeja nas mãos, Miriam ouvia as palavras de Sofia, enquanto Demetrius chorava como um menino:

- Senhora! Perdoa-me. Até os dias de hoje não compreendo por que tanta bondade recai sobre mim. Primeiramente, Tacitus aco- lheu-me como um pai recebe um filho. Agora sou recebido pelo coração que tanto machuquei e que não demonstra sequer um traço de vingança ou ódio, mas exalta-me o coração, fazendo-me fortalecido para enfrentar meu cárcere interior. Sabes quem sou? Sou o gladiador que sentenciou tua família à morte e tu à escravidão.

- Sempre soube quem tu és. Tacitus havia falado sobre ti. O gladiador de ontem agora é para mim a alma boa que Deus me enviou para compartilhar meus dias. Sejas bem-vindo em meu lar,

pois ele também será teu. Como poderia esquivar-me de tua alma? Não me concedeste a escravidão: carrego um filho no ventre e sei que ele precisará de homens corretos ao seu lado para educá-lo e firmá-lo no chão. Por isso, és meu amigo e jamais te sintas aqui oprimido pelo passado, pois o passado é tal qual o vento que sopra uma única vez e jamais se repetirá.

Miriam, emocionada, completou:

- Meu caro! Desconheces a bondade que reside nesta mulher. Sentirás a força do amor que um dia eu senti tendo a honra de vir participar deste lar. Vamos, necessito de auxílio no jardim, pois Sofia sequer consegue manter-se em pé.

Refeito, Demetrius seguiu para o jardim, sem desconfiar de que estava diante de sua tia.

Enquanto isso, Sofia e Tacitus atualizavam as notícias:

— Minha querida! Em breve darás à luz esta criança e temo pelo futuro, pois as notícias que correm nas vias romanas é que jamais voltaste à casa de Calcumia e do general. Ambos encontram-se irados com essa atitude. Sabes bem que eles são vingativos e não sabemos com que o futuro nos presenteará.

— Não temo a vingança. Estou feliz ao lado de meu esposo. Pompilius tem se modificado a cada dia e a chegada desta criança nos trouxe alegria, não cabendo lugar às amarguras de corações tão doentes. Temo por esta criança. Todos os dias oro a Deus, para que nos conceda a felicidade de poder transformá-la em filha de Deus. Olhemos para frente. Nas mãos do criador entrego meu destino desde o dia em que saí de minha casa. "Guarda-me, ó Deus, pois eu me abrigo em ti."<sup>9</sup> Não foste tu que me ensinaste essa passagem? Assim, sinto-me amparada e nada me fará ceder neste momento.

Emocionado, o velho grego osculava a face de Sofia e eles continuavam conversando sobre os dias que viriam.

Naquela mesma noite, o firmamento era recoberto pelo forte brilho das estrelas que presenteavam os olhos de todos com enorme espetáculo que rivalizava com a lua, ressaltando em beleza naquele instante. Nas águas cristalinas da fonte do jardim, refletiam-se a serenidade e as bênçãos dos céus. Sofia sentia as primeiras dores para trazer à luz a criança tão amada.

Miriam, com toda dedicação, fazia tudo para auxiliar Almerio, que, com seu conhecimento, dava segurança a todos para que em breve a alegria aportasse nos braços frágeis da jovem mãe. Enquanto Demetrius atendia as ordens de Miriam, Tacitus tentava acalmar o nervosismo natural de Pompilius:

- A missão mais sublime que Deus concedeu a seus filhos é a paternidade e maternidade. Exaltemos o Senhor, pois Ele nos agracia com filhos do ventre ou do coração.

- Conheço muito pouco desse teu Deus - disse Pompilius com os olhos brilhantes. - Minha esposa pacientemente me fala dele diariamente, mas ainda não consigo compreender as essências mínimas que te fazem ter tanta dedicação a Ele.

- A única essência que posso sentir é a fé. Ela, sim, modifica cada um de nós, para enfrentarmos o futuro.

—Não falas como alguém que um dia foi um escravo. Sofia relatou-me tua história e todas as vezes que conversamos eu me senti sereno, acolhido por alguém que me faz direcionar os pensamentos para uma nova vida, senti-me como um filho escutando os conselhos de um pai. Queria eu poder ser para meu filho alguém que além de armas e mortes pode oferecer-lhe instruções para a vida.

- A tarefa de ser pai é grandiosa dádiva de aprendizado de luz: é em regime temporário que Deus entrega seus próprios filhos para receberem instruções daqueles em quem Ele confiou. Devemos dedicar nossas vidas à caridade santificada, quando somos chamados a atender os corações que aportam em nossos braços. Muitas vezes, tudo faremos, mas teremos somente o mundo como escola para ensinar a disciplina, a liberdade e a responsabilidade.

Fazendo uma pequena pausa, Pompilius suspirou profundamente e, mantendo o olhar fixo no horizonte, disse:

— Decidi que não irei mais para os campos de batalha. Farei os ofícios administrativos do Estado.

— E teu pai? O que achará disso?

— Desde que me ausentei com minha família daquele lar, não permito que meu pai ou minha tia interfiram em minha vida. Estou exausto dos horrores que vi durante a minha vida toda. Quero paz, quero viver com meu filho e minha esposa.

Nesse ínterim, um choro agudo ecoou nos aposentos de Sofia. Os dois homens correram e encontraram Miriam, sorrindo oigulhosa, ajustando a pequena criança em uma peça de linho alvo. Com carinho extremo, ela aproximou-se de Pompilius e acomodou-a em seus braços desajeitados:

- Vamos, vamos! Segura teu filho. É um menino robusto e goza de plena saúde, apesar de uma certa dificuldade por causa do seu tamanho. Sofia é uma heroína e está bem.

Os olhos marejados do patrício não escondiam sua emoção. Sentando-se próximo da esposa, ambos admiravam a criança com o amor mais puro de seus corações. Pompilius, olhando para ela, cansada e feliz, disse:

- Nosso filho se chamará Octavius Claudius Gracus.

Tacitus, emocionado, aproximou-se e orou:

- “Junto à torrente, em sua margem, de um lado e do outro, encontrar-se-á toda sorte de árvores de frutos comestíveis, cujas folhas não murcharão e cujos frutos não se esgotarão: produzirão novos frutos de mês em mês, porque a sua água provém do santuário, pelo que os seus frutos servirão de alimento e as suas folhas de remédio.”<sup>10</sup> Senhor Deus, Pai eterno daqueles que choram entristecidos e que caminham sem destinos: sê, por misericórdia, a fortaleza para os que acabam de aportar nas esferas da carne para receberem o aprendizado para suas almas. Nos erros que há de cometer, sê presente, Senhor, instruindo-o no caminho do teu amor. Nas aflições que há de conhecer, sê presente, Senhor, sendo a esperança que renova. Nos conflitos e dúvidas que há de escolher, sê presente, Senhor, pois és a divina chama que transforma os corações em renovada e redimida perseverança, vida e fé. Se não somos merecedores do teu infinito amor, clamamos por aqueles que amamos, pois sabemos que jamais abandonarias teus filhos perdidos nos cipoais das próprias emoções: haverá sempre tuas piedosas mãos iluminando e acalmando os corações de todos que saúdam a criança recém-chegada.

E assim a noite transcorria serena. Junto à ventania do anoitecer, aqueles corações sentiam o acalento do invisível. E, sem perceberem, eram eles agraciados pelas presenças radiantes de Jeremias, Horacio e Áurea, que derramavam sobre seus filhos o eterno e pleno amor que os unia.

## **CAPITULO XI Travessias e Reencontros**

Quatro anos se passaram sem muitas alterações, e em cada coração havia a fé e a coragem para continuar vivendo em total consciência da necessidade de se transformar em um verdadeiro filho de Deus.

Miriam, Tacitus e Demetrius firmavam seus vínculos de amor e entre eles existia a certeza de que um elo maior, advindo dos céus, coroava-os. Sofia transformara-se em mãe dedicada, apesar da oscilação da sua saúde após o nascimento de Octavius. A força do Deus único invadia aquela residência como chama renovadora de esperanças. Através de Tacitus, Pompilius conseguia lentamente compreender os preceitos de uma vida renovada. O quase general havia se afastado do campo de batalha e assim mantinha-se envolvido com as questões do Estado, voltando-se para as estratégias administrativas do exército.

Enquanto no lar de Sofia a paz era emissária e companheira, na residência de Titus vamos encontrar Calcurnia muito distante da serenidade. Naquele dia ela estava irritadiça. Em suas explosões de ódio e vingança, servos eram açoitados sem motivos e gritos raivosos ecoavam no ambiente — única forma de ela aliviar os infortúnios de seu coração e de sua mente doentia.

Deitada em um divã, ordenou que um servo fosse chamar Drusus. Assim que o patrício chegou, dirigiu-lhe excessivos elogios:

- És uma deusa viva! Não há mulher, em nenhuma parte de nossa Roma, capaz de ofuscar-te a beleza.

- Vamos, deixa de elogios.

Caminhando angustiada, ela prosseguiu:

- Conheço-te bem. Diante de mim sejas o que és de verdade, sem representações. Por todos estes anos suportei os falatórios sobre a separação de Pompilius, ele enlouqueceu com

influência daquela mulher. Eu e meu irmão estamos sendo alvo de sarcasmos em nosso meio. Sou vingativa e sei esperar o momento justo para fazer prevalecer a minha vontade.

- Após tanto tempo, somente agora despertaste a atenção para teu sobrinho? Será que esta é a única razão de tua vida?

- Não sejas tolo! Estava aguardando o momento certo para vera aflição de Sofia. O melhor do sofrimento é quando ele mata lentamente. A única razão que encontro na vida, são os benefícios que ela nos oferece. Veja o nosso caso: sabes bem que vivemos uma ligação afetuosa, a qual, confesso, não posso afirmar que seja puro amor. Acredito que o amor verdadeiro é aquele dividido com todos os corações que estão a nossa volta oferecendo-nos algo. Meu irmão é para mim a manutenção de minha vida de luxos - disse ela enquanto molhava os lábios com o vinho, que refletia seus olhos cheios de ódio. | Sou capaz de matar quem quer que seja para ter o que desejo.

Drusus deixava o suor escorrer pela face, tentando dissimular o nervosismo, buscando no vinho o alívio para o seu coração naquele momento:

- E o que tanto desejas?

- Vingança, somente vingança. Sofia desafiou-me por todos esses anos e chegou a minha vez. Estive em silêncio por muito tempo. Agora ela sentirá o peso de minha ira. Jamais alguém ousou falar-me ou agir diante de mim como ela o fez. Aquela infame ignora-me, assim como a Titus. Quatro anos que não pudemos nos aproximar do pequenino. Meu irmão está envelhecendo e a todo custo quer o primogênito. O tempo é meu aliado e farei com que ela não consiga ver aquela criança transformar-se em um homem. Meu sobrinho está ensandecido; quero que me auxilies.

- - Preciso garantir meu futuro. O que ganho te auxiliando?  
- Dinheiro. Bem sabes que a família Gracus possui herança em terras, casas e, sobretudo, riquezas dos conquistados.

- Minha cara: ofereces algo que não te pertence. Deixa-me entender o que terei que fazer.

- Sei que és amigo de diversos generais do exército. Vais me relatar todos os passos e desejos das legiões de Roma. Acompanharei por quanto tempo for necessário o caminho de Pompilius e encontrarei o justo momento para fazer com que ele pague tudo que me fez, excluindo-me de sua vida.

Neste ínterim, o general adentrou o recinto, fazendo-se ouvir:

- Ora, ora! Escutei a tua conversa. O que realmente desejas? Quem sabe poderá ser o mesmo caminho que o meu!

- Meu irmão! Não é justo o que Pompilius fez contigo. Ele foi envenenado pelos encantos daquela víbora. Não creio ser justo que eles te afastem do primogênito. Sei que és orgulhoso e somente por duas vezes deitaste teus olhos sobre o menino. Ele deve ser educado por ti e não pelo fracassado de meu sobrinho.

- Trouxe para cá aquela infame acreditando que poderia domar-lhe os instintos e, pela primeira vez, enganei-me. A carreira de meu filho transformou-se em poeira e meu neto crescerá ouvindo histórias fantasiosas de um Deus nascido nas entranhas de um povo sem destino. Sinto-me como um homem que foi traído pelos laços de seu coração.

Dizendo isto, o velho militar aproximou-se da porta para buscar no ar o alívio necessário.

- Farei com que meu neto, quando completar cinco anos, seja retirado de perto da mãe para ser encaminhado para as escolas do exército. Educá-lo-ei para que seja um soldado, um verdadeiro homem. Não suporto ouvir, nas vias romanas, os

falatórios sobre meu filho. Pompilius abandonou os campos de luta definitivamente, ficando responsável somente pelos ofícios administrativos do exército. Os deuses sabem que tudo fiz por ele. Prefiro vê-lo morrendo, mas com honra, do que com a vergonha de renunciar a uma batalha.

Calpurnia buscou um anel precioso e entregou-o nas mãos de Drusus:

- Para demonstrar minha bondade, inicio ofertando-te esta jóia. Meu irmão, não te preocupes: terás o menino, mesmo que isso custe a vida de Pompilius - e, fixando o olhar cheio de cólera sobre Drusus, ordenou: - Quanto a ti, quero que me mantenha informada de todos os passos de meu sobrinho e de sua família.

Os olhos gananciosos de Drusus sobressaíam no rosto maduro. Ele, sem escrúpulos, disse:

g Gosto de realizar meus negócios com pessoas generosas. Não vos decepcionarei. Mas não achas que deveria poupar um pouco os teus caprichos? Não compreendo por que em teu coração há tanto ódio contra o casal.

Calpurnia, cheia de cólera, lançou contra a parede o cálice que se encontrava em suas mãos. Enfurecida, gritou:

— Ora! Os deuses são sábios e sempre atuam em nosso favor. O que é o tempo diante do sabor da vingança? Quando essa criança tiver a idade prometida, cinco anos, eu agirei de forma a sacar a vida de Pompilius. Fragilizada, Sofia morrerá lentamente. Assim, eu volto a ser a força feminina de minha família.

Ajoelhando-se como quem havia perdido uma batalha, ela jurou a vingança:

— Eu prometo que me vingarei. Se não puder vingar-me em Pompilius ou em Sofia, esperarei como uma serpente que aguarda

o momento do golpe: atacarei seus filhos. O tempo será meu companheiro.

O general, escondendo o rosto entre as mãos, aliviando os suores que desciam pela face, complementou:

- Tens razão. Eu te auxiliarei. Como estrategista de guerra, seria incapaz de pensar em algo assim. Prefiro meu filho morto, estendido entre os soldados, do que envelhecido, sentado sobre o mármore do senado. Não há escolha a não ser sua morte. Assim poderei criar meu neto como sempre sonhei e longe daquela nociva mulher.

O ar pesado misturava-se com o ódio daqueles corações. Nas sombras, Calcurnia firmava a aliança, ignorante do significado das palavras perdão, esquecimento e, sobretudo, amor.

Após trinta dias daquele encontro na residência do general, Sofia estava repousando em um divã no jardim de sua casa, observando com carinho o entendimento de Miriam com Octavius. Ambos desfrutavam os encantos de brincadeiras ingênuas. De forma repentina e não habitual, Sofia adormeceu.

Despertando fora do corpo denso, ela encontrou Áurea, junto de Jeremias e Horacio, em extenso jardim. Identificou a presença da mãe e correu para abraçá-la:

- Mãezinha querida! Se estou sonhando não permitas que desperte. Seria eu merecedora de reencontrar-te ainda quando estou viva? Nossa separação é uma marca que não se afastou de meu coração e tua distância queima como a chama viva de ardente fogueira em minha alma.

- Filhinha amada! Jamais ausentei-me da tua proximidade. Longe do corpo, fiz-me mais próxima dos teus passos. Nossas esperanças, sonhos e conquistas são semelhantes e possuem um

único caminho, sustentado pelas estrelas radiantes dos céus, de onde Deus, nosso Pai, permite que a luz sempre vença as trevas...

- Mesmo trazendo em mim a felicidade deste instante, confesso que me sinto apreensiva com os dias que virão. A separação ainda é uma matéria de difícil compreensão. A morte, o egoísmo e a traição são, na maioria das vezes, a ruína para nossas almas. Temo por meu filhinho, por Pompilius, amor que a vida abençoou, por meus amigos Tacitus, Miriam e Demetrius. Este temor me faz fraca para enfrentar aqueles que são os mestres petrificados a testemunhar a nossa fé. Tantos inimigos e mal sei por que estão tão próximos de mim. Minha família é uma bênção, mas sob o mesmo teto estão algozes que mal reconheço.

Áurea, abraçando a filha com carinho, aproximou-se de Jeremias e Horacio:

— Viemos nas correntes brandas dos teus sentimentos, sob o amparo do Divino Senhor, para fortalecer-te o coração. E imperioso reconheceres todos os momentos de tua vida enquanto estás envolvida nos campos terrestres. Não te detenhas entre os pensamentos pessimistas, mas fortalece-te na fé e aceita com resignação todo o sofrimento, sem aportares tua alma nos portos amargos da reclamação que nada constrói. Não permitas que a inferioridade alheia seja capaz de atravessar teu coração como a lâmina fria de uma espada qualquer. Os inimigos de hoje nada mais são do que estradas que devemos restaurar. Em cada criatura difícil estará sempre a marca da perseverança e da paz, basta aprendermos a utilizá-las. Não fujas do campo de batalha, pois confiamos na força do teu amor. Conseguiste converter o coração de Pompilius e o fruto dessa conversão foi meu neto. Assim, inicia-se uma nova jornada para que as almas ríspidas de Titus e de Calcurnia também consigam encontrar o caminho da

luz. Recebe os desígnios dos céus no silêncio da oração. Nada poderá ser maior do que o amor de Deus para com seus filhos. Aceita as dores do teu presente, pois em breve elas serão somente recordações de um pretérito que não volta mais. Entrega o teu coração materno, como um dia eu coloquei o meu nas mãos de Deus... Entrega para a vida o pequenino, pois também a ele confiaremos o mais valioso amor, assim como o teu.

- Falas como se eu fosse perder meu filho!

- Eu queria poder estar em teu lugar, mas Deus seria injusto fazendo-me retirar tuas provas. Juntas estamos e estaremos até o fim. Octavius seguirá outros caminhos, mas deixaremos sob os teus cuidados uma juvenzinha, um precioso amor destes corações que tanto amamos. A mesma sorte terá Pompilius: a separação. Mas o amor que vos une romperá as barreiras do túmulo e persistirá no mais alto dos céus.

- Não suportarei a separação de meus amores...

I Não te aflijas, tampouco acredita-te derrotada. Toda separação é passageira: o Senhor não permitiria a dor eterna. Retoma aos teus afazeres de mãe e esposa laboriosa e entrega nas mãos de Deus o destino de vossas vidas... Lembra-te de que as águas límpidas misturam-se na terra e transformam-se, temporariamente, em lama, mas a água jamais perde a sua pureza. Agora retorna às responsabilidades que são tuas.

A veneranda despediu-se da filha e em um gesto repetido Jeremias e Horacio deitavam um ósculo na testa de Sofia, que lentamente despertava, levando consigo somente as sensações de paz imantadas em sua alma pelas mãos amadas de seus ancestrais.

Naquela mesma tarde, Pompilius subiu afoito a escadaria de sua residência. Ao chegar, foi recepcionado por Sofia. O patrício abraçou-a fervorosamente e pôs-se a contar as últimas notícias:

- Hoje fui convocado para voltar ao campo de batalha. Jurei que nunca mais travaria uma luta, pois minhas mãos ainda estão tingidas pelo sangue do meu passado. Não consegui descobrir a origem de tão misteriosa convocação, mas não poderei recusar. Disseram-me que a ordem veio da república, que muito querem a minha contribuição. Não sei quem são esses que tanto querem. Confesso que estou confuso. Não quero ausentar-me de Roma: quero permanecer ao lado dos meus. Estou aflito. Não quero separar-me de ti e nem de meu filho.

- Sejamos fortes! Compartilho as tuas aflições e também não quero estar longe de ti, mas confio em Deus e sei que tudo está sob as suas leis. Estamos livres dos males vindos do mundo exterior, mas ainda não estamos livres dos males interiores, especialmente do medo que avassala a nossa fé. Elevemos o nosso pensamento, pois somente assim poderemos ouvir a Deus.

- Quero educar meu filho, transformá-lo em um homem digno e não em alguém que carregará o peso dos próprios erros sobre os ombros. Queria poder auxiliá-lo nos primeiros obstáculos de sua vida. Porém, sinto que não serei agraciado por esta melodia, sinto que não estarei presente.

Abraçando a esposa, ele buscava o alívio para sua alma cansada.

- Auxilia-me a ter a fé e a confiança que residem em tua alma. Tenho medo e esse medo me consome.

- Não temas! A tempestade não é capaz de arrancar as raízes de uma árvore frondosa. Sempre restará um broto. Desfalecer é desacreditar na vida. Seja qual for o nosso destino, estaremos sempre prontos a recomeçar. Repousa tranquilo sob o amparo celeste. Es um soldado do bem e isto nada e ninguém poderá transformar.

I Promete-me que, se eu não estiver aqui, cuidarás do nosso filho e farás dele o homem que sempre sonhei.

S Prometo-te. Farei tudo o que puder para dirigi-lo ao caminho do bem e da paz.

E, no silêncio do crepúsculo que anunciava as primeiras estrelas, aqueles dois filhos de Deus confirmavam um amor puro, aguardando as novas linhas de um amanhã desconhecido.

## **CAPITULO XII Despedidas sem Esmorecimento**

As ruas de Roma estavam agitadas: o exército preenchia as estreitas vias, anunciando a partida em mais uma campanha de conquista de novas terras, tendo como rota a região da Grécia. Os elmos dos generais reluziam sob os ardentes raios do sol, os fogosos cavalos demonstravam a força e a honra de um poder que pertencia somente ao Estado. Pompilius, em silêncio, descia as escadarias de sua residência, acompanhado por Sofia, o filho, Miriam, Tacitus e Demetrius. Um soldado, aproximando-se do patrício, entregou-lhe as rédeas dos cavalos que puxavam a biga:

- Senhor! O teu agrupamento está preparado para seguir. A cidade manifesta todas as saudações ao exército que marcha agora.

- Vá e diga que em breve estarei conduzindo meus homens..

Sofia não escondia as tímidas lágrimas que desciam pela face, já com as primeiras marcas de uma saúde oscilante. Pompilius, tentando dissolver a tristeza momentânea, enlaçou carinhosamente a esposa. Ao longe, Titus observava os gestos do filho sem manifestar qualquer sinal - organizava a legião e

preparava-se para permanecer em Roma - para que o filho não desconfiasse de que ele havia ordenado sua execução.

O jovem oficial não escondia o orgulho de sua família, abraçando afetuosa e apaixonadamente a esposa e o filho. Sofia, emocionada, repousava a cabeça no peito do patrício, que, por sua vez, acalentava a companheira e tentava serenar seu coração:

— Ora, ora! Não chores. Estarei sempre contigo. É tão pouco tempo que estarei longe deste solar, mas a saudade de meus amores me sufoca o coração desde já.

- Meu querido! Estejas onde estiveres, sempre seremos um só, em coração e em pensamento. Nosso Octavius está crescendo a cada dia e se transforma em um homenzinho. Imita-te os passos e os feitos. Prometo-te que ele sempre saberá os fatos da vida do pai honrado que Deus lhe concedeu.

Com os olhos brilhantes, a jovem senhora correspondia às demonstrações carinhosas do esposo, buscando as últimas forças em seu coração, enquanto Pompilius despedia-se dos amigos e da família. Tacitus, observando-a, aproximou-se:

-Vamos, minha filha! Deixemos as lembranças de Pompilius em nossos corações. Ergamo-nos fortalecidos, pois, com certeza, Deus não permitiria o sofrimento sem causa justa.

—Sinto que não o verei mais. Pressinto que se inicia agora um grande martírio em minha vida. Terei fé e confiarei no Senhor, mantendo-me viva para ver o triunfo de nossas almas...

Pompilius perdia-se em meio aos soldados. Enquanto isso, um considerável agrupamento de mulheres derramava lágrimas por seus homens que marchavam para a guerra e se perdiam nas poeiras da estrada. Nos corações femininos, pairava a sofrida dúvida de não saber se aquele dia seria ou não o último em que

veriam seus esposos: elas aguardariam inseguras as páginas incertas de suas vidas.

Após trinta e cinco dias, Pompilius estava nos campos de batalha enfrentando com bravura os desafios que se apresentam a um soldado. Depois de atravessar diversas regiões, a legião aportou na Grécia. Cansado e exaurido, o agrupamento se deixou ficar nas areias, aguardando ordem para buscar o repouso necessário junto ao humilde povoado. Já com a tarde dando lugar à noite, o patrício havia alojado todos os seus soldados e estava na praia, dividindo com as estrelas a saudade de sua família. Inesperadamente, foi golpeado por três soldados jovens que, sob as ordens de Titus, executavam a sentença de romper-lhe a vida. Argus, o líder do pequeno grupo, disse:

- — Fizemos nossa parte de acordo com os planos de Drusus. O general Titus ficará satisfeito e logo teremos riqueza e poder. Vamos abandonar este infeliz na encosta deste povoado: os pássaros e o próprio mar se encarregarão do corpo. Diremos ao nosso agrupamento que ele morreu tentando nos defender de um grupo de salteadores. Ele ainda será lembrado com honrarias...

Na frieza daqueles corações, os severos golpes faziam com que acreditassem que Pompilius estava praticamente morto. Empurraram-no colina abaixo, lançando-o sobre as pedras da encosta, deixando-o ali para que o mar se encarregasse de seu futuro. Os soldados voltaram anunciando a morte do general. Logo nas primeiras horas do dia, a tropa levantou-se em marcha, deixando para trás o difícil rastro de dor e amargura.

Três dias depois, uma pequena e humilde embarcação aportava nas areias. Hannah, com as primeiras mechas brancas nos cabelos, aguardava, como de hábito, a chegada do esposo. Dois homens, apresentando as marcas do tempo, desceram do barco. As ondas

do mar banharam suas pernas. Um era Cimiotis e o outro, um pescador que o auxiliava desde a morte de Horacio. Cimiotis conhecedor da região, estranhou o número de pássaros agrupados nas encostas. Após saudar a esposa, disse:

- O que será que há atrás daquelas pedras que os pássaros não vieram nos receber?

- Tens razão. Quem sabe, algum animal morto.

- Vamos até lá para nos certificar.

Indo até a encosta, encontraram Pompilius desfalecido. Sem perder tempo, os três retiraram o rapaz daquele lugar e levaram-no para a residência do casal. O estado do patrício era delicado. Cimiotis e a esposa, com bondade, revezavam-se na tentativa de salvar o desconhecido.

Após dez dias de difícil luta contra o massacre sofrido, o patrício começava a despertar:

- Onde estou?

- Que Deus seja louvado! Diante da gravidade do teu estado, estávamos entregando-te aos céus. Tranquiliza-te, pois estás entre amigos. Acalma-te para que possas te recuperar. Como te chamas?

- Sou o general Pompilius Claudius Gracus, da sétima legião romana.

- Eu sou Cimiotis e esta é minha esposa Hannah. Por ventura pertences à família do general Titus Claudius Gracus?

- Sim. Sou filho dele.

Dizendo isto, Pompilius tentou se levantar e não sentiu as pernas. Em desespero, viu que não podia andar:

- Deus! Sei que não mereço tua misericórdia, porém faze-me fortalecido para que eu possa aceitar minha situação. Como homem e soldado, hoje não posso sustentar-me sobre minhas

próprias pernas. Tem misericórdia, Senhor... Terei sido vítima de uma cilada? Como retornarei para minha terra e minha família? Como voltar para meu lar sobre os ombros de outros, se um dia saí sobre meus próprios pés?

Apesar de sereno, Cimiotis não estava indiferente ao sofrimento do jovem oficial e confortou-o:

Clamas pelo mesmo Deus de minha linhagem. O que quer que tenha acontecido contigo, eleva teu pensamento e segue os novos caminhos de tua vida. "Terás confiança, porque agora há esperança; vivias perturbado, deitar-te-ás tranquilo. Repousarás sem sobressaltos e muitos acariciarão teu rosto."<sup>11</sup> Confia no Deus que nos ilumina. Aceita com amor o teu próprio limite físico, pois viver não é responsabilidade fácil. Modifica teus pensamentos e aguarda o futuro depurando tua alma. Teu corpo é teu cárcere temporário, mas teu espírito clama por fortaleza, liberdade e fé.

- Como retornarei sem caminhar e sem dinheiro? Não suportarei viver longe de minha família. Quando estava sendo açoitado, ouvi aqueles homens dizerem que meu pai havia ordenado a missão. Como um pai pode fazer isso com um filho? Um filho dito tão amado? Como podem acolher-me sem saber quem 'sou?

- Compadece-te diante das insanidades praticadas pelo teu pai: estamos vivenciando aprendizados, absorvidos nos dias difíceis, e são eles renovações para nossas almas. Agora não seremos capazes de todas as respostas, somente o tempo dirá. Para Deus não existe acaso. Estás aqui em paz e terás todo o nosso apoio. De fato, somos somente pescadores, não dispomos de recursos suficientes para que possas retornar seguro para Roma. Se sofreste um atentado, ao certo teus inimigos estarão atentos

quanto ao teu paradeiro. Poderás colocar tua família em grande risco. Sugiro que permaneças conosco o tempo que for necessário para que possas um dia retornar em segurança para o coração dos teus. Quem sabe um dia o coração do general Titus Claudius Gracus se transformará em misericórdia e piedade!

- Pela entonação de tua voz, posso inferir que conhecem meu pai. Será isso uma verdade?

- Sim, conhecemos há muitos anos. Ele também nos marcou o coração.

Observando que Hannah iniciava um choro sentido, Cimiotis não concluiu a frase, na tentativa de poupar-lhe as lembranças amargas.

- Deus! Mais uma vez meu pai. Perdoem seus feitos. Agradeço todo carinho. Aqui permanecerei, porém deixem-me ser útil: não quero viver para mim mesmo. Aceito qualquer trabalho que um homem limitado como eu possa realizar. Se meu corpo não pode estar em pé, minha alma está. Seguirei meus dias aprendendo e trabalhando, pois alguns conceitos de Deus também trago dentro de mim. Osculo suas piedosas mãos e rogo ao Senhor um dia retribuir a graça dessa amizade.

O céu era abençoado pela forte luz das estrelas, enquanto Hannah trazia o caldo quente para o novo membro daquela família..

As ruas de Roma estavam tomadas pelos boatos sobre a morte do filho do grande general Titus. Drusus imediatamente tratou de relatar as boas novas para a família Gracus. Ao chegar, encontrou Calcumia junto do irmão e disse:

- Assim foi feita a vossa vontade, conforme combinamos. Pompilius está morto. O Estado prepara as honrarias em seu nome.

- Apesar da tristeza que aporta em meu peito, agora posso afirmar que estou orgulhoso. Meu filho morreu como um herói e não como um filósofo ensandecido.

Kg Meu irmão! Não está na hora de ires buscar o que te pertence? Afinal, o teu neto merece de imediato os teus cuidados — disse a irmã do general, com um misto de arrogância e ironia.

- Minha cara! O tempo sempre foi meu melhor companheiro. Não te preocupes: vou retirar meu neto das garras de Sofia. Mas tenho que tomar cuidado, não posso me expor como homem impiedoso e frio. Preciso preservar meu nome - dizendo assim, o general ameaçou um sorriso. - Trouxe uma menina com apenas alguns meses de nascida, filha de um casal de infelizes, pertencente a uma aldeia que conquistei e mandei dizimar. Quando estava prestes a negociá-la como escrava, tive uma idéia.

- Diga-me logo! - pediu Calcúmia, afoita.

- Para que Sofia esqueça o filho que vou retirar dela, e para evitar que nos difame diante da sociedade, farei uma troca justa. Levarei meu neto e deixarei a menina para que fique sob seus cuidados maternos.

E, com satisfação, o velho estrategista continuou:

""-Além do mais, eu mesmo escrevi uma missiva em nome de Bompilius, dizendo que eu sou o tutor de Octavius e que esta é a sua vontade.

- Perfeito, ela ficará voltada para a criança e esquecerá Octavius. Diga-me, onde está a pequena?

**1** Está sob os cuidados da família de um soldado. Aguardo sua chegada para nos encaminharmos para a residência de Sofia.

.Essa pequena infeliz herdará tua riqueza? - perguntou Calcúmia, com preocupação.

- Não me subestimes. A menina me pertence. Ela é uma escrava e assim permanecerá. Quando estiver crescida, poderá me valer boa quantia.

Gargalhadas mórbidas ecoaram no recinto. Um servo anunciou a chegada do soldado esperado. Rapidamente, o general organizou uma pequena escolta e encaminhou-se para o encontro decisivo. Acompanhado de dois soldados tentava, com sua biga, abrir caminho pelas ruas estreitas, coalhadas de comerciantes de plantas e animais, e vendedores de especiarias vindas de toda a extensão das terras romanas e até de além delas. Chegando à residência de Sofia, desceu do veículo juntamente com o legionário que conduzia a pequena criança embrulhada em um manto humilde.

A agitação estava instalada entre os servos. Assustados, eles corriam para anunciar a chegada do militar. Atravessando o átrio, foi ao encontro de Sofia. Alheia aos planos daquele homem, a jovem mãe

dividia sua felicidade com Miriam e Tacitus: estavam todos contemplando a dedicação de Demetrius para com Octavius, que, numa brincadeira infantil, corria para os braços fortes do ex-gladiador e escalava os ombros do rapaz.

Diante da presença de Titus, fez-se silêncio. Controlando a feição apreensiva, Sofia percebeu que, com a postura firme de soldado, o velho general tentava disfarçar a emoção de reencontrar o neto. Não manifestando no semblante a mínima candura ou contentamento, ele disse:

- Vejam só! O tempo não foi capaz de retirar-te a beleza, mas não estou aqui para encantamentos: trago notícias de meu filho. Ele foi morto em batalha. Morreu como um soldado que triunfou e honrou sua posição.

Enquanto recebia a notícia, a jovem foi caindo lentamente sobre os próprios joelhos, como se o invisível peso do mundo esmagasse seu coração. Ela cobriu o rosto com as mãos e ali ficou, convulsionando-se emudecida. Miriam tentava buscar mais informações sobre o ocorrido:

- Senhor! Nosso menino? Como aconteceu? Onde está o corpo, para o sepultamento digno de um soldado? Perdoa-me, mas parece que o fato não te perturba a alma.

- Infelizmente não há um corpo. Ele tentou salvar alguns soldados e os verdugos retiram-lhe a vida, deixando-o entregue ao mar **1** disse o estrategista, com a frieza inerente à sua personalidade. - Não me abalo, pois foi melhor assim: um homem como meu filho deveria morrer sob as honrarias do exército.

Sofia, buscando forças nos braços de Miriam, falou:

- Se vieste notificar o ocorrido, assim o fizeste e, portanto, nada mais temos a dizer.

- Continuas com os lábios doces porém afiados, tal qual uma felina. Estás enganada! Venho buscar o que me pertence, o que me é de direito.

Antes de concluir seu pensamento, Titus ordenou ao soldado que entregasse a Sofia a pequena criança que num choro miúdo anunciava estar com fome. A jovem senhora, sem compreender o que ocorria, recebia e admirava meigamente a criaturinha que, distante dos acontecimentos, brilhava os olhinhos para tão bondosa mulher. Retirando-lhe os véus humildes, Sofia percebeu que se tratava de uma menina. Abraçando-a afetuosamente, não se demorou em buscar as respostas para a situação que tinha diante de si:

- O que está acontecendo? O que queres com tudo isto? Sempre possuis uma surpresa para os nossos corações e isso tudo

me assusta.

-Trago essa criança como um presente para demonstrar o quanto sou bom e misericordioso. Trata-se da filha de escravos que foram mortos em minha última batalha. Com a morte de Pompilius, terás um atrativo para teus afazeres femininos. Não há motivos para desespero.

- Dize logo o que vieste buscar aqui.

- Meu neto. Meu filho pediu-me para encaminhar Octavius na estrada do mundo. Por isto estou aqui.

Exibindo a missiva redigida pelas próprias mãos, continuou:

- Veja: aqui está a confirmação do que digo.

Com nítido desespero apoderando-se de sua feição, Sofia não continha as lágrimas:

- Não compreendo. O que queres dizer com isso?

- Levarei meu neto para a Gália, e assim tu ficarás longe dele - disse o general, com ironia. - Não te aflijas: ao menos terás uma companhia, uma boneca para brincaretes, para não esquecer dos ofícios maternais. Porém, jamais te esqueças de que essa menina é e sempre será uma simples escrava, não possui direito algum sobre minhas posses e não poderá ser considerada descendente dos Gracus.

- Não permitirei tal ato!

- Acalma-te! Eis a minha troca: levarei Octavius e deixarei essa menina contigo, para compartilhar dos conceitos de teu credo. Vou levá-lo para iniciar seus estudos nas artes do exército. Após, retornará como um tribuno, em glórias e honrarias. Não quero que se transforme em um ancião em uma seita rudimentar, própria de servos lunáticos.

- Respeito-te apesar de sermos tão diferentes. Repetes o que fizeste comigo no passado. Por vezes acredito que não

possuis um coração, mas ele bate forte em teu peito e ele é o grande juiz dos teus atos. Dentro de mim sei que Pompilius jamais ordenaria tal feito. Em meu silêncio, sempre acatei todas as tuas decisões, até aquelas das quais discordei, mas mesmo assim aceitei. Porém, não compreendo o teu desejo de separar-me do meu filho. Por misericórdia, suplico, permite-me educá-lo: não quero que ele seja alguém que mata sem razão. Permite-me vê-lo crescer e iluminar sua mente com o aprendizado dos meus ancestrais - pedia a jovem mãe, de joelhos, com as lágrimas orvalhando a face. - Por misericórdia, não me furtas de ser mãe e de educar o fruto do amor que sinto por Pompilius, mesmo estando ele morto.

- Sou descendente dos Gracus e, portanto, ousar-me neste feito. Sei que não poderás mais conceber um filho para minha família. Sendo Octavius meu único herdeiro direto, como deixá-lo exposto a esses fanáticos e alucinados? Compreende, mulher, que, mesmo carregando por ti o desprezo de teres me desafiado **1** afastado meu filho de mim, sou um homem público: tenho a obrigação de manter minha linhagem familiar. Meu neto receberá a melhor instrução e carregará o código de honra de um homem feito pelas mãos do mais poderoso dos deuses. Terá orgulho e assim eu poderei, de perto, acompanhá-lo e protegê-lo de meus inimigos.

E foi com os olhos afogueados que ele determinou: Encerremos esta conversação: Octavius me pertence. Não tenho tempo a perder. Preparem as coisas do menino. Quero partir imediatamente.

- Falaste da família Gracus com soberba, mas o que conheço deles é justiça, algo que não possuis em tua alma. Não posso crer que os descendentes dos irmãos Tibério e Caio Gracus

pudessem transformar esses honrosos nomes em vergonha. Eles lutaram por justiça e igualdade para a plebe sofrida. Hoje, o que vejo é alguém sem escrúpulos, que usa qualquer recurso em suas disputas mórbidas pelo poder, seja o de Roma, seja o poder pessoal.

- És muito audaciosa. O que sabes de minha família? Eles foram sonhadores... Essas idéias reformistas inspiradas na democracia ateniense fizeram com que morressem de forma fria, ou de forma justa, acredito eu. Tenho a visão do que quero, portanto estou ao lado de quem pode me oferecer algo. Acreditas que eu ficaria do lado dos fracos? Faço parte da força, estou junto dos aristocratas e uso a meu favor o nome que carrego para os maiores e menores benefícios.

Seguindo as ordens de Titus, os servos aprontavam Octavius, que, alheio aos acontecimentos, aguardava a partida, silencioso.

Após alguns instantes, Sofia, segurando a menina em seus braços, ajoelhou-se diante do filho:

- Filho querido! O mundo vai nos separar, mas é temporário, e eu sempre estarei aguardando teu retorno. Poderia lançar-me em tua frente como um dia minha mãe o fez, mas quero viver — dizia ela em prantos. - Viverei para ver-te um homem, para um dia ver Titus transformar-se em filho de Deus, para despertar em tua alma a fé e, se não puder assim proceder, ensinarei a esta menina que um dia te encantará os olhos e vai encher teu coração de coragem...

Sem compreender o que estava acontecendo, Octavius abraçava a mãe em despedida. Demetrius, humilde, ajoelhava-se diante daquelas três criaturas, tentando abrandar os corações presentes:

s Senhora! Devo-te meu coração renovado, assim como a Tacitus. Não turva a tua alma com preocupações com o menino. Estou acostumado aos combates íntimos e coletivo. Assim irei com teu filho e onde quer que ele vá eu estarei. Prometo que o protegerei até o último dia de minha vida. Tranquiliza-te, pois não permitirei que ele se transforme em um verdugo. Prometo.

Miriam e Tacitus deixavam as lágrimas marcarem suas faces, enquanto Sofia agradecia a promessa recebida. As despedidas ocorriam silenciosamente. Titus observou a atitude de Demetrius e não escondeu o espanto com sua figura:

- E este gigante desfigurado, quem é? Qual é o teu nome? - perguntou o general, sem reconhecê-lo.

- Sou apenas um amigo da família. Chamo-me Demetrius e estou preparado para acompanhar essa empreitada como guardião deste menino. Posso ser útil, pois possuo a força em meus braços.

- Um dia conheci um homem, um famoso lutador, que se chamava Demetrius, mas ele está morto... - e, escondendo a perturbação, o velho estrategista alterou o rumo da conversação. - Refletindo melhor, és tal qual um gladiador e de fato serás útil para proteger meu neto. Irás conosco.

- General! Já tomaste a decisão e tudo organizaste - disse Sofia, levantando-se com dificuldade. - Nada posso fazer. Em tua ausência, aprendi conceitos de vida e, com a sabedoria de Tacitus e Miriam quanto ao Deus único, tenho amparado meu coração. Rogo ao Senhor que Ele seja meu consolo, pois não carregarei ódio em meu peito, mas sim a certeza de que a ganância e o poder nada poderão construir em nossas vidas. Entregas-me uma inocente criança e impões-me as regras mais duras como se fosse eu um simples soldado. Retiras meu filho e compensas-me com os códigos da escravidão.

Que se cumpra a vontade invisível dos céus, a vontade daquele que profundamente nos ama o coração. Quanto a ti, és um enfermo e somente teu coração poderá, um dia, livrar-te dos infortúnios de tua alma. Deus será piedoso e esta piedade te salvará.

- Es insolente. Enlouqueceste para falar assim comigo. Não há mais nada a dizer. Partiremos agora.

Titus, atormentado com as palavras de Sofia, saiu marchando firme, acompanhado de seus soldados, de Demetrius e do pequeno Octavius. Enquanto isso aquela residência era banhada por intensa paz transmitida aos corações presentes.

Tacitus não ousava dizer a mínima palavra enquanto Miriam, emocionada, tentava consolar Sofia:

‣ Minha filha! Quero falar-te neste momento tão sofrido, com o respeito e amor que carrego em meu coração. Amor de uma mãe para uma filha, que não me permite silenciar diante de tamanha dor. Sei que sou escrava, não quero mérito, tampouco benefícios em meu favor, mas não permitas que este dia e esta separação saquem o mais puro brilho do teu olhar. Continuemos adiante, sem esmorecimentos. Não te prendas em amarguras. Sei muito bem o que sentes. Um dia também tiraram meu esposo de mim e até hoje carrego sua imagem em meus pensamentos. Sobre nossas cabeças existem leis que desconhecemos porque ainda não somos capazes de conhecer a nós mesmos. Quem sabe teu filho não será um verdadeiro presente dos céus na vida desse homem rude? Devemos persistir na fé, pois Deus, em sua infinita misericórdia, prometeu que um dia vai enviar aquele que chamamos de Messias para nos consolar e libertar nossas almas da escravidão. Será Ele a luz e com Ele não haverá mais dor, mas a certeza da paz e da

misericórdia. Assim sendo, não percas a esperança, pois tudo será concebido de acordo com as leis do invisível.

- Antes de ser escrava és minha única e verdadeira amiga e te considero como uma mãe afetuosa para mim. Carrego por Pompilius o amor mais puro que já senti em minha vida e sei que ele está vivo dentro de mim. A morte não é capaz de separar ninguém: ela é a anunciação de um novo mundo. Por isso aguardarei o dia em que terei meu esposo em meus braços. Preocupa-me o coração ver que meu filho poderá ser igual ao avô, mas com Demetrius por perto sei que ele terá o equilíbrio necessário. Rogo ao teu coração que nestes anos vindouros me auxilies a aceitar a separação, pois não possuo vínculos com os círculos sociais: minha família é minha única inspiração.

Então ela olhou carinhosamente para a criança:

- Senhor Deus, juro que a criança em meus braços não será uma escrava: vou amá-la como se fosse minha filha, minha filha, eu prometo. Darei a ela o nome de Lia.

- Sempre estarei contigo. Cuidaremos da pequenina e, se não poderás educar teu filho como sonhavas, fazei com que Lia seja uma digna e virtuosa mulher, assim como fizeste com Pompilius. Porém, jamais poderemos depositar nossas vidas nas mãos do acaso. Façamos a nossa parte, levantemo-nos.

Tacitus, com um olhar contemplativo sobre as duas mulheres, elevou seus pensamentos aos céus orando:

- Deus! "...Vós sois minha força; em vossas mãos eu entrego meu espírito, sois vós que me resgatais..."<sup>12</sup> Preenchei os nossos corações com as bênçãos fraternas da vossa luz. Não permitis que os nossos olhos voltem-se somente para a chaga que queima momentaneamente em nossos corações. Alicerçai-nos na compreensão das leis invisíveis. Nova luz nos felicitará e no

interior de nossas almas seremos conduzidos à liberdade. Ensinaí-nos o reerguimento quando sentimos o frio do fundo de um abismo. Se erramos em nosso passado, estabelecei em nós a oportunidade de aguardarmos a renovação dos vossos filhos que hoje se perdem nas fronteiras egoístas do próprio sentimento. Somos liberdade e jamais alguém poderá escravizar, separar ou causar angústia àqueles que seguem sob os ofícios das vossas sábias leis. Se somos mensageiros da vossa bondade neste chão, derramai sobre todos a vossa bênção. Estamos conscientes da necessária separação e ao longo de nossas vidas aprenderemos a amar nosso próximo incondicionalmente; a abençoar quem nos persegue e escraviza; a orar por paz e coragem aos que arrancam os nossos vínculos de amor e são incapazes de sacar nossos sentimentos mais puros; a fazer o bem a quem nos feriu a alma, a acender a vossa luz àqueles que espalham as trevas no mundo e, por fim,

a repartir com a humanidade as alegrias de um dia termos conhecido as redentoras linhas do código de vida do vosso reino divino de amor e coragem que reside dentro de cada um de nós...

Enquanto isso, as meigas mãos do entardecer derramavam coragem e força sobre aqueles corações que, entre juras de uma vida nova, firmavam uma união solidificada nas esperanças do porvir.

## Segunda Parte

RAQUEL

Não podemos esquecer o que fomos no passado, mas jamais poderemos retomar a invenciar o que fomos ontem.

## CAPITULO I O Retorno para Roma

O rude tempo de dezessete anos marcava as faces e nevava as cabeças desses filhos de Deus. Entre lembranças e saudades, o lar de Sofia era abençoado pela calma e pela paz experimentadas por todos.

Recolhidas ao ambiente familiar, Sofia e Miriam dividiam-se, como mães amorosas, à educação de Lia I que havia se transformado em uma linda jovem. Seus olhos grandes, brilhantes e expressivos, assim como seu rosto fino, eram ressaltados por seus cabelos cor de mel, caídos graciosamente em seus ombros. Ela era dotada de encanto e de uma refinada inteligência. Após a partida de Demetrius, Tacitus dedicava-se integralmente a Lia, fazendo-a compreender os ensinamentos de um Deus único e justo. Dentre as outras jovens da sociedade, ela se destacava pela educação e pela beleza, porém mantinha-se totalmente voltada ao coração de Sofia, retribuindo-lhe os cuidados e o amor, dedicando-se à veneranda adoentada, que aguardava esperançosa para algum dia a volta de seu filho. E assim, juntos, eles todos viviam os anos serenos agraciados de bênçãos: uma família banhada pelo amor e pelo equilíbrio diante de uma sociedade tão perdida de vaidade e egoísmo.

Naquela tarde primaveril, no jardim, Sofia repousava seu corpo sofrido nas brisas suaves que lhe renovavam os pulmões ao lado de Tacitus e Lia. Miriam trouxe-lhe uma bandeja com algumas uvas, uma ânfora de água e, excepcionalmente, uma missiva. E, não poupando esforços para aliviar-lhe os sofrimentos, disse com bondade:

- Minha querida! Como te sentes nesta tarde? Vejo que estás pensativa.

Para seu maior conforto, ajeitou suas almofadas. E continuou:

- Temos surpresas! Trago uma carta em teu nome.

Sem perder tempo, Sofia leu aquelas linhas e deixou lágrimas de felicidade e preocupação banharem sua face:

- Deus de misericórdia! Está assinada por meu filho e por Demetrius. Dizem que em breve retornarão a Roma e querem hospedar-se em nossa casa.

O semblante de Sofia modificou-se e Miriam, percebendo-lhe a aflição, falou-lhe:

- Ora, vamos! Por que esta feição de preocupação e tristeza? Nosso Octavius e nosso Demetrius retornarão! Devemos estar felizes, pois esperamos tanto tempo por esse dia.

- Sim, esperei esse dia. Os anos passaram e não foram capazes de retirar de minha lembrança o dia em que fui separada de meu pequeno. Temo que meu filho tenha se transformado em um verdugo, tal qual Titus. Ele foi proibido pelo avô de me ver, e Titus nunca soube que o acompanhei à distância, pelas cartas. Nesse período, somente essas missivas foram o meu consolo diante da imensa saudade e da minha limitação de não poder compartilhar os melhores momentos do meu filho e também não foram suficientes para eu saber até onde o avô influenciou em seu caráter. Tenho medo de não reconhecê-lo, apesar de Octavius ter escolhido a nós e não à mansão do avô para ficar hospedado.

Lia, com todo o encanto, firmava sua presença com o brilho de seu carinho, enquanto Tacitus, com firmeza, complementava a fala de Sofia:

- Tens razão, devemos estar atentos. Pelo que pude entender, Octavius escolheu este solar à residência de Calcurnia e Titus. Isso poderá trazer grande infortúnio para os nossos corações. Vivemos em paz até os dias de hoje, distantes da

família Gracus. Precisamos manter nossos corações em prece e nossos pensamentos voltados para Deus.

- Além do mais, meu amigo, temo por nossa menina - disse Sofia, segurando as mãos de Lia. — Um soldado, quando retorna, busca sempre amores fáceis. Assim sendo, no período em que Octavius estiver aqui, Lia deverá ser preservada. Não quero que minha história se repita.

- Concordo contigo — disse Tacitus, com a feição aflita. — Antes da chegada de Octavius, eu a levarei daqui e a manterei distante de todos os acontecimentos, até que tenhamos o total conhecimento do homem que saiu daqui menino.

- Mãezinha querida! Não te preocupes comigo. Apesar de não ter o teu sangue em minhas veias, tenho o teu coração pulsando em minh'alma. Não te aflijas: aprendi contigo que o dia de amanhã somente Deus conhece e ele poderá responder por si. Carrego as algemas da escravidão, porém minha consciência é livre e não pertencerei a ninguém que não seja o desígnio de minha vida. Ensinaste-me a ser fortaleza. Respirei a tua coragem todos estes anos e o temor desta família como se estivéssemos sempre aguardando o pior. Tenho fé que Deus não nos abandonará. Procederei de acordo com a vontade de ambos. Porém temo pela tua saúde.

- Deus, em sua infinita bondade, concedeu-me teu coração como filhinha adorada. Não temas por mim e confia em nós. A experiência de ontem jamais pode ser deixada no esquecimento. Não poderemos voltar a viver os fatos do passado, mas o presente sempre nos relembra as lições de ontem. Devemos aprender a sedimentar todos os conceitos com que um dia a vida nos presenteou, sejam eles serenos ou banhados por fel: todos fazem parte de nossas vidas.

- Não compreendo por que tenho que ausentar-me daqui. Sequer conheço os Gracus. Por que deveria temê-los? Por que me fariam algo de mal? Gostaria de ficar ao teu lado para auxiliar-te.

- Filha! Por agora, somente aceita as orientações de tua mãe - disse Miriam, com bondade. — De fato não conheces a família à qual nos referimos, mas a decisão de permanência longe daqui será por pouco tempo: só o suficiente para sabermos se receberemos um soldado ou um homem em nossa casa, e assim estarás segura. Além do mais, Almerio será teu guardião.

- Acatarei as vossas decisões sem nada mais perguntar. Em todos estes anos, jamais estive longe de minha mãe, mas, se acreditam ser o melhor para todos nós, nada farei para contrariá-los.

Lia e Miriam retiraram-se do recinto. Sofia, acomodando-se no divã, ouvia atenta as palavras de Tacitus:

- Trago meu coração apreensivo. Será que estamos por iniciar mais uma batalha com Titus e Calcurnia?

- A alegria por ter recebido notícias está agora sufocada em meu coração. Sinto como se a minha história renascesse diante dos nossos olhos e nada poderemos fazer para impedir possíveis sofrimentos. Há poucos dias, sonhei com minha mãe. Ela dizia que deveríamos aceitar os desígnios de Deus e pediu que tivéssemos muita dedicação com Lia, pois ela seria a bênção de paz que tanto aguardávamos. Para mim, ela é uma filha, mas me assombra a lembrança da escravidão de nossa menina. Sabes que nada poderei fazer se, a qualquer momento, Titus exigir a sua propriedade. Eis o meu maior infortúnio. Não viverei eternamente, mas quero morrer levando comigo a certeza de que ela está bem e de que ficará livre.

I Compreendo-te as impressões, mas Lia é forte, assemelha-se muito a ti na juventude. Octavius era apenas um menino quando foi separado de nós, porém confio em Demetrius, que para mim foi e será o filho que não pude ter em minha vida. Ele se transformou em um homem virtuoso. E confiando nisto que acredito que teu filho não é somente um soldado, mas um filho de Deus. Ele, ao certo, recebeu os códigos celestes que Demetrius conhece. .

- Confiemos em Deus e aguardemos o passado reclamar, no presente, seus ajustes. Quem sabe um dia os corações de Titus e Calcurnia se transformarão para o bem. Aguardemos confiantes, pois Deus não nos abandonaria nesta hora.

E, tentando trazer um tom suave à conversação, Sofia continuou:

— Não devemos nos desesperar: são somente conjecturas de dois velhos com excessos de zelo.

Envolvidos pela emoção, eles permaneceram em conversação, enquanto as primeiras estrelas presenteavam o céu com brilhos de esperança para aqueles corações sequiosos de paz.

No dia seguinte, do outro lado da cidade, vamos encontrar Calcurnia, dona de uma beleza que não lhe havia abandonado, apesar da expressão madura. Em estado de latente agitação e ansiedade, ela aguardava a chegada da sobrinha de Drusus, cuja presença havia solicitado.

Quando ministrava severas ordens emitidas, foi interrompida pela presença de Drusus, que em todos esses anos de convivência absorvia e compartilhava de seus planos mórbidos e gananciosos:

- Minha querida! Como estão os preparativos para recebermos minha sobrinha? Afinal, ela será a nossa garantia da transferência das riquezas de Titus para nós dois.

- Não te preocupes, tudo está preparado. Quero que Domenica consorcie-se com meu sobrinho. Assim meu irmão não terá alternativa senão transferir para ela a riqueza acumulada nestes anos de conquistas pelo exército. Vivemos com o suficiente, mas quero pensar no amanhã. Dessa forma, vou ter o controle de Octavius e liderar a nossa família.

- E Titus?

- Está envelhecendo. No momento oportuno, eu mesma me livrarei dele. Primeiro façamos prevalecer os nossos planos. As legiões retornarão a Roma em poucos dias. Quando Octavius se deparar com a beleza de Domenica, vai se entregar a seus encantos, seus conhecidos dotes sensuais.

- Infelizmente, as notícias que trago não nos favorecem. Octavius endereçou uma missiva ao avô informando que vai ficar hospedado na residência de sua mãe e não permitiu nenhuma argumentação de nossa parte. Sinto, querida, mas ele não ficará contigo.

I Maldita! Sempre essa mulher em meu caminho! Isso pode dificultar os nossos planos, mas jamais impedi-los. Domenica está prestes a chegar. Pelo que conheço dela, assemelha-se a mim. Tenho certeza de que, juntas, encontraremos uma forma de manter Octavius Sob nosso domínio.

-Alguém já conseguiu destruir algum plano teu? Minha sobrinha honrará sua parte em nosso plano. Vai se consorciar com Octavius e entregar a riqueza de Titus para nós. Não devemos nos preocupar. Domenica conhece muito bem a arte da sedução.

Neste íterim, um servo humilde e assustado adentrou o recinto:

- Senhora! A sobrinha de Drusus acaba de chegar e trouxe junto um tigre que está rugindo no salão.

- Criatura ignóbil! Apressa-te para acomodá-la.

Sem perder tempo, Calcurnia e Drusus foram recepcionar a jovem. Com seus vinte e dois anos de idade, Domenica exibia uma beleza vazia, como alguém que experimenta uma vida vaidosa, revestida de futilidade. Estava acompanhada por três servos que apresentavam feições sofridas. Ao seu lado, ostentando uma relação mais íntima, um outro serviçal chamava a atenção por segurar altivamente as correntes que continham a fúria felina. Era Marcus Galenus, um homem alto, que se assemelhava a uma escultura de Apoio, músculos fortes, carregando um olhar frio e silencioso que tinha algo de entristecido.

Drusus, com seus habituais elogios falsos iniciou a conversação:

- Minha sobrinha! Os deuses foram graciosos em esculpir tua beleza. Acredito que estais exaurida desta tão difícil viagem da Espanha até a nossa humilde cidade.

- Meu tio! Deixemos os elogios de lado. Falemos de negócios: essa a razão de minha vinda.

- Tens razão, minha jovem disse Calcurnia, com precisão. - Gosto do jeito com que trata os assuntos. Sejam diretos. Meu sobrinho Octavius é o único herdeiro de Titus. Ele está retornando a Roma e queremos que te consorcies com ele: assim vamos manter a riqueza familiar em nossas mãos. Não cometerei o erro de meu irmão, que escolheu a mulher errada para o próprio filho, Pompilius. Um erro estratégico que quase retirou de nós o conforto em que vivemos. Assim que estabeleceres a união e consolidares a transferência dos bens, tramaremos a morte de Titus e tu estarás livre. Nós seremos bondosos, concedendo-te uma quantia que vai garantir uma boa vida até o final dos teus dias. Para tanto, cuidarás da tua parte e todos nós sairemos ganhando. Não haverá necessidade de estabelecer uma relação de

amor com meu sobrinho: basta manter a união de aparências pelo tempo suficiente para ajustarmos todos os detalhes, e assim nos livrarmos de Titus.

I De minha parte, interesse-me em assegurar meu destino, mas meu coração pertence a outro... - aproximando-se de Marcus Galenus como quem se aproxima de uma propriedade, ela continuou: **1** Tive a oportunidade de conhecer Octavius quando a sua legião atravessava os portais de minha cidade, na Espanha. Confesso que não há em Octavius qualquer encanto para meus olhos: quero somente garantir que viverei sob as glórias sociais e sob o luxo com o qual estou acostumada. Quando ele chegará nestas paragens?

- Muito em breve, porém não ficará neste solar.

Calcurnia, apoderando-se da situação, prosseguiu:

— Isso não nos incomoda. Ele ficará com a mãe, e nós vamos dar uma grande festa, na qual poderás ter contato suficiente com ele.

Domenica, com superioridade, buscou descanso no divã próximo - exigindo a proximidade de Galenus. Tomando nas mãos o cálice de vinho trazido por um serviçal humilde, firmou seu plano frio para devorar corações inocentes:

- Que os deuses nos cubram de glórias. Se não fizerem vossas partes no acordo, eu mesma farei minha vingança e nem um deus será capaz de ter misericórdia de vossas almas.

- Minha sobrinha! Faremos tudo para assegurar teu destino.

- Vamos — disse Calcurnia —, deixemos Domenica repousar.

Calcurnia e Drusus retiram-se do salão e, enquanto caminhavam, a irmã do general destilava sua ira e manifestava suas impressões quanto a Domenica:

- Tua sobrinha é uma víbora venenosa. Tenho que ficar atenta para que o veneno dela não recaia sobre mim.

- Tens razão. Confesso-te que há muito não a via, assustei-me com tamanha morbidez. Devemos ficar atentos.

- Não podemos perder os nossos objetivos. Precisamos manter Octavius sob vigilância e devemos ser informados de todas as suas atitudes, enquanto ele estiver em Roma, especialmente junto a Sofia. Além do mais, surgiu-me uma repentina idéia. Acredito que esse Marcus Galenus poderá ser-nos útil. Tanto para controlar Domenica quanto para vigiar meu sobrinho. Não perderei tempo e farei com que meu irmão deposite sua confiança sobre ele: Titus o designará para acompanhar os passos do neto. Dessa maneira, manteremos o controle de tudo.

Assim, banhados por aquele ambiente denso, ambos permaneciam em conversação particular, delineando o amanhã e sedimentando seus planos de ódio e ganância.

## **CAPITULO II Mesmo Caminho, Semelhante Destino**

Naquela manhã, o exército marchava debaixo de um sol causticante que fazia reluzirem os elmos dos soldados. Horas antes de adentrarem os portais da grande mãe, a ostentosa Roma, o general Adriano fazia a legião marchar lentamente, para ajustar suas armaduras e lanças. O oficial demonstrava extrema confiança em um jovem soldado que fazia com que as suas ordens fossem cumpridas. Reconhecido pelos pares como um amigo e extremamente respeitado por sua disciplina e moral, esse legionário era Octavius, que trazia sob a armadura o vermelho manto. Descendo de seu cavalo com toda firmeza, retirou o elmo

e apresentou ao vento seu rosto fino, ressaltado por seus grandes olhos azuis - era como se Deus tivesse retirado dois pedaços do céu para presentear a face do rapaz. Com seus cabelos negros e seus notórios músculos, era o segundo homem nas ordenanças da legião. Junto dele estava Demetrius, com a barba tingida de branco, mas ainda forte. O velho companheiro tendo apeado, refrescava-se com jatos de água sobre a cabeça, Octavius aproximou-se com a felicidade de uma juventude saudável. Caminhavam lado a lado, segurando as rédeas dos animais, em animada conversação:

- Meu amigo! - disse Octavius - estou exausto, quero adentrar a cidade e passar por essas festas muito ligeiro. Quero chegar à casa de minha mãe. Dela trago uma lembrança distante, mas ela vive dentro de mim.

- Confesso que também quero retornar e rever Tacitus, o homem que modificou minha vida. Alguém que me acolheu como um filho, quando eu nada mais possuía.

- Por todos estes anos, foste para mim uma ama-seca. Cuidaste para que eu estivesse vivo. Nunca soube muito do teu passado e você me dedicou os melhores anos de tua vida. Foste o pai amoroso que conheci e por isso tenho por ti enorme consideração... - abraçando-o feliz, continuou: - ... apesar dos teus excessos de cuidados.

- Para um homem, o passado nada mais é do que a lembrança de um outono que não volta mais, pois um dia devemos escolher os nossos destinos. Se ontem fomos trevas, ainda é possível sermos luz. Somos filhos de Deus e por isso sempre possuiremos a oportunidade de sermos transformados para o bem. Nosso Deus jamais exila seus filhos, mesmo que eles tenham cometido erros muito graves.

- Não compreendo Deus como tu, porém sou grato, pois tivestes a paciência de ensinar-me conceitos que ainda não posso abraçar. Agradeço-te porque não me deixaste esquecer minha mãe. Acredita: és o pai que não conheci.

Aqueles dois homens estenderam suas mãos e saudaram-se num gesto firme, punho a punho. Neste ínterim, um tumulto iniciou-se na praça onde os mercadores de óleo misturavam-se em meio ao povo. Três soldados que retornavam na legião de Octavius apertavam a marcha, sequiosos de paixões temporárias, e, quando viram Lia, cercaram-na com brincadeiras ofensivas. A jovem tentava dispersá-los lançando-lhes as mercadorias que havia comprado. O velho escravo Almerio, segurado por mais dois legionários, tentava livrar-se dos braços que o impediam de se aproximar para proteger a jovem. Por sua vez, com a força de uma leoa e em silêncio, ela livrou-se dos braços dos soldados. Um deles, com a voz banhada de insensatez, disse:

- Ora vamos! Devias agradecer por um soldado interessar-se por ti.

Nesse momento, Octavius chamou a atenção de Demetrius para o que acontecia e, sem esperar a autorização do amigo, correu em direção ao pequeno confronto. Demetrius observava-o à distância, como um mestre que, sem intromissões a pretexto de amor paternal ou excessos de zelo, sabiamente permite ao discípulo enfrentar as dificuldades naturais da vida: sem abandoná-lo, fazendo-o compreender a necessidade de não se furtar às responsabilidades. Assim, o discípulo busca adquirir, nos bancos da experiência, no educandário da própria existência, as qualidades morais que delinearão a sua personalidade. Ao chegar, o jovem ordenou com voz segura:

— Soltem-na! Serão severamente punidos pelo ato!

- Senhor! Estamos nos divertindo. Foram tantos dias longe daqui que estamos sequiosos pelo doce prazer de nossas mulheres.

- Saiam daqui imediatamente.

Mesmo contrariados, os soldados não ousaram manifestar o menor gesto de insatisfação. Octavius, embriagado pela beleza simples de Lia, apanhou no chão as frutas que ela atirou nos agressores e, acomodando-as no cesto, aproximou-se dela. Totalmente assustada, a moça permaneceu em posição defensiva, lançou os punhos cerrados contra o jovem, sem saber quem ele era. Tentando conter-lhe a furia, Octavius segurou-a pelos braços frágeis, aproximando-a do seu peito largo.

Naquele momento, os grandes olhos azuis de Octavius misturavam-se ao forte brilho amendoado dos olhos de Lia. De súbito, após instantes de silêncio, Lia fez-se ouvir:

- Sanguinários. Estes soldados são homens que marcham por cima do calor dos corações humanos, transformando-se em reservatórios frios e egoístas. Reservam-se para a morte e quando retornam são como lobos famintos, sequiosos de presas que não conseguem sequer distinguir. Não conhecem o verdadeiro amor, porque estão voltados para a frieza da vida.

— Filha! Por misericórdia, acalma-te - disse Almerio que, após livrar-se dos soldados, aproximou-se humilde. - Eles são homens públicos, acalma-te.

- Para uma mulher possuis os lábios afiados. Acusa-nos de sanguinários sem nos conhecer. Se fosses um homem eu mesmo faria com que as tuas palavras fossem silenciadas em teus lábios. Diga-me teu nome, somente um nome para eu sonhar com a vibração de tua voz.

Lia, inconformada com a situação de há pouco, lançou o cesto contra Octavius. E ele, distraído com a beleza da jovem, desequilibrou-se e caiu sentado no chão.

Almerio percebeu que as atitudes de Lia tocavam o jovem soldado. Não permitindo maior exposição, segurou-a pelo braço para retirarem-se. Neste ínterim, Demetrius aproximou-se gargalhando jovialmente, estendendo a destra para auxiliar o amigo:

- O que vemos aqui? O forte soldado, reconhecido como um dos melhores líderes do exército, derrotado por uma franzina jovenzinha?

- Quero saber quem ela é — foi o que o rapaz pôde dizer, com desespero, segurando os braços de Demetrius. — Descubra, meu amigo, descubra.

- Estou começando a preocupar-me. Existem tantas jovens que esperam o retorno dos soldados e estão prontas para o amor, e te agarras a esta, que te levou ao chão? Sempre possuíste todas as mulheres que quiseste. Por que esse interesse em alguém que para nós agora é apenas um rastro na poeira? Será que a grande montanha curva-se diante da simplicidade da flor?

- Não sei, mas preciso vê-la novamente. Sinto como se já a conhecesse. Como é possível termos tanta certeza de que já conhecemos alguém sem jamais lhe ter deitado os olhos? Nunca alguém ousou falar assim comigo antes, ninguém teve a coragem de desafiar-me. Encontre-a, por misericórdia.

- Sabes que o que me pedes é quase impossível. Estive muito tempo longe daqui, mas farei o possível: não posso recusar um pedido teu. Não creio em coincidências: Deus possui suas maneiras para fazer com que reencontremos as pessoas que compuseram nossas histórias ou que farão parte delas. Tacitus

dizia que somos eternos e que a morte não representa um fim absoluto: a morte é a continuidade de nós mesmos. Acredito nisto e, se assim é, podemos retornar a encontrar alguém de nosso passado de algum modo.

E assim aqueles homens, envolvidos em descontraída conversação, seguiram seus destinos em busca de reconforto para seus corações cansados.

Após as solenidades oferecidas pelo Estado à legião, os cavalos que conduziam Octavius e Demetrius pararam em frente à residência de sua mãe. Sem perderem tempo, subiram a escadaria e, antes de os servos anunciarem suas presenças, atravessaram o átrio e encontraram Sofia e Miriam. As duas mulheres, visivelmente emocionadas, foram imediatamente envolvidas pelo carinho e pela alegria de Octavius:

— Não poderia jamais ter esquecido o brilho do teu rosto. És minha mãe. E tu és Miriam.

Demonstrando a felicidade daquele encontro, ele abraçou a mãe e, em seguida, a velha serva. Sofia aproximou-se de Demetrius:

- Somente Deus poderia recompensar-te pelo que fizeste a meu filho. Jamais permitiste que ele se esquecesse de mim.

Miriam, aproximando-se do ex-gladiador, segurou-lhe as mãos e disse:

**1** Queria eu poder ter dito a meu filho que tenho orgulho dele. Porém, pelos fatos de minha vida, foi negada a mim a oportunidade de fazê-lo. Sem pretensões, quero que saibas que és motivo de orgulho para mim e que, se a vida me houvesse concedido um filho, queria que fosse igual a ti.

Demetrius, traído pela emoção, não continha as lágrimas que lhe tomavam naquele momento e, retribuindo o carinho recebido,

osculava as mãos marcadas da velha serva.

- Vamos! - disse Sofia. - Devem estar exaustos e sequiosos por refrescarem-se.

- Senhora! Perdoa-me, mas deixo Octavius aqui. Quero imediatamente encontrar Tacitus. Estou saudoso de meu amigo.

Enquanto Octavius se entregava ao carinho materno, Demetrius, sobre seu cavalo, lutava contra o vento, seguindo para encontrar o velho amigo, sustentação de seu passado e de toda a sua vida.

Na varanda do casebre humilde, Tacitus e Almerio ouviam o relato do ocorrido na praça, agora descrito por Lia com um heroísmo sem vaidade:

- Não compreendo como podem viver com o coração tão turvado. Os soldados são todos iguais. Por que tanta frieza e maldade, tanta morte e desespero? Esses homens são incapazes de amar. Jamais se modificarão.

- Minha filha! Não devemos acusar ou julgar a ninguém. Se estamos vivos, sempre poderemos nos transformar para o bem. Cada um possui seu tempo para encontrar e vivenciar as verdades celestes que se resumem em amor e luz. Devemos honrar o compromisso de fazer com que o brilho de Deus não se apague em queixas ou azedumes que fazemos. Antes de iniciarmos os julgamentos exteriores, devemos consultar o nosso íntimo, para saber se não estamos sendo algozes do nosso próprio querer. Além do mais, não parecia que todos fossem iguais, quando contavas sobre o jovem herói que te salvou dos verdugos.

A jovem enrubesceu. O sonoro trote do cavalo, que anunciava a chegada de Demetrius interrompeu a palestra. O ex-gladiador desceu da montaria e correu em direção a Tacitus. O velho grego, emocionado, banhado em lágrimas, abraçava-o paternalmente:

- Deus, Deus! Seja louvado teu nome para todo o sempre. O filho com que meu sangue foi incapaz de presentear-me, o teu bondoso coração ofertou-me. Demetrius, o filho de meu coração.

- Não sou merecedor de tamanho carinho, mas também te saúdo como um filho que retorna aos braços de um pai.

- Se estás aqui, creio que Octavius está com a mãe. Roguemos a Deus. que tudo permaneça em paz.

- Retomar é um bálsamo e todos esses anos vivi sustentando-me nas tuas palavras e ensinamentos, assim como na missão de cuidar de Octavius. Desenvolvi por ele um afeto do qual jamais acreditei-me capaz: o amor paternal.

Lia, totalmente envolvida pelas demonstrações de amor, esforçava-se para tentar reconhecer Demetrius — porém, entre as recordações do conflito matinal, somente a feição de Octavius era-lhe clara. Demetrius, com firmeza, perguntou:

- Quem é está jovem? Será que já nos conhecemos? Teu semblante é para mim tão conhecido.

Tacitus, feliz, tocou o braço de Lia, trazendo-a para a proximidade:

- Ela é a menina que Titus deixou conosco quando partiste e este é o velho Almerio.

- Seja bem-vindo ao teu lar — disse Almerio com um abraço fraterno.

Após receber a afetuosa saudação de Almerio, Demetrius, admirando Lia, acrescentou:

- Somente Deus para conceder ao mundo tão formosa criatura.

A menininha transformou-se em uma bela mulher. Tens certeza de que não nos conhecemos?

- Creio que não nos conhecemos - disse ela timidamente porém sei que não será difícil amar-te, após estas demonstrações de carinho. Confesso-te que em todos os anos de minha vida escutei teu nome, mas as palavras são injustas para definir alguém. Irei buscar água fresca para que possas repousar de tão longa viagem.

Lia e Almerio retiram-se do recinto, deixando Demetrius e Tacitus a repassarem os fatos de suas vidas, enquanto o clarão das estrelas brindava-os.

## **CAPÍTULO III Sublime Despedida**

Na residência de Sofia, mãe e filho estreitavam o afeto em dias marcados de paz e conversas amenas. Naquela tarde, ambos saboreavam um vinho no jardim, quando um servo agitado interrompeu a alegria momentânea:

— Senhora, senhora. Titus Gracus está aguardando o neto.

Apesar do alvoroço que tal chamado lhe causou, foi com passos firmes que ela acompanhou Octavius, sem dizer uma palavra. Ao chegarem ao vasto salão, os olhos avermelhados do general deitaram-se sobre Sofia. Apesar dos anos que ulceravam sua vida, Titus mantinha-se na altiva postura de um general. Não contendo as palavras, ele abraçou o neto e lançou sua fúria sobre a nora:

— Ora, ora! O que vemos aqui? A filha de Virgilius continua vigorosa e bela. Não consigo compreender a magia dessa mulher. Até meu neto, contra minha vontade, quis ficar neste solar. Digame: ainda mantém o teu credo naquele Deus que não possui imagem? Será Ele, o teu Deus, que oferece a ti esse encanto sobre os homens de minha família?

— Senhor! — respondeu Sofia sem alterar a voz ou as feições. - Não defenderia a minha crença para ti, pois sei que não poderás compreendê-la. A única força que possuo é o amor mais

puro que ainda sinto pelo meu Pompilius e por meu filho. Quanto a ti, não odeio: simplesmente sinto piedade de tuas ofensivas.

— Vamos! — disse Octavius, com sua alegria juvenil. — Estamos juntos e isto é o que importa. Vovô, minha mãe é a pessoa mais especial que conheci em todos os dias de minha vida. Permanecerei aqui até partir com a legião.

-Já imaginei que seria assim. Trago-te um presente gracioso das terras de Gaza - disse o velho general, arrastando para o centro da sala uma jovem detentora de singular beleza, tez dourada, olhos grandes e brilhantes e longos cabelos negros. - Veja, meu filho: eu mesmo escolhi esta escrava para saciar-te os desejos. Tive que amarrar esta felina, pois ela se recusa a obedecer, apesar de eu ter entregado uma pequena fortuna para que possas usufruir de tão formoso presente.

A escrava, tentado libertar-se das amarras com que Titus a havia atado, mordeu-lhe as mãos, deitando sobre ele um olhar frio, pleno de ódio:

- Faça o que quiseres comigo, leve-me até a morte, porém jamais cederei aos desejos de romanos funestos. Além do mais, o ódio por ti faz-me agora fiel a mim mesma.

Enfurecido, o general não suportou a indisciplina momentânea. Esbofeteando a jovem, fez jorrar-lhe o sangue dos lábios. Com o impacto do golpe, a jovem ajoelhou-se para tentar livrar-se da mão do militar, enquanto ele gritava cheio de cólera:

- Infame! Estes povos conquistados são a escória de nossa Roma. Meu neto! Ela te pertence e será tua até que a legião convoque tua presença. Depois, eu decidirei o destino dessa desventurada.

Sofia, acolhendo a pobre jovem, manifestou-se:

- Este ato de horror é típico de tua personalidade. Creio que um dia teu coração será tocado, pois não poderás possuir todos que compartilham teus dias neste chão. Somos filhos de Deus, somente Ele poderá reger nossas vidas. Guardarei tua feição em minhas mais puras orações.

— Cala-te mulher! Tenho o direito sobre os meus. O que ofereces ao teu Deus são palavras. E o que são palavras? E isso que chamas de oração? O vento é forte e poderá levá-las para bem longe de mim. Que deus é esse que não aceita as oferendas para aliviar as tormentas de seus seguidores? Que não se mostra, deixando a seus crentes o trabalho de imaginar sua imagem? Que não possui reino ou coroa? Os meus deuses são reais e claros, neles moram a fortaleza. No teu deus mora a ilusão.

- Os teus deuses nada mais são do que um momento passageiro para despertar a fé resignada nos corações dos filhos de Deus. Toda a ilusão proferida pelos credos temerários de hoje amanhã será somente uma linha na história de nossas vidas: Deus, em sua graça, enviará o Messias para que a lei verdadeira de amor, que concede a liberdade e a misericórdia, seja o único credo do mundo. A oração é a ponte que nos eleva aos céus, pois não precisamos de aparências, mas de sentimentos e pensamentos verdadeiros, voltados para a libertação de nosso apego a este chão. Dia após dia, rogo que escutes o pulsar de Deus dentro de ti. Aí compreenderás o que digo. Por agora, és como um menino que carrega a inexperiência diante da vida, quando falamos de Deus, mas um dia hás de ser tocado. Não carrego nenhuma magia em mim, mas somente a fé que me mantém viva.

0 general secou o suor da testa e falou, por sua vez:

- Então diz onde mora tua fé, para que eu mesmo a cale nesta vida, e assim calo-te de minha existência. Se está em teu coração, não me custará sacá-lo de ti com minhas próprias mãos.

- Minha fé faz morada em minha alma. E minha alma, tu não poderás arrancar de mim!

- Cala-te. Es insolente como sempre foste. Não venho aqui escutar conceitos de amor, liberdade ou fé. **1** Dizendo isto o general apressadamente segurou o braço de Marcus Galenus, aproximou-o do centro da sala e apresentou-o: - Antes de partir, quero assegurar-me de que não exercerás tuas magias contra meu neto. Este será o guardião de Octavius e estará aqui sob minhas ordens.

- Meu avô! Creio que isso não é necessário. Sou um homem, não mais um menino. O que poderia existir aqui que corromperia minha alma?

— Es jovem e nada compreendes das leis da vida. Somente eu posso conduzir-te. Quero ter certeza de que não vais alterar tua essência enquanto mantiveres o convívio neste solar. Acata-me as ordens, sem mais nada questionares.

Dito isto, Titus saiu, deixando atrás de si as marcas de suas mãos e de sua vontade. Então, Miriam socorreu a jovem e Sofia aproximou-se, amorosamente, tentando acalmá-la:

- Minha filha! Qual é o teu nome? Não tenhas medo de nós. Diga-nos: como chegastes até Titus?

- Sou Anmina. Minha mãe morreu quando eu era uma menina, deixando-me como única filha, cuidando de meu pai, assumindo as suas tarefas e o cuidado com a nossa terra. Os anos passaram e meu pai, acreditando que eu precisava de uma mãe para dividir meus sonhos femininos, viu-se totalmente desgovernado, com a ausência da esposa. Com o passar dos anos, consorciou-se com

uma outra mulher, que possuía três filhos. Ela, por sua vez, trouxe do seu passado várias dívidas e, tanto eu como meu pai, trabalhávamos para manter as crianças enquanto ela dedicava-se a festas desordenadas. Assim sendo, meu pai adoeceu e morreu. Dias após a sua morte, um mercador de escravos passou na cidade e ela vendeu-me sob a justificativa de que não poderia conviver comigo, pois havia poucas providências para manter a todos. O general viu-me na feira e comprou-me para o neto. Assim, transformei-me em escrava e fui obrigada a aprender a me defender de homens como Titus,

— Não te preocupes comigo - disse Octavius.- Nada farei contra ti. Permanecerás sob a atenção de minha mãe. Não te farei mal algum.

Marcus Galenus, deslumbrado pela beleza de Anmina, ouvia-lhe a história sem disfarçar o encanto que o tocava. Miriam, como de hábito, acolheu os dois jovens, cativando-os imediatamente pela doçura de sua voz, e conduziu-os a outro recinto. Enquanto isto, sentindo-se abalada pelas emoções a que foi submetida, Sofia buscou refugio no divã, acompanhada pelos braços fortes de Octavius:

- Repousa, estais enfraquecida; debes descansar um pouco.  
r,\*tr- Sempre oro ao meu Deus para que Titus um dia possa ver a luz.

- Perdoa-me, mas o senhor teu deus somente conheço pelos lábios de Demetrius. Confesso-te que não consigo compreendê-lo. Vi povos morrerem falando dele, mulheres;orando enquanto seus esposos desfaleciam em seus braços, pais mergulhados nos corações de seus filhos mortos pela fúria de tantos. E mesmo assim continuavam a agradecer, a orar e a seguir — o rapaz falava perambulando pelo recinto, desorientado. - Como pode um deus

permitir tamanha ofensa contra aqueles que se dizem seus filhos? Como podem estes filhos continuarem a chamá-lo de Pai? O que presenciamos agora é comum no mundo em que eu vivo. Procurei em Demetrius as respostas e jamais as encontrei. Não consigo entender: esse Deus parece-me conhecido, mas não o compreendo. Cibelis, Vénus, Zeus, Apoio são mais simples de compreender e de ver. Porém o teu deus, minha mãe, assusta-me, pois ele toca-me o coração fazendo-me senti-lo.

- Meu filho! Compreendo-te as dúvidas, porém a força do amor do nosso Senhor é capaz de ter paciência para aguardar a transformação de cada um. De nada valem as sentenças de um homem que adora os deuses talhados nas pedras. Viver significa modificar a frequência dos nossos sentimentos, do nosso amor. A justiça celeste, muitas vezes, apresenta-se aos nossos olhos de forma muito austera, mas somos filhos dos nossos feitos e devemos crer na bondade, que sempre vai imperar sobre as nossas consciências. Há de chegar o dia em que o amor espelhado na fé tocará teu coração e então conseguirás ver que o hoje é o portal da esperança do nosso amanhã.

- Falas de amor, jamais o senti. Será que um dia vou experimentá-lo?

- Não vivemos sozinhos. A vida se encarrega de trazer de volta tudo aquilo que nos foi ofertado por Deus como empréstimo e que, temporariamente, nos pertence. Até mesmo nossos amores. Estamos unidos pelo hálito da vida, porém o que reforça nossa união é o amor. Vivemos para fazer prevalecer as leis que organizam as nossas vidas e não para satisfazer as leis criadas por nós mesmos. Vejamos o exemplo da escravidão: o homem coloca as algemas nos pulsos alheios, mas é incapaz de algemar a fé que reside naqueles que crêem em Deus.

- Espero um dia absorver as tuas verdades. Elas ecoam em mim como um canto de esperança. Sinto-me refeito. Não sentes ódio pelo meu avô depois de tudo que ele representou em tua vida? Após o que presenciei aqui, posso somente traduzi-lo como um homem cruel.

- Como posso sentir ódio de alguém que me conduziu aos braços de teu pai, propiciou termos o fruto do nosso amor que és tu e que nos ofereceu a oportunidade de firmamos a nossa fé? Acredita, filho, amo teu avô e não consigo explicar esse amor. Creio que ninguém vive eternamente para o mal. As formas de amar de cada um são diferentes e sei que um dia Titus encontrará a melhor maneira de ver a luz dos céus. Enquanto isso, aguardemos orando, pois sei que muito em breve eu não estarei entre meus amores, mas quero que saibas que sempre, sempre meu coração pulsará em tuas mãos.

- Não fales assim. Estamos juntos há muito pouco tempo para falares em despedidas.

- Meu filho! És um homem honrado. Sei que a pureza reside em ti. Sempre estaremos juntos, apesar das histórias de tua vida, tuas lutas, tuas guerras. És um homem e teu pai vive em ti. Mas sempre chega o momento da morte e ela nada mais é do que um silêncio mais prolongado, incapaz de extinguir o amor que nos unifica os corações.

Octavius, osculando as mãos emagrecidas da mãe, repousou a cabeça no seu colo maternal, desfrutando aquele momento de paz.

Nas primeiras horas daquela manhã, Octavius ajustou o cavalo para passear nas redondezas e assim conhecer o lugar. Miriam, expressando cuidados carinhosos, aproximou-se:

- Vejo que estás te preparando para um passeio. Há lugares lindos nesta região. Rogo-te que estejas atento por onde

passares: esta terra é repleta de contradições. De um lado, a forte nobreza vivendo em aparente felicidade e, de outro, a pobreza esmagada em um massacre entre a dor e a tristeza da privação e ignorância.

- Não te preocupes comigo. Esqueceste que sou um soldado? Quero encontrar Demetrius: estou saudososo de minha 'ama-seca'.

Entre acenos e sorrisos, o jovem oficial, dominando o cavalo com perfeição, apertou o passo e perdeu-se na poeira da estrada. Miriam, bondosa e dedicada, mantinha-se silenciosa, orando, pedindo as bênçãos de Deus para o filho de Sofia.

Octavius cavalgava como quem desafia a força dos ventos, como se pudesse aliviar os pensamentos que ardiavam como fogo em sua cabeça. Entretido com as palavras que sua mãe havia proferido na véspera, adentrou humilde vilarejo, nas proximidades do casebre de Tacitus. Distraído, observava a tudo e a todos, e eis que seu cavalo assustou-se com um jovenzinho que lhe atravessou a frente, fazendo com que o soldado caísse, ferindo a cabeça.

Lia estava nas proximidades e, percebendo o pequeno tumulto, aproximou-se, encontrando o jovem desacordado. Abrindo caminho, solicitou auxílio àquele agrupamento para que o levassem até a casa de Tacitus. Um homem recolheu o cavalo, enquanto outros dois levavam o jovem nos braços. Chegaram rapidamente e de imediato Demetrius foi ao encontro de Lia, que correu para preparar um humilde aposento para o ferido. Acomodado, ele permaneceu desfalecido, enquanto Demetrius, Almerio e Lia revezavam-se nos cuidados básicos.

As horas avançaram sem piedade e a tarde chegou. Tacitus, experiente, encaminhou Almerio até Sofia para relatar o acidente. Enquanto Demetrius orava, Lia foi em busca de uma

ânfora de água fresca para os cuidados com o ferido. Desperto, Octavius ainda se encontrava atordoado:

- Onde estou?

- Que Deus seja louvado! Pbr instantes, acreditei que estavas morto. Estás entre amigos. Sou Demetrius, recordas de mim?

- Como posso esquecer-te se vim à tua procura? Acidentei-me, mas não perdi a razão, apesar de minha cabeça estar doendo — mas antes de concluir a frase, Lia despontou na porta do singelo aposento, segurando uma ânfora nas mãos. Instintivamente, Octavius tentou sentar-se, admirado com a deslumbrante imagem:

- Se estou morto, quero permanecer na eternidade diante de tão formosa criatura. Se estou vivo, rogo aos céus que não seja uma visão passageira, capaz de ser levada para longe nos braços fortes do vento.

Lia, totalmente mergulhada nos olhos azuis do jovem, permanecia atônita. O ambiente era tomado por um suave perfume trazido pelas flores campestres que enfeitavam o recinto. Reinava uma profunda serenidade trazida pela presença de Jeremias, Áurea e Horacio: em espírito, eles ofertavam toda a paz celestial que lhes era própria.

Naquele exato momento, Tacitus sentiu que uma brisa suave modificava o aroma do ambiente. Com as dificuldades inerentes à idade, aproximou-se do rapaz e, em um gesto espontâneo, abraçou-o, enquanto as lágrimas tocavam-lhe a face envelhecida. Octavius, sem nada dizer diante daquela atitude, retribuiu o abraço. O velho grego manifestou-se com carinho:

- Meu caro! É melhor que repouses. Já mandei chamar Sofia e em breve ela estará aqui. Por ora, é melhor que busques

repousar. Estás delirando.

- Senhor! Não estou delirando, tampouco perdi minha razão. Permita-me admirar a perfeição que se encontra tão próxima de mim.

Tentando levantar-se, não se sustentando sobre as próprias pernas, Octavius desfaleceu nos braços de Demetrius. Mesmo desacordado, ainda chamava pela jovem sem pronunciar seu nome, sem desconfiar que ela era simplesmente Lia.

A noite abrandava aqueles corações. No casebre de Tacitus, Lia não saía da proximidade de Octavius, que, em meio ao delírio, enaltecia a beleza da jovem vista em tão rápidas ocasiões. O velho grego e Demetrius conversavam na varanda quando Sofia e Miriam chegaram, acompanhadas de Marcus Galenus, e rapidamente seguiram em direção a Tacitus:

- Meu amigo! Estávamos saudosas. Diga-me sem demora: onde está meu filho?

- Não te preocupes! Octavius agora descansa sob os cuidados de nossa menina.

Lia correu para abraçá-la:

- Mãezinha querida! Quanta saudade. Neste momento, sinto-me fortalecida com a tua presença.

- Minha filha! Jamais encontrei em teu semblante tamanho brilho mesclado de dúvidas. O que tocou o teu coração?

Sem querer adiantar-se no assunto, interrompeu a conversação.

— Deixemos essa conversa para depois, deixa-me ver meu filho.

Sofia aproximou-se do leito de Octavius, enquanto os demais presentes retiraram-se, deixando mãe e filho sozinhos. A filha de Aurea, sentindo que o ambiente lhe trazia as lembranças de sua

mãe, enquanto seu filho permanecia adormecido, ajoelhou-se, elevou o pensamento e iniciou uma oração, segurando as fortes mãos de Octavius, que permanecia desacordado:

- Senhor meu Deus! Escutai a minha oração. Entre o desejo de ver meu filho em pé e ver honrado os compromissos que assumimos diante da vida, trago o coração maternal rogando por um filho vosso. Temos consciência que a nossa vida é muito pequena diante do mundo, mas, suplico-vos, deixai Octavius cumprir as missões que o Senhor lhe reservou, sejam elas quais forem. Perdoai-me, pois tentei separar Lia de Octavius, porém, aparentemente, foi inútil. Perdoai-me a ignorância de acreditar que as vossas leis poderiam ser alteradas pelo excesso de cuidados maternais...

Em uma pequena pausa, buscando em seu íntimo a inspiração para prosseguir, um imenso clarão fez-se visível diante dos olhos de Sofia. Áurea, Jeremias e Horacio resplandeciam em formosa luz. A voz da veneranda fez-se ouvida:

- Filhinha amada! Deus escuta todas as nossas preces, quando pronunciadas pelos portais verdadeiros dos nossos corações. Seca as tuas lágrimas, pois a lei dos céus unifica as criaturas.

- Mãezinha! Que Deus seja louvado! Como posso ouvir-te tão nitidamente sem precisar pronunciar uma palavra? Ouço-te somente pelo pensamento abençoado de agora?

- Porque nosso Senhor ampara seus filhos em desespero. Existem diversas maneiras de auxiliar nossos amores. Escuta-me, porque estamos unidas pelos vínculos sagrados dos nossos corações.

- Perdoa-me a fraqueza, sinto que minha própria experiência de vida repete-se para esses dois jovens que tanto

amo. O passado retorna em outras formas, em outros meios, e se faz presente. Dá-me forças para viver meus poucos dias no campo de luta ao qual a vida nos confia.

- Não se separam os desígnios de Deus dos seu objetivos. Nossa família retoma ao chão não somente para a lenta transformação de Titus, mas para receber nobres criaturas que um dia irão preparar as estradas que receberão o filho de Deus. Serão emissários benditos e na própria dor encontrarão o desafio de suas transformações. Por agora, nas mãos de Lia e Octavius estará o compromisso de continuar os desígnios de Deus e do Messias que virá ao chão com a missão redentora de libertar os corações do egoísmo e das lutas sem motivos.

Jeremias, ouvindo-as atentamente, secou uma lágrima tímida e disse:

- Volverei ao chão e, pelo filho de Deus que será conhecido como o Messias Redentor, viverei meus dias, porém sei que não o conhecerei: aqueles que serão nossos filhos amanhã terão em suas vidas o compromisso de continuar com a esperança viva daquele que renunciará a seu reino para a libertação de nossas consciências. Nestes filhos de ontem é que levarei minha vida e por eles o meu silêncio e meu coração se fixarão em nossa família. Assim, com o nome de Apolonius Copernico, volverei ao chão como filho de Lia e Octavius, enquanto aguardarei o momento em que meus filhos Horacio, Cimiotis e Pompilius retomem mais tarde para nos encontrar em outras paragens, com outras roupagens. Nossos corações serão presenteados pelas forças de Mirtis, Sofia e Miriam, que serão abençoadas por Deus. Eis a composição de nossas linhagens e de nossos amores: por eles seremos capazes de viver quantas vidas forem necessárias para que o nosso Senhor possa confiar a missão de fazer prevalecer o amor

do Messias. Estará em minhas mãos a tarefa de conversão de todos e assim a estrada redentora de cada um será iluminada pela Boa Nova trazida pelas mãos do filho de Deus.

- Por Deus! Quem são essas criaturas citadas por ti?
- São eles grandes amores de todas as nossas existências.
- Filha! Por ora, seja forte como no passado. Reergue-te feliz, sem temeres o dia de amanhã, aceitando o sacrifício pessoal de cada um, resignada e consciente.

- Serei eu forte o suficiente? Como ver nossos filhos sofrerem aquilo que sofremos um dia?

- Serás forte, prosseguindo sem esmorecimentos. Levarás contigo a certeza de que todo sacrifício de hoje será a salvação do nosso amanhã: além dos nossos desejos estão as leis e a bondade de Deus, que prepara a Terra para ser presenteada com a plenitude de sua luz, seu filho, o Messias esperado.

Naquele momento, os três se perdiam no brilho de suas luzes, deixando Sofia mergulhada em lágrimas. Demetrius e Tacitus retomavam quando Octavius, manifestando alguns sons incompreensíveis, despertava. Demetrius, com um semblante sério, perguntou:

- Como te sentes?

- Esqueceste que sou um soldado? Estou bem. Continuas com excesso de zelo para comigo.

- Não tenho excessos de zelo contigo, mas és como um menino e não um soldado como proclamas. Jamais te desequilibraste de teu cavalo. Onde estavam teus pensamentos? Esqueceste que estás onde estão os teus pensamentos?

- De fato fui negligente. Pensava tantas coisas e por instantes acreditei ter avistado a jovem do comércio.

- Não esqueceste aquela jovem? Bem sabes que será muito difícil encontrá-la.

- Meu filho! Falas daquela juvenzinha que encontraste quando entraste nos portais da cidade? - perguntou Sofia.

- Sim. Pareço enlouquecer, mas nenhuma mulher tocou-me a alma com tanta precisão, mas sei que será muito difícil encontrá-la. Cerro meus olhos e ela é para mim tão presente.

Nesse momento, Miriam e Lia adentraram os aposentos. Sobressaltado, Octavius sentou-se. Todos, aturdidos, assistiam à cena sem nada dizer.

Octavius rompeu o silêncio:

— Eis a jovem da qual falávamos há pouco. Diga-me o teu nome antes que eu desfaleça - disse o jovem, com o semblante visivelmente feliz.

Sofia, adiantando-se, respondeu:

- Esta é Lia, minha filha do coração. Ela é como uma irmã para ti.

- Então ela é a menina sobre a qual Demetrius sempre me falava quando relembrávamos a nossa família? Aproxima-te, deixa-me ver-te melhor.

Lia, na defensiva, demonstrava ingenuidade e medo como um pássaro inseguro que inicia o vôo, não ousando levantar os olhos. Octavius, segurando-a fortemente pelos braços, continuou:

- Então és a felina que odeia soldados. Salvei tua vida e retribuístes com um cesto de frutas. Sinto-me um tolo. Continuas a acreditar que sou um verdugo?

Lia, tentando livrar-se das mãos de Octavius, disse:

- Senhor! Perdoa-me, não sabia que eras o filho tão esperado de minha mãe. Porém, os conceitos que trago não foram alterados pelas revelações de instantes. Todos que lutam e

matam são verdugos: estão adoentados pela ganância, têm as mãos empastadas de sangue. Eles escravizam e jamais saberão o que é o amor.

Tacitus, não compreendendo as agressões juvenis, intercedeu:

- Minha filha! Acalma-te. Guarda para ti os conceitos aprendidos ao longo de tua jornada.

- Es muito audaciosa para uma mulher, 'irmãzinha'. Carregas o anel da escravidão e mesmo assim me afrontas. Es igual a mim, porém minha luta está nos campos de batalha e tu lutas contra ti mesma. Como são as estradas da vida! Em poucos dias, salvamos a vida um do outro.

— Senhor! Perdoa-me, mas não sou tua 'irmãzinha' e jamais serei. Não esqueço minha origem e orgulho-me dela. Sei quem sou e o que sou. Agradeço-te por ter-me salvado daqueles seres desumanos, porém creio em um mundo de paz, creio no amor e na bondade; para isso estamos vivos.

- Por agora é melhor descansar — disse Demetrius, sorrindo e separando as mãos de Octavius dos braços de Lia. — Estou diante de duas crianças descobrindo os mistérios da vida.

Lia retirou-se, enquanto Octavius sorriu timidamente, como quem houvesse encontrado seu próprio destino. Tacitus, aturdido, complementou:

- Acredito ser melhor Octavius pernoitar nestas paragens até que tenha se recuperado totalmente.

- Concordo contigo — respondeu Sofia. — Pela manhã, encaminharei Anmina para cuidar dele. Enquanto isso, Galenus permanecerá aqui.

— Não quero que ela cuide de mim. Quero que Lia assim o faça. Pelo que sei, ela é uma escrava e assim sendo quero domá-la e ensiná-la a conter os lábios afiados que se manifestam diante de

um soldado. Além do mais, agora terei dois guardiões: Demetrius e Galenus.

— Meu filho! Pbr Deus, ela é para mim como uma filha. Não faças nada que possa magoá-la. Não compreendo as agressões. Não seria isso uma paixão?

- Não te preocupes, minha mãe, sei o que faço. Tem algo mais forte dentro de mim e quero estar junto dela. Nada sei do amor, não posso responder à tua questão.

- O amor não poderá ser uma simples doma. Ele está acima dos desejos inferiores que podem estar em nossos corações e carrega em si a prudência e a tolerância. Assim sendo, avalia os teus propósitos e não permitas que a primavera de tua juventude se transforme no inverno do teu amanhã.

- Es nobre, porém deixarei que os dias falem por si. O tempo será meu conselheiro.

Sofia, amorosamente, osculou a testa do filho em despedida, deixando-o pensativo com a conversa havida, enquanto todos retiravam-se do recinto. E Miriam, sabiamente, concluiu:

— E Deus, em sua infinita bondade, continua sendo o conhecedor dos nossos corações. De nada adiantou tanta preocupação em apartarmos os jovens. Aqui estão, apaixonados e sem carregar a consciência desse fato. Aguardemos pacientemente os dias que virão. Assim poderemos encontrar as respostas que tanto perturbam nossos pensamentos.

- Tens razão - disse Sofia, num suspiro largo. - Tudo que pertence aos nossos destinos e que está escrito pelas mãos de Deus jamais poderá ser alterado pelo nosso querer. Somente aos céus pertence o dia de amanhã. Sigamos confiantes, pois o nosso recomeçar jamais terá um fim.

E foi entre falas amenas que as duas mulheres seguiram seu caminho, escoltadas pelos guardiões da residência de Sofia.

O dia despertava trazendo um sol luminoso e ardente. Nas primeiras horas, Anmina, escoltada por um velho servo, apresentou-se a Tacitus e Demetrius:

- Senhores, venho em nome de Sofia. Sou Anmina.

Lia, sob o portal de entrada, contemplava o olhar triste e amedrontado da jovem e, com doçura, foi imediatamente recepcioná-la:

-Sou Lia. Vem comigo, não tenhas medo, somos iguais. Estamos juntas agora e saúdo-te como amiga e irmã de coração.

Anmina, com um semblante mais sereno, continuou:

- Como poderia ter medo de alguém com uma feição tão pura e boa? Desde que cheguei aqui fui tratada com dignidade por todos. Cabe a mim somente agradecer a Deus tamanha bondade e retribuir com minha dedicação, pois desde a morte de meu pai ninguém havia me tratado com tanto respeito e carinho.

As duas, sorrindo, entraram, enquanto Galenus não disfarçava seu interesse pela jovem de Gaza. Nesse ínterim, Demetrius acomodou o velho Tacitus na varanda:

-Vamos! É melhor descansares um pouco. A tua saúde está oscilante. Teu olhar é o de quem tem preocupações. Estou errado?

- Não. Diante de tanta juventude, observo que minha tarefa está por terminar. Creio que em breve, muito breve, não estarei mais aqui.

- Não fales assim. Não nos deixaria órfãos. Es para nós, além de nosso pai amoroso, nosso mais digno professor.

- Meu filho! Para os nossos corpos fatigados, a morte é um presente de Deus, da mesma forma que a vida também é. Não

devemos temer esse fato em nossas caminhadas: enquanto amamos verdadeiramente, mantemos viva a fonte terna da união dos corações.

Cobrando-se com um manto, ele continuou:

— Esta noite sonhei com a mãe de Sofia e ela me dizia que meus dias estão chegando ao fim de mais uma jornada. Agradeço a Deus ter vivido meus dias sob o carinho de todos. Nasci livre, experimentei o cativeiro e agora morro agraciado pelo sabor da liberdade. Temo somente por nossa Lia e compreendo quando ela fala de liberdade. Somente a experiência da vida a fará sentir que a liberdade reside dentro dos nossos corações. Permita-me pedir-te algo.

- Diga-me. O que posso fazer para atender-te um pedido?

- Reço que não abandones a família de Sofia, em especial Lia e Octavius, pois carrego dentro de mim a certeza de que os destinos em comum desses jovens foram traçados pelas mãos bondosas de Deus.

Respirando com dificuldade, o ancião prosseguiu:

- Rogo-te que leves Miriam, para que ela possa morrer na região onde nascemos. Ela é para mim alguém muito especial e tenho por ela um amor puro e silencioso, em meio às estradas que percorremos nesses anos. Em minhas recordações, seu rosto jovem e brilhante ainda reside. Ela viveu toda sua vida como cativa, uma propriedade de Titus. Quero que, quando ela experimentar os braços da morte, seja exatamente no local onde experimentou os melhores anos de sua plena felicidade.

- Não te preocupes, farei o que me pedes. Miriam é especial e a levarei aos braços de sua família na Grécia.

Após as juras plenas de carinho verdadeiro, aqueles homens permaneceram na varanda, contemplando a manhã vigorosa, que

trazia esperança, paz e coragem aos seus corações.

Depois de cinco dias, sem alterações, Octavius e as duas servas retornaram para a residência de Sofia. Naquele entardecer a matriarca, Lia e Amnina encontravam-se envolvidas em leituras e orações. Humildemente, a bondosa Miriam, acompanhada de Demetrius, adentrou o recinto. E o ex-gladiador foi imediatamente informando:

— Senhoras, infelizmente as notícias que trago não são boas. Tacitus piorou na última noite e pediu que viesse buscá-las.

Parou para respirar, com as lágrimas lavando sua face, e prosseguiu:

-Acredito que chegou a hora da partida de nosso amigo, que já vai deixando a saudade em nossos corações antes mesmo de dizer adeus.

- Vamos! - disse Sofia. - Vamos ao encontro de Tacitus.

Sem perda de tempo, aqueles corações encaminharam-se até o casebre do velho grego. Adentraram o quarto humilde onde Tacitus, franzino, respirava com dificuldade. Ao ver as três mulheres, ele estendeu carinhosamente a mão emagrecida e pronunciou com rouquidão e dificuldade:

- Meus amores. Chegou minha hora e sigo feliz, pois estou partindo diante de minha família. Deus concedeu-me o dom da vida e agora presenteia-me com o carinho da morte. — Ouvindo isto, todos pranteavam copiosamente. — Meus filhos, não chorem. Não devem lamentar aqueles que cerram os olhos para a Terra: devem sorrir para encontrar em vossos corações a força e a coragem, e assim alcançar aceitação para os desígnios de Deus.

Enquanto todos choravam emocionados, Lia ajoelhou-se em oração:

- Deus de luz. Recolhe este momento em teu coração. Não suplicamos que nossas dores sejam retiradas de nossas almas, mas rogamos fortaleza e coragem para secarmos as lágrimas que lutam bravamente contra nossa paz, lavando-nos as faces.

Buscando inspiração interior, ela prosseguiu:

- "...e minha alma espera, confiando na tua palavra; minha alma aguarda o Senhor mais que os guardas pela aurora".<sup>13</sup> Estamos conscientes de que o amor jamais poderá ser retirado de nossos corações. Assim, recebe em teus braços este filho, para que as glórias entoadas nos céus possam agora ser ouvidas em oração.

O velho grego, observando-lhe o gesto, carinhosamente deslizou a mão cansada sobre sua melena brilhante:

- Minha criança, és uma mulher e em teus braços Deus deitará as histórias de todos nós, de nossa família. Para que alguns nasçam, é necessário que outros partam. Assim são os propósitos dos céus. Chegou minha hora, mas sempre estarei em vossos corações, pois, de onde eu estiver e se Deus permitir, estarei convosco.

O recinto, banhado de imensa paz, fazia o ar transformar-se em suave perfume dos céus, exalado pelas presenças de Jeremias, Horacio e Áurea - que no invisível sustentavam aqueles corações. Demetrius, ajoelhando-se, orava em silêncio, enquanto as mulheres repetiam seu gesto.

O velho grego, admirando-os, elevou seu pensamento aos céus, permitindo-se ver os amigos invisíveis, pronunciando uma inesquecível oração:

- Deus de luz, não conheceremos o Messias que chegará em breve ao chão, porém tua força celestial banha-nos o coração sequioso de tua misericórdia. Não somos dignos de te suplicar imunidade contra os sofrimentos que assomam em nossas mentes

e sem rebeldia aceitamos o teu auxílio, agradecendo a tua bondade na tristeza ou no triunfo, pois nos momentos aflitivos a tua bênção e tua luz resplandecem sem nada pedir em troca. Por todos os tesouros de amor e esperança, vida e recomeço, exaltamos o teu nome nas alturas. Estamos convictos de que nossas fraquezas não serão capazes de remover a nossa fé e as nossas vicissitudes valem como instrumentos purificadores de nossas vidas. Faze-nos fortes o suficiente para dizermos adeus e gravarmos em nós as feições de nossos amores, para que o tempo não seja capaz de apagá-las de nossas lembranças. Diante do teu amor inesgotável, aceitamos chegar somente no lugar onde o Senhor permitir a nossa entrada. Abençoa cada filho teu que permanecerá neste solo sagrado chamado Terra, ainda envolvido pelo calor e pela flagelação do próprio sacrifício, porém estarão conscientes de que o teu amparo e a tua luz serão a estrada iluminada que elevará todos até o reino pleno dos céus.

Tal qual um pássaro mirrado que se desprende do seu ninho, em um último suspiro, o velho grego abandonou o corpo inerte, despertando nos braços de Áurea:

' -Vamos, meu amigo, nossa jornada não termina neste aposento. Sigamos em paz para que, restabelecido, possas acompanhar a nova fase das vidas dos nossos amores.

- Que Deus em sua infinita luz seja eternamente louvado. Como seguir-te sem sentir-me merecedor de tamanha misericórdia? Como encaminhar-me com estes amigos que me ofuscam os olhos diante de tamanha luminosidade?

Fixando o olhar paternal em Sofia, Miriam, Lia, Demetrius e Anmina, secando as lágrimas que lavavam sua face, ele prosseguiu:

- Deixo meu coração junto deles, mas como um pai poderia deixar seus filhos em sofrimento no chão? O que será deles?

Como Deus poderia ser tão bondoso em me trazer diante de tamanha luz expressa por estes amigos?

- Estes são Jeremias e Horacio - disse Áurea, com brandura -, amigos que estão aqui sob as leis de Deus.

- Deixemos de conversação - falou Jeremias, sorrindo. - Sigamos nosso destino. Quanto a esses corações, a divina graça de Deus já tem traçados os planos de acalento e coragem para a continuidade de suas vidas.

Tacitus, fixando o olhar no rosto de Áurea, continuou:

— Permitem-me mais uma questão?

- Diga-nos - disse Áurea, com carinho.

- Onde está Virgilius?

— Virgilius está sendo preparado para volver ao chão, nas mesmas estradas que interrompeu com sua própria insanidade. Será ele coroado pelo amor de dois jovens: Anmina e Marcus Galenus. Retornaste para auxiliá-lo nessa nova empreitada de vida. Por agora, não queiras a compreensão absoluta: acata em silêncio os desígnios de Deus e por eles dedica toda a força de tua oração.

Sem ousar dizer uma só palavra, Tacitus osculou as fronteiras de cada um dos presentes naquele aposento, deixando o recinto sob o poder da luz que era dividida entre aqueles corações. Lia, demonstrando coragem, inerente a sua personalidade, levantou-se, secou as lágrimas e imediatamente foi preparar o corpo para o sepultamento. Sofia admirava-se daquela atitude de fortaleza. Percebendo o espanto, Lia disse:

— Tenho certeza de que Tacitus não gostaria de encontrar-nos chorosos com a sua partida. Aprendi com ele que a morte não representa o fim: é o recomeço de uma nova fase em nossas vidas. Aprendi ainda que a saudade nada mais é do que um

presente, anunciando um beijo fraterno que será depositado em nossos corações para fazerem-se vivos aqueles que não estão mais conosco. Assim sendo, levanto-me e louvo meu amigo com a força do trabalho, pois diante de nossa dor olhamos o céu e encontramos somente o acizentado diante dos nossos olhos. Confiemos em Deus, pois amanhã, ao certo, o azul voltará e o sol retornará ao seu lugar de brilho e luz.

Sofia e Miriam levantaram-se e abraçaram carinhosamente a jovem, e assim prosseguiram com o humilde sepultamento, enquanto os pássaros cantavam felizes nas proximidades daquele casebre, anunciando, mais uma vez, que a vida continuava para aqueles corações.

## **CAPITULO IV União de Luz**

Passados trinta dias da morte de Tacitus, Octavius, recoberto de intensos cuidados, encontrava-se na residência de sua mãe, onde Lia e a jovem serva Anmina mantinham-se unidas em um vínculo de irmandade que fazia com que sorrissem e experimentassem a doçura e a alegria de suas juventudes, mesmo estando suas vidas destinadas ao cativoiro.

Visivelmente, os grandes olhos azuis de Octavius encontravam-se no olhar encantador e vigoroso de Lia. Assim, eles faziam-se cúmplices na descoberta silenciosa de um grandioso amor que nascia entre as banais divergências juvenis: conceitos virtuosos de vida, fé e liberdade. Nesse ritmo, seus corações convergiam nos mais puros e verdadeiros sentimentos.

Fazia pouco mais de um mês que Octavius havia visto Lia pela primeira vez - o suficiente para enamorar-se por aquela jovem de uma beleza simples, delineada pelas mãos de Deus.

Dedicado aos ofícios dos exércitos, o filho de Sofia vivera entre os estudos e os jogos de uma mocidade irriquieta, dedicada

à busca das láureas da terra. Mulher alguma havia lhe tocado a alma como Lia havia conseguido.

Tinham eles a consciência dessa convergência de sentimentos: enquanto Lia fascinava o soldado com suas palavras, demonstrando força e coragem, Octavius lenta e silenciosamente domava o coração valente daquela mulher.

Naquela noite, Lia e Anmina repunham o óleo das luminárias, fazendo com que suas belezas ofuscassem o brilho das chamas que cresciam às custas dos sopros dos seus hálitos. A jovem de Gaza,

observando uma sutil tristeza nos olhos de Lia, ousou interromper- lhe os pensamentos:

- Desde que aqui cheguei, tenho em ti uma amiga que considero como irmã. Encontrei a família que um dia a vida tirou de mim. Recebi aconchego e coragem e sobretudo o grandioso amor de minha vida, Galenus — nisto, seus olhos brilharam. — Vivo a ternura de dividir meus sonhos com alguém que me compreende a existência.

- Não duvides jamais que és parte de nós: és a amiga com a qual jamais esperei compartilhar meus dias neste chão — disse Lia, deixando escapar tímida lágrima. — No íntimo de meu coração, todo dia rogo a Deus que o teu amor por Galenus seja abençoado.

- Minha querida! Confio em ti e queria que confiasses em mim. O que aperta teu coração?

- Minha amiga! Creia que também és minha irmã do coração. Confio-te o coração, pois sinto-me traída por mim mesma. Sempre acreditei na liberdade, na justiça, e agora encontro-me totalmente mergulhada no coração de um soldado. Temo que ele não saiba dos meus íntimos sentimentos. Tenho lutado, tal qual a

borboleta que sai do casulo e que tenta, insegura, alçar seu vôo em direção ao mais alto dos céus. A cada instante, sinto que algo nos une intensamente.

Na última vez em que encontrei Tacitus, antes de sua morte, sorrindo ele me disse: "O fato de teres visto ferro misturado à argila de oleiro indica que eles se misturarão por casamento, mas não se fundirão um com o outro, da mesma forma que o ferro não se funde com a argila."<sup>14</sup> — Interpretando com paciência, como o mestre que compreende a limitação do aprendiz, ele me disse que, na escritura sábia, sempre o ferro será ferro e sempre o barro será barro, que eles jamais se misturarão, porém sempre estarão ligados um ao outro porque, apesar de suas diferenças, serão os complementos nas construções de suas vidas. Por que, por que, meu Deus somos traídos pelos nossos corações? O que está acontecendo comigo?

- Estás amando! De que vale lutar contra esse amor? Na sementeira renovadora do nosso amanhã, não podemos olvidar que o amor não é uma palavra inútil. Ele, o amor, continua sendo e sempre será a força que nos mantém vivos no chão. Aceita com dignidade os propósitos do teu destino. Seca as tuas lágrimas e deposita em Deus toda a confiança, pois nada te faltará.

Sem perceber que estavam sendo ouvidas, foram surpreendidas pela figura hercúlea de Octavius. Lia, totalmente assustada, deixou escapar de suas mãos o jarro de óleo.

— Perdoa-me, não queria te assustar - disse Octavius, com brandura.

Anmina, compreendendo a necessidade de retirar-se daquele recinto, saiu após breves despedidas noturnas. Lia, com a face rubra, tentava repetir o gesto da amiga:

- Creio que também vou recolher-me.

Não contendo o ímpeto juvenil, Octavius segurou-a pelos braços, fixando-lhe os olhos:

— Por que sempre foges de mim? Por que lutas contra mim? Não percebes o quanto te amo? Eu seria capaz de abandonar tudo simplesmente para viver e até mesmo morrer ao teu lado. Vivi até hoje entre os encantamentos de uma vida vazia. Tantas mulheres repousaram em meus braços, deixando-me acreditar em acenos de amores fáceis, arriscados e errôneos. Vivi paixões violentas que não foram capazes de trazer-me o sonho das núpcias, coroado por filhos que pudessem firmar e consolidar o amor que nasce entre duas pessoas. Cercado de criaturas movidas pelos impulsos violentos do coração, acreditava-me um homem realizado em todos os feitos, como um herói, no exército e nos jogos, até o dia em que te encontrei. Revelaste-me a nobreza sublime da razão e da fé, fazendo-me crer, dia a dia, na força de Deus, pois creio que Ele conduziu-me a ti. És meu presente e quando cerro meus olhos também estás em meu futuro. Guarda-me em tua alma, assim como guardo a ti na minha.

De pronto, aqueles filhos de Deus deixavam-se enovelar pelos sentimentos sinceros que se manifestavam em um profundo ósculo de amor. Lia, afoita, tentava soltar-se das mãos fortes do soldado, porém seu coração estabelecia forte batalha com a sua razão.

- Somente Deus seria capaz de definir o amor que tenho por ti, porém não devemos esquecer de minha origem. Como amar uma escrava? Bem sabes que esse amor é impossível, jamais teu avô ou tua tia permitirão. Como fazer nossa mãe aceitar que nós dois não nos reconhecemos como irmãos?

- O Deus que aprendi a respeitar com Demetrius jamais condenaria tão puro amor. Por agora, aceita-me, por misericórdia,

e a minha família, essa eu mesmo domarei. Quero consorciar-me contigo, mas para isso tenho que conseguir a tua liberdade. Até que eu a consiga, manteremos nossa união em segredo.

- Meu querido! Prometo-te amor fiel e viverei somente para ti, para nossos filhos e para Deus, nosso Pai, até o final dos meus dias neste chão. Nosso lar será coroado pela luz celeste, não havendo algemas, mas sim liberdade. Quando estiveres fatigado, sedento por paz, encontrarás a ventura em nosso cadinho de amor, onde Deus estará derramando seu bálsamo eterno sobre os nossos corações, pois estarás, por toda a eternidade, nas linhas de minha vida.

De mãos unidas, acomodados no banco do jardim, onde as folhagens dançavam com a brisa noturna, eram abençoados pela claridade daquela noite. A luz do luar fazia com que suas feições fossem aureoladas pela esperança dos sonhos juvenis. As flores, sorrindo para eles, exalavam singular perfume, presenteando-os com paz e coragem para que nunca temessem os dias que viriam.

Nem sempre a vida real permite mantermos a paz e a felicidade conquistada por corações ingênuos floridos de sonhos e esperanças.

Um mensageiro, vindo sob as ordens de Calcurnia, apresentou-se trazendo uma carta para Octavius, que ficou com feição apreensiva após a leitura. Sofia, percebendo:

- Meu querido! O que traz essa missiva de tão importante para turvar o brilho do teu olhar?

- Minha tia anuncia que daqui a três dias será oferecida uma grandiosa festa em minha homenagem. O convite estende-se a ti e meu avô ordena-me a presença.

- Bem sabes que não sou bem-vinda no solar de Titus. E por que uma festa te traria preocupação? Lá, ao certo, encontrarás

jovens cheias de vida e, quem sabe, encontrarás alguém para partilhares os teus sonhos?

— Em breve partirei e não quero participar dessa reunião social: quero ficar contigo e desfrutar destes dias de paz aqui. — E, tentando disfarçar, continuou: — Além do mais, como ir a uma festa sem a tua companhia?

- Dentro de meu coração materno sinto que algo mais profundo invadiu tua alma. Poderia eu compartilhar de tão íntimo segredo?

Lia adentrou o recinto, alheia ao conteúdo daquela conversação. O jovem, contemplando-a tal qual um artista olha para a sua obra, aproximou-se dela e, segurando as mãos de sua mãe, revelou:

- Não te poderia furtar à verdade. Disseste que na festa eu encontraria alguma jovem para desfrutar minha juventude, mas, confesso-te, já a encontrei e ela encontra-se aqui ao meu lado. Eu quero consorciar-me com Lia. Ela é a razão da minha existência e vivo os melhores momentos, dos quais tenho consciência de não ser merecedor. Sei o quanto almejavas que fôssemos como irmãos, mas não carregamos o mesmo sangue: carregamos sim um só coração.

Diante disto, Sofia não demonstrava surpresa, mas compreensão maternal:

- Sinto-me como uma tola! Meus filhos: a princípio eu quis separá-los na tentativa de preservá-los de Titus. Ambos passaram o tempo entre discussões de idéias e aparentemente não demonstravam quaisquer afinidades, porém isso nada mais era do que o início de um grande amor. A felicidade de ambos não foi capaz de esconder esse amor de meus olhos, de Miriam e de Demetrius. Desconfiávamos - revelou ela com um sorriso de

ternura. - Não seguirei contra as leis de Deus: que se cumpra a sua vontade. Rogo ao Senhor que vos ampare e abençoe.

A veneranda osculou o casal, demonstrando seu carinho. Octavius, pensativo, repentinamente manifestou sua decisão:

— Não irei a lugar algum, especialmente onde estarão unidos corações rudes e hostis. Anunciarei minha decisão à minha tia. Ficarei onde meu coração está: aqui.

Dizendo assim, e após rápida despedida, o soldado partiu, enquanto Lia acomodava Sofia em um divã na biblioteca. E ali ficaram elas, aguardando, serenas, os novos desafios de um amanhã desconhecido.

## **CAPITULO V Difícil Revelação**

No dia seguinte, saboreando um vinho no salão principal de sua residência, Titus encontrava-se visivelmente preocupado e irritado, não escondendo a insatisfação por ter o neto hospedado com Sofia. De súbito seu silêncio foi interrompido pela arrogância de Calcurnia, que, poupando-lhe saudações, foi imediatamente anunciando:

- Meu caro irmão, ontem fui notificada pelo próprio Octavius de que ele não virá à festa. Mesmo tendo garantido que seria agraciado pelos braços de muitas jovens fortes e belas, ficou irredutível. Creio que devas fazer alguma coisa, pois a noite de amanhã se faz próxima.

- Como? — Espantou-se Titus deixando a fúria enrubescer-lhe a face e de pronto jogando o cálice de vinho no chão. — Quais são os motivos para esse recusa?

- Afirmou que Sofia está muito doente e não suportará a agitação. Além do mais, confessou-me que o seu coração pertence a uma mulher cuja identidade não revelou.

- Não compreendo qual a magia que mulheres da casa de Sofia possuem para encantar os homens de minha família. Ele deveria ter o orgulho de ser um Gracus.

Após uma pausa, o velho estrategista continuou:

- Não sou tolo: acabo de descobrir o que prende meu neto naquele solar. Anmina, de Gaza, não lhe despertou os encantos. E a escrava Lia. Sinto-me sentenciado pelos meus próprios atos. No passado, entreguei Sofia a meu filho e cometi um novo erro ao presenteá-la com essa escrava para ser tratada por ela como filha. Acreditei estar demonstrando à sociedade que sou um homem bom e misericordioso e hoje meu neto envolve-se com esta infame. Como as linhas do futuro são cruéis com os nossos propósitos de vida! Não permitirei que ele manche o meu nome envolvendo-se com uma escrava. Ele virá, custe o que custar. Ele virá à festa, nem que para isso eu tenha que trazer Anmina e Lia para cá.

- Acho que a tua idéia é perfeita. Essas duas mulheres devem ser tratadas sem distinção, são míseras servas. Sendo elas tua propriedade, encaminhe-as para cá: tenho certeza de que Octavius virá em seguida. Assim ele conhecerá Domenica e se casará com ela, mantendo o teu nome vivo. Após o casamento, eu mesma mandarei executar as duas criaturas desprezíveis. Percebeste que não consegues desvencilhar-te de Sofia? Ela está em tua vida e por todos esses anos não compreendo por que os teus caminhos vão sempre ao encontro dela.

- De fato, minha irmã, essa mulher está presente em minha vida, perseguindo meus dias e invadindo minhas noites com ftágeis conceitos de amor, igualdade e liberdade. Confesso-te que, ao cerrar meus olhos para um simples descanso, tenho meus sonhos perturbados pela imagem dela.

Saboreando um cálice de vinho, continuou, demonstrando uma nítida obsessão por Sofia:

- Tenho honrado os nomes de nossos deuses, fazendo-lhes as mais ricas oferendas, porém acredito que eles continuam revoltosos contra mim ou abandonaram-me. Tudo faço para livrar-me desse infortúnio chamado Sofia, mas sempre carrego o malogro e não tenho êxito em minhas investidas, mas desta vez serei vencedor. Péla minha sanidade, tenho que ser o vencedor.

Titus deixou o recinto ordenando a presença de três guardas e seguiu em direção à residência de Sofia, enquanto Calcurnia sorria friamente diante de sombrio cenário e de sua própria perversidade.

Naquele mesmo entardecer, Sofia estava com o filho e Demetrius no jardim, quando Miriam, assustada, adentrou o recinto: † — Sinto dizer, mas Titus está aqui com três homens na escolta. Está vasculhando o solar em busca de Lia e Anmina.

Sofia, com dificuldade, levantou-se, ajudada pelo filho:

- Deus! Terei que enfrentá-lo novamente.

Antes de ela terminar a frase, a voz grave e rouca do general Titus fez-se ouvir:

- Venho buscar o que me pertence. Quero as duas escravas, Lia e Anmina.

- Meu avô! Não compreendo a tua posição. Lia foi criada por minha mãe como uma filha e Anmina é uma inocente que merece uma nova oportunidade.

- O que tu conheces de oportunidade ou inocência? Elas são minhas e de agora em diante oferecerão seus préstimos em minha residência.

- General! - disse Sofia. - Tende misericórdia e deixai as jovens comigo. Nada poderemos fazer contra ti. Ao que resta de

humano em teu coração, como filho de Deus, rendo-te esta súplica.

**1** Cala-te! Sempre com o teu Deus nos lábios. Eu defino as regras quanto ao rumo de minha família e tu manterás os teus lábios cerrados para que esta tua suposta primazia não aumente minha ira contra ti.

Anmina, assustada, assistia à cena, enquanto Lia apertou a mão da amiga junto ao peito, como quem oferecesse conforto e coragem. Sem titubear, elas entregaram-se aos soldados, que, sob as ordens de Titus, ataram-lhes as mãos. Lia, segura, olhou profundamente para o general e disse:

- Senhor! A misericórdia que não foste capaz de oferecer a mim ou a Anmina é a misericórdia que por ti transborda em meu coração.

Com severidade, o general lançou sobre a jovem o punho cerrado, abrindo-lhe o lábio. Sem suportar o peso daquele ódio gratuito, a jovem ajoelhou-se, enquanto os gritos de Titus eram ouvidos por todos que estavam no solar:

I Felina miserável! És o reflexo de Sofia. Cala-te antes que eu não possa mais conter a fúria dentro de mim, antes que eu acabe com tua imprestável vida.

Olhando para o neto, o general prosseguiu:

- Se queres estar perto desta miserável, irás para o teu lugar, em minha residência.

Octavius segurava Lia em seus braços fortes e, como quem quisesse protegê-la, respondeu ao avô:

- Irei aonde Lia for e com ela comporei as linhas de minha vida até os portais da eternidade. Não poderás nos separar.

- Então é verdade! Estás envolvido com esta escrava? Maldita seja esta morada que me trouxe somente infortúnios.

Lia e Octavius entregavam-se um ao outro, naquele momento, com seus olhares mais profundos.

Sem nada mais a dizer, Titus ordenou aos guardas que arrastassem as jovens, que desta forma brutal deixavam para trás um tempo de paz e luz em suas vidas.

Enquanto isso, Sofia não podia ocultar o sofrimento do corpo após as agitadas emoções daquela situação. Octavius, não querendo deixar a mãe desprovida de cuidados e sem poder acompanhar as moças, ordenou a Marcus Galenus que fosse com o avô até que ele pudesse segui-los, pois temia alguma ofensiva contra as inocentes mulheres. Sofia, constatando o sofrimento do filho, disse, com extremo carinho maternal:

I Meu filho! Sei que em breve também não estarei mais aqui, porém promete-me não magoar Lia. Sê honesto diante dos teus sentimentos, fortalecendo esse amor e vivendo por ele sem temer o peso daqueles que te perseguirão.

- Prometo-te! Não a abandonarei. Tenho por ela um amor intenso, que não será retirado de mim. Partirei de Roma o mais breve possível. Não te preocupes: levarei todos comigo.

O soldado saiu apressadamente, poupando as despedidas. Naquele exato momento, Demetrius apresentou-se às senhoras e, após inteirar-se das últimas ocorrências, consolava-as com firmeza:

- Sejamos resignados. Nossas meninas são fortes e Octavius carrega virtudes que conheço desde menino. Tenho fé em que Deus não nos abandonará.

Sofia, com intensa dificuldade, segurou as mãos de Miriam e Demetrius e disse:

- Meu querido amigo e minha mãezinha do coração, estou morrendo. Rogo que não permitam que as crueldades de Titus e

Calcumia afastem nossos filhos das leis de Deus. Assim poderei morrer tranquila.

Então respirou profundamente:

- Fui convidada para esta festa e nós três iremos: assim saberei o que fazem com nossos filhos. Calcumia trata os servos como animais.

- Não estais em condições de ir a lugar algum — disse Miriam com preocupação.

- Tenho que ir, Lia estará mais segura com a nossa presença. Não posso deixar meus filhos sozinhos diante de tão delicado momento. Não me retirem este desejo: irei à festa.

- Respeitaremos a tua vontade — disse Demetrius, com precisão. — Cuidaremos para que nada aconteça contigo ou com aqueles jovens.

Assim, aqueles corações ajustavam os detalhes para preservarem Sofia.

Na residência do general, Calcumia e Domenica, exalando soberba, aguardavam a chegada das inocentes jovens.

Um velho servo, de nome Aurelius, adentrou o salão principal para notificar a chegada de Titus:

- Senhoras! O general acaba de chegar, juntamente com as mulheres esperadas.

- Criatura repugnante e aparvalhada, não nos atrapalhe o caminho — disse a irmã do general. — Não me recordava de ti, nunca deixei um velho permanecer como serviçal neste solar. Em breve, pensarei o que fazer contigo. Agora, sai da minha frente e deixa-me passar.

Empurrando o pobre servo, Calcumia foi ao encontro do general. Lia e Anmina mantinham-se firmes, sem arrogância. A

irmã do general, como de hábito, não demorou a disparar desaforos gratuitos:

- Agora que estão sob minhas ordens, serão escravas comuns, sem privilégios ou prerrogativas. Qual das duas é Lia?

- Sou eu — respondeu Lia com segurança.

Mesmo nas situações hostis, Deus procede com misericórdia e abençoa seus filhos. Antes de Calcumia manifestar uma palavra a Anmina, Marcus Galenus permanecia em silêncio, ao lado de Domenica, sem ousar manifestar sua impressão sobre aquelas ocorrências: temia alguma represália contra as duas jovens. Olhos fixos na jovem de Gaza, estava entorpecido por sua beleza, e isto representava a identificação de dois corações em um único destino.

Domenica, enciumada, interrompeu as apresentações:

- Não devemos perder tempo com essas criaturas. — Com arrogância, chamou Aurelius: — Vamos, velho, retira-as de minha presença.

Em um gesto impensado, Marcus Galenus, antes de perder-se da jovem, segurou-a pelo braço e disse:

- Por misericórdia! Sejas forte, pois não estás sozinha.

- Serei forte o suficiente e terei confiança em Deus.

Resignados, aqueles filhos de Deus retiraram-se do recinto, enquanto Domenica, rubra de ciúme e ódio, manifestou-se:

-Jamais estiveste longe do meu domínio. Não te atrevas a desafiar-me ou trair-me, pois sou capaz de tirar a tua vida. Não te olvides de que és minha propriedade. Na vida ou na morte, juro que serás somente meu, somente meu.

Marcus Galenus mantinha-se em silêncio, sem titubear. E eis que, forte, a voz de Octavius foi ouvida:

- Poupo-lhes as saudações, pois elas já foram manifestadas por todos.

- Meu sobrinho querido! - disse Calcurnia, dissimulando. - Espero que tenhas vindo para ficar em nossa humilde morada.

- Minha tia! Deixa as representações para aqueles que acreditam nelas. Quero notícias de Lia e Anmina.

- Elas foram acomodadas com os demais servos. Eu mesma te conduzirei até elas. Mas antes quero que conheças a mais bela patrícia: Domenica.

- Agradeço, mas não quero tua companhia: eu as encontrarei sozinho.

Sem sequer olhar para Domenica, Octavius retirou-se para o interior da residência.

Atravessando o átrio, encontrou Lia em um aposento humilde e frio, compartilhado com a amiga. Anmina, percebendo a presença de Octavius, retirou-se com Aurelius, para deixá-los a sós. Lia, ao vê-lo, não conteve a emoção e correu para abraçá-lo, no que foi retribuída calorosamente.

- Pelo Deus que aprendi a conhecer com Demetrius, crê em mim e no amor que sinto por ti. Prometo que não permitirei que qualquer coisa te aconteça.

- Meu querido! Em meu coração, tua imagem ilumina meus dias. Mas sinto que não nos será permitido traçar nossas vidas em uma estrada única. Teu avô e tua tia jamais permitiriam a uma escrava esposar um dos Gracus. Porém, aconteça o que acontecer, sempre te serei fiel.

- Ficaremos juntos e a eternidade não será limite para este amor. Já pensei em tudo. Prometo-te que em breve sairemos daqui, devolverei a tua liberdade e viveremos em um lugar onde ninguém possa interferir o nosso caminho.

- Acredito em ti, mas não quero que nada de mal te aconteça. Desconhecemos a força de teu avô e de tua tia.

-Aprendi muito pouco sobre a fé, mas sei que Deus não permitirá que a nossa luz se apague. Contudo, se algo acontecer contigo, não sei se conseguirei continuar a amá-lo como começo a fazê-lo agora.

- Prometa-me que, se algo sair diferente dos teus planos, não sentenciarás o nosso Deus, não o acusarás de ter nos abandonado, não perderás a fé e não reclamarás de nada.

- Farei o possível.

Neste ponto, a conversa foi interrompida por Anmina, que retornou ao aposento e anunciou:

- E melhor que Octavius saia daqui, pois ouvimos a voz de Calcurnia.

Assim, entre sonhos e juras de um eterno amor, Octavius e Lia colocavam seus corações nas mãos de Deus, aguardando os dias que se seguiriam na esperança de uma vida de paz.

Na noite seguinte, Calcurnia recepcionava seus convidados: homens públicos, especialmente vinculados ao exército, ostentando superioridade e arrogância. Octavius demonstrava insatisfação, permanecia inquieto ao lado do avô. Ao saudar o velho general, os patrícios relatavam os atos de bravura do jovem soldado nas conquistas de novas terras.

Dê súbito, o ambiente turvo foi iluminado pelas figuras de Sofia, Miriam e Demetrius, que adentraram em meio aos olhares de espanto e malícia. A irmã do general não conseguiu conter-se:

- O que essa mulher faz aqui, acompanhada desses escravos?

- Minha tia! Essa mulher é minha mãe e os demais são da família. Se eles não cabem aqui, eu também nada tenho a fazer

Dizendo isto, Octavius encaminhou-se para recepcioná-los:

- Mãe! De todos que já desfilaram diante dos meus olhos nesta noite, és o personagem mais belo e feliz.

- E Lia? Onde está?

- Ela está em seus aposentos. Não quero que ela se exponha diante dessa casta.

Em meio à futilidade que revestia o ambiente, o general tentava disfarçar o incômodo que lhe invadia a alma diante da presença de Sofia. Assim, manteve-se em conversa com um velho patrício, Tiberinus, pretor influente e seu amigo íntimo no passado. Também viúvo, Tiberinus era pai de Servio Tulio, um jovem virtuoso que se afeiçoara a Octavius desde a infância: transformando-os em amigos fiéis.

Por causa da grande amizade dos rapazes, Titus havia conseguido fazer ingressar o filho de Tiberinus na carreira militar tão sonhada pelo patrício. Assim, o pretor tinha enorme dívida para com o general. Entre as recordações dos feitos gloriosos do filho e do amigo, apresentando os primeiros sinais de embriaguez, Tiberinus levantou o cálice que tinha na mão e disse:

- Meu caro amigo! Sou grato a ti por teres concedido ao meu filho a oportunidade de brilhar nos ofícios militares. Sabes bem o que é estar em estado de viuvez. Sem o teu bondoso auxílio, seria eu incapaz de criar meu filho. Pede-me o que quiseres e eu serei teu escravo.

- Servio Tulio é para meu neto tal qual um irmão. Juntos, concederam-me o orgulho e felicidade, apesar de eu considerar teu filho um tanto tolo com aqueles ideais de um único Deus. Onde está ele?

- Foi convocado para uma campanha, em breve estará de volta. - E, bebendo em único gole o que restava no cálice,

continuou: - Dize-me! Dize-me! O que queres de mim, para que eu possa demonstrar que a tua bondade não foi em vão?

- Meu caro! No momento oportuno, cobrarei o que me deves. Crê: jamais faço algo para alguém sem que tenha algum benefício em meu favor. Nunca te esqueças disto.

Tiberinus percebeu que o olhar de Titus transfigurava-se e, tentando suavizar o momento, contemplou levianamente o salão, as mulheres que dançavam para alegrar os convidados, e disse:

- Essas dançarinas não estão sendo suficientes para meus olhos, já as conheço de outras comemorações em tua morada. Não haveria uma surpresa escondida em algum lugar deste solar? Quem sabe novas preciosidades trazidas dos teus povos conquistados?

Titus, pensativo, com um sorriso sarcástico decorando-lhe a face, chamou Calcurnia e, sem que ninguém ouvisse, ordenou que Lia e Anmina adentrassem o recinto e dançassem para seus convidados. Após alguns instantes, trajando pedrarias e excessos, alheias ao que aconteceria, as jovens se viram em meio a rostos turvos de todos.

Ao vê-las, Sofia fez com que percebessem sua presença. Octavius, alheio aos acontecimentos, foi surpreendido com o anúncio de Titus à pequena multidão:

- Senhores! Tenho uma surpresa a todos os presentes. Duas pedras raras para contentar-vos.

Sob as ordens de Titus, dois soldados continham Octavius. Sem ter a medida do que poderia provocar, Lia manifestou-se, segura de si:

- Não dançarei para ninguém neste lugar ou em qualquer outro, mesmo longe daqui. Arranquem minha carne, mas não poderão arrancar de mim minha dignidade.

Tiberinus, fora de si, aproximou-se de Anmina:

- Os deuses foram perfeitos nesta criação. Jamais vi uma tez tão macia.

Na tentativa inútil de proteger-se, Anmina enviou-lhe uma cusparada e disse:

- Faço das palavras de Lia as minhas. Não dançarei para ninguém mesmo que isto me custe a vida.

- Insolentes! Se não querem dançar, não há problemas. — Tiberinus olhou friamente para Titus e adiantou-se no comando: - Punição para essas miseráveis. Assim assistiremos a um espetáculo para ajustar as palavras nos lábios afiados dessas imprestáveis. Quero ver se tamanha coragem resiste ao acalanto de um açoite. Tenho comiseração ao ver uma tez perfeita transformar-se em lembrança.

Titus mandou chamar Atrimedius, que, mesmo carregando o peso dos anos sobre si, mantinha-se forte no cumprimento de seus ofícios junto aos Gracus.

O general repousou sua destra sobre o ombro de Atrimedius como quem lhe aprovava e exaltava sua atitude e sua fidelidade. Com precisa frieza, fez sua voz entoar a terrível ordem:

- Faça com que elas caiam diante de todos nós.

Iniciada a cena de horror, Lia e Anmina recebiam as vergastadas sem tréguas, mantendo-se em pé com soberana e inexplicável demonstração de coragem. Marcus Galenus abaixava a cabeça, tentando não ver tamanho sofrimento, enquanto Octavius, contido pelos soldados, assistia a tudo sem nada poder fazer. Domenica, com cinismo, comentou com Calcumia:

- Por que não caem?

- Esses escravos possuem alguma manifestação de magia no momento em que são açoitados. Chamam de fé.

Sofia e Miriam choravam copiosamente diante da própria limitação. De súbito, Demetrius, frente ao suplício daquelas mulheres, tomado por uma força hercúlea e sem dizer uma palavra, aproximou-se de Atrimedius e segurou-lhe o braço sem muito esforço:

- Abaixa teu braço antes que eu o aparte de teu corpo.'
- Estás louco? Sabes quem estás desafiando?

Demetrius, concentrando sua força na mão, fazia Atrimedius ajoelhar-se com imensurável dor.

- Pelos deuses! Quem és tu? De onde vens com tanta força? Somente experimentei tamanha força nos braços dos gladiadores.

- Sou Demetrius! O ex-gladiador destas paragens.

Neste ínterim, Octavius havia se desvencilhado dos legionários e correu para socorrer Lia, enquanto o velho Aurelius amparava Anmina, acomodando-a em seus braços. Sofia, ajoelhada no recinto funesto, segurava as mãos de sua filha entre lágrimas e orações.

Na face de Titus era visível o repentino pavor que as palavras do ex-gladiador causaram em seu íntimo.

Miriam, expressando a bondade de sua alma, aproximou-se de Demetrius e, com voz tênue, solicitou:

- Meu filho! Por Deus, rogo-te. Liberta-o de tuas mãos. Se prosseguires com essa demonstração de forças ilusórias, estarás sendo igual a esses malfeitores que massacraram nossas meninas.

Assim, com os olhos fixos na veneranda mulher, ele aos poucos foi deixando Atrimedius livre.

Drusus, em total desespero, mal conseguia manifestar uma palavra. Lentamente, Demetrius foi ao encontro de Titus, que

estava na parte alta da sala de festas. Subindo três degraus, o ex-gladiador encarou o general e disse:

-Agora sabes quem sou. Se promoveres qualquer ofensiva contra aquelas jovens, tu sentirás o peso dos meus punhos. Diante de tão deprimente espetáculo, quero que recordes que possuis uma dívida para comigo. Portanto, liberta as duas jovens e permite que elas sigam conosco.

- Cão miserável! - disse o general aos gritos, demonstrando a temporária insanidade do vinho, sem mensurar o teor das palavras. S Em vez de ter te entregado a Aimã para ser treinado como gladiador, devia ter te matado quando estive naquele maldito vilarejo grego na noite em que escravizei tua tia Miriam.

Nesse momento, Miriam aproximou-se de Demetrius, com seus passos lentos, como quem carrega o peso de um grande sofrimento. O ex-gladiador, observando as copiosas lágrimas da anciã, apoiou-a em seus braços enquanto ela se dirigia a Titus:

- Por misericórdia, repete. Dize-me que não estou alucinada. Demetrius é meu sobrinho, filho de Hannah e Cimiotis? Dize-me, pela compaixão que sustenta o hálito de tua vida?

Demetrius mantinha-se alheio àquelas palavras, apesar de conhecer a história da veneranda mulher. Drusus secava o suor que lhe lavava a face impudente. O general percebeu que havia desvendado parte de um passado muito distante e inutilmente tentava disfarçar. Miriam, segurando a túnica do general, prosseguiu:

- Pelo menos uma vez em tua vida, olha meus olhos e dize a verdade. Demetrius é meu sobrinho?

- Sim, ele é o menino grego. Vi o teu afeto por ele, até maior que o da mãe. Queria que tu viesses para Roma comigo sozinha, para cuidar de meu filho sem a interferência de ninguém.

Diante das ocorrências, não poderia deixar de punir o menino, ou perderia minha honra diante dos meus homens.

— Poderia eu demonstrar toda minha repugnância, porém nada direi, nada farei, a não ser orar o resto dos meus dias para que Deus tenha misericórdia do teu coração tão frio. Coroaste-me com as algemas da escravidão, mas não foste capaz de escravizar minha alma. Recupero parte do que fui, do que sou. O que serei, deixo nas mãos do meu Deus. Quanto a ti, deixo-te não o ódio, mas minha comiseração e o meu silêncio para que vivas os teus dias ungido pela tua própria consciência. Sei que diante destes fatos permitirás que nossas meninas nos acompanhem.

Por todos os anos de convivência com Miriam, Titus havia desenvolvido respeito por ela, ouvia-lhe as palavras ponderadas. Paralisado como se uma força invisível contivesse seus atos, não ousou contradizê-la:

B Permitirei que sigam contigo, porém não concederei a liberdade: elas permanecerão minhas propriedades.

- Para o teu coração, este ato anuncia um traço de bondade. Levaremos as jovens conosco, mesmo que as mantendas sobre teu domínio.

O silêncio fez-se ensurdecador. Demetrius, sem compreender o que acontecia, desceu os degraus apoiando o braço daquela soberana mulher, enquanto Octavius segurava Lia, desacordada, em seus braços. Galenus repetia o gesto com Anmina. Sofia depositava em Titus um olhar de piedade e compaixão. Os demais convidados não se atreviam a manifestar uma palavra: abriam caminho para a saída daqueles filhos de Deus. O general, diante da luminosa superioridade de Miriam, não ousou uma palavra ou um gesto. Quando Demetrius e Miriam desapareceram no meio da pequena multidão, Drusus tentou romper o silêncio:

- Meus amigos! A festa apenas iniciou. Vamos: música e dança para nossos convidados.

Assim, aquele ambiente frívolo mantinha a sua animação, enquanto o passado fazia-se presente na difícil revelação, desvendando e ajustando o futuro daqueles filhos de Deus.

Já na residência de Sofia, Anmina apresentava-se recuperada do açoite menos intenso. Lia exigia cuidados maiores: recebeu toda a severidade sobre o corpo franzino, a ponto de logo ficar desacordada.

A mãe do patrício, com lágrimas nos olhos, via diante de si a filha do coração ulcerar no silêncio, sem que nada pudesse fazer em seu favor:

- O açoite foi severo em demasia, temo que ela não acorde.

— Octavius ajoelhou-se em desespero e, após ouvir as palavras da mãe, abraçou a serva, aproximando-a do peito forte:

- Mãe, estás errada. Jamais soube orar, mas eu suplico: Deus! És o Senhor de todas as criaturas. Nos teus códigos de ordem e justiça estão escritas as leis de nossas vidas. Não sou digno sequer de pronunciar o teu nome, porém dentro de mim sei que jamais deixarias de nos conceder os lenços para secar as nossas lágrimas de agonia. Desfalece nos meus braços aquela que me colocou diante de ti, não como um soldado banal, mas como teu filho. Pouco sei da morte, menos ainda do amor, mas, pela misericórdia que coroa o teu bondoso coração, faze-me forte para acatar as ordens de tão bondoso general que és tu. Seja a vida ou a morte do meu grande amor, seja, Senhor Deus, a misericórdia dos meus dias para eu prosseguir e suportar a dor que se apodera de mim, tal qual a força de uma lâmina que atravessa meu peito, rasgando-me coração. Sê, Deus de luz, conosco para todo o sempre...

O aposento era banhado pelo frescor noturno e pelo perfume de paz exalado por Jeremias, Áurea e Horacio. Invisíveis, permaneciam fiéis aos seus filhos no chão. Lia, desprendida temporariamente do corpo sofrido, escutava a prece de Octavius e, chorando, era acalentada pelos braços de Jeremias. Entre soluços, disse:

— Não sei quem tu és, porém, se ainda estou viva, permite-me morrer escutando as palavras de Octavius, assim como permanecer protegida por teu coração bondoso ainda desconhecido para mim.

- Minha criança! Conheces-me de outras paragens, mas ainda hás de conhecer-me melhor, porque em breve, muito breve, estarás segurando-me em teus braços maternais. Não morrerás agora, porque viverás o quanto for possível até que outros possam por nós renascer e pelo Messias Divino, que abraçará a vida na Terra.

I Perdoa-me a ignorância. Disseste que serás meu filho? Como alguém como eu poderia carregar no ventre alguém como tu?

- Porque o amor que nos une o coração é maior do que qualquer erro cometido no passado. Eleva os teus pensamentos e busca em Deus a coragem para enfrentar os dias que estão por vir. Ninguém sofre sozinho. Antes de iniciarmos as fases dos nossos sofrimentos, alguém muito especial está sentindo as primeiras dores para minimizar as nossas lágrimas. Nenhuma noite é eterna e assim retomo ao chão, com a graça de nosso Deus, para preparar aqueles que seguirão o Messias. Rogo-te somente que me atribuas o nome de Apolonius Copernicus. Assim continuaremos a história de nossas vidas. Por agora, retorna às tuas tarefas, renovada e feliz, buscando em Deus a força para o novo amanhã.

Secando as lágrimas, refeita, Lia despertou suavemente. Octavius abraçou-a com imensa ternura, enquanto Sofia sentia as presenças invisíveis e agradecia em oração:

- Queridos amigos, que somente o poder do sentimento mais puro poderá nos fazer perceber: sou grata pela infinita bondade de terdes trazido de volta nossa menina. Que Deus, em sua graça, derrame o perfume mais suave dos céus sobre vossos corações.

De súbito, ouviu-se um ruído nas proximidades:

- Quem está aí? - perguntou Anmina, assustada.

- Sou eu, Marcus Galenus - e lentamente o rosto do jovem foi sendo definido na parca luz.

Octavius, sem ousar sair da proximidade de Lia, inquiriu o jovem:

- O que fazes nestas paragens? Caíste em desvario? Minha tia e Domenica te sentenciarão à morte se souberem que estiveste aqui.

- Tenho consciência do que poderei sofrer. Aventurei-me até aqui somente para ter notícias de Anmina e de Lia.

A jovem de Gaza, preocupada, solicitou:

- Se possuis um pouco de sanidade, retorna. Não suportarei ver-te em sofrimentos por minha causa. Estou bem, mas agora rogo-te: retoma.

- Por misericórdia, não rogues minha partida. Não consigo retirar teu semblante de dor de dentro de mim. Sinto-me sentenciado pela clausura junto à Domenica, mas prometo-te que um dia me libertarei dos grilhões que me prendem a ela. Assim poderemos manifestar nosso amor sem medo ou desespero.

Todos ouviam aquelas palavras sinceras com respeito e mantinham-se em silêncio. Anmina, com lágrimas anuviando-lhe a

visão, retribuía carinhosamente a demonstração de amor de Galenus:

- Sim, um dia nosso amor será abençoado e juntos viveremos momentos de união que serão o registro vivo de nossas existências. Mas agora, vai: onde estiveres, eu estarei contigo.

Marcus Galenus, com o olhar triste, despediu-se e partiu, deixando Lia sob a atenção de Anmina, Octavius e Almerio. Sofia retirou-se em busca de ar fresco. Ao chegar ao jardim, encontrou Miriam sentada no divã e Demetrius recostado em seu colo, tal qual um menino. Nitidamente, ambos confidenciavam suas vidas: a nobre serva relatava-lhe os feitos de seus pais e suas mais íntimas alegrias.

Confessava-lhe um amor maternal, tão intenso que todos indagavam se ele era seu filho. Lentamente, a patrícia aproximou-se, derramando fraterno abraço sobre Miriam. Ela, por sua vez, chorando, retribuía o carinho:

- Agradeço ao Senhor ter podido encontrar uma parte de mim que acreditei jamais recuperar. Jurei a Cimiotis e Hannah que um dia voltaria ao encontro deles, porém já havia abandonado esse sonho. Deus, em sua infinita grandeza, não permitiu que o sofrimento fosse eterno. Orei, por todos estes anos, suplicando para que não esquecesse as feições de meus amores. Em minha vida, conquistei outros elos de amor, porém a maior dor para um filho de Deus é sentir que as feições mais caras de sua existência se perderam entre recordações e lamentos. Poderia morrer agora e estaria feliz. Queria eu poder fazer com que Horacio me escutasse agora. Envelheci, mas meu amor por ele continua jovem e vivo. Agradeço ao Senhor tamanha misericórdia.

- Sou um homem marcado! Trago comigo fragmentos de um passado feliz e agora avanço confiante na maturidade de minha

vida. Senhor! Recebe do coração deste teu filho a gratidão, por aprender a esperar, mesmo quando as lágrimas da ansiedade ofuscavam minha visão, por acreditar em ti sem medo de expressar e até sofrer a opressão do mundo, por sentir-me vencedor das batalhas travadas comigo mesmo, por receber o carinho sem ser merecedor, por retornar aos braços dos meus, que não apontam meus erros, por tudo isso e mais, recebe a minha gratidão, pois enquanto eu sustentar o hálito da vida, és para mim a razão de minha existência.

O espaço era banhado pelo primoroso bálsamo celestial, abrandando aqueles corações que, entre juras de amor e vida eterna, mantinham-se envolvidos pela paz e pelo perfume das flores trazido pela brisa da noite.

Enquanto isso, no mundo invisível, Áurea e Tacitus observavam emocionados a atitude de Horacio, que, ao escutar a prece de Demetrius e as declarações de sua esposa, chorava elevadamente, imantando-os com seu coração e coroando-os com amor e com as luzes dos céus, abençoando-os pelo triunfo da perseverança e pela coragem de continuarem vivendo.

## **CAPITULO VI Dos Sonhos à Separação**

A vida prosseguia. Cumprindo o compromisso assumido diante de Deus, Anmina correspondia aos chamamentos do coração apaixonado de Galenus.

Todos assistiam felizes, porém apreensivos, ao envolvimento daqueles filhos de Deus, pois conheciam a reputação de Domenica e sua paixão obsessiva pelo jovem.

Naquela manhã, Lia e Miriam cuidavam de Sofia, que havia despertado com a saúde a maltratá-la. Estavam todas em amena conversa quando foram interrompidas pela presença de Anmina e Galenus. O jovem manifestou-se com respeito:

- Senhora! Perdoa-nos a interrupção. Respeitamos o momento, a tua saúde alterada, mas julgamos não haver tempo hábil para nós.

' - Não importa a doença: ela é minha companheira de anos. Sempre possuirei tempo para minha família. Dize-me! O que te traz aqui?

Anmina, segurando as mãos de Galenus e com a face reluzindo ' intensamente, respondeu com firmeza:

- Estou esperando um filho.

As três mulheres presentes acolhiam-na com extrema demonstração de felicidade. Galenus, com uma marca de preocupação na face, disse:

- Reconhecidamente este solar é composto por criaturas dignas e abençoadas. De fato, são para nós uma família. Sou um homem marcado pelo meu passado e sei que ele, meu passado, cobrará de mim meus feitos, seja no presente ou no futuro. Por motivo que jamais poderei compreender, aproximei-me daqui para cumprir ordens do general e acompanhar os passos de seu neto, que tinha se afastado de seus sombrios desejos. Vivi meus dias de cativo sob os caprichos de Domenica, uma mulher fria, capaz de arrancar as entranhas de uma pessoa viva sem desmanchar o sorriso da face. Sei que ela jamais permitiria minha união com Anmina e nem que meu filho veja a luz do dia. É por isso que estamos aqui, para suplicar ao teu bondoso coração que nos auxilie a conquistar a liberdade.

- Meus filhos! Infelizmente, o que me pedem não poderei conceder. O egoísmo de Titus impede-me de libertar sequer um escravo, pois todos são propriedade dele. Meu maior infortúnio é conviver com a escravidão no meu lar, amar a todos e ser impotente diante das leis que favorecem exclusivamente homens

como o general. Oro pelas vossas liberdades e garanto que, enquanto estiver viva, terão a paz de uma vida livre.

- Queria ver meu filho nascer seguro, feliz e sobretudo livre — disse Anmina encobrendo a face com as mãos.

- Prometo-te que farei tudo para que essa criança nasça com dignidade.

Com sinceras demonstrações de agradecimento, o casal retirou-se do recinto. Sofia segurou a mão envelhecida de Miriam:

- Sejamos fortes, apesar de eu me sentir fraca diante da vida: algo me diz que breve, muito breve, teremos outra anunciação igual a esta.

- que dizes nada mais é do que o coração maternal pronunciando-se.

- Bem sabes que Lia e Octavius estão unidos pelos vínculos do coração. Mantêm o sigilo, mas não poderíamos deixar de perceber tamanha felicidade em seus semblantes. Estou morrendo e temo por meus filhos. Minha presença, de alguma maneira, contém os ímpetos do general. Creio que represento um certo medo para ele. Porém, quando eu não estiver mais aqui, ele estará livre para agir de acordo com seus instintos. Ele jamais aceitará o amor de ambos.

- Deus não nos abandonará. Ele sempre esteve conosco, nos momentos mais rudes de nossas vidas, e não será agora que Ele se ausentará. For agora, repousa tranquila e não te esqueças de que ainda estou aqui: minha presença também controla o general.

Com a esperança em seus corações, aquelas mulheres mantiveram-se, renovando suas esperanças e sedimentando em Deus a coragem para seguir adiante.

Cinco meses se passaram desde o anúncio feito pelo jovem casal. Naquele entardecer, Anmina lutava, tal qual uma heroína, para trazer à vida o filho que anunciava sua chegada antecipadamente, aumentando-lhe o sofrimento. Miriam e Lia, assim como a sofrida Sofia vencendo o próprio corpo alquebrado, auxiliavam-na naquela difícil e arriscada tarefa chamada parto.

Enquanto isso, Demetrius e Octavius acalmavam o ânimo de Galenus, que buscava nos amigos a força para enfrentar os desafios de seu futuro.

O velho servo Almerio, traduzindo sua experiência, socorria as intensas dores que transformavam as faces de uma simples mulher em mãe.

Após horas de uma luta incessante, ouviu-se um choro miúdo que significava mais uma vida no chão.

Envolvidos por um clima de felicidade, todos observavam Galenus, sustentando aquele pequenino filho de Deus que se perdia em suas imensas mãos e apresentando-o com orgulho: :  
Eis meu filho! Carregará o nome de meu pai: Livius.

O carinho geral era demonstrado nos mínimos gestos, cuidados, no acolhimento fraterno ao pai, à mãe e ao filho, com extrema ternura.

Enquanto isso, no invisível, Áurea, Horacio e Tacitus derramavam sobre eles cântaros de paz. Sentindo que o ambiente se transformara como por encanto, Sofia segurou a criança em seus braços frágeis, sem sequer imaginar que o pequeno Livius era na verdade seu pai Virgilius, presenteado pela oportunidade de retornar ao seio familiar pela graça de Deus para ajustar seu próprio passado...

Cumprindo sua missão, o tempo seguiu silenciosamente e caminhou sessenta dias. Nas diversas e obsessivas tentativas de

Titus para afastar o neto do coração materno, conseguiu, com a sua influência, uma convocação para que Octavius partisse temporariamente com a legião. Mesmo contrariado, Octavius respeitava a responsabilidade e a disciplina, cumpria as ordens de seus superiores — enquanto aguardava a resposta à sua solicitação de desligamento dos campos de batalha.

Naquela manhã, na residência de Sofia, nas primeiras horas do dia, todos os servos preparavam-se para recepcionar Octavius, que retornaria após longa ausência. Miriam dedicava-se aos afazeres domésticos quando percebeu que Lia tinha a feição empalidecida. Ao sustentar um cesto nas mãos, a jovem desfaleceu por instantes. Miriam, habilidosa, imediatamente correu para auxiliá-la:

- Por Deus, filhinha querida! Estás doente?

Sofia adentrou o recinto e repetiu o gesto de Miriam e tentou auxiliar a jovem. Constrangida com a presença da mãe, Lia tentava disfarçar o incômodo físico que lhe trazia a aflição do momento:

- Não se preocupem comigo: hoje despertei indisposta.

Miriam e Sofia, após acomodarem-na, trocaram olhares experientes, porém sem repreensão. Sofia, com carinho maternal, disse:

- Sabemos que teu coração foi coroado pelo amor de meu filho. Qual é o teu infortúnio?

- Espero um filho de Octavius —, disse entre lágrimas. - Queremos somente viver em paz, sem temer a fúria de Titus e de Calpurnia.

- Filha! Tem coragem. Não podemos desviar ninguém das estradas que levam ao destino de cada um. Estou feliz, pois ambos são para mim as pedras mais preciosas com as quais fui

presenteada nesta vida. Meu coração também teme, mas Deus não nos furtará o auxílio.

Nas proximidades daquele recinto, Octavius, sem ser percebido, ouviu a conversa. Com a expressão mais pura aureolando sua feição, correu para abraçar Lia:

- Deus... Deus! Serei pai! Como agradecer tão formoso presente? Dizei-me, Senhor, como agradecer tão formosa missão de ser pai?

- Meu filho! - disse Miriam. - A missão que recebeste agora é a bênção dos céus, pois os pais são os mestres naturais dos filhos de Deus, que suplicam a indicação do caminho da luz em seus próprios exemplos.

Enquanto a família apresentava-se totalmente emocionada, uma figura inerte preenchia o recinto: o jovem Servio Tulio, porte franzino para um soldado, tinha a tez dourada pelos raios do sol e a face marcada por imensa cicatriz desenhada desde o queixo até a testa, resultante de uma batalha nos primeiros dias em que experimentou a fúria inimiga. Mesmo assim, seu rosto deformado não lhe retirava a brandura agraciada por uma voz serena que lhe atribuía candura à personalidade, tão diferente de seu pai. Octavius, com euforia, aproximou-se do confrade e com espontaneidade buscou o amigo pelo braço e apresentou-o:

I Perdoem-me! Tamanha foi a minha emoção que quase havia esquecido de que não estou só. Trago comigo um grande amigo: este é Servio Tulio.

. - Estou sendo agraciado por nosso Deus em conhecê-los. Sempre ouvi dos lábios de Demetrius e Octavius as histórias abençoadas deste solar. Rogo ao Senhor que seja eu merecedor de conviver convosco um instante de minha vida.

- Meu caro! Se és amigo de meu filho, és membro de nossa casa. Em nome de Deus, nós te saudamos.

Após as saudações, repentinamente, Octavius teve a face marcada por enorme preocupação:

- Tenho consciência de que meu avô não calará tão facilmente. Tanto eu quanto Servio aguardamos ansiosos as nossas dispensas dos campos de batalha. Estaremos em solo sangrento enquanto meu avô e Tiberinus, pai de meu amigo, exigirem de nós a dedicação às nossas carreiras. Quando Servio foi ferido pelo inimigo, ainda jovem, juramos que não morreríamos naquela condição.

- Meu querido! - disse Lia com doçura. - Apesar do medo que não é maior que meu amor por ti, agradeço aos céus por pensares assim.

- Devemos manter segredo sobre nosso filho. Não quero que nada de mal aconteça à minha família caso eu seja obrigado a ausentar-me daqui. Infelizmente, terei que agir o mais breve possível. Irei embora antes de qualquer decisão do exército quanto à nossa concessão de baixa. Não poderei deixar nosso futuro somente nas mãos do destino.

- Meu amigo! A tua preocupação é oportuna - disse Servio. - Não devemos esquecer que ainda estamos sob o julgamento de Roma e a ela devemos lealdade. Não poderemos nos ausentar de nossas responsabilidades, pois seremos punidos como desertores. Todavia, não devemos furtar nossas atenções dos cuidados com o teu filho e os teus familiares. Auxiliarei no que for necessário para prevalecer o bem sobre todos.

Minam, com uma demonstração de fé, obtemperou:

- Sigamos os nossos caminhos com elevada força em nossas almas. Nada e ninguém será soberano às leis de Deus. Não há

casualidade em nossas vidas. Somos chamados | experiência. Em algumas situações, essas experiências são cercadas de dificuldades, lutas, dores ou lágrimas, mas elas são preciosos ensinamentos que fortalecem nossa fé. Do que nos valeria atravessar a vida sem experimentar o contato com aqueles que se diferenciam de nós por condutas frias, aprisionados aos desejos dos seus corações? Não poderemos viver isolados das lições ofertadas pela grande mãe chamada vida. Onde quer que nossos medos ou angústias estiverem, o Senhor estará presente nos sustentando, sem atravessar nossos caminhos, mas seguindo ao nosso lado, abrandando e abençoando para todo sempre os nossos sentimentos e os nossos destinos.

Envolvidos pelas sábias palavras de Miriam, todos permaneceram unidos por todo aquele dia, vivendo a alegria que exalava intenso perfume sobre aqueles filhos de Deus.

Nos dias que se sucederam, a família de Sofia desfrutava a felicidade geral, em especial pelo pequeno Livius, que, com o corpo mirrado, lutava para fortalecer-se, e sobretudo por verem o filho de Lia desenvolver-se radioso, vigoroso, delineando formas tão perfeitas que somente as bênçãos de Deus poderiam ter definido.

Naquela manhã, acompanhadas por Demetrius, Lia e Anmina foram ao mercado para suprir as necessidades da residência.

Com descontração, aqueles filhos de Deus distraíam-se escolhendo frutas, alheios ao pequeno conflito iniciado por uma liteira que era agressivamente conduzida entre a plebe sofrida e, acidentalmente, foi contida quando um dos seus carregadores perdeu o equilíbrio.

A mulher conduzida, aos gritos, agrediu o humilde serviçal, culpando-o pelo ocorrido. Retirando o véu que lhe cobria as feições,

todos puderam ver o rosto de Calcurnia. Em pé entre os curiosos que se aproximavam, ela imediatamente avistou Lia. Com os olhos ardendo em uma fúria que consumia o coração e o raciocínio, Calcurnia tratou de encobrir o rosto para não ser reconhecida. Aproveitando o momento em que Lia ingenuamente mostrou-se em seu ângulo de visão, a patrícia registrou a imagem: ostentava uma criança no ventre e o pai deveria ser Octavius. Uma violenta chama de ódio acendeu-lhe na alma, mas a astuta Calcurnia não permitiu que fosse notada: ordenou imediata marcha em direção à terma onde Titus, Drusus e Tiberinus deveriam estar.

Ao chegar lá, seu hálito ofegante rasgou o ambiente sem as saudações preliminares. Assustado com a presença da irmã, Titus interrogou:

- O que fazes aqui desta maneira?
- Meu irmão! Infelizmente as notícias que trago não são as mais favoráveis para nós. Dize-me: quando Octavius retornará?
- Nos próximos dias. Felizmente ele retornou aos ofícios militares, olvidando-se daquela escrava fútil e das garras de sua mãe.
- Estás enganado. A escrava espera um filho de Octavius.
- Estás alucinada! - gritou Titus, não conseguindo conter o ímpeto diante de tão grandioso golpe. - Não é possível. Como soubeste disto?
- Deparei-me com Lia no mercado. O ignóbil condutor de minha liteira quase provocou um acidente comigo. Paramos para ajustar a marcha quando, de súbito, avistei Lia ao longe, ostentando um rebento no ventre bem desenvolvido.
- Como podes ter certeza de que este filho é do meu neto?

,

- Eu possuo meus informantes. No caminho para cá, através deles, eu investiguei a vida da família de Sofia e confirmei o que digo - disse ela, destilando desarmonia e fúria. - Além do mais, nasceu uma criança, filha de Anmina e Marcus Galenus.

Completamente fora da razão, pronunciando palavras soltas, o general sentenciou colericamente:

- Basta. Morte para aquelas malditas, a começar por Sofia.  
- Não te preocupes: ela já está morrendo. Enquanto vinha para cá, fui informada pelo condutor, que a conhece.

- Vou destruir a família de Sofia, nem que eu viva o resto de minha vida somente para assistir a essa destruição - ameaçou o velho militar e, dirigindo para Drusus os olhos vermelhos, prosseguiu: - Necessito de teu auxílio para trazer meu neto de volta ao convívio dos Gracus. Assim farei prevalecer a minha vontade.

- Auxiliarei no que for necessário. Gostaria de saber o que farei. Após as revelações da escrava Miriam quanto a Demetrius, julguei que havias esquecido essa família.

- Perdoa-me, mas és um tolo. Acreditaste que eu esqueço quem me feriu? Não esqueci ninguém, estava apenas aguardando o momento de agir. Pratico em minha vida a astúcia de um lobo: ele espreita, coloca-se belo, apresentando aparente docilidade e amabilidade, cativando sua presa e, quando todos acreditam que ele está frágil e modificado em um dócil animal, aí é o momento de atacar. Um lobo sempre será lobo, jamais se transformará em um animal domado ou adestrado no cativeiro dos homens. Sou assim e chegou a minha vez de atacar.

E, olhando para Tiberinus, concluiu:

- Chegou a hora de pagar o que me deves.

- Meu caro amigo! Bem sabes que serei fiel a ti até os últimos dias de minha vida. O que tens em mente?

- Drusus foijará uma situação de roubo e todas as acusações deverão recair sobre Lia. Neste ínterim, tu oferecerás quanto for necessário para corromper os juízes, fazendo com que eles a declarem culpada.

- Mas, se a escrava estiver de fato esperando um filho, sabes o que acontecerá com ela. Será açoitada até a morte em praça pública para servir de exemplo.

Secando o suor da fronte, Tiberinus prosseguiu, nervoso:

- Tens mesmo certeza do que queres?

- Tenho. No ato da sentença, farei Octavius escolher: ou ele abandona de vez a escrava, para poupar-lhe a vida, ou ela receberá a morte. Maior dor é ver quem amamos sofrer e, se conheço meu neto, ele escolherá a vida da escrava. Quando ele escolher a liberdade, eu mesmo farei com que ela seja morta, e tudo parecerá um simples acidente. Não posso apresentar-me diante do meu neto como verdugo por duas vezes. Quero que ele veja em mim a justiça, pois somente eu sou capaz de saber o que é melhor para todos.

- Se esta é a tua vontade, farei tudo o que me pedes.

Aqueles filhos de Deus, desafiando a justiça celeste, permaneceram unidos por mais algumas horas, ajustando os detalhes de seus planos frios, retirando do ar o perfume de esperança e alegria da família de Sofia, criando em tomo deles um império de amargas e tristes emoções.

## **CAPÍTULO VII Lições de Perseverança**

Dois dias transcorreram e, naquela manhã, Galenus apresentou-se na residência de Sofia em busca de notícias do filho e de Anmina. Desde o nascimento de Livius, Galenus dividia-se entre as

ilusões amorosas de Domenica e o amor verdadeiro de Anmina, visando proteger a sua família. Conhecedor do coração frio e insensível da jovem patrícia, mantinha as aparências de um passado para garantir a preservação de todos.

Após as saudações da família, Anmina buscou o braço de Galenus e levou seu amado para o jardim, para conversarem:

- Minha querida! Não tolero mais esta situação. Quero estar contigo e com nosso filho, porém a cada dia sinto-me mais distante. Tenho consciência de que sou um homem repleto de marcas era meu passado, mas suplico ao teu Deus, ao Deus que aos poucos vou conhecendo, que tenha compaixão de nós.

- Compreendo-te, pois também carrego dentro de mim a vontade de viver meus dias ao teu lado. Porém, devemos aguardar: esse dia está por vir.

Almerio, preocupado, aproximou-se com a triste notícia:

- Meus filhos! Nossa querida Sofia agoniza. Ela suplica a presença de todos.

Ao ouvir isso, eles foram para o aposento de Sofia. Lia, Miriam, Octavius, Demetrius e Servio Tulio mantinham-se fiéis na oração.

Quando percebeu que todos estavam presentes, Sofia lançou mão de seus últimos alentos e disse:

- Agora que todos estão aqui, posso cerrar meus olhos para este mundo. Agradeço a Deus ter podido compartilhar meus dias ao lado de cada um de vós. Trago no peito somente uma dor: a de não ter podido conceder-vos a liberdade, em especial a ti, Miriam, que jamais foi para mim uma serva, mas uma mãe.

- Minha querida! — disse Miriam com as lágrimas orvalhando o rosto. - Não turves teu coração com esses sentimentos. Sempre fomos livres. A liberdade está dentro do nosso coração e de nossa alma. Nada e nem ninguém pode sacar isso de nós. És a filha

que não pude conceber em meu ventre, mas em meu coração coroaste as tristezas e saudades com teus sorrisos e lutas.

- Sinto que chegou minha vez de partir. Desde ontem sinto que suavemente me ausento daqui, como se pudesse voar sem ter asas. Ouço a voz de minha mãezinha, fortalecendo-me a alma. Ouço a voz de Tacitus, rogando-me coragem. Somente os vossos rostos coroam-me o coração. Nada suplico a Deus em meu favor, mas rogo proteção, piedade e misericórdia a cada um de vocês, que ficarão e experimentarão as grandes emoções ou angústias desta vida em torrenciais lágrimas e alegrias. Queria poder segurar em meus braços meu neto, mas cabe-me neste momento encontrar-me resignada diante dos desígnios de Deus e compreender que a morte não é capaz de apagar ou arrancar de nós o tão fortalecido amor que nos uniu por tantos anos. Que Deus permita que, após atravessar os mistérios do túmulo, eu possa retornar para junto de vós, com a mais pura intenção de conceder-vos coragem e fé para que, fortalecidos, possam sentir que jamais estarão sozinhos.

Naquele momento, o aposento foi banhado por intensa luz, enquanto uma austera dispnéia abraçava Sofia, fazendo com que as suas forças se extinguissem. Com a feição serena e as mãos gélidas, desprendida do corpo sofrido, ela se viu nos braços de Áurea, que, juntamente com Horacio e Tacitus, mantinham-se em ardorosas preces. Sem a compreensão perfeita daquele momento, Sofia entregava-se aos amigos presentes como uma menina:

- Mãezinha! Que Deus nos abençoe. Acreditei-me morta, porém estou viva, tão viva que sinto meu coração bater dentro de mim.

- Filhinha! De fato estás viva, tanto quanto nós, pois a morte do corpo não significa a morte da alma. Sigamos para que,

em breve, possamos estar junto dos nossos amores.

- Se estou morta, onde está Pompilius? Por que ele não está aqui?

— Nosso Pompilius ainda permanece vivo na Terra, e em breve retomará aos nossos braços, mas agora silencia em oração e sigamos.

Sofia, com dificuldade, apoiou-se nos braços de Horacio e Tacitus e suavemente osculou as fronteiras de sua família, que, diante daquele instante supremo, ajoelhava-se entre despedidas e lágrimas. Nesse momento, Miriam, com sua sensibilidade, notando as presenças radiantes de seres invisíveis, orou:

— Deus! Sois a luz de nossas vidas. Ainda somos aqueles filhos que necessitam do aprendizado nas escolas das lágrimas para um dia podermos ver a claridade das vossas leis. Sois a fonte de nossa fé, elevando-nos aos céus nos momentos em que os labirintos das tormentas se aproximam com severidade e sofrimento. Sois a chuva de paz, quando estamos fatigados pelas dificuldades e provas que se aproximam como nuvens de angústia. Sois a misericórdia, esperança suprema, que agora nos conduz aos portais do vosso coração, acalentando-nos no momento desta despedida.

Com os olhos marejados, todos mantinham-se em silêncio, escutando a doce voz de Miriam ecoando naquele recinto, sem perder o brilho daquele momento, sem permitir que a dor momentânea se transformasse em egoísmo, e sim que serenasse seus corações na aceitação da vontade soberana de Deus.

Dois dias passados e as estreitas ruas de Roma enchiam-se com a notícia da morte da veneranda. Naquela manhã, no palácio dos Gracus, Títus e Calcurnia deixavam transparecer sua satisfação:

- Minha irmã! Nada poderia ser mais oportuno. Hoje mesmo farei com que a escrava seja presa.

Assim, sem perda de tempo, saíram em busca de maiores informações sobre a morte de Sofia, visando pôr em prática o sombrio plano que haviam traçado.

Enquanto isso, Domenica dominava o ambiente. Após seu banho, derramava-se em sensualidade sobre Galenus, que, trazendo o coração sofrido diante daquela morte, mantinha-se distante, calado e sério - como já era seu hábito — diante das palavras alucinadas daquela mulher:

- Quero que saibas que não me consorciarei com Octavius. Como parte do acordo que estabeleci com esses tolos Gracus, já recebi fortuna suficiente para nos mantermos ao longo de nossas vidas. Voltaremos para a Gália, concederei a tua liberdade e viveremos unidos até o final dos nossos dias.

Galenus, perturbado com o que ouvia, disse:

- Não irei a lugar algum contigo. Deves compreender e acatar a verdade: não tenho por ti um amor que possa conduzir-me ao teu lado até o final de meus dias. Prefiro ferir-te agora com a verdade do que viver esta mentira até a minha morte. Não suplicarei a tua compreensão, mas jamais foste capaz de deixar meu coração em cativeiro.

Domenica, alucinada, lançou-se contra Galenus, agressivamente:

-Cão miserável! Repudias-me? És minha propriedade e jamais te libertarás de minhas mãos. Terás a morte, eu prometo. A morte...

O jovem, percebendo que a patrícia era dominada pela loucura, saiu sem mais nada dizer, enquanto ela, entre lágrimas, gritava alucinada pelos servos e guardas para prenderem Galenus, que se perdia na bruma triste.

Na biblioteca da residência de Sofia, Octavius e Servio Tulio estavam concluindo os relatórios do exército para que pudessem o mais breve possível receber suas baixas, acompanhados por Demetrius, que se estabelecia naquele solar. Enquanto isso, Miriam, Lia e Anmina cuidavam dos afazeres domésticos. Então, vozes e gritos foram ouvidos. Um general chamado Justus, acompanhado por uma escolta de dez soldados, invadiu a casa:

— Venho em nome de Tiberinus. Onde está a escrava ladra de nome Lia?

Sem compreender a ocorrência, Octavius tentava, inutilmente, argumentar:

- Deve estar havendo algum engano. Aqui não há nenhuma ladra.

Sem querer ouvir, Justus parecia cego diante da ordem que recebera: retirou da cintura um pequeno saco contendo dois colares - jóias finíssimas. Exibindo-os friamente, continuou:

- Tenho permissão para matar qualquer um que tente esconder a mulher que roubou estas jóias da residência dos Granis.

Miriam, Lia, Anmina e Demetrius entraram no recinto. O general, alucinado, aproximou-se de Lia e Anmina, e manifestou-se aos gritos:

- Percebo de longe a presença de delinquentes. Quem é Lia?

- Sou eu, senhor - disse ela, com serenidade.

O centurião, agressivamente, segurou-a pelo braço, enquanto Octavius lançava-se sobre ele. Após pequeno tumulto, o filho de Sofia foi contido pelos soldados e tentava argumentar inutilmente:

. - Tu me conheces dos campos de batalha. Todos sabem que estas mulheres não frequentam a casa de meu avô. Como Lia poderia ter retirado essas jóias de lá?

- Quando estamos em trabalho, não possuímos amigos. A acusação e a ordem de prisão vieram de Tiberinus. '

Escutando Justus, Lia olhou com simplicidade para Octavius e tentou tranquilizar todos, dizendo:

- Meu querido! Não te preocupes comigo. Estarei bem. Nenhuma mentira dura mais do que um dia. Diante de Deus, há apenas o império da justiça e da verdade.

Justus, sem mais nada a dizer, saiu empurrando a inocente, tal qual um soldado em campo de batalha, sem respeitar o filho que ela trazia no ventre.

Servio Tulio, ao ouvir o nome do pai, não escondeu a perturbação e, junto com Octavius, seguiu em direção ao cárcere, em busca da liberdade de Lia.

No silencioso deslocamento até a sede do governo, Justus trazia uma feição de dor mesclada aos suores que orvalhavam sua face. De súbito, ordenou uma pausa. Descendo lentamente do seu cavalo, retirou um pequeno recipiente que continha um fétido unguento e imediatamente buscou retirar a armadura, como quem tentava buscar um alívio momentâneo.

Lia, observando-o, percebeu que no tronco do centurião um foco de sangue insistia em reluzir, acentuando-lhe a dor e tingindo-lhe a túnica alva. Em um gesto espontâneo e humilde, ela retirou o lenço que encobria suas melenas e pôs-se a cuidar do guerreiro ferido. Aquele homem acostumado com a rude vida do exército, jamais tendo recebido carinho igual, assustou-se:

— O que fazes? Por que me auxilias? O que queres de mim?

- Nada quero de ti além de te auxiliar: o ferimento que carregas poderá te furtar a vida. Por misericórdia, deixa-me interromper o sangue para que possas concluir a tua missão.

Uma brisa meiga soprou sobre aqueles filhos de Deus, fazendo com que o corpo de mãe que Lia ostentava se apresentasse nítido aos olhos do oficial. Naquele instante, um inexplicável sentimento invadiu sua alma e, por mais que ele se esforçasse em manter a desconfiança em sua face, o receio se perdia e o velho soldado serenava diante de tão cândida mulher, permitindo que ela se transformasse em momentânea enfermeira:

- Fui notificado de que estaria conduzindo uma ladra qualquer ao cativo. Nada foi relatado quanto a estares à espera de um rebento. Dize-me, Octavius é o pai?

- Sim, senhor. Espero um filho de Octavius.

- Apesar da difícil situação, Octavius é para mim muito caro, mesmo eu não podendo demonstrar quando estava em tua residência. O ferimento que tratas agora poderia ter sido a minha morte se Octavius não tivesse, com toda a habilidade, salvado minha vida. Quando meu agrupamento queria deixar-me para morrer na Síria, ele carregou-me sobre os ombros, trazendo-me para Roma. Devo-lhe respeito e confesso que estou confuso diante da ordem de tua prisão. Sou um homem rude e, por duas vezes da mesma fonte, recebo dedicação de pessoas que nem conheço. Sou temido por todos e por que tu não temes a mim?

- Porque creio em Deus e porque diante de mim está um homem digno e nenhuma rudeza é capaz de fazer-me esquecer da vida, das virtudes eternas de bondade e coragem que carregamos em nossas almas.

- Es conhecedora do Deus único, tuas palavras assemelham-se às de Octavius. Perdoa-me, mas não sabes o que dizes. A vida é violência e morte. Vê o que eu mesmo fiz a ti!

- A vida é eternidade e aprendizado. A violência e a morte são estados passageiros de nossos pensamentos e sentimentos. Creio que, quando o Messias chegar a este chão, sobre nós recairá a chuva de justiça e amor que somente Ele será capaz de expressar.

- Consegues me perdoar mesmo tendo eu te arrancado de tua família?

- Sim, pois sei que somente cumpres as ordens que recebeste.

Um guarda aproximou-se e disse:

- Senhor! Perdoa-me a intromissão, mas o tempo avança e nosso dever é levar a acusada para o cárcere.

Fitando Lia com um olhar compassivo, ele disse:

- Tenho que honrar meus deveres. Devemos seguir.

Apressando-se para terminar o curativo improvisado, ela concluiu com brandura:

Sim, temos que seguir, devemos cumprir nossas missões.

Embragado pela rápida conversa, Justus aprumava-se sobre cavalo, enquanto a escolta seguia silenciosa sob suas ordens.

Ao chegar ao cárcere, enquanto Justus registrava o término da tarefa, um soldado encaminhou Lia até a cela onde ela permaneceria por dois dias, até o seu julgamento. A jovem, não suportando a agressividade das mãos do soldado, que a empurrou com severidade, caiu no chão, enquanto ouvia a porta cerrar-se sobre sua liberdade. Com medo, porém sem abandonar a fé, ouviu uma sofrida voz chamá-la:

- Lia? Deus não pode ser tão bondoso.

Assustada, ela caminhou lentamente, aproximando-se daquele homem totalmente ensanguentado, com ferimentos de severo açoite, tentando identificar-lhe a face totalmente transfigurada:

- Deus! Galenus! O que aconteceu contigo? - espontaneamente tentava acomodá-lo, limpando-lhe o sangue.

- Infelizmente sofro as consequências de meus próprios atos. Ao confessar a Domenica que não mais viveria uma mentira ao seu lado, ela ficou alucinada e mandou-me para o cárcere, debaixo de chibata.

Buscando no ar um alívio para seu sofrimento, ele prosseguiu:

- Pelo que pude compreender, vamos ser sentenciados juntos.

— Acusam-me de furtar jóias da residência dos Gracus. Porém, até o momento, não compreendo ao certo o motivo dessa encenação. Sei que sou inocente e que isso, diante de Deus, basta. Não devemos perder a fé. Devemos ter coragem.

Em seus sofrimentos, ambos consolavam-se, aguardando o julgamento.

Após os cuidados de Lia, Galenus vencia as agressões sofridas. Sua face já poderia ser identificada, apesar dos severos hematomas.

O frio cárcere que os retinha mantinha-se aquecido pela conversa com que ambos relembravam fatos de suas vidas e os sonhos de perpetuarem suas famílias. Então, a porta de ferro anunciou a chegada de alguém. Com a pouca luz disponível, Lia tentava identificar a visita inesperada. Retirando o capuz que lhe encobria a cabeça, Domenica trazia uma feição modificada. A beleza e os excessos haviam sido esquecidos: a sua alterada face, com traços alucinados, era digna de misericórdia. Ignorando a presença de Lia, ela seguiu em direção a Galenus, que, acorrentado, não teve sucesso em esquivar-se. Após pronunciar palavras desconexas e juras de amor, a patrícia disse:

- Relevarei todos os teus feitos. Farei com que esqueças aquela desprezível e insignificante mulher e aquele que dizes teu filho. Pãr- tiremos e viveremos um para o outro. Es meu, minha propriedade e nada nem ninguém te afastará de mim. Dize-me uma só palavra e eu te retirarei deste cárcere fétido.

- Não poderei viver ao teu lado mentindo e fingindo. Compreende que o que sentes não é amor, mas sim amor-próprio ferido. Prefiro a morte a viver renegando Anmina e Livius, meu filho.

Encolerizada, Domenica esmurrava Galenus, que recebia a demonstração de ódio sem poder afastar-se. Em um ato impensado, antes de Lia poder manifestar-se em favor de seu amigo, Domenica, completamente fora de si, retirou de uma pequena bolsa um punhal e lançou-se contra o jovem, perfurando-lhe o braço.

-Terás a morte, eu juro. Perseguirei a ti e aos teus até o final de minha vida e, se possível, até depois da minha morte. Eu juro/

Presenciando a cena, um soldado retirou Domenica, que gritava palavras desconexas e alucinadas.

Percebendo a delicada situação do amigo, Lia apressou-se em pedir unguentos aos guardas para poder tratar do ferimento. Na carceragem, os soldados haviam sido orientados para dar tratamento diferenciado àqueles cativos, atendendo-lhes prontamente. Galenus sofria resignado, enquanto Lia tratava-o como uma enfermeira bondosa.

— Tenho gratidão em meu coração, pois Deus enviou-te até as trevas para trazer-me um pouco de luz. Envergonho-me desta cena que presenciaste.

- Não te envergonhes, nosso passado I o mestre do nosso presente e não devemos ignorar os nossos erros, pois eles nos

renovam a cada dia. Tenha fé para não desistirmos de viver.

E a noite avançou sobre aqueles filhos de Deus, que aguardavam mais um nascer do sol naquele momento tão encoberto pelas trevas.

## **CAPITULO VIII Desconhecido Amanhã**

Dois dias haviam transcorrido e, na sede do governo, no grandioso salão de mármore, nunca tantos homens públicos haviam se reunido para julgar caso tão simples e corriqueiro. Todos encenavam, orientados por Titus, Drusus e Tiberinus, que os mantinham sob acordos e promessas de facilidades e ganhos em suas vidas pessoais. Além daqueles homens públicos, as amargas figuras de Calcumia e Domenica estavam presentes.

Lia adentrou o recinto apoiando Galenus, coberto de chagas. Cirinus levantou-se e leu as falsas acusações, que não possuíam fundamento:

- Esta mulher e este homem foram acusados do roubo de dois colares pertencentes a Calcurnia, irmã de Titus.

Octavius, indignado, ouviu aquelas duras palavras e atreveu-se à defesa:

- Senhores! Estou diante de homens inteligentes. Esta mulher não poderia ter retirado da casa de minha tia essas jóias. Ela sequer possui livre acesso àquele solar. Como podem acusar esses inocentes? Em nenhum campo de batalha presenciei tamanha crueldade. Estamos deixando de ser humanos para sermos animais.

Após pequena agitação e infundadas acusações, Cirinus, sem se impressionar com as palavras de Octavius, leu rapidamente a sentença:

- Ambos serão chicoteados até a morte. Somente será concedida a liberdade aos pobres infelizes se Titus Gracus, com

sua misericórdia, manifestar-se a favor deles. Mesmo assim, se livres, deverão partir de Roma e jamais poderão retomar.

O semblante de Octavius se transformara e o desespero tomava conta dele, quando Titus aproximou-se e em voz quase inaudível disse:

- Se quiseres, poderás salvar a escrava.
- Dize-me, por misericórdia, o que terei de fazer?
- Quero que retornes ao convívio da nossa família, concedendo a continuação de meu nome com a mulher que eu escolher e a permanência no exército para exercer os ofícios a ti designados, tomando a patente de general em futuro próximo.
- É muito o que me pedes. Ao certo, tua ganância há de querer muito mais do que isso.
- Sim: quero que me prometas que nunca voltarás a ver a escrava e que renegarás o filho que ela carrega no ventre. Assim, eu garantirei que ela vai sumir de Roma e nunca mais te encontrará.
- E Galenus? Permitirás que ele parta de Roma com vida?
- Não tenho interesse algum nesse cão miserável, mas, se queres, poderei ter compaixão desse ignóbil.

Os soldados seguravam os dois filhos de Deus, encaminhando-os ao cárcere, para execução da sentença nas primeiras horas do dia seguinte. Octavius, com visível desespero, não hesitou e manifestou-se:

- Eu aceito. Porém, garantirás que nada acontecerá a ela, e nem ao meu filho e nem a Galenus, pois serei capaz de matar-te sem piedade. Permitirás que partam de Roma em total segurança.

Demonstrando nítida satisfação, Titus discursou aos patrícios presentes:

- Como sou misericordioso, deixarei minha clemência recair sobre esses infelizes. Os deuses sussurram em meus ouvidos suplicando este ato ilustre. Nesta noite, os ignóbeis deverão se ausentar de Roma e nunca mais poderão pisar aqui. Quanto a ti, meu neto, ficarás sob a guarda destes homens - nisto, o general apontou dois dos seus soldados — para que não cometas nenhum ato impensado.

Lia, assustada, olhou para Octavius sem compreender as ocorrências. Justus, com disciplina militar, percebeu os fatos e colocou-se no lugar do soldado que segurava o braço da escrava, retirando-a, juntamente com Galenus, em direção ao cárcere.

Aquele alegórico agrupamento foi desfeito, enquanto Octavius e Servio foram conduzidos para o salão ao lado. Sem perceber, Drusus e Tiberinus mantinham-se em conversa, alheios às presenças dos jovens soldados:

- Tudo está preparado de acordo com os nossos planos - disse Tiberinus, com satisfação. - Hoje à noite, uma caravana será organizada sob a liderança de Justus, que conduzirá Lia e Galenus para fora desta cidade. Titus, com sua astúcia, ofereceu bom dinheiro para a dois soldados dessa escolta para que executassem os escravos.

- E Justus? - perguntou Drusus. - Ele sabe dos nossos objetivos? O que faremos com ele? Não devemos nos expor. Não poderemos cometer nenhuma falha.

- Não te preocupes! Eu já me encarreguei deste assunto. Ele sequer desconfia. É um soldado e vive sob o orgulho de um código de honra e honestidade que não existe para nós. Eu mesmo o eliminarei. Assim, nada poderá sair errado.

- Titus ficará feliz. Acabaram-se os problemas de sua família.

Drusus saiu rindo, enquanto Tiberinus foi surpreendido pela presença do filho e de Octavius, que imediatamente disse:

- Não posso acreditar que tudo isso tenha sido uma armação de meu avô, de Drusus e tua. Em respeito a Servio, nada farei a não ser desprezar-te pelo resto de meus dias.

Octavius, acompanhado dos dois soldados, deixou o recinto, enquanto Servio secava uma lágrima tímida:

— Meu pai! Envergonho-me do que acabo de ouvir. Jamais julguei um ato teu, mas agora parece-me um estranho verdugo. És sanguinário e egoísta, jamais foste meu amigo, sempre me repudiaste devido à deformidade que carrego. Encontrei amigos nessa família que, com teu amigo, mandaste para a morte.

— Cala-te, filho ingrato. Fiz tudo isso para garantir o nosso futuro e a tua permanência no exército. Sempre foste um fraco, mesmo eu tendo me esforçado para transformar-te em um homem. Após esta noite, quando eu acabar com a vida de Justus, assumirás o lugar do centurião e aí terei orgulho de ti, como Titus tem de Octavius.

- Não quero o lugar de Justus, assim como não permitirei que nada de mal aconteça à família de Octavius. Prometo que, enquanto eu viver, estarei ao lado deles, protegendo-os como se fossem meu sangue. Es cruel e tua crueldade será reservada somente para os teus devaneios. Quanto ao que sinto por ti, não seria diferente da piedade que tenho por tua alma insana.

- Ofereci-te tudo o que de melhor um pai pode oferecer a um filho e agora acusas-me de insano? De hoje em diante, nada terás de mim, e não ouses chamar-me de pai. Sairás de minha casa levando somente o que possuis agora em teu corpo, e nada

mais. Se assim preferes, nada mais tens a fazer perto de mim. De agora em diante, não serás meu filho.

Com violência, Tiberinus, alucinado, esbofeteou o filho e deixou o recinto pisando duro. Octavius, ouvindo a conversa da sala ao lado, retomou atônito, a tempo de ver o patrício sair. Servio, ajoelhado como quem recebera um golpe no peito, olha para o amigo e confirma as intenções do pai, de Titus e de Drusus, e então deixa as lágrimas caírem, tal qual um menino. O neto do general, com precisão, disse:

- Meu amigo! Nada poderei fazer fora deste edifício, pois estou sendo vigiado. Rogo-te que comuniques a Miriam e Demetrius todas as ocorrências. Preparem tudo o que puderem, pois hoje nós iremos embora de Roma. Não partirei sem minha família, inclusive Almerio, Anmina e Livius: se ficarem, eles morrerão. Em memória de minha mãe, a nossa história familiar não terminará nas mãos de meu avô. Não posso agora agir movido pelos meus sentimentos; devo agir e pensar como um soldado.

- Para onde pretendes ir? - perguntou Servio com interesse.

- Iremos para a Grécia, terra de Miriam e Demetrius. Enquanto tu seguirás para ajustar os detalhes da viagem com os demais, eu falarei com Justus, pois ele foi meu amigo nos campos de batalha e agora suplicarei o auxílio dele.

- Irei o mais breve possível, porém permite-me partir com vocês.

— Não compreendo. Queres seguir conosco? Sabes das limitações e dificuldades que enfrentaremos nessa difícil viagem? E teu pai?

- Nada mais tenho a fazer nestas paragens. Suplico-te que permitas que eu siga convosco.

Sem impedir as lágrimas que lhe lavaram a face, continuou:

-Tenho consciência das limitações e dificuldades de um recomeço: sou um soldado. Rogo que não olhes para mim como se eu fosse um reflexo da mente ensandecida de meu pai, mesmo tendo ouvido as suas palavras duras. Não estou fugindo, mas sim recomeçando.

- Como poderia dizer não? Iremos todos.

Em rápida despedida, Servio Túlio abraçou o amigo e seguiu para encontrar Miriam e Demetrius.

Em um pequeno compartimento na sede do governo, Justus apresentava-se forte. Como por encanto, a ferida que lhe ulcerava o corpo estava praticamente curada, após o limitado auxílio que Lia lhe havia oferecido. Octavius, livrando-se astutamente dos soldados que o vigiavam, adentrou a sala sem ser anunciado:

- Perdoa-me o infortúnio, mas venho diante de ti implorar auxílio. Bem sabes das ocorrências recentes.

- O que queres de mim? Titus foi misericordioso e concedeu vida aos condenados. Não sei em que posso ser útil.

- Tudo que presenciaste foi uma encenação de meu avô. Hoje ele executará Lia e Galenus.

- O que dizes? Não pode ser possível! Eu mesmo fui designado para conduzi-los em segurança para fora de Roma. Desconheço este mórbido plano.

- Acredita em mim, por misericórdia. Após a execução de Lia e Galenus, tu também serás morto. Quero a tua ajuda para que possas levar minha família para bem longe daqui. Além do mais, Lia carrega um filho meu.

0 centurião levantou-se e, com a destra segurando o queixo, caminhou pensativo. Minutos depois, disse:

— Não consigo compreender, mas a tua história me atordoa. Apesar de minha espada marcada pelo sangue que derramei um dia, fui treinado para defender as leis justas e não a insanidade egoísta de homens sem escrúpulos.

Fez uma breve pausa para respirar e continuou:

- Terás meu auxílio, mesmo consciente de que serei sentenciado por isso. Salvaste minha vida, sempre admirei teus feitos e isso é o mínimo que poderei fazer.

Ajustando a armadura, como quem se prepara para sair, concluiu:

— Aguarda-me logo mais nas proximidades. És um soldado e ao certo não terás problema em livrar-se desses guardas que te escoltam. Eu mesmo farei com que Lia e o escravo sejam salvos. Contratarei alguns infelizes que conheço e eles, ao meu sinal, renderão os homens que estarão comigo, e assim simularemos um assalto comum.

- Serei grato a ti por toda minha vida.

Dito isto, despediram-se.

A noite avançava. Com uma escolta de três guardas desconhecidos, Justus buscou Lia e Galenus para conduzi-los até o porto.

O caminho era agraciado pela luz lunar. Justus, com astúcia militar, agiu de acordo com o planejado. De súbito, um grupo de quatro homens aproximou-se, rendendo os soldados, inclusive aqueles contratados por Titus: sem esperar tal surpresa, eles caíam desacordados. Imediatamente, Octavius, Demetrius e Servio fizeram-se presentes. Octavius abraçou Lia com ternura, ao que ela retribuiu calorosamente.

Então, outro agrupamento aproximou-se e Justus, com destreza, temendo alguma represália, ordenou:

- Escondam-se entre aqueles arbustos até que eu consiga dispersá-los.

Obedecendo, aqueles filhos de Deus mantinham-se escondidos. O novo grupo parou e Tiberinus desceu da montaria, interrogando Justus:

- Tinhas uma missão. Cumpriste com precisãq?

- Senhor, fomos atacados por marginais e os homens que seguiam comigo estão desfalecidos. Os marginais executaram os dois escravos, quando tentavam fugir. Seus corpos foram lançados no rio. Consegui, com muito esforço, manter-me vivo.

Acreditando que a história relatada abrandaria aquele homem, Justus não percebeu que Tiberinus mantinha-se disposto em tirar-lhe a vida. Sem dizer qualquer palavra, com frieza e rapidez, o pretor retirou um punhal da cintura e lançou-se contra o soldado, ferindo-lhe o abdome antes que pudesse se defender. Não suportando o inesperado golpe, Justus caiu ensanguentado. O patrício saiu rapidamente, para evitar quaisquer suspeitas contra seu nome.

Observando a cena, Servio demonstrava repentina cólera contra seu pai, mas foi contido por Octavius até que Tiberinus desaparecesse na noite. Após estarem assegurados de que todos os perigos haviam passado, aproximaram-se de Justus, que ainda estava vivo, embora gravemente ferido. Servio chorava, envergonhado dos atos do pai:

- Não poderemos deixá-lo aqui. Eu mesmo o carregarei em meus braços. É o mínimo que poderei fazer para limpar a honra de meu pai.

- Nossa viagem será difícil — disse Octavius. — Nosso agrupamento sofrerá privações de todas as espécies. Miriam e Almerio carregam o peso da idade avançada. Galenus e Justus

estão feridos. Lia está à espera de um filho. Anmina leva o pequeno Livius.

Demetrius, interrompendo as observações de Octavius, repousou a destra no ombro do patrício e disse, estimulado:

- Esqueceste de mim: também estou envelhecido. Mas asseguro-te de que chegaremos ao nosso destino no tempo certo. Mesmo que essa viagem demore, chegaremos aonde Deus nos encaminha. Sigamos, pois Miriam e Almerio nos aguardam.

Dispostos a vencer a longa viagem que não duraria menos que um mês, entre privações e medo, seguiram confiantes para os braços da Grécia, deixando para trás a grande mãe Roma, que guardava todos os fatos de suas vidas e todos os sonhos não-realizados em seus corações.

Acreditando que havia eliminado Justus, Tiberinus encaminhou-se diretamente à residência de Titus para relatar-lhe as ocorrências: -Tudo feito como planejaste. Justus está morto.

O general, alheio à fúria do neto, brindava o êxito, sem saber que Octavius o havia abandonado de vez:

- Agora, diga-me: onde está meu neto?

Tiberinus, engasgando-se com o vinho, disse:

— Ninguém sabe de seu paradeiro, assim como ninguém sabe de meu filho.

Titus, com os olhos avermelhados, ordenava aos gritos a presença do chefe da guarda e lhe determinava:

- Coloquem todos os homens que forem necessários e achem meu neto. \fasculhem cada vilarejo, matem quem omitir uma informação, mas tragam-no de volta para que eu mesmo o execute.

O chefe saiu para organizar a expedição, enquanto os dois patrícios mantinham-se em planos frios e hostis, envolvidos pelo ódio que transbordava de seus corações infelizes.

## **CAPÍTULO IX O Reencontro e o Iluminado Nascimento**

A viagem foi difícil e demorada. Privações de diversas naturezas abraçaram aqueles heróis, que venceram os dias sem luzes, obrigados a continuar sempre, com coragem e paciência.

Os homens traziam uma feição envelhecida pelas barbas que lhes encobriam as feições. Os convalescentes, martirizados pelo sacrifício, seguiam entre a vida e a morte. Livius, frágil, exigia extremos cuidados da mãe. A velhice impedia uma marcha rápida, enquanto a criança no ventre de Lia crescia aconchegada pelo carinho de Octavius, que a todo momento demonstrava a satisfação e o orgulho pelo filho esperado. Somente a coragem vencia o medo e em silêncio eles lutavam contra a vontade de reclamar.

Assim a caravana seguia. Nos olhos, o brilho daqueles que levam um único objetivo, um único sonho. No coração, a esperança de viverem um pouco de paz, coroada pelo amor que os unia.

Certa manhã a embarcação humilde aportou na Grécia, entregando aqueles homens e mulheres aos seus destinos.

No convés, Miriam fixava o horizonte e cada onda do mar. Seus olhos fechavam como os de quem mergulha no fundo da alma, vasculhando no passado as recordações felizes de um tempo que não volta mais.

Com sua voz forte ordenando o desembarque, Octavius despertou a nobre mulher de seus sonhos:

— Vamos, chegamos! Quero acomodar todos rapidamente, pois estamos exaustos.

— Sim, meu filho. O tempo parece que retornou às minhas mãos. Infelizmente, não posso dizer que estou igual ao dia em que parti daqui, pois ninguém fica detido no tempo. Mas confesso-te que retomo melhor do que um dia fui. Parti sozinha e conheci Tacitus, irmão de meu coração. Agora volto trazendo comigo uma família.

Quando a ordem para desembarcar foi efetivamente lançada ao ar, aquele agrupamento pôs-se a descer. Servio saiu em busca de um transporte, pois ainda estavam a um dia de marcha do destino final. Enquanto isso, os demais assistiam, respeitosamente, à atitude de Miriam.

A velha serva ajoelhou-se humildemente nas areias quentes em profunda meditação, emocionada. O ir e vir das ondas do mar brincavam com ela, como se reconhecessem alguém muito amado, que retomava após muito tempo de ausência, e, majestosamente, saudavam aquela mulher depois de tantos anos.

Miriam chorava e enchia as mãos envelhecidas com a areia molhada, como se elas fossem capazes de abraçá-la ou de trazer de volta quem um dia amou com todas as forças de sua alma, com um amor que se vive somente uma vez.

Servio retomou com um carroção e Demetrius, compreendendo o gesto de Miriam, disse:

- Compreendo-te a emoção, mas devemos seguir: eu também tenho um passado a conhecer.

Com bondade, segurou-lhe os braços, acolhendo-a com amor.

Terminava a tarde quando avistaram ao longe um casebre humilde, recoberto de paz e luz. As luminárias simples, distribuídas harmoniosamente, haviam sido acendidas há pouco.

Miriam, Demetrius, Octavius e Servio desceram, na tentativa de encontrar alguém que residisse naquele lugar. Observando a varanda, depararam com um leito fixo, como se fosse utilizado com frequência. Antes de baterem à porta, Miriam disse:

- Não há ninguém em casa. Olhem para o céu. É hora de descermos a colina para esperarmos as embarcações pesqueiras.

Todos obedeceram silenciosamente, enquanto a veneranda e Demetrius iniciavam a lenta descida em direção ao mar. Servio, com respeito, disse:

- Octavius, vá com eles. Permanecerei aqui com os demais e os manterei acomodados na varanda até o vosso retorno.

Assim, os dois homens apoiavam Miriam no sofrido declive, quando ela avistou uma velha mulher sentada em um tronco de árvore, como quem aguarda alguém. Octavius e Demetrius observavam Miriam aproximar-se sem ser vista. Suas pernas mal conduziam-lhe os passos. Com brandura, ela colocou a destra no ombro daquela mulher:

- Hannah! Minha querida Hannah...

A mulher virou-se e não foi capaz de esconder o susto e a felicidade - como uma criança, saltou num abraço afetuoso, entre gritos alegres:

- Miriam! Por Deus! Acreditei que estivesses morta. Que os céus te saúdem. Cimiotis não acreditará no teu retomo.

Hannah apontou para o mar: uma embarcação singela lutava contra as ondas e os pássaros que sobrevoavam os peixes frescos. Apresentando as marcas do tempo, Cimiotis saltou do barco, seguido de um jovem chamado Julius, que compartilhava do humilde ofício da pesca. Ambos puxavam o barco para a praia, auxiliados por outros pescadores que assim lhes demonstravam

amizade e apreço. Hannah para eles correu, segurando a mão de Miriam:

- Meu querido! Deus não se olvidou de nós! Nossa Miriam voltou, voltou.

Cimiotis, certificando-se de que o barco estava firme na areia, largou as cordas e, assustado, estendeu os braços em direção à cunhada:

- Não pode ser possível o que vejo! Minha cunhada, nossa menina. Deus é misericordioso. Quais os ventos que te trouxeram para cá? Após tantos anos, quisera eu poder ter meu irmão aqui para saudar tão precioso retorno. Recordo-me de ambas jovens, aguardando nossa chegada do mar, com nosso filhinho, neste mesmo lugar. Ah! Recordações que o tempo não foi e nem será capaz de roubar de minha alma.

Octavius, ao lado de Demetrius, assistia a tudo. Miriam, respirando profundamente, buscou o ex-gladiador pelo braço e apresentou-o:

— Meu cunhado, minha cunhada: vosso filhinho está aqui. Hoje é um homem que retorna aos vossos braços.

Cimiotis, banhado em lágrimas, retirou o turbante que escondia seus cabelos nevados dos impiedosos raios do sol ardente. Aproximava-se lentamente, na tentativa de reconhecê-lo:

— Perdoa-me, mas nosso Demetrius morreu naquela noite, quando, sob as ordens do general Titus, Horacio recebeu a sentença do túmulo e tu, o brasão do cativo. Como pode este homem ser nosso filho?

- Quando parti, deixei a promessa de retornar. Passei todos esses anos acreditando na morte de Demetrius, até que um dia, muito próximo, Titus revelou-nos que o nosso pequeno havia sido entregue para ser treinado como um gladiador. Deus, em sua

bondade, fez com que eu o conhecesse jovem, cheio de vida. Ele está aqui e, creiam, terão o orgulho de seus feitos: ele é um homem digno e um verdadeiro filho de Deus.

Demetrius escondia a face marcada entre as mãos, sem conseguir conter lágrimas convulsionadas que desciam como um ribeirão que busca o caminho do mar. Hannah segurou-lhe as mãos carinhosamente, osculando-as com ternura. A emoção era conselheira daquele casal. Cimiotis, sem mais perguntas, disse:

- Meu filho! Meu filho, sê bem vindo ao teu lar e à tua família.

- São nobres demais e ao certo não terão orgulho de meu passado marcado.

- O passado não importa: és nosso filho, um pedaço vivo de nosso amor e de nossos corações.

Entre abraços emocionados, mãe, pai e filho registravam em seus corações o encontro amoroso. Ao longe, todos assistiam à cena. Julius, interrompendo aquelas demonstrações de amor, segurou Pompilius nos braços, acomodou-o em um assento improvisado que iria servir de apoio até o casebre na colina. Com a feição escondida atrás de longa barba e de tez dourada, Pompilius arriscou uma frase ao ver Miriam:

- Ora, ora! Minha mãezinha do coração não reconhece o filho do passado, que não te saúda em pé, mas te honra louvando o Senhor pelo teu retomo?

Miriam ouviu as palavras de Pompilius e aproximou-se, ajoelhando-se diante dele:

- Pompilius! Estás vivo. Teu próprio pai havia dito que estavas morto. Deus! Por que Titus não permitiu que fosses feliz ao lado de Sofia? Ela viveu seus dias sustentada pelas recordações dos momentos em que viveram a plena felicidade.

- Dize-me: onde está minha Sofia?
- Infelizmente está morta.

Diante da dor que atravessava o peito de Pompilius, Miriam levantou-se e silenciosamente buscou Octavius pelo braço:

- Não pude trazer tua esposa, mas aqui está teu filho.

Octavius, sem compreender completamente, ajoelhou-se respeitosamente diante do pai, que lhe segurou as mãos. Ambos reconheciam-se e firmavam suas afeições, abraçando-se.

- Pai! Meu pai que somente conheci nas palavras doces de minha mãe. O que aconteceu contigo? Por que estás sem mover-te?

- Minha história é longa, assim como as vossas devem ser. De agora em diante, teremos muito tempo para conversarmos sobre nossas vidas.

Octavius, Demetrius e Julius carregavam Pompilius, enquanto Hannah e Cimiotis seguiam em direção ao humilde casebre escutando as histórias de Miriam com atenção e pesar. Ao chegarem, após as rápidas apresentações, todos foram acomodados. A partir daquele momento, aqueles filhos de Deus seriam uma só família.

Noventa dias se passaram. Galenus encontrava-se recuperado e, juntamente com Octavius e Servio Tulio, aprendia com Pompilius o ofício de oleiro na oficina construída por Cimiotis para que o patrício pudesse trabalhar sem que as limitações de suas pernas interrompessem a caminhada de sua vida. Demetrius acompanhava Cimiotis na pesca, enquanto Justus, ainda convalescente, ia se recuperando do ferimento sob os cuidados de Miriam.

Naquela manhã, todos haviam saído para suas tarefas, apenas as mulheres permaneciam em casa, com seus afazeres,

acompanhadas do Velho Almerio. Sustentando-se com um cajado, ele se mantinha em bom ânimo e as acompanhava na dedicação ao pequeno Livius.

Lia, prestes a dar à luz o seu filho, não havia parado de trabalhar. Após ter recolhido alguns frutos silvestres, ela vinha caminhando lentamente quando, perto da varanda, deixou o cesto cair de suas mãos. Anmina, vendo o sofrimento da amiga, correu para auxiliá-la:

- Minha querida! Chegou a tua hora. Vamos, não temas: o teu filhinho quer ver a luz do dia.

Com dificuldade, Lia caminhou em direção ao leito, sem permitir que as dores apagassem a paz que delineava sua face branda.

A notícia da chegada do filho de Octavius e de Lia fez-se conhecida por todos - até por Cimiotis, que ainda não havia lançado a embarcação ao mar e, assim sendo, retornou. Octavius, muito nervoso, era acalmado pelo pai e por Demetrius, enquanto Miriam, Hannah e Anmina revezavam-se para auxiliar Almerio, que destramente cuidava da jovem - e ela se mantinha serena, apesar da intensa dor.

O ambiente era inundado por um perfume singular, fazendo com que Lia suportasse o padecimento com resignação. Por fim, seu filho presenteou-a com um nascimento rápido e fácil, abreviando o sofrimento daquela mãe.

O recinto foi invadido por um choro fino, anunciando a chegada da nobreza dos céus à escola do chão, coroando aqueles corações com a doce figura daquele filho de Deus. Octavius, sem conter-se, invadiu o aposento e correu para abraçar Lia:

- Como estás? Que Deus abençoe este momento.
- Estou bem, muito bem.

Miriam, sorrindo, segurava a pequena criança entre os panos alvos. Com orgulho, acomodou-o nos braços desajeitados de Octavius:

- Deus concedeu-me a formosa oportunidade de ver duas gerações passarem pelas minhas mãos. Eis teu filhinho.

E Octavius, orgulhoso, apresentava o menino a todos. Acalentando o filho, ele sentou-se ao lado de Lia. Emocionada e visivelmente cansada, a nova mãe secou as lágrimas de Octavius e disse carinhosamente:

- Quero pedir-te algo. Quero que nosso filho receba o nome de Apolonius Copemicus.

- Seja feita a tua vontade.

E, dizendo assim, começou a orar:

- Senhor eterno das verdades e das luzes, a quem ainda não somos capazes de compreender. Sem nada vos ser pedido, acomodastes nossos corações fatigados em vossas mãos, quando estivemos distantes de vosso amor e dos vossos ensinamentos, padecendo amargos prazeres. Somente lágrimas e sofrimentos foram capazes de ajustar os nossos passos e nossos destinos. Somos vossos filhos, mas ainda necessitamos transformar nossas vidas em conscientes seguimentos que nos levarão até o vosso coração. Vivemos nossas histórias entre lutas e desenganos, mas vossa luz sempre foi presente entre nós. Somos gratos pela vossa bondade e seremos vossos servos, até os últimos dias de nossas vidas.

No invisível, as lágrimas de Horacio e Áurea banhavam todos, entre as bênçãos do céus e a beleza do retomo de Jeremias ao chão na roupagem humilde de Apolonius Copemicus.

Enquanto a felicidade abençoava aqueles filhos de Deus, na residência de Títus, naquela mesma noite, Calcurnia e Drusus,

sentados em um divã, planejavam uma festa para o dia seguinte. Súbito, Domenica, totalmente alucinada, dizendo palavras desconexas, aproximou-se com um cálice de vinho:

- Queridos titia e titio! - disse com ironia. - Trouxe vinho.

- Minha querida! Estás convalescente e mesmo assim te preocupas conosco - disse Calcurnia, sem ousar contrariá-la e já tentando livrar-se da jovem. - Creio que devas descansar. Após todas aquelas ocorrências, há de volver à Gália.

- Se não fossem tu e meu tio, eu estaria ao lado de meu Galenus. A vida sempre será responsável pelas nossas vinganças. Se a vida não for capaz disso eu mesma farei com que ambos sejam sepultados e devidamente esquecidos.

A jovem saiu e o casal, sem dar importância às suas palavras, prosseguiu a conversa que vinha mantendo, recolhendo-se em seguida.

Já noite alta, Domenica espreitava Calcurnia e Drusus. Quando certificou-se de que eles haviam adormecido profundamente, entrou no aposento e, com a habilidade de quem conhece os animais ferozes que eram seu divertimento, abriu, na proximidade do leito,

um cesto com três serpentes venenosas. Cuidadosamente, permitiu que as víboras deslizassem sobre os corpos adormecidos.

Calcumia moveu-se inconscientemente e, em um gesto espontâneo, confrontou-se com as suas temporárias inimigas que, sentindo-se ameaçadas, atacaram a patrícia, a qual sentiu imediatamente as mordidas, despertando de pronto. Na sequência, Drusus, acuado, sem conseguir tempo suficiente para livrar-se daquela situação, recebeu a mesma sorte de sua esposa.

Sem que ninguém percebesse a sua presença, a sobrinha de Drusus, aguardando pacientemente o momento justo, assistiu às mordidas fatais demonstrando alucinada satisfação.

Após seu feito, Domenica foi para o salão e, junto à fera que mantinha como animal de estimação, tomou um veneno misturado ao vinho.

Aqueles três filhos de Deus foram abraçados pela morte. Livres dos suplícios de seus corpos, não perceberam a presença de Áurea, Tacitus e Horacio — que bondosamente colocavam-se à disposição para auxiliá-los na difícil empreitada de transpor os obstáculos do túmulo até a vida eterna. Entre injúrias, reclamações e total apego aos corpos inertes, entre culpas e egoísmos, tios e sobrinha continuavam sua recíproca perseguição.

Pela manhã, uma serva foi aos aposentos e encontrou o casal inerte e, em seguida, o corpo de Domenica. Aos gritos, acordou Titus. O general, observando-os, ordenou que fossem preparados para o sepultamento.

Após o sepultamento, Titus, ao lado de Tiberinus, recebia os pesares dos patrícios. Entre um cumprimento e outro, um general chamado Sétimo Centurus, alardeando falsos sentimentos e aproveitando-se do momento, aproximou-se do general e disse:

- Diante desse quadro tão triste, trago-te boas novas: minha legião encontrou o teu neto.

A feição de Titus transfigurou-se em ódio latente. Toda a encenação de sofrimento pelas mortes de Calpurnia, Drusus e Domenica desapareceu e seus propósitos voltaram-se imediatamente para Octavius:

— Deixemos esse sentimentalismo para depois. Onde está aquele ingrato?

- Minha legião estava na Grécia, em missão sigilosa. Para minha surpresa, encontrei teu neto e Servio Tiilio. Ambos trajavam vestes simples e circulavam pelo comércio. A vida possui suas ironias. Octavius, apesar da juventude, é um homem brilhante e respeitado por todos que com ele compartilharam seus dias de apogeu junto ao exército. Um exemplo de justiça e amizade em um meio tão frio e egoísta. Sei que não esquecerás de mim, depois desta preciosa informação.

- Tenha certeza de que não esquecerei de ti - disse Titus, com os olhos rajados de ira. - Não perderei mais tempo por aqui. Organiza uma legião e prepare-a para a guerra sob meu comando. Massacraremos a aldeia em que meu neto está. Não quero escravos e não quero nada além da morte de todo o lugarejo. Fechem o porto e mataremos, em especial, um grupo de aldeões pescadores pertencentes à casta de Miriam. Não sobrá mais ninguém da linhagem de Áurea para desafiar-me. Darei um fim a essa família. Viverei somente para massacrá-los.

O general saiu sem nada dizer. No dia seguinte, sob as ordens de Titus, a legião pôs-se em marcha. Os soldados seguiam nas embarcações de guerra, alheios aos reais objetivos daquela expedição. Levavam armamento para conquistar uma enorme porção de terra, alargar as extensas fronteiras de Roma. Não tinham a consciência de que estariam enfrentando um agrupamento de inocentes submetidos à vingança pessoal e cruel de um homem distante da lucidez.

Duas noites antes da chegada dos soldados, Pompilius, Octavius, Servio e Justus estavam na varanda, conversando animadamente. Apesar de presente, Demetrius parecia distante. Octavius, observando o amigo, descansou a destra sobre o seu ombro e disse:

- Conheço-te, meu amigo! Percebo que estás apreensivo. Podemos saber o motivo?

- Sinto que o vento sopra trazendo o canto de soldados que seguem para a guerra.

- Ora! Estamos em paz e jamais vivemos momentos tão serenos. Não te excedas nesses pensamentos.

- Talvez estejas certo. Estou envelhecendo e essa doença que ancorou em meu peito faz com que meu coração bata fora do ritmo.

Pensativo, continuou:

— Sabemos que Titus não descansará enquanto não nos encontrar. Devemos estar vigilantes, sem subestimar os sentimentos de vingança que habitam o coração do teu avô. Não devemos acreditar que somente esta paz nos basta. Não devemos acomodar nossas almas neste porto de aparente calma. O bom soldado sabe estar atento, mesmo longe dos campos de batalha.

Lia, carinhosamente, ajeitava o filho nos braços de Octavius, que o sustentava como quem ampara a mais preciosa jóia. Olhando para o rosto do pequeno, disse:

- Tens razão. Estou sendo negligente e deixando o coração negar os sinais da razão. Meu avô jamais me perdoará. Não podemos esquecer que esta região é conhecida por ele. A qualquer momento poderemos ser surpreendidos por suas legiões.

- Meu filho! Então devemos proteger Lia, Anmina e as crianças — disse Pômpilius. — Não podemos duvidar das vontades e dos atos de meu pai. Por mais que tenhamos fé, devemos lembrar que fomos soldados, que conhecemos estratégias guerreiras.

— Sim, meu pai! Estava esquecendo as estratégias do exército. Se conhecemos o inimigo, não devemos supor sua

mansuetude. Haverá aqui um lugar seguro? Pelo que sei, meu avô explorou todas as partes desta ilha.

— Nem todas! — disse Cimiotis aproximando-se animado. Esqueceste que sou nativo deste lugar, e pescador? Muito próximo daqui, há um lugar, uma pequena ilha onde nós pescadores aportamos quando a noite chega de súbito, trazendo tempestades. Lá elas ficarão seguras e com todo o necessário para a sobrevivência.

- Então, logo nas primeiras horas do dia, elas seguirão com as crianças. Galenus ficará com elas até que tenhamos a certeza de que tudo está bem - disse Octavius. — Além do mais, quero que Demetrius fique lá também, descansando. Ele vem sendo castigado pela saúde oscilante.

Todos os presentes acataram aquelas decisões. Após breves despedidas, deixaram Octavius, Lia e o filho juntos:

— Meu querido! Se fosse hoje chamada aos braços da morte, morreria feliz.

- Não fales em morte. Viveremos juntos e veremos nosso filho crescer com felicidade.

-Jurei-te amor eterno e, aconteça o que acontecer, por toda a eternidade, te levarei comigo. Suplico-te somente que não te esqueças de Apolonius e de tua fé em nosso Deus.

- Estarás comigo e eu estarei com meu filho, mesmo que por algum motivo a vida me obrigue a viver ao lado dele sem saber que ele é meu filho. Eu saberei olhar em seus olhos e reconhecerei o mais valioso fruto do nosso amor.

Octavius segurou o filho e abraçou Lia, jurando união eterna, sonhando uma vida de paz que existia somente nos portais de seus corações apaixonados.

De acordo com as decisões da véspera, aos primeiros raios do sol todos estavam a se despedir, prontos a partir. Miriam, com o pequeno Apolônios nos braços, encaminhou-se em direção a Demetrius, osculou sua fronte envelhecida e lentamente aproximou-se de Lia, que se encontrava abraçada a Octavius. Não sendo capaz de conter a lágrima que orvalhava sua face, disse:

- Minha filhinha! Aqui nos despedimos, porém creio que a eternidade não vai nos separar. Se Deus permitir, estarei contigo quando as lágrimas insistirem em banhar teu coração. Eis teu filho abençoado.

- Agradeço a Deus ter podido conviver com duas mães. Quero ser para meu filho o que foste para mim. Levarei teu semblante comigo aonde quer que eu vá.

Aqueles filhos de Deus embarcaram, sob o comando de Julius e assim o barco se perdeu no horizonte.

Na tarde seguinte, após a partida de Lia e Anmina, a vila pacífica era tomada de pavor pela chegada dos soldados, que desembarcavam com ordem de matar todos que não fossem capazes de informar sobre a família de Miriam.

Sem demora, Titus descobriu o casebre humilde e encontrou Miriam, Hannah e Almerio envolvidos nos afazeres diários. Sob as ordens do general, eles foram arrastados para fora e amarrados em um tronco. Tudo o que se ouvia era a fria voz de Titus:

- Não quero que morram. Quero meu neto vivo, para que ele veja morrer a escrava Lia diante de seus olhos. Digam-me: onde estão?!

O silêncio era a resposta para sua pergunta. Cheio de cólera, ordenou ao soldado que os açoitasse. O severo látigo era acompanhado pelo vento, que cantava ao som do gemido tímido

que, de vez em vez, era emitido pelos lábios envelhecidos daqueles três filhos de Deus.

Ao longe, revoltado, Cimiotis assistia a tudo, e era contido pelos braços de Julius. Enquanto isto, Justus pensava em algum modo de salvá-los:

- Acalma-te homem. Sei o quanto é difícil assistirmos a essa demonstração de horror, mas devemos manter o equilíbrio para que possamos salvar os demais.

- Tens razão, mas o que fazer?

Após alguns instantes, Justus respondeu:

- Se encharcássemos algumas túnicas e disséssemos que Lia e o filho, Anmina, Galenus e Livius foram mortos?

- Que Deus nos perdoe a história criada, mas não vejo outra saída.

- Enquanto enfrentamos o general - disse Justus, com astúcia militar -, Julius conta a Galenus o que está acontecendo.

Julius saiu sem nada dizer. Cimiotis e Justus, sem serem reconhecidos, aproximaram-se, trazendo nas mãos algumas roupas com sangue de animais, alardeando sofrimento. O esposo de Hannah, com ingenuidade, disse:

- Por Deus! Os lobos mataram as duas escravas e seus filhos, assim como a Galenus.

Octavius e Servio correram para tomar conhecimento daqueles feitos, enquanto Pompilius mantinha-se na pequena olaria.

Sem tempo para descobrir a verdade, Octavius ouviu as palavras de Cimiotis e aceitou-as. Com lágrimas mescladas a uma fúria incontrolável, o neto do general colocou-se em confronto com os soldados, sendo contido por cinco homens, enquanto outros três repetiam o gesto com Servio Tulio. Um legionário preparava-se para executar Miriam quando Titus fez-se ouvir:

- Não os mate agora. O próprio destino encarregou-se daquela mísera serva, porém, meu neto, eu o sentencio a viver carregando na alma esta cena. Tua punição será presenciar a morte desses cães miseráveis.

Com frieza, o velho patrício ordenou:

- Matem todos lentamente.

Os dois jovens nada podiam fazer, pois os soldados os mantinham sob controle. Acostumados com os campos de guerra, assistiam à morte lenta de Miriam, Hannah, Cimiotis, Justus e Almerio - que recebiam a sentença com dignidade.

Um a um, eles caíam ensanguentados. Tocados por uma luminosidade intensa e negando-se aos gemidos de dor, suas feições sustentavam o sorriso daqueles que morrem tendo concluído sua missão. Titus, olhando, para o neto, disse:

- Queria eu matar a ti, mas somente isto - com um gesto apontou os moribundos - bastará como minha vingança.

Diante daquele quadro de horror, Octavius sofria, silencioso. Titus saiu em busca de mais alguém, vasculhou cada recinto. Após destruir o pequeno casebre, dirigiu-se à olaria. Parado no portal, viu um homem sentado de costas, dando acabamento a um vaso.

Sem pensar, o general retirou um punhal da cintura e lançou vários golpes consecutivos sobre as costas daquele filho de Deus que, sem conseguir pronunciar uma palavra, desfaleceu sobre os jarros que caíam no chão.

Octavius, após severa luta com um soldado, livrou-se e correu para a olaria. Ao chegar, Titus limpava o punhal. Então o jovem ajoelhou-se e segurou o corpo inerte em seus braços:

- Pai! Meu pai. Não me deixes neste momento de tamanha aflição.

Titus, ouvindo o neto, disse:

- O que dizes? Teu pai está morto há anos. Adotaste um miserável pescador ou oleiro para substituí-lo?

Octavius, chorando convulsivamente, lentamente retirou o turbante e mostrou o rosto de Pompilius, que, mesmo envelhecido, trazia bem definidas as feições patrícias da juventude.

- Ele é meu pai: Pompilius, teu filho!

Dando-se conta do que tinha feito, Titus ficou perturbado. O desespero invadiu-lhe a alma e, repleto de remorso, ele correu até o local onde estavam estendidos os demais.

\fociferando palavras desconexas, ordenou a retirada, assim como a prisão do neto e de Servio. Com isto, a legião partiu, deixando para trás o silêncio e o rastro de tristeza.

Enquanto acontecia aquela guerra particular, Julius, completamente amedrontado, não conseguiu cumprir de imediato as ordens de Justus e manteve-se escondido até a partida do general. Então, saiu de seu esconderijo temporário e caminhou pelo vilarejo, ouvindo histórias e boatos diversos que diziam que Octavius e Servio haviam sido mortos por Títus. Com essa informação, sem qualquer garantia de sua veracidade, o jovem foi comunicar as notícias a Galenus. Depois disso, foram juntos até o casebre, onde amigos daquela família haviam recolhido os corpos para posterior sepultamento e tentavam, de alguma forma, apagar a hostilidade do cenário deixado por Titus. Lia aproximou-se do jovem pescador e, chorando, perguntou:

„ ~ Por Deus! Onde está Octavius?

- Infelizmente, pelo que soube, todos morreram. Saíram daqui somente os soldados. Por todo o vilarejo, dizem que até o neto e o jovem Servio foram sentenciados à morte, e que Titus levou seus corpos para serem sepultados em Roma. Ninguém sobreviveu ao martírio.

Sem conseguir distinguir os fatos, Lia viveria seus dias levando consigo a informação da suposta morte de Octavius, assim como ele viveria acreditando que ela também havia morrido, ambos sem saberem a verdade. Caberia a eles sobreviver carregando em seus corações as recordações dos dias felizes que não voltariam mais.

Ela acomodou o pequeno Apolonijs em um leito improvisado ao lado de Demetrius, que visivelmente sentia o corpo padecendo. Então Lia abrigou a nevada cabeça de Miriam em seu colo, trazendo-a para a proximidade de seu coração, e, envolvida por uma luminosidade especial, orou:

- Senhor! Nossos dias perderam um pouco do brilho, mas ainda estamos vivos. Cala os nossos lábios de quaisquer reclamações e nossos corações de quaisquer mágoas. Não possuímos rumo certo, mas nossa fé nos sustenta. Auxilia-nos a avançar, sem vacilações. Fortifica-nos com a coragem, sem nos entregarmos diante deste momento tão sofrido. Estende as tuas mãos, mas não esperamos facilidades:

estamos conscientes de nossas obrigações e de nossas responsabilidades. Recebe em teu bondoso coração esta família que cerra os olhos para o corpo, mas que vive em nossos corações.

Enquanto isso, no invisível, Horacio e Áurea recepcionavam aqueles filhos. Entre saudações de diversos seres visivelmente iluminados, eles seguiam seus destinos amparados pela graça de Deus, com exceção de Miriam: a veneranda mulher, totalmente livre das tormentas de um corpo massacrado, encontrava-se radiante, contemplando o sol que se refrescava tímido no oceano frondoso. Naquele momento, Miriam transformava seu espírito, mantendo o semblante juvenil, subtraindo anos de sua existência, fazendo-se radiante em sua túnica alva, tal qual o exato dia em que a morte a separou de Horacio. Seus cabelos longos e soltos

dançavam junto à suave brisa do mar. Horacio contemplava aquela beleza rara e aproximou-se emocionado:

- Miriam! Vem conosco. Eu havia prometido que aguardaria a tua chegada em algum lugar destas areias. Cá estou. Sigamos o nosso caminho, pois és viva e teu amor reside eterno em minha alma.

Horacio abraçava Miriam e, por alguns instantes, não ousou dizer qualquer palavra. Os emissários celestes reconhecendo seus esforços, estenderam as mãos benditas para confortar suas almas e, abençoando seus corações, desenharam sobre eles um imenso arco-íris, coroando-os como rei e rainha que vencem o limite de seus próprios sofrimentos em favor do bem comum.

No casebre humilde, após a oração de Lia, Anmina perguntou: i  
- O que faremos agora?

- Recomeçaremos em outro lugar - disse Galenus. - Seguiremos para a Palestina. Conheço aquela região e lá poderei montar um comércio de óleo para nos manter. Aprendi esse ofício com minha família, antes de tornar-me um escravo.

Demetrius, com a voz rouca, manifestou-se com forças do fundo da alma:

- Meus caros! Estou morrendo e não vos seguirei: eu atrasaria a viagem. Aguardo para qualquer momento a minha morte.

-Jamais te deixaria aqui - disse Lia, com bondade. - Foste a verdadeira figura amiga nestes anos tão difíceis. Permaneceremos juntos até o momento em que Deus permita a nossa partida.

Assim, aqueles filhos de Deus mantiveram-se unidos, sob a abençoada coragem e iluminada paciência, dedicando-se aos

cuidados do ex-gladiador, que lentamente sofria os limites do corpo.

Oito dias depois, Demetrius amanheceu com piora aparente. Lia e Anmina lutavam para confortá-lo, mas as suas escassas forças denunciavam para breve a partida. Enquanto Lia ajeitava o homem sobre o leito, com respeito ele segurou a frágil mão da jovem:

- Perdoa-me, mas, diante deste leito de morte, sinto que o peso do meu passado recai sobre mim igual lança fria a vazar-me o peito. Deus seria capaz de perdoar minhas faltas?

- Deus é bondade, sempre perdoa nossos erros: por mais que tenhamos sido agressores para outros, seremos perdoados. Agora, não te canses e repouses um pouco mais.

-Vivi ao lado do menino Octavius, dedicando-me a ele tal qual um pai. Ele foi para mim um filho que a vida jamais teria sido capaz de presentear-me e eu de merecer. Desde o primeiro dia que os olhos dele se deitaram sobre ti, eu sabia que tu serias a escolhida por Deus para compartilhar seus dias e seus sonhos. Foste para ele o porto manso e sólido. Ele repousou em teu coração, consciente de tudo, e com coragem enfrentou os desafios da vida. Seguirei meu destino, mas confesso-te que partir e deixar-te só neste chão fere-me o coração. Hoje, mal consigo parar sobre minhas pernas. Transformei-me em um menino frágil que busca consolo nos braços de uma heroína...

Buscando no ar suas últimas forças, ele orou:

- Deus de bondade, não sou merecedor de receber vossa luz, venho à vossa presença para agradecer os dias de separação, pois eles me ensinaram a lutar; os dias de lágrimas e mortes, pois eles me ensinaram a viver e deixar viver; os dias de limitação e chaga, pois eles me ensinaram a respeitar a vossa força; os dias de vitórias e conquistas vazias, os louros dos homens, pois eles

converteram-me para a vossa luz... Não vos suplico a vossa morada, mas, Senhor, estendei-me as mãos para que eu possa ter forças e enfrentar meu novo destino.

Envolvido em extremo amor, o ex-gladiador despedia-se do chão, despertando no colo de Miriam. Ela, por sua vez, acariciava-lhe as madeixas. Assustado, porém aconchegado pelo amor daquela soberana mulher, ele seguiu junto dela, em silêncio: eles caminhavam para continuar as linhas de suas vidas no invisível, porém vivos e conscientes de suas missões.

Galenus adentrou o recinto e auxiliou Lia e Anmina, que acolhiam o amigo em bondade e respeito. Com a força de sua personalidade, ele disse:

- Chegou o momento de nossa partida. Em breve prepararei tudo para nossa viagem à Palestina. Lá recomeçaremos nossas jornadas.

Nas alturas derramava-se o calor divino sobre aqueles filhos de Deus que iriam buscar um recomeço em terras distantes e até mesmo desconhecidas. Reconfortados pela chama da oração, dispostos, eles mantinham-se prontos para enfrentar os desafios da dor e do trabalho, acolhendo a luz divina como companheira de seus dias.

## **CAPÍTULO X Confrontos e Lágrimas**

Um ano transcorreu e, em Roma, Octavius foi julgado como desertor. Como seu passado e seus feitos contaram em seu favor, ele foi absolvido das acusações e transformado em homem de confiança do governo. Após a suposta morte de Lia e de seu filho, ele dedicava-se integralmente ao trabalho, mantendo o equilíbrio e a ordem junto a corações endurecidos que conheciam a força da espada e desconheciam as leis justas para a humanidade.

Servio, após contrair matrimônio com uma jovem patriciana chamada Aurélia, mantinha-se ao lado do amigo e uma afeição verdadeira unia-os fortemente: o aprendizado conjunto sobre o Deus único os transformava em irmãos de coração. A amizade daqueles dois homens era firmada pela honestidade, totalmente livre de quaisquer intenções egoístas. Eram unidos pelo propósito de seus ofícios e pelas famílias passadas, que não existiam mais.

O ambiente na residência de Titus mostrava-se diferente. O general, tomado por sua própria consciência, escutava a voz de Miriam ecoar em seus ouvidos, convertendo-o em vítima de si próprio. A figura de Pompilius ulcerava-lhe a alma. Os feitos de Octavius maltratavam-lhe o coração. Marcado pelas linhas do passado, o general sofria seus pesares e agora era somente um homem comum, atormentado, doente e só. Tiberinus havia sido morto em combate e todos os servos haviam fugido, restando-lhe somente um velho escravo, Quintinus, que se dedicava aos cuidados do general silenciosamente, **sob as ordens de Octavius, que, mesmo distante e apesar de todo o passado, não abandonava o avô em seu infortúnio.**

Naquela noite, Titus demonstrava piora aparente. Sem perder tempo, Quintinus foi até a residência de Octavius, ex-moradia de Sofia, para notificá-lo da situação. Octavius, sozinho na biblioteca, como de costume, lutava entre as recordações de seu passado e as obrigações oficiais, que se resumiam em relatórios e leis que transcrevia. Uma velha serva anunciou:

- Senhor! Tendes visita. Quintinus suplica a vossa presença.
- Perdoai-me a intromissão, mas o general esta morrendo. Por misericórdia, suplico a vossa presença para que ele possa morrer com um pouco de paz.

- Por todo este tempo, meu avô não quis a minha presença e carregou por mim um ódio que desconheço a origem. A minha presença não lhe seria uma afronta?

- Apesar da separação, sempre fostes um neto honrado e dedicado. Vossa presença será um alívio neste momento de despedida. Além do mais, ele mal reconhece a si próprio.

Octavius e Quintinus seguiram para a residência de Titus, adentrando o ambiente denso. O general mantinha-se no leito, sem arrogância, elmo ou armadura que lhe fizessem crescer. Era um homem comum, lutando contra a morte. Sem reconhecer o neto, pronunciava frases desconexas e, após horas de martírio, despojava-se do corpo envelhecido sem perceber que, no invisível, as serenas figuras de Áurea, Tacitus e Horacio estendiam as mãos, prestimosos. Porém, na cegueira de sua alma, Titus mantinha-se em meio às trevas íntimas de suas recordações e angústias, cego demais para ver aqueles iluminados filhos de Deus.

De súbito, o aposento ficou ainda mais denso com as presenças de Calcumia, Drusus e Domenica. Com eles Titus partiu para um mundo distante e muito particular, totalmente alheio ao clarão de luz que Deus havia regido para acalentar seu coração.

O corpo de Titus Octavius Gracus foi preparado e, na manhã seguinte, o Estado prestava as honrarias ao grande general. A cidade curvava-se diante da notícia da morte daquele homem público que muito contribuiu para o avanço das fronteiras da grandiosa Roma, transformando-a em temporária dona do mundo.

**Nove anos haviam transcorrido desde a morte de Titus e, do outro lado do mundo, vamos encontrar Lia, que, embora madura, não havia sido abandonada pela beleza. Dedicava-se integral e amorosamente à educação de seu filho Apolonius,**

que com ela aprendia as leis de Deus e a esperança da vinda do Messias, além de dominar a arte da leitura e da escrita com facilidade. Enquanto isso, Anmina, com dificuldade, lutava para educar Livius, que aos poucos demonstrava os primeiros sinais de gosto e apego aos jogos que aconteciam nas vias baixas de Jerusalém. O humilde comércio de óleo era mantido pela força de Galenus, Anmina, Lia e Apolonius. A vida desses personagens resumia-se em jornadas árduas e em cotidianas vitórias sobre sofrimentos, que recuavam diante da força da fé e da esperança.

Naquela noite, vencidas as tarefas do dia, Lia sentou-se na varanda, contemplando as estrelas, enquanto Apolonius brincava feliz. Voluntariamente, o menino correu para abraçá-la e ela, com carinho e bondade, disse:

— Meu querido! Já se faz tarde e estas paragens são violentas. Devemos nos recolher.

Naquele momento, envolvidos pela rediviva chama de amor que coroava seus corações, mãe e filho mantinham-se aconchegados:

- Mãezinha querida - disse Apolonius -, quando o Messias chegar ao chão, viveremos os melhores dias de nossas vidas. Rogo a Deus poder conhecê-lo, mas não me acredito digno de tão honroso presente.

- Somos todos dignos dos presentes de Deus, basta que tenhamos fé verdadeira no coração, razão em nossos pensamentos e trabalho sem reclamações em nossas mãos. Juntos, nada poderá nos fazer mal, pois estamos unidos e Deus está conosco.

Apolonius, num gesto humilde, deslizou a mão pequenina na face da mãe e disse:

- Sei que estamos juntos agora, mas o amanhã desconhecemos. Sinto dentro de mim uma voz dizendo para eu ter força e coragem para enfrentar meu destino. Aconteça o que acontecer comigo, eu estarei em teu coração.

E, apontando para o céu, continuou:

- **Sempre disseste que meu pai é a estrela de maior brilho, então quero que saibas que estarás ao lado dela, pois tu é a estrela mais radiante dos céus e de minha vida.**

Lia, com carinho, osculou-lhe a testa e deixou uma lágrima escapar-lhe dos olhos:

- Se é assim, meu filho, devemos ouvir essa voz interior que nos fala a alma. Para tua proteção e se algo te acontecer, não digas o teu nome verdadeiro. Recordes as histórias que te contei sobre a família Gracus. Sempre, em algum lugar, haverá um deles esperando por nós. Teu nome deve ser mantido em segredo ou a furia dos Gracus poderá se levantar contra nós.

Nisto, sorrindo, ordenou que o filho se recolhesse. Anmina, discreta, admirava o respeito de Apolonius pela mãe e, com a feição entristecida, mantinha-se quieta. Lia aproximou-se, notando a tristeza que lhe invadia a amiga, e perguntou:

- O que maltrata teu coração?

- A vida é muito distinta para todos nós. Meu filho e Apolonius recebem a mesma educação. Por que são tão diferentes? Livius se interessa por jogos e agressividade, enquanto Apolonius se dedica a orações e estudos. Acreditei que seriam como irmãos, mas confesso que mal vejo meu próprio filho. Agora, Galenus foi buscá-lo e sempre o encontra entre criaturas tão distantes de Deus. Ele é tão diferente de nós. Por quê, por quê?

- Não te desespere. Se ele está entre nós, é porque Deus confiou a nós a tarefa de educar e melhorar esse filho que tanto necessita de nosso apoio. Não devemos julgar.
- O futuro desconhecemos, mas temo pelo nosso amanhã.
- Seja o que for que esteja reservado para nós, devemos agradecer e esperar.
- De fato, estou com preocupações em excesso. Vejo tua coragem após todos aqueles fatos do nosso passado. Levantaste com fé e eu fico entre conjecturas tolas.
- Meu filho foi e será minha esperança. Nele encontrei a razão para continuar.

A noite prosseguia enquanto aquelas duas mulheres, aguardando o retomo de Galenus, recordavam os corações amados que compuseram as linhas de suas vidas em um passado distante.

## **CAPÍTULO XI Entre as Apostas e o Cativo**

Naquele tempo, a Palestina começava a despertar o interesse da grande mãe Roma: era elo estratégico entre as regiões oriental e ocidental do império, facilitando as investidas do exército e servindo como base para o domínio do mundo.

Naquela manhã, uma embarcação romana aportou para, com urgência, providenciar suprimentos mínimos para posterior viagem.

Os soldados, sequiosos de entretenimentos, exploravam o vilarejo em busca de diversão fácil, jogos e apostas. E logo encontraram uma arena improvisada, onde homens de força hercúlea digladiavam-se sob gritos eufóricos, muito embora os jogos fossem proibidos. Em meio a agitação, como um homem

feito, Livius negociava o destino de filhos de Deus que eram transformados impiedosamente em servos.

Os soldados romanos que haviam aportado jogavam com euforia, e eis que Livius viu-se acuado por ter perdido tudo que possuía. Antes de iniciar a última luta, o menino, qual um alucinado, segurava nos braços dos soldados dizendo:

- Permitam-me participar desta luta.
- O que tens para nos oferecer?

Após algum tempo de reflexão, sentenciou:

- Um escravo menino, conhecedor das letras. Ele servirá para qualquer ofício a ele designado. Tenho certeza de que os nobres soldados necessitarão de um bom servo para exercer as tarefas básicas na embarcação e para manter as vossas necessidades como um serviçal comum, enquanto estiverem em batalha. Estou correto?

- Menino! Pensas como um homem! Tens razão: necessitamos de alguém para auxiliar na cozinha. Agora, se estiveres mentindo, arrancaremos do teu peito o teu coração vivo.

Livius não mediu as suas palavras e nem as suas consequências: o menino a que ele se referia era o inocente Apolonius, que, totalmente alheio aos fatos, auxiliava Galenus com extrema dedicação, junto a Anmina e Lia, no comércio de óleo.

Após várias apostas e investidas, Livius foi vencido e, num instante de lucidez, percebeu a gravidade de seu ato. Assustado, tentou correr para buscar a ajuda do pai e esconder Apolonius das frias mãos daqueles homens. Ao tentar escapar, um soldado segurou-o pelo braço e disse:

- Onde pensas que vais? Fugindo de nós? Onde está o nosso prêmio?
- Sejamos complacentes.

Antes de completar a frase, o soldado interrompeu-o:

- Não venhas nos enganar. Queremos o menino agora, senão tu serás levado como escravo. Não percamos tempo, pois temos que partir.

Sem escolha, completamente assustado, Livius foi escoltado por três soldados até o pequeno comércio onde Galenus, Anmina, Lia e Apolonius trabalhavam exaustivamente.

Sem qualquer piedade, os guerreiros entraram no recinto, identificaram o filho de Lia, seguraram-no pelo braço e o arrastaram para fora. A mãe, desesperada, lutava, tentando salvar o filho. Galenus percebeu imediatamente a situação, bem como a feição de horror de Livius, e perguntou:

- O que fizeste com este pobre inocente?  
- Perdoa-me, pai. Apolonius é o pagamento de uma dívida de jogo.

Lia libertou-se do soldado que a segurava e correu para abraçar o filho. Apolonius, com serenidade, consolou-a:

- Mãezinha! Não chores. Prometo que retornarei. Nossa temporária separação não será capaz de me fazer esquecer-te. Em meio à agitação, foi com firmeza que Galenus abriu caminho e, num silencioso respeito, abraçou Lia, humildemente, tentando **acalantar aquele coração maternal. Apolonius, olhando fundo nos olhos do amigo, disse:**

-Antes de seres meu amigo, foste meu pai de coração! - Enxugou uma lágrima tímida para prosseguir: - Eu juro que voltarei, mas, por misericórdia, cuida de minha mãe e não julguem o ato de Livius. Ele necessita de amparo.

Diante de Galenus, Anmina e das lágrimas de Lia, Livius encontrava-se envergonhado. Totalmente fora de sua razão, lançou-se contra um soldado que estava de costas, amarrando as pequeninas

mãos de Apolônios, na inútil tentativa de salvar o filho de Lia. Para se defender, o soldado virou-se rapidamente e, com destreza militar, retirou a espada e, em um único golpe no peito, silenciou Livius. O menino não suportou o severo ferimento e caiu. Aqueles homens imediatamente puseram-se em marcha, perdendo-se na poeira da estrada, deixando aqueles corações mergulhados em lágrimas e sangue.

Lia, com carinho e bondade, ajoelhou-se e nos seus braços recolheu Livius, que se encontrava semimorto; fixava o olhar no pai e na mãe dizendo:

— Perdoem-me. Estou morrendo e estou com medo.

Galenus e Anmina respondiam ao filho com o silêncio. Lia, percebendo a delicadeza do momento, disse:

— Não há o que perdoar. Todos nós cometemos erros e eles nos ensinam a mudar o rumo dos nossos passos.

- Como podes perdoar-me se retirei teu filho dos teus braços? Sinto-me marcado, como se de alguma forma já houvesse cometido falta semelhante.

O hálito de Livius lentamente esgotava-se e, em um último suspiro, abandonava o corpo inerte. Enquanto isso, olhando para o azul do céu, Lia orou:

— Deus! Mesmo diante deste momento tão frio, recebe em teus braços este filho teu. Consola-nos com a força do trabalho para que possamos viver na esperança de reencontrar quem amamos.

No invisível, em plenitude e graça, Sofia amparava em seus braços o menino adormecido e, antes de partir, derramava sobre Lia uma luz intensa. Sem nada dizer, ela levava consigo aquele filho de Deus, na esperança que lhe fosse confiada mais uma oportunidade de viver, em um futuro próximo.

Nesse ínterim, no porto, a embarcação preparava-se para partir. Sem perder tempo, os soldados colocaram Apolônios junto a um velho africano que era responsável por manter a alimentação daquela tripulação. Com seriedade e simpatia, o velho cozinheiro tentava amenizar o medo que se anunciava na feição do menino:

— Meu jovem! Chamo-me Liberinus. Não tenhas medo de mim. Carrego comigo o mesmo destino que o teu: ambos somos cativos. Seremos amigos, pois passei tantos anos sozinho nos porões das embarcações romanas que agora sinto-me feliz pela tua companhia. Diga-me teu nome.

Apolônios, lembrando as palavras da mãe quanto a não revelar seu nome para evitar uma ofensiva da família Gracus, pensou por instantes e disse:

- Chamo-me Dacurius. Agradeço-te o carinho e tenho fé em que um dia conheceremos a liberdade, pois sei que o Messias, que será enviado por Deus, não permitirá a escravidão eterna.

— Ora, ora! Crês no Deus único desta região? Envelheci cativo e sei que não experimentarei a liberdade, mas não retiro de ti o sonho juvenil: és apenas um menino.

Apolônios, com seu nome fictício, acompanhou Liberinus. Repousando a destra no ombro do menino, o velho cativo encaminhou-o para suas tarefas, estreitando os vínculos de respeito e amizade.

Após vinte dias de viagem, aquela embarcação atracou em um porto nas proximidades de Jerusalém, com o objetivo de recolher um nobre patrício que adoecera a serviço do exército.

Ao longe, Liberinus e o pequeno Apolônios, agora chamado Dacurius, assistiam a quatro soldados carregarem para a embarcação um leito improvisado onde um homem maduro

apresentava-se gravemente enfermo. Todos o saudavam e lhe rendiam demonstrações de respeito e ele respondia aos cumprimentos com gestos limitados e com enorme dificuldade, como quem não suporta o peso do corpo cansado. Com curiosidade, o menino perguntou:

- Quem é aquele filho de Deus que apresenta tamanho sofrimento?

- Ele é conhecido como Octavius Glaudius Gracus! Todos temem a sua morte, pois ele é o equilíbrio do exército.

E, apontando para um outro patrício, o velho prosseguiu:

- Veja! Aquele que está ao lado dele é Servio, amigo fiel e de muitos anos.

Pensativo, Apolonius disse inocentemente:

- Deus! Ele tem o mesmo nome de meu pai. Seria o Senhor misericordioso em me mostrar a imagem do meu pai?

— Ora, meu jovem! Estás alucinado? Como um homem influente como ele poderia ter um filho em cativeiro? Até hoje ninguém sabe absolutamente nada sobre a sua vida. Ele vive totalmente voltado para os ofícios militares, trabalhando incessantemente, dia e noite. Dizem que por isso adoeceu.

∴ - Não estou alucinado. Ele tem o mesmo nome do meu pai, mas infelizmente minha mãe relatou-me a tragédia vivida por ele. De fato, é somente uma semelhança.

O menino, respirando profundamente, não imaginava que estava de fato diante do pai. E então Liberinus convocou-o para retomarem às suas tarefas.

Naquela noite, o médico de bordo encontrava-se exausto e Apolonius foi convocado para cuidar do patrício, que ardia em febre. Com paciência, o menino manteve-se por toda a noite entre

orações e cuidados extremos para com Octavius, refrescando-o entre os tremores e delírios em que dizia frases desconexas.

Percebendo a capacidade do menino, o médico romano ordenou que ele se mantivesse, sob suas ordens, ao lado do enfermo.

Ao final de três dias, as feições de Apolonius demonstravam esgotamento e, em contrapartida a febre de Octavius desaparecia como por encanto. Refeito e acompanhado de Apolonius, o patrício foi para a proa, buscar um pouco de ar fresco, carregando consigo alguns relatórios, como quem não se permite deixar a cabeça solta, temendo volver ao passado. Servio, observando a melhora repentina de Octavius, disse:

- Vejo que estás recuperado!

— Estou bem — e continuou, olhando para o menino —, afinal, tive um excelente médico, apesar de tão pequeno. Sequer sei teu nome.

Apolonius, com a feição cansada, respondeu:

— Chamo-me Dacurius.

Um soldado, observando a intimidade do menino com Octavius, querendo se fazer notar, aproximou-se e com severidade empurrou Apolonius, que caiu no chão:

— Vamos, escravo miserável. O que fazes ao lado de tão nobre senhor?

Octavius não se conteve:

— Afasta-te daqui, antes que eu ordene a tua baixa. Deixa-o em paz, pois de agora em diante ele será meu servo pessoal.

O soldado saiu sem ousar dizer qualquer palavra.

Servio estendeu a mão e colocou o menino em pé, enquanto Octavius o observava:

— Por instantes tua feição fez com que eu recordasse alguém de meu passado... Mas não pode ser, o passado nunca

retorna. E melhor vivermos o presente. Diga-me: o que sabes fazer além de cuidar de um moribundo como eu?

— Eu conheço as letras.

Octavius imediatamente abriu um relatório e ordenou que ele fizesse uma leitura e escrevesse um pequeno texto. Sem nenhuma dificuldade, Apolonijs executava as tarefas, assemelhando-se a uma nobre professora. Os patrícios não escondiam o espanto e Octavius manifestou-se:

— Conheces mesmo as letras. Quem te ensinou?

— Minha mãe. Líamos as escrituras juntos.

— És seguidor do Deus único? O que estas escrituras poderiam ensinar a alguém?

— Sim senhor! Creio nesse Deus de bondade. As leituras ensinam a fé, a esperança e a coragem. Sobretudo, ensinam a crer na vinda do Filho de Deus, o Messias, que trará a Boa Nova a todos os sofredores da Terra.

— Um dia eu também acreditei nesse Deus, mas Ele puniu-me e retirou toda a esperança do meu coração. Hoje não creio mais em **nenhum deus. Admiro-me de ti. És cativo e ainda falas de liberdade e bondade?**

- Senhor! Podemos perder a esperança, mas a fé jamais poderá ser retirada de nossas vidas.

- O teu Deus há muito tempo me abandonou. Mas, para o bem de todos nós, mudemos o rumo desta conversa: não gosto de olhar para trás. O meu passado arde em minha lembrança. Enquanto estiveres ao meu lado, proíbo-te de falar qualquer coisa sobre o passado. Agora que estou recuperado, serás meu servo pessoal. Iremos para a Gália, onde resido. Lá te ensinarei tudo sobre leis e não essas fantasias das escrituras religiosas. Como não pude

ensinar os meus, ensinar-te-ei a ser um verdadeiro homem, não alguém cheio de misticismos.

- Vamos, meu amigo - disse Servio, com cuidado. - É melhor que descanses agora, para que amanhã possas estar mais fortalecido e recuperado.

Octavius, atendendo às recomendações do amigo, preparou-se para o repouso necessário. Em respeito e silêncio, Apolonius acatou a decisão do patrício. E Liberinus aproximou-se:

- Filho! Nos despediremos aqui. Confesso que jamais conheci homem algum que carregasse tamanha fé quanto a que tu carregas em teu coração. Sou um homem que morrerá sem nada levar desta vida, a não ser a gratidão por conhecer-te tão brevemente. O que tem esse Deus de tão especial para fazer um rapazinho como tu o amar tanto? Por que Ele, teu Deus, transformou-te tão cedo em um homem feito, porém cativo?

- Meu amigo! Deus é a fonte renovadora de nossas vidas e não seria capaz de maltratar a ninguém. Levarás, mesmo de um contato tão breve, a força de Deus. Criador de todos nós, ele prometeu que enviaria o Messias para nos salvar. Não sei para onde a vida me levará, mas tenho certeza de que do coração de Deus jamais irei me separar.

Em um abraço fraterno, aqueles amigos firmavam suas afeições, enquanto Octavius, sem sequer imaginar ou permitir-se ouvir seu coração diante do filho, transformava-o em seu servo pelos anos que se seguiriam.

## **CAPITULO XII Herança Celeste, a Luz**

Uma árdua jornada de vinte anos seguiu-se àquele encontro entre Apolonius e Octavius. O jovenzinho grego apresentava uma extraordinária transformação fisionômica: amadurecia em espantosa serenidade, assemelhando-se à feição de Octavius em

sua juventude inquietante. O patrício, naquela oportunidade, tinha as madeixas nevadas a anunciar o peso dos anos sobre seus ombros.

Respeitando as ordens de Octavius, Apolonius nada falava sobre o passado, mantendo-se fiel, sustentando o nome improvisado. O oficial e o cativo desenvolveram uma união firme e profunda, e admirada por todos. Servio acompanhava o amigo e irmão nas viagens pelas grandes extensões das terras romanas.

Certo dia, a embarcação seguia branda pelo alto-mar. Após ter honrado todas as obrigações junto ao patrício, Apolonius acompanhava as ondas do mar em profundo silêncio. Octavius o admirava de longe e, sem que Apolonius percebesse, aproximou-se:

- Não havia percebido o que o tempo fez contigo. Transformou-te em um homem. Estás em silêncio. O que pensas?

- Estou perdido em meio a tantos pensamentos, recordando de feições amadas e muito caras que ficaram em algum lugar de minha vida. Perdoa-me: sei que não permites falarmos do passado. Calo-me.

- Meu jovem! Todos possuímos um passado. Estás servindo a mim por vinte anos e jamais pediste-me algo. Quero presentear-te. Que posso fazer por ti? O que te traria felicidade extrema?

- Senhor, nada me faria mais feliz do que poder reencontrar minha família, em especial minha mãe.

- **Onde eles estão?**

- Acredito que ainda vivem nas proximidades de Jerusalem.

Octavius, tocado pelas palavras de Apolonius, chamou Servio:

- Meu amigo! Alteraremos o rumo de nossa viagem. Estamos próximos da Palestina. Aportaremos para que Dacurius possa rever, brevemente, a sua família.

- Senhor, não sou merecedor de tamanha bondade. Agradeço a Deus e a teu coração o que fazes por mim.

Mais dois dias de viagem e eles aportaram na Palestina. A emoção no rosto de Apolonius fazia-se latente. Tal qual o menino que saiu daquele lugar há tantos anos, não perdia a oportunidade para observar tudo e todos. Ele já se punha a caminho quando ouviu a voz de Octavius:

- Aonde vais?

- Senhor! Acreditei que poderia reencontrar minha família - disse o rapaz, com os olhos marejados. - Rogo-te que me permitas seguir, retomarei o mais breve possível e prometo que te servirei até o final dos meus dias.

- Não te atormentes. Poderás reencontrar os teus familiares, mas eu e Servio iremos contigo.

Não havia como contradizer a vontade do patrício, e uma comitiva foi organizada para reencontrar a residência do passado de Apolonius.

O pequeno vilarejo foi atravessado pelos viajantes. O comércio de óleo ainda existia, mas naquele dia encontrava-se fechado. Suaves recordações perpassavam a feição de Apolonius.

O grupo prosseguiu silenciosamente, já divisando um casebre humilde. Apolonius caminhava lentamente para a porta principal, enquanto Octavius e Servio foram em busca de água fresca no poço próximo, distanciando-se do jovem.

Um senhor de longas barbas brancas, trazia na face a desconfiança diante daquele homem, tentando identificá-lo:

O que queres em minha residência?

As palavras de Galenus convocaram a presença de Anmina, que também trazia o peso dos anos sobre seu corpo envelhecido. Ambos tentavam reconhecê-lo sem sucesso. Apolonius não pôde

conter as lágrimas diante daquele casal e com a voz embargada disse:

— **Compreendo que não será possível reconhecerem-me. Sou Apolonius, filho de Lia.**

Nesse momento, Galenus e Anmina desceram os degraus e correram para saudá-lo:

- Que Deus seja louvado para todo o sempre! — disse Galenus, saudando-o paternalmente. — Acreditávamos que estivesses morto. Após vinte anos, havíamos perdido as esperanças.

- Por misericórdia! Onde está minha mãe?

Anmina segurou a mão do jovem com carinho e encaminhou-o em direção a um aposento simples, revestido de candura feminina e luz.

No leito, Lia, com os cabelos nevados e soltos, trazia a feição franzina, de quem anunciava a morte para poucos dias. Galenus fez-se ouvir sem demora:

— Deus nos trouxe um presente: teu filho está de volta!

Apolonius, chorando copiosamente, ajoelhou-se ao lado do leito da mãe e segurou-lhe a mão emagrecida. Lia, banhada pela emoção, era só felicidade:

- Meu filho! Todos os dias de minha vida orei para reencontrar-te antes de morrer. Deus foi misericordioso comigo. Não pude te ver crescer ou te transformar em homem feito, porém guardei a tua face como jóia preciosa dentro de meu coração — disse ela e fez uma pausa, para tomar fôlego e contornar a saúde limitada e a intensidade dos sentimentos. — Deixa-me admirar-te. O cativo não foi capaz de retirar-te a dignidade, tampouco as virtudes de tua alma iluminada e caridosa.

- Mãezinha querida! Honrei minha promessa de retorno, mesmo que breve, pois jamais olvidei-me de ti.

Nesse momento, um homem maduro apresentou-se no recinto, acompanhado de uma nobre mulher de uma beleza simples, exaltada pelos longos cabelos cor de ébano e pela tez dourada que iluminava sua face meiga; trazia nas mãos um cesto com pães e, alheio aos acontecimentos, o casal anunciou-se:

— Querida Lia! Trouxemos pães frescos para ti.

— Meus amores, aproximem-se! — disse Lia com visível felicidade e momentânea melhora. — Deus é misericórdia plena! Trouxe-me de volta meu filho, aquele que sempre viveu em minha alma e em meus poucos sorrisos. Aquele que sempre animou as recordações do tempo mais feliz da minha existência, recordações que meu coração e minha fé guardavam em um reduto de esperança. Ele retornou trazendo o clarão da certeza de que, diante do nosso Senhor, nenhum sonho é impossível e de que a verdade sempre triunfa e jamais poderá ser esquecida.

O ambiente era tomado por intensa luz, como se os clarões dos céus recaíssem sobre aqueles filhos de Deus que se reencontravam e saudavam-se como amigos de tempos longínquos, atendendo aos chamamentos do coração.

Aquele homem seguro caminhou lentamente em direção ao filho de Lia e diante dele disse:

— Por Deus! Então és Apolonius, o nome que aprendi a amar através dos lábios meigos de Lia, Galenus e Anmina - soltando o cesto no chão, abraçou-o fraternalmente e secou as lágrimas. - Sou Nathanael.<sup>15</sup> Perdoa-me, mas não consigo explicar a emoção que toma o meu coração. Reconheço-te e saúdo-te como irmão e amigo eterno.

- Sim, estou de volta.

Com a humildade inerente à sua personalidade, Apolonius retribuiu-lhe o despretenso abraço e, assim, ambos saudavam-se, felizes.

- Confesso-te que a emoção que descreveste é semelhante à minha. Saúdo-te como irmão diante de Deus e amigo eterno diante de nossas vidas.

Com simplicidade, Nathanael segurou as mãos daquela iluminada mulher e continuou:

- Vivi ao lado de tua mãe desde minha infância. Ela é para mim mais do que uma mãe prestimosa e amorosa. Ao lado desta família, comemorei felicidades, compartilhei tristezas e perpetuei minhas bodas. Quero que conheças Ruth,<sup>16</sup> mulher de quem Deus confiou-me as afeições e o eterno amor, como esposa amada.

- Então és Apolonius! - disse Ruth, alargando o sorriso. - Sinto dentro de mim que de alguma forma te conheço.

Apolonius retribuía a carinhosa saudação. Então a conversa foi interrompida pela presença dos patrícios, que adentraram o casebre. Galenus foi ao encontro de ambos:

- Senhores! Quem sois e o que querem?

— Sou Octavius Claudius Gracus, procuro meu servo.

- Deus, sustenta-me, pois meu velho coração não suportará tamanha alegria.

— Como ousas falar assim com Octavius? — perguntou Servio.

— Não me reconhecem? Sou Galenus.

Aqueles homens não escondiam a surpresa. Octavius sentia-se como quem acabava de ser golpeado pelo destino. Aproximou-se, com as lágrimas nos olhos:

- Como podem estar vivos?

- Também acreditamos que estavas morto. Temos um passado para revelar e muito para conversarmos.

Octavius saudou afetuosamente o casal amigo. Ambos retribuía com respeito e ternura.

- Vamos, alguém ficará feliz em te reencontrar — disse Galenus, secando as lágrimas.

**O** patrício caminhava lento e silenciosamente na direção do aposento de Lia. Com os olhos marejados, presenciou Apolonius sentado ao lado da mãe, que apresentava profundo abatimento. Empalidecida, ela tentava manter-se firme, apesar da enorme dificuldade, decorrente da doença que lhe afligia o corpo. Diante daquela emoção que lhe invadia a alma, Octavius sentia no peito o coração bater fora do ritmo, o ar faltar-lhe aos pulmões. Com os passos trêmulos, aproximou-se, abraçando-a fortemente:

**1** Minha Lia... Por que fomos sentenciados com a dor da separação? Foste o sonho de minha vida e de toda a minha juventude. O melhor de mim esteve em tuas mãos e em teu coração. Meus dias foram fel longe do teu amor e do amor de nosso filho. Onde estará o fruto do nosso amor? Por quê, por que os lares do chão não foram capazes de nos manter unidos? Dentro de mim, sei o quanto desejei ardentemente viver meus dias ao teu lado. O Deus que tanto amei por meio de ti abandonou-me há muitos anos.

Apolonius, sem compreender a cena a que assistia, assustado, permanecia calado e inerte, enquanto Lia retribuía carinhosamente os abraços de Octavius. Entre soluços e suores, ela recuperou a voz e disse:

— Não compreendo os fatos de nossas vidas como se fossem o reflexo dos atos de um deus impiedoso e inflexível. Muitas vezes, para compreender a vida plenamente, necessitamos

morrer, mesmo estando ainda vivos. Não devemos nos revoltar ou mergulhar nossos corações em ódio ou amargura. O Senhor nos honrou, não importa o tempo que passou. A bondade do Senhor concedeu-nos o reencontro e estamos unidos, apesar de agora eu estar morrendo. Sempre exaltei a tua imagem amada. Nos momentos em que fechava meus olhos ou respirava, sempre foste a inspiração celestial, o amor mais puro que alguém já pôde sentir.

- Não fales em morte, pois acreditarei mais uma vez que Deus me sentenciará. Estamos juntos e recuperaremos os dias que passaram. Quero-te ao meu lado, em meus sonhos e em minhas alegrias, pois estiveste em minhas lágrimas por muito tempo.

- A morte não representa o fim. Somos eternos e nossas esperanças jamais poderão ser destruídas.

Lia estava tomada por uma intensa fadiga. Octavius, ajustando as almofadas, carinhosamente a acomodava no leito e, segurando-lhe as mãos, com respeito e doçura, perguntou:

- A emoção foi tamanha, mas não poderei esquecer meu filho. Onde ele está?

Lia estendeu a mão em direção a Apolonius, que imediatamente atendeu a solicitação da mãe, que respondia prontamente:

- Eis nosso filho. Apolonius.

Nesse momento, o patrício paralisou-se. A aflição e a angústia eram traduzidas por um pranto doloroso que revelava intenso sofrimento interior. Nos minutos que sucederam este momento, ele relembrou que havia vivido ao lado daquele homem, sentenciado-o ao cativeiro, sem jamais imaginar que Dacurius, o servo humilde, era, em verdade, seu próprio filho! Tomado por uma forte emoção, quase num sussurro, disse:

- És meu filho? Por que omitiste teu nome? Por que omitiste o teu passado?

Apolonius demonstrava igual surpresa. As lágrimas desciam-lhe pela face, sem serem contidas, e ele respondeu com simplicidade:

- Segui as orientações de minha mãe. Temia que a família Gracus pudesse me identificar. Respeitei a tua ordem de nada falarmos sobre o passado; acatei. Perdoa-me a dor de tua alma. Ainda quando menino, junto a Liberinus, quando vi a tua imagem pela primeira vez, meus pensamentos ficaram confusos: teu nome era o nome de meu pai, supostamente morto.

Em um abraço forte e demorado, o patrício prosseguiu:

- Compreendo! Sempre a família Gracus. Como posso perdoar a mim mesmo, se mantive meu próprio filho como escravo? **O menino que um dia conheci transformou-se em um homem que se manteve ao meu lado, fiel, por todo o tempo.**

— Perdoa-me, mas não me concedeste o brasão do cativo. Deus, em sua infinita misericórdia, fez-me compartilhar de tua vida não como pai e filho, mas como amigos, pois foste meu mestre nestes anos. Recebi os teus ensinamentos com muito respeito e amor. Creio que minha missão ao teu lado foi para que pudesses resgatar a tua fé e não deixar o nome de Deus morrer em teu coração.

Todos assistiam atônitos àquelas revelações. O patrício, espontaneamente, ajoelhou-se e, humildemente, orou com fervor após muitos anos sem pronunciar qualquer oração:

— Deus! A mim não é justo rogar nada, pois somente a dor nos ensina a fortificar a nossa fé e, por mais que tenhamos sofrido, somos filhos da nossa própria ignorância. Julguei-te injusto, enquanto estavas escrevendo sábias leis para reger meu destino; punitivo, quando corrigias meus sentimentos e

pensamentos tão distantes da tua luz; inflexível, enquanto estavas ajustando o meu próprio equilíbrio para encontrar o caminho da luz; cruel, quando exercias sobre mim a bondade ao deixar o meu filho ao meu lado, sem que meus olhos turvados pudessem reconhecê-lo. Não te suplico perdão, mas certamente cruzei as estradas do próprio eu e, acreditando-me vencido diante de tanto egoísmo, acreditei-me só. Os anos de solidão não foram suficientes para que eu pudesse aprender a lutar sem tréguas contra as amarguras e o egoísmo que ainda residem dentro de mim. Na batalha de minha vida, somente hoje compreendo que escolhemos, para compor nossas histórias, as perturbações que nos afastam do teu bondoso coração. Esqueci do teu reino de amor e escravizei-me ao meu próprio coração. As sombras retiraram-me a visão do teu caminho, mas confesso-te que meus olhos voltaram a ver por meio da humildade deste homem digno que é meu filho. Sei que não sou merecedor de ser chamado de pai. Estou vivo, Senhor, reconhecendo-te a grandeza e minha pequenez. Concede-me a paz do trabalho incessante, a renovação de minha fé, pois sabemos que o caminho sempre é para frente. Por fim, sê nosso destino, pois tudo passa, mas jamais passará a tua luz.

Aqueles filhos de Deus permaneciam unidos sob uma paz iluminada que banhava o recinto, enquanto Deus abençoava seus suplicantes corações, que, resignados, exaltavam-lhe o nome. Vinte dias se passaram, até que Lia amanheceu com uma sensível piora. Já demonstrava os primeiros sinais da proximidade da morte. **Por todos esses dias, o patrício se manteve auxiliando a amada, como quem cuida de uma jóia rara. As mãos gélidas anunciavam a proximidade da partida. E, diante de todos,**

**vencendo a fragilidade dos pulmões, ela manifestou singela oração:**

- Senhor! Encontramos a coragem para seguir os nossos destinos. Perdoa-nos se por algum motivo do caminho nos desviamos da vossa luz, permite-nos retornar para as estradas da retidão. Abandonamos os portais da Terra conscientes de que o Senhor Deus vive para todo sempre em nós.

Um longo e sereno suspiro silenciou os lábios de Lia. Octavius, em aparente desespero, segurou-lhe a cabeça junto do próprio coração, na tentativa inútil de ofertar-lhe a própria vida. Calados, os presentes respeitavam o momento.

No invisível, Miriam, com a juventude delineando-lhe o espírito, aconchegava a recém-chegada em seus braços meigos, demonstrando um puro e verdadeiro amor. Lia, refeita, disse:

- Por Deus! Es Miriam! Sempre estiveste comigo e, pela graça dos céus, não poderia ser diferente agora. Como posso ser acolhida por tão intensa bondade? Tenho consciência de que a morte abraçou-me o corpo, mas estou viva e não sinto dor alguma: sinto-me fortalecida e em paz.

I Minha querida! Não te preocupes com o corpo inerte: continuas viva e radiante. Venho em nome de Deus acolher teu coração. Sigamos em paz.

- Perdoa-me as dúvidas, mas onde está Sofia e todos aqueles que estiveram presentes em nossas existências?

- Todos estão envolvidos em novas vidas, em outros desafios - disse Miriam, indicando com a destra:

"Observa com atenção cada rosto neste recinto. Aqui estão alguns dos nossos amores, em roupagens que ainda lhe são difíceis de identificar. Em breve, outros amigos chegarão. A mim foi confiada a missão deste momento, que eu aguardava com o

coração puro e esperançoso: a tua chegada. Agora, com esta missão cumprida, também poderei retomar ao chão e continuar a luta pelos nossos mais profundos elos de amor. Tu permanecerás aqui, enquanto eu e os demais estaremos em trajetórias missionárias junto à Terra, onde todos estaremos vinculados aos corações amorosos de Apolonius, Nathanael e Ruth. Em todos os instantes, de tristezas ou alegrias, eles nos conduzirão até o nosso Mestre Redentor, que já se faz presente entre os corações necessitados de luz, caminho e fé. A estrela iluminada do Messias é uma verdade entre os homens. Nosso Senhor carrega o nome de Jesus de Nazaré e bem-aventurado será aquele que o conhecer e o aceitar com a pureza de sua alma. Assim aprenderemos as leis divinas, que somente no coração do filho de Deus poderiam ser tão perfeitas, para ajustar as linhas estreitas de nossas histórias.

Com lágrimas latentes, Lia perguntou:

- Compreendo-te. Mas o que acontecerá com Octavius, Galenus e Anmina?

- Permanecerão ao lado de Apolonius e Nathanael por mais um tempo e, em breve, retornarão ao teu lado, neste mundo novo ainda desconhecido para ti. Contigo, eles estarão sob as leis de Deus, nosso amparo para triunfarmos em nossas lutas redentoras, para enfrentarmos nossos desafios, para conduzirmos todos em direção à luz. Silenciemos em oração e sigamos nossos caminhos, pois tua chegada é esperada por muitos que, mesmo distantes daqui, sustentam este encontro. Caminhemos...

Em paz, Miriam e Lia desprenderam-se daquele recinto, enquanto a luz resplandecia sobre aqueles filhos de Deus, fortalecendo-os, para enfrentarem as novas lutas cotidianas, dentro da glória de viver.

...

Cinco dias após a morte de Lia, Servio preparava-se para a longa viagem de retomo a Roma. Octavius, profundamente abatido, despedia-se do amigo, que lhe perguntava: - Tens certeza de que não retomarás comigo? Esta é a tua vontade?

- Sim! Tudo que amei e amo está aqui. Estou envelhecendo, quero passar meus dias ao lado de meu filho e recuperar a fé que perdi.

- Então que seja feita tua vontade. Tenho que retomar para minha família. Meu filho Marcellus retornará dos ofícios militares para realizar suas bodas. Junto com ele, reencontrarei o jovem Tarquinius Lidius Varro, seu amigo desde a infância. Eles foram criados como irmãos, sob as orientações do sábio amigo Lucinius.

- Abraça Marcellus e Varro por mim. Nossos rapazes compreenderão os desejos deste velho. Quando olho esses dois jovens, um, soldado e outro preparando-se para o senado, vejo nossa amizade refletida em seus corações. Eles foram bem treinados por Lucinius e atravessarão a vida com coragem, justiça e retidão.

Com um abraço fraterno, os dois amigos despediram-se, entregando nas mãos do amanhã suas vidas e seus corações.

Todas as noites após a partida do patrício, Apolonius, Octavius, Nathanael, Ruth, Galenus e Anmina reuniam-se em um ambiente de paz, fortificando a fé na oração e no trabalho, aguardando o futuro desconhecido que lhes traria novos desafios e novas esperanças. O tempo seguia por estradas serenas, sem maltratar-lhes os corações. Enquanto ocorriam as humildes reuniões, esses filhos de Deus permaneciam alheios ao nascimento do Nosso Senhor Jesus Cristo, porém mantinham-se fiéis ao credo no Deus

único de que falam as escrituras traduzidas pelos seus ancestrais.

No invisível, Lia brilhava na luz conquistada pelo seu coração. Junto a ela, Miriam, em fase de retomo à vida, aguardava para breve a chegada de Octavius, Galenus e Anmina.

Lia e Miriam contemplavam aquele inesquecível entardecer primaveril que abraçava a velha Palestina. Unidas pelos vínculos celestiais, derramavam coragem, confiança e força sobre os corações dos seus, que haviam retomado ao chão em missões celestiais, para que pudessem vencer suas lutas individuais na busca da transformação da treva em luz e paz.

Essa candeia de fé e amor que um dia foi acesa nesses corações não estaria suscetível a se apagar diante de um simples golpe de vento, porque, mesmo diante das dores e testemunhos de fé que experimentariam em suas vidas, a força de Deus e a promessa da vinda do Messias sempre estaria presente em seus corações, por toda a vida e por toda a eternidade.

**17** Nota do autor espiritual: muitos amigos citados nesta história real encontram-se em outras roupagens como personagens marcantes, dando sequência às suas vidas de apostolado e regeneração, no livro *Salmos de redenção*. Unidos pelo vínculo mais puro de amor, retomam à vida corpórea Mirtes, como a serena e iluminada Helena; Jeremias, abnegado e amado mestre como Apolonius Copemicus; Horacio, na roupagem futura de Tarquinius Lidius Varro; Pompilius, nobre amigo e sobretudo irmão em Cristo, mergulhado no futuro como Marcellus; Sofia, como a forte companheira da causa de Deus, Raquel; Titus Octavius Gracus regressa como Versus Antipas; Calcurnia como Sara; Tacitus, ilustre mestre de nossos corações, como o discípulo do Senhor, Nathanael, conhecido

como o apóstolo Bartolomeu; Áurea, força e luz, atendendo o chamamento de uma nova vida, como a adorada e respeitada Ruth. Atendendo os pedidos humildes de nossa amada e adorada Miriam e de nosso amigo Demetrius, guardaremos silenciosamente as suas identidades.

# Notas

[←1]

1 Tiberius Sempronius Gracus (164-133 a.C.) e Caius Gracus (154-121 a.C.).

[←2]

2 Daniel 11,24.

[←3]

3 Jó 14,7-9.

[←4]

4 Ezequiel 11,19.

[←5]

5 Salmo 23.

[←6]

6 Jó 14,18-19.

[←7]

7 Deuteronômio 4,30.

[←8]

8 Salmo 86,5

[←9]

9

Salmo 16,1.

[←10]

10 Ezequiel 47,12.

[←11]

11 Jó 11,18-19.

[←12]

12 Salmos 31,5-6

[←13]

13 Salmos 130,5-6

[←14]

Daniel, 2,43

[←15]

**15** Natanael Bar-Tolmai, filho (Bar) de Tolomeu (Tholmal ou Talmai), nasceu em Canaã. Nathanael foi mais tarde conhecido pelo nome de Bartolomeu, apóstolo do Nosso Senhor Jesus Cristo, citado em João cap. I **45,51**.

[←16]

**16** Respeitando o pedido desta irmã em Cristo, nestas e futuras linhas chamaremos a esposa de Bartolomeu pelo nome de Ruth